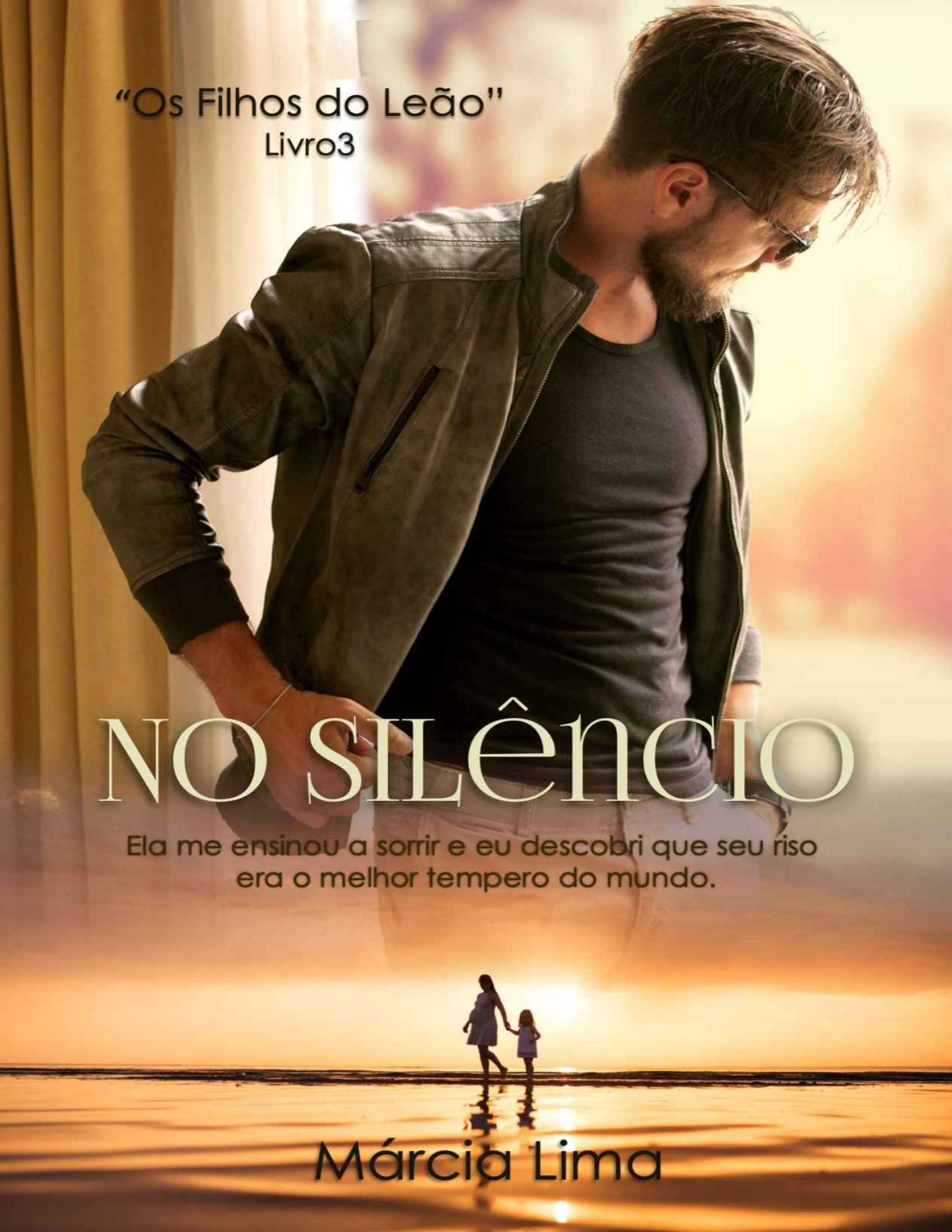

"Os Filhos do Leão"
Livro3
NO SILÊNCIO
Ela me ensinou a sorrir e eu descobri que seu riso era o melhor tempero do mundo.
Márcia Lima

PERIGOSAS NACIONAIS

No Silêncio

Márcia Lima

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Márcia Lima

Capa: Márcia Lima

Revisão Final: Déborah Amorim

Diagramação Digital: Márcia Lima

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer
PERIGOSAS ACHERON

meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

Índice
Agradecimentos
Sinopse
Capítulo 1
  Collin
  Lola
Capítulo 2
  Collin
  Lola
Capítulo 3
  Collin
  Lola
Capítulo 4
  Collin

PERIGOSAS NACIONAIS

Lola
Capítulo 5
Collin
Lola
Capítulo 6
Collin
Lola
Capítulo 7
Collin
Lola
Capítulo 8
Collin
Lola
Capítulo 9
Collin
Lola

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 10
Collin
Lola
Capítulo 11
Collin
Lola
Capítulo 12
Collin
Lola
Capítulo 13
Collin
Lola
Capítulo 14
Collin
Lola
Capítulo 15

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Collin

Lola

Capítulo 16

Collin

Lola

Capítulo 17

Collin

Lola

Capítulo 18

Collin

Lola

Capítulo 19

Collin

Lola

Capítulo 20

Collin

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lola
Capítulo 21
Collin
Lola
Capítulo 22
Collin
Lola
Capítulo 23
Collin
Lola
Capítulo 24
Collin
Lola
Capítulo 25
Collin
Lola

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 26
Collin
Lola
Capítulo 27
Collin
Lola
Capítulo 28
Collin
Lola
Capítulo 29
Collin
Lola
Capítulo 30
Collin
Lola
Capítulo Final

PERIGOSAS ACHERON

Collin

Lola

Dois anos depois...

Collin

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Para todas as mulheres que assumiram sozinhas a missão de amar, educar e preparar seus filhos para a vida. Vocês são incríveis, e merecem seu próprio conto de fadas, seja ele qual for.

Agradecimentos

Confesso que iniciei esse trabalho com muitos medos e nenhuma certeza. Collin sempre foi um grande desafio para mim, mas assim que o deixei falar, ele tomou conta de tudo e, no fim das contas, preciso confessar que me apaixonei por este trabalho.

Meu grande agradecimento neste livro é para a rede apoio maravilhosa que tenho. Minhas betas, amigas e colaboradoras que, como sempre, me ajudaram a finalizar um trabalho lindo e cheio de carinho para que vocês pudessem acompanhar.

Kelly, obrigada pelas risadas e por me emprestar seus ouvidos, prometo pegar mais leve com os próximos!

Um super agradecimento também para a Bia, que tem sido meu suporte com as crianças e a casa e que, por isso, tenho conseguido voltar ao jogo.

Este livro foi feito por mulheres, para mulheres, porque merecemos acreditar em nosso próprio final feliz.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Quando se nasce com uma sentença de morte, tudo que a vida nos dá é um presente...

Collin Van Galagher é o único dos filhos que carrega o estigma da doença da mãe. Marcado pela surdez, cresceu lutando para que suas limitações não ditassem o rumo de sua vida.

Deixou o ninho para alçar voos mais altos que seus irmãos e realizou o grande sonho de ser um cozinheiro com três estrelas Michelin.

Depois de anos viajando pelo mundo, seu coração finalmente encontrou a paz em um pequeno restaurante, na pacata cidade de Zandvoort, até que a pequena Nina cruzou o seu caminho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dolores Calderón também seguiu para longe, guiada pelos sonhos do pai. Encontrou na Holanda a possibilidade de realizá-los, mas o preço cobrado pela vida foi tão alto que a fez questionar suas escolhas.

Sozinha, com uma filha surda e uma residência em pediatria, Lola mal consegue organizar o seu dia, até que um misterioso cabeludo surge bem no meio do caos.

Será, o amor de uma criança, remédio suficiente para curar as feridas de uma vida inteira?

Ele tinha o poder de silenciar o mundo, mas tudo que desejava era o som do riso dela.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 1

Collin

Meu nome é Collin Van Galagher, e sou um surdo que ouve — lia-se no início da página aberta em meu notebook, havia mais de dois dias. Nunca gostei de falar de mim ou de contar como me sentia. Sempre que tentava, aparecia alguém para me dizer que, na verdade, eu deveria ser grato, então eu era. Aprendi bem cedo a ver que lamentações não constroem o futuro.

Deixei o computador sobre a mesa no instante em que meu forno apitou. Queria ver o resultado da minha nova tentativa de pão de figo com fermentação natural. O último mais parecia um tijolo de construção.

O grande cão deitado perto da janela levantou-se no mesmo instante. Era meu fiel degustador de pães.

Tirei a forma com cuidado do forno e

coloquei sobre a bancada de madeira em minha cozinha. Parecia perfeito. Peguei a faca de serra, e, antes que eu pudesse contemplar minha obra-prima, o celular tocou sobre a mesa, o nome de Aurora piscando na tela.

— Diga que terminou o texto! — cobrou, mesmo sabendo que não receberia a resposta pretendida.

— Sabe o quanto odeio falar sobre esse assunto! — enfatizei.

— Collin, por favor... Diga que irá se esforçar! Você nem imagina como pode ajudar outras pessoas! Irmão, eu sei que por trás desse grande ogro existe um príncipe incrível e cheio de vontade de ajudar os outros! Por favor, liberte-o! — fantasiou, fazendo-me rir alto.

— Irmãzinha, irmãzinha... Sua fé na humanidade é comovente! — provoquei.

— Não seja mau comigo! — reclamou, mas o riso implícito em suas palavras fazia-me querer rir mais. — Sabe que metade da minha nota depende de você! Agora ande, abra a porta, que estou sentindo cheiro de pão aqui da rua!

Desde que voltei para a Holanda, depois de algumas tentativas, acabei me estabelecendo na pequena e pacata Zandvoort. Sempre gostei do clima do litoral e estar perto do mar era minha fonte de calma. Pela proximidade com a faculdade, Aurora se tornou companhia frequente, mesmo nos fins de semana, já que sempre tinha grupos de estudo pelo campus.

Abri a porta assim que a vi pelas grandes janelas de vidro.

— Eu disse a você que fizesse uma cópia. — Beijei o topo de sua cabeça, enquanto ela se aconchegava em meu peito para um abraço rápido.

— E correr o risco de pegar uma das suas muitas mulheres aqui? De jeito nenhum!

Soltei uma gargalhada.

— Quem dera! — Segui de volta para a bancada e ela seguiu logo atrás de mim.

Puxou uma das banquetas e sentou-se, acariciando a cabeça negra do terra-nova que eu havia adotado quando me mudei.

— Meu Deus, que cheiro maravilhoso! Tem razão de o Black Bart estar gordo desse jeito! Collin, se você continuar testando pães, eu vou precisar de um guindaste para subir esses dois lances de escada! — Riu inspirando o aroma doce que saía da forma.

Não era verdade. Minha irmã caçula havia herdado a beleza da mãe e o excelente metabolismo do bom e velho Leão de Roterdã.

Fatiei o pão e peguei uma geleia de

pimentões vermelhos na geladeira.

— Quer café? — perguntei a Aurora.

— É claro que quero, irmãozinho! Para acompanhar uma enorme e deliciosa fatia disso aqui! — Sinalizou o conteúdo da tábua de corte.

Comemos na pequena mesa de madeira da minha cozinha. Aurora, com os pés apoiados no peitoril da janela, e Black Bart, com a cabeça em seu colo.

Minha casa era bastante modesta para os moldes do meu pai, mas era perfeita para a vida que eu gostava de levar. Ficava na longa faixa de areia, próximo ao dique, e tinha uma bela varanda na frente, onde eu podia me sentar e apreciar o pôr do sol no mar.

Quando resolvi deixar o bistrô na zona nobre de Amsterdã, tudo que queria era um pouco de paz e nenhum holofote. Estava cansado de ser

uma celebridade. A mídia cobrava um preço alto demais, principalmente quando se era um Van Galagher.

— Mamãe está chateada com você... — minha irmã continuou, trazendo-me de volta à cozinha. — Disse que, desde que se mudou para cá, você vive como um eremita.

Pensei por alguns segundos, olhos perdidos na paisagem em minha janela.

— Não vai dizer nada?

— Estou tentando ver o lado negativo disso! — Sorri e ela atirou o pano de pratos em mim.

— Collin!

— Prometo que vou ligar para ela.

— E prometa que vai terminar o texto... — insistiu. — Sei que não gosta de falar de si mesmo, mas é tão importante. Você tem uma bela história, deveria compartilhar... Pode tornar o caminho de

alguém menos doloroso!

— Não estou interessado em ganhar o céu — critiquei.

— E quem está falando de céu, irmãozinho? Estou falando é da vida mesmo. Sei lá, de repente você consiga tirar essa nuvenzinha de cima de você.

— Gosto dela! — Pisquei. — Refresca minha cabeça!

Aurora negou com um gesto, rindo. Sabia bem o cabeça-dura que tinha como irmão.

Pegou os livros, as chaves e despediu-se do cão, antes de beijar meu rosto.

— Vou mudar meu estudo para “Surdez seletiva”! — debochou. — Porque você só ouve o que quer, isso sim! Amo você, emburrado! — Jogou outro beijo, já na porta.

— Também amo você, fadinha! Tenha uma

boa aula.

Era bom tê-la por perto. Aurora era uma pequena joia em nossas vidas. Tão doce e gentil como mamãe. Havia escolhido a profissão perfeita quando optou por ser médica.

Terminei minha xícara de café, enquanto fazia pequenas anotações na receita impressa do pão. Finalmente, ele poderia entrar para o cardápio do Holandês Voador.

Recebi inúmeras críticas quando optei por dar este nome ao meu restaurante. Diziam que era simplório e engraçado demais, nada suntuoso e por aí adiante, mas eu nunca me importei. Sabia que minha comida falava por si mesma e não tinha intenção alguma de construir para mim um império do luxo gastronômico. Queria leveza e simplicidade mesmo. Nunca achei que comer bem exigisse tanta pompa.

Não cozinhava para viver, sempre tive minha participação na Galagher Corporation e na Hart Holding, mas isso nunca me impediu de buscar ser o melhor no que fazia, e o Holandês Voador tinha muito mais a ver comigo do que qualquer nome elegante que eu pudesse escolher.

Fechei a porta e desci os degraus até a areia, com meu fiel companheiro ao meu lado. Ajeitei os óculos escuros antes de pisar no calçadão. Queria seguir a pé até meu fornecedor de trufas. Precisava repor o estoque para o fim de semana.

Estávamos no fim do verão, bem perto do festival de velas, para ser exato; o que tornava o calçadão da praia um mar de gente.

Nunca gostei muito de verões, mas, pelo que notei ao longo do tempo, minhas preferências não eram unânimes.

— Odeio quando eles invadem nossa praia,

Black Bart! — reclamei desviando-me das pessoas.

O nome do cachorro tinha sido dado por Trevor, meu meio-irmão, em homenagem ao grande pirata Bartholomew Roberts, e não podia ser mais acertado. Éramos dois piratas holandeses, sem rumo pela vida.

— É um belo dia de verão, não acha, Collin? — Sig, a dona da barraca de petiscos, cumprimentou.

Nós nos conhecíamos desde que me mudei para Zandvoort. Ela tinha o melhor peixe com fritas da cidade; eu e Black Bart sempre comíamos lá.

— Um dia bom para as vendas! — concordei. — Não para nós.

Sig riu porque concordava comigo, mas, ao contrário de mim, dependia das vendas para sobreviver.

— Dando um passeio? — perguntou.

— Preciso repor minhas trufas — expliquei.

— Espero que encontre boas. Esta época é péssima para ingredientes delicados.

Meneei a cabeça e segui meu caminho.

Cheguei ao meu destino meia hora depois. Willy esperava por mim em sua barraca, no mercado de hortaliças local.

— Trouxe o que lhe pedi? — perguntei sem rodeios.

Não era temporada de trufas e a escassez do produto levava o preço direto aos céus.

— Consegui isto aqui. — Abriu uma caixa refrigerada e retirou um pequeno saco de papel. O perfume invadiu minhas narinas no mesmo instante.

Abri o saco e contei cinco peças.

— Só? — insisti.

— As outras não estavam tão boas, senhor.

Acredite, eu realmente gostaria de ter quilos e quilos para lhe vender! — Tirou o chapéu e coçou a careca.

Abri a carteira.

— O mesmo preço da semana passada?

— Para o senhor, sim, mas não conte este preço a ninguém, ou acabarei em maus lençóis. Vendi para o Hagg pelo dobro.

— O Hagg é um imbecil arrogante, merece pagar mais caro! — Acendi um cigarro e entreguei nas mãos do homem, antes de acender um para mim. — Nós dois somos amigos.

— Isso mesmo, chef! — Sorriu, dando um trago longo.

Peguei minha encomenda e segui o caminho de volta. Quando já estava no meio do trajeto, perto do parque de diversões que havia sido instalado na areia, vi uma garotinha dançando e girando. Os

cabelos escuros e ondulados balançavam em torno dela, assim como a saia florida. Parecia tão alheia ao mundo que chamou minha atenção.

Seguia rodando, como se ouvisse algo em seu próprio silêncio, até que se aproximou da rua e continuou. Em sentido contrário, um conversível, ocupado por quatro idiotas distraídos, vinha tão rápido que mal tive tempo de reagir.

Joguei o pacote de trufas na calçada e puxei a menina para mim, rolando com ela de volta para o meio-fio.

— Nina! — uma voz feminina gritou. — Nina!

Envolvi a pequena em um abraço apertado, sentindo seu coraçãozinho bater forte contra meu corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Lola

— Nina, o café está pronto! — gritei no topo da escada. — Nina? — chamei mais alto, quando não obtive resposta.

Segui pelo corredor já ciente do que havia acontecido.

Minha filha estava lá, debruçada no peitoril da janela, observando o vaivém dos carros na avenida. Era onde ficava, desde que voltamos do hospital, depois daqueles dias intermináveis.

Os pequenos aparelhos estavam jogados no tapete.

Abaixei e os peguei, colocando de volta em suas orelhas.

— Sei que não gosta, querida, mas precisa usá-los todos os dias, para que se acostume. Logo farão parte de você, Nina. Acredite, ficará mais fácil com o tempo.

Sentou-se na poltrona e soltou uma lufada de ar. Braços cruzados sobre o peito, deixando claro que não compartilhava da mesma opinião que eu. Era difícil para ela.

Em uma única noite, perdeu o direito de ouvir. Por mais que eu me esforçasse, a caminhada era longa e eu não podia fazê-la em seu lugar.

Sentei-me ao seu lado, acariciando os longos cabelos, da altura do queixo até a cintura.

— Sei que é difícil, pequena. Não espero que tudo fique bem em poucos meses, mas precisamos seguir em frente, Nina. As coisas irão melhorar, eu prometo.

— Ele vai voltar? — questionou o que eu não sabia responder.

Respirei fundo, não havia nada que pudesse dizer.

— Então as coisas não vão melhorar.

Fechou os olhos e jogou os aparelhos no chão novamente.

Minha Nina tinha seis anos. Apenas seis anos e uma história triste para contar.

Era uma noite quente de primavera, quando Paco decidiu sair para assistir a um jogo de futebol com os amigos e levou nossa filha com ele. Eu estava de plantão no hospital, mas meu coração de mãe sabia que algo não estava certo.

Rezei à Virgem de Guadalupe pedindo que protegesse minha menina, e talvez minhas preces tenham mesmo sido ouvidas, porque, no estado em que chegou ao hospital, estar viva era mesmo coisa divina.

Fiquei ao lado dela na UTI por mais de quarenta dias. Ela melhorava e as convulsões passavam, mas logo tudo voltava. Dias difíceis e noites solitárias, cada dia mais sozinha.

Paco nunca se perdoou por sua imprudência, que quase causou a morte da filha, mas sua maneira de sofrer foi nos abandonar.

"Não suporto vê-la assim, Lola!" — ele disse na última vez que o vi.

Precisei suportar. Estive ao lado dela em cada minuto que foi possível. Morei dentro do hospital, alternando meus plantões como médica com os de mãe. Depois de tudo, eu finalmente a trouxe para casa, mas foi com o difícil diagnóstico de "Surdez por Trauma do Nervo Auditivo".

A primeira coisa que ela fez, quando pisou em casa, foi procurar pelo pai. Achava que ele a estaria esperando, mas encontrou só abandono.

Puxei sua cabeça para o meu colo, acariciando seu rostinho pequeno.

Queria que ela soubesse que sempre teria a mim. No fim das contas, sempre soube que

seríamos só nós duas mesmo. Paco nunca esteve preparado para ser pai.

"*O que acha de darmos uma volta no calçadão?",* falei em língua de sinais. "*É sábado de manhã, temos um pouco de sol e eu adoraria tomar um sorvete de creme!"*

Nina falava cada vez menos. Respondia tudo com sílabas ou acenos de cabeça. Cada dia mais entregue ao seu próprio mundo.

Eu estava cansada e morrendo de sono, depois de um plantão de doze horas noturnas na emergência infantil, mas ela precisava ver um pouco do mundo além daquela janela.

Levantei-me e prendi os cabelos em um coque, usando um palito. Coloquei meus óculos escuros.

"*Venha!"* Estendi a mão com os aparelhos. "*Por favor."*

Torceu o nariz, mas concordou. Brigar com ela e forçar qualquer tipo de interação tinha sempre efeito contrário, então eu tentava ser compreensiva e estar disponível tanto quanto era possível.

Colocou os aparelhos e segurou minha mão, fazendo-me sorrir.

Zandvoort era uma cidadezinha tranquila e muito boa de viver. Era por isso que eu me esforçava tanto para conseguir o emprego, quando minha residência terminasse. Queria continuar na Holanda e poder trazer minha mãe comigo. Era tudo que eu tinha de família e sabia que ela também precisava de nós.

O calçadão da praia estava cheio de crianças, já que o parque de diversões estava funcionando. Convidei-a para irmos até o carrossel. Nina adorava unicórnios e havia um nesse brinquedo.

— Quer ir? — perguntei e ela assentiu.

Fiquei esperando do lado de fora do gradil, enquanto ela se divertia um pouco. Olhinhos brilhando para o cavalo colorido, de fibra de vidro. Era tão pequena e delicada. Precisava tanto de mim.

Quando o tempo acabou, eu a segurei pela mão e caminhamos até a carrocinha de pipocas carameladas.

Soltei sua mão por uma fração de segundos, apenas para que pudesse procurar o dinheiro trocado dentro da bolsa, e, no instante seguinte, ela não estava mais lá.

— Nina! — gritei. — Nina! Nina!

O desespero tomando conta de mim, junto com a certeza de que ela havia tirado os aparelhos.

— Nina! — gritei mais uma vez.

Foi então que ouvi a freada brusca e o

cantar dos pneus de um esportivo. O carro arrancou logo em seguida, e o aglomerado de pessoas em torno de onde havia acontecido a freada gelou meus ossos. Tinha medo do que iria encontrar.

Abri espaço pela multidão, coração acelerado e suor escorrendo pelas têmporas.

— Nina! Nina!

Minha filha estava nos braços de um homem que eu nunca vira, mas que ganharia minha gratidão eterna. Ele tinha protegido seu corpinho pequeno com o dele. Um grande e peludo cachorro preto latia em volta deles.

— Sou a mãe dela! — Estendi a mão para pegá-la. — Meu Deus, Marina! — Apertei-a em meus braços.

Estava bem, apesar do susto e alguns arranhões no braço e nas pernas.

Só quando a coloquei no chão, foi que

percebi que o homem caminhava mancando, alguns passos à nossa frente.

— Ei, senhor? — chamei. — Por favor, gostaria de lhe agradecer.

Esperei que ele se virasse. Era alto e jovem. Cabelos compridos, presos em um coque desarrumado. Barba igualmente comprida e bem-aparada. Parecia um daqueles homens modernos e cheios de estilo que se encontram em editais de moda.

— Sei que deve estar pensando que sou uma péssima mãe, mas, acredite, isso nunca aconteceu! Soltei a mão dela por cinco segundos e...

Deu dois passos em minha direção e o cão o acompanhou. Nina estendeu a mão para acariciar o animal, alheia a nossa conversa.

— Não estou pensando nada, senhora. —

Lançou-me um sorriso de canto, baixando um pouco os óculos escuros.

— Sou Lola... Dolores... — corrigi. — Dolores Calderón. Posso dar uma olhada no seu pé. — Sinalizei a perna manca. — Sou médica. Pediatra, na verdade, mas posso olhar de qualquer maneira.

As palavras deixavam minha boca em uma velocidade que beirava o descontrole. Nunca havia me sentido nervosa na frente de alguém, nem mesmo na entrevista para a bolsa de estudos.

— Sou Collin. Obrigado por se preocupar, deve ser um mau jeito.

Abaixou-se para falar com minha filha, e, antes que ele percebesse a surdez, eu intervim.

— Ela não escuta — avisei.

Sorriu de canto novamente. Não disse nada, nem à Nina, nem a mim. Acariciou o animal junto

com ela, por longos minutos. Depois de um tempo, estendeu a mão.

"Nos vemos por aí!", falou em língua de sinais.

Nina sorriu e concordou.

Ele levantou-se com cuidado. Sentia dores, visivelmente.

— Tem certeza de que não quer que eu veja seu pé? — insisti.

— Obrigado, Lola, Dolores, médica pediatra. — Ajeitou os óculos escuros. — Vou me recuperar.

Virou as costas e seguiu seu caminho pelo calçadão, deixando-me ali, parada, com cara de besta.

— Viu só o que aprontou? — falei mesmo que ela não pudesse me ouvir. — Você me deixou com cara de boba na frente do cabeludo! Marina,

Marina! — Balancei a cabeça em negativa, mas acabei sorrindo. — Graças a Deus não foi nada, filha!

Puxei-a para um abraço apertado.

Capítulo 2



Collin

Meu pé doía como o inferno, mas a pobre mulher já tinha problemas demais com os quais lidar.

Subi os poucos degraus de escada no dobro do tempo que costumava levar, ouvindo barulho lá dentro.

Assim que abri a porta, tive certeza de que não se tratava de uma assaltante, ou coisa do tipo, já que eles não usavam bolsas de grife e óculos escuros.

Sentei-me no sofá e tirei as botas com cuidado. O maldito motorista havia passado com as rodas em cima do meu pé.

— Oh! — minha mãe assustou-se. — Você quase me mata do coração, Collin! — reclamou e eu acabei rindo.

— Mamãe, só você para entrar na casa de

alguém sem avisar e ainda acabar se assustando!

— Achei que não precisava avisar, ora essa! — Ergueu uma sobrancelha para mim. Estava mais parecida com o Sr. Galagher a cada dia. — Afinal de contas, você me deu uma chave.

Levantei-me e a puxei para um abraço.

Havia ficado pequena em meus braços, com o passar dos anos. Beijei o topo de sua cabeça.

— É claro que pode vir quando quiser, mãe. É sempre bem-vinda. Só achei graça em seu comentário. Quer um café? Uma água? Uma dose de uísque? Eu acho que preciso do último! — Franzi a testa de dor.

— Meu Deus, filho! O que houve com seu pé? — questionou observando o hematoma se formar.

Destampei a garrafa de uísque e servi uma dose em um copo limpo. Virei de uma vez.

— Uma garotinha no calçadão... Um imbecil chapado não estava prestando atenção ao trânsito e quase a atropelou.

— Oh! — Tapou a boca com a mão. — Ela está bem?

— Com alguns arranhões, mas nada que não melhore em alguns dias. Não é isso que me preocupa — confessei.

Minha mãe puxou a cadeira para que eu me sentasse e ligou a cafeteira expresso.

— E o que o preocupa, meu querido?

— A menina é surda, mãe. — Baixei os olhos para o chão.

Ela ficou em silêncio também. Sabia de tudo que se passava em minha cabeça, tinha vivido comigo os piores dias.

Aproximou-se da cadeira e descansou as mãos em meus ombros, massageando-os.

— Que bom que você apareceu a tempo.

Beijou meus cabelos e voltou para a cozinha.

— Quer o seu curto? — perguntou sobre o café.

— Por favor.

Pegou as duas xícaras e sentou-se ao meu lado. Puxei a carteira de cigarros do bolso e ia acender um, quando minha mãe me reprovou com o olhar.

— Sei que não mando na sua vida, mas...

— Maaaas... Eu deveria parar com este péssimo hábito, não é, Sra. Galagher? — debochei.

— Principalmente depois do ataque de coração que seu pai teve, Collin! Você sabe muito bem que o cigarro foi um dos grandes males.

— Aliado ao uísque, ao estresse e aos péssimos hábitos alimentares. Sei de tudo isso,

mamãe.

— Deveria evitar que o mesmo aconteça com você!

— Não vou viver até os cinquenta anos, mãe. — Encarei seus olhos castanhos por alguns segundos.

— Fala como sua avó Margarida, que Deus a tenha! Reclamava que não viveria muito e quase enterrou todos nós!

Acabei gargalhando, antes de puxá-la para um abraço apertado e encher seu rosto de beijos.

— Sinto falta disto! Essas conversas bobas alegraram minha manhã, mesmo depois de ter perdido quase meio quilo de deliciosas trufas brancas!

Minha mãe sorriu. Sentia falta de cuidar de alguém, agora que Aurora e Lucian estudavam fora.

— Jo me disse que seu pai irá fazer um

procedimento no coração esta semana, Collin. Você deveria ir, já que Trevor está em Marselha a trabalho.

— Vou ligar para ela e pedir o endereço, não se preocupe, mãe. Aquele cabeça-dura do Jens precisa mesmo que alguém lhe segure a mão! — brinquei.

— Engraçado como você é a mistura perfeita dos seus dois pais! — Sorriu e eu acabei sorrindo também. — Agora vou indo! Animei seu dia e já dei um jeito em sua roupa suja e nos banheiros.

— Mamãe, você não deveria se preocupar com isso! — adverti.

— Sou sua mãe, faz parte do meu trabalho! — Beijou meu rosto e se levantou. — Agora coloque esse pé para cima e peça a Aurora que dê uma olhada. Sei que ela ainda não se formou, mas

deve saber identificar uma fratura, ao menos!

— Sim, senhora, Sra. Galagher.

Tomei um analgésico e preparei uma massa rápida com manteiga e sálvia. Deixei um pouco separado para minha irmã e me deitei no sofá. Aproveitei para cochilar, já que sábado era o dia mais movimentado no restaurante.

Acordei com o sol quase se pondo no horizonte. Era hora de ir para o trabalho.

Tomei um banho, prendi os cabelos em um coque mais justo, escondendo o implante entre os fios.

Não me importava mais em ser surdo e menos ainda com a opinião dos outros, mas, quando me olhavam com a mesma cara que aquela mulher no calçadão olhava para a filha, eu me incomodava. Não queria ter privilégios. Só queria que olhassem para mim além da surdez.

Vesti uma cueca boxer azul-marinho e coloquei meu jeans claro, desgastado. Camiseta preta e blazer xadrez. Sentei-me na cama para vestir as botas, mas elas não entravam em meu pé inchado.

— Merda! Que porcaria de sapatos vou usar para trabalhar agora? — praguejei em voz alta.

No fundo do armário, havia um sapato de plástico, com tira atrás, que era, de longe, o último sapato na vida que eu usaria, mas era também o único que não apertaria o ferimento.

Ao menos a menina está bem — o pensamento se formou junto com a imagem dela. Tinha os mesmos olhos assustados que eu já tive, como se o mundo fosse realmente um lugar hostil.

Peguei as chaves do 4x4 e segui até o pequeno estacionamento, depois da avenida costeira. — *Pelo menos ela está melhor do que eu!*

Cheguei ao restaurante e encontrei Lídia, minha *sous-chef*, sentada na porta, mexendo no celular.

Levantou-se no mesmo instante.

— Crocs... Escolha interessante de sapato, chef! — brincou.

Estreitei os olhos e fingi um riso sem humor.

— Foi uma briga feia, pelo visto! — Estendeu o braço rindo, para que eu me apoiasse.

— Você nem imagina!

Lídia era alguns anos mais jovem que eu, mas compartilhávamos o mesmo amor pela cozinha.

Havíamo-nos conhecido em Porto Rico, quando trabalhei em San Juan. Ela era uma garota doce e cheia de vida, mas escondia boa parte da doçura atrás do cabelo cor-de-rosa e das tatuagens

coloridas que tinha. Os pais a tinham colocado para fora de casa, quando souberam que havia se apaixonado por uma garota.

Deixei que ela dormisse no quartinho dos fundos do restaurante por algumas semanas, até que finalmente conseguiu se restabelecer.

Era uma grande amiga e confidente, além de companheira de trabalho brilhante. Quando resolvi voltar para a Holanda e abrir meu próprio restaurante, o nome dela era o primeiro na lista de funcionários.

— Quero ver como vai cozinhar esta noite... Lembra que o principezinho chato e sua noiva sem-sal vêm jantar aqui hoje, não lembra? — Levantou uma sobrancelha para mim.

— Lembro. E lembro também que estamos sem trufas brancas para o risoto.

Encarou-me com seus grandes olhos

escuros.

— O que eu podia fazer? Deixar a garota ser atropelada? — Praguejei abotoando meu dólman.

O riso discreto de Lídia transformou-se em gargalhada, mas ela logo abafou e limpou a garganta. Sabia bem o quanto eu era severo em relação à conduta na cozinha.

— Devo supor que foi nesse episódio que machucou o pé... — continuou mais contida.

Meneei a cabeça em silêncio.

— Venha. — Indicou um dos bancos. — Pode se sentar aqui e me dizer o que fazer. Olha, coloque o pé em cima disto. — Puxou uma banqueta. — Assim você não se esforça tanto.

Sorri de canto.

— É muita gentileza sua, Srta. Flores.

— Que tipo de *sous-chef* eu seria se não

desse a vida pelo meu superior? — brincou.

— Então, Ravi, o que teremos para o jantar? — perguntei.

Ravi trabalhava comigo desde o primeiro mês na Holanda. Era recém-chegado de Nova Deli, quando eu o contratei.

Tinha experiência com vegetais e uma boa mão para temperos. Era o responsável por nosso jantar naquela noite.

— Sobrecoxas e vegetais assados, chef. Também estou preparando uma salada de radicchio com queijo feta.

— Parece ótimo.

Cozinhávamos nosso jantar todos os dias. Cada dia um de nós três. Era o momento que tínhamos para falar do trabalho e organizar o serviço.

A noite seguiu sem grandes problemas.

Lídia comandava a cozinha com maestria e pensava como eu, então não havia muito com o que me preocupar.

No lugar do risoto de trufas brancas, servimos para o príncipe um risoto de peras com queijo brie e lascas de amêndoas tostadas, que acompanhou perfeitamente as costeletas de cordeiro.

No fim do jantar, tirei meu dólman e segui pelo salão, para cumprimentá-lo.

Nunca fui dado a formalidades, mas não era idiota. Se um príncipe vinha ao meu restaurante, o mínimo que eu devia fazer era ir até ele e lhe estender minha mão.

— Então este é o nosso precioso Chef Três Estrelas... — Sorriu todo pomposo, ostentando a loira alta e magra ao seu lado.

— É um prazer recebê-lo, majestade.

— O prazer é meu, chef Galagher. O prazer em degustar sua comida e a honra em tê-lo como conterrâneo.

Agradeci com um gesto de cabeça e me despedi. Segui meu caminho de volta, cumprimentando alguns clientes, até que finalmente entrei na cozinha.

Lídia colocou o último prato da noite na bancada e tocou a campainha.

— Se quiser ir, cuidamos de tudo por aqui. Aliás, você deveria procurar um médico.

— Estou bem, não se preocupe. Vamos terminar logo com isso.

Desde que me tornei chef, em meu primeiro restaurante, jamais saí da cozinha sem que todos já tivessem ido. Havia aprendido com meu mentor que o verdadeiro líder é aquele que apaga a luz e fecha a porta.

Estava finalizando a lista de compra das bebidas, quando minha funcionária secou as mãos e seguiu até a porta dos fundos. Voltou pouco tempo depois.

— Há uma garota bonita lá fora procurando por você! — Sorriu. — Como se fosse novidade! — Deu de ombros e Ravi riu.

Estranhei porque não tinha combinado com ninguém, nem tinha flertado com cliente alguma no salão. Lídia conhecia minhas irmãs, então também não era nenhuma delas.

Abri a porta para encontrar uma morena de costas. Cabelos longos, volumosos e levemente ondulados. Batia a ponta da bota de couro no chão sem parar.

— Senhorita? — chamei.

Quando ela se virou, um perfume floral suave e levemente adocicado inundou meu olfato.

Eu quase podia sentir o gosto em minha língua.

Era a mãe da garotinha surda, mas estava muito diferente de como eu me lembrava.

A calça escura, ajustada, mostrava um corpo que antes o vestido florido velava. A camisa fina, rosada, tinha um tom parecido com a pele morena e deixava os olhos cor de mel ainda mais vivos e claros.

Estava curioso com a razão que a trazia até mim pela segunda vez no mesmo dia.

Lola

Fiquei ali parada uns segundos, agarrada à mão de Nina, vendo o homem seguir seu caminho pelo calçadão.

Ele tinha surgido como um anjo enviado por Deus, no momento exato em que precisávamos dele.

“Há sempre um anjo protegendo as pessoas de bom coração, Lola. Quando menos esperamos, ele aparece. Às vezes não reconhecemos de imediato, mas, se olharmos com o coração, veremos as suas asas!” — minha mãe dizia.

Enquanto ele caminhava, o sol projetava sua sombra na areia, com uma única asa.

Um anjo de asa quebrada — pensei, até que o perdi na multidão.

— Senhora? — alguém chamou. — Senhora? — repetiu quando não me virei. — É

seu? Indicou um pequeno pacote de papel no chão.

— É do Collin. — Uma senhora de meia-idade respondeu de dentro da barraca de petiscos. — Deve ter deixado cair quando ajudou a garotinha.

— Sabe o endereço dele? Eu gostaria de entregar. Ele salvou a vida da minha filha, é o mínimo que posso fazer.

— O endereço não tenho, mas ele é o dono do Holandês Voador — explicou. — Está lá todas as noites.

— Obrigada.

Nina e eu voltamos para casa e deixei o embrulho sobre a mesa da cozinha.

"*Teremos um grande problema agora, mocinha!",* repreendi em língua de sinais. "*Como vamos comprar aparelhos novos, hum?"*

"Não quero aparelho algum", reclamou.

Sentei-me no sofá ao seu lado e a puxei para os meus braços. O que seria de nós se o cabeludo não tivesse aparecido? O que eu iria fazer sem ela?

Arrumei um pouco da desordem em casa, então preparei legumes corados e um filé de frango para nós duas. Nina comeu metade do prato e depois me pediu para brincar com as massinhas de modelar.

Preparei um café forte e amargo porque o sono estava acabando comigo. A jornada dupla de ser médica de noite e mãe e dona de casa durante o dia não me deixava descansar.

Sentei-me na cadeira, porque, se encostasse no sofá, acabaria cochilando. O saco de papel ainda estava sobre a mesa.

Abri devagar e conferi o conteúdo. Eu nunca tinha visto trufas ao vivo, mas sabia o que eram, dos programas de culinária a que as

enfermeiras assistiam nas madrugadas vazias do hospital.

A imagem dele se formou em meus pensamentos no mesmo instante. Era bonito de um jeito despreocupado. Como se não se importasse realmente. A elegância fluía em seus gestos como se tudo lhe fosse natural. Havia algo de diferente nele. Algo que eu não consegui identificar, mas nunca vi uma pessoa olhar para minha filha com tanta doçura e entendimento quanto ele, mesmo depois que revelei a surdez.

Quem era aquele homem? Provavelmente, tinha algum amigo ou parente surdo, porque dominava perfeitamente a língua de sinais.

O rosto não me era estranho e, por conta disso, a curiosidade me atiçou. Acabei digitando o nome dele e do restaurante no site de buscas.

— É claro! — gritei assim que a primeira

foto apareceu.

Era ele, o chef famosinho das tais estrelas Michelin! O que as meninas tanto comentavam que era lindo e sexy e que fazia os melhores pães da Holanda.

É ele, meu anjo da asa quebrada! Ri do meu próprio pensamento.

Ficava diferente todo arrumado e penteado, nas fotos de eventos e entrevistas.

Balancei a cabeça em negativa. Quando eu contasse no hospital, ninguém acreditaria. A vida era mesmo engraçada!

Esperei até que Nina adormecesse, para sair. Tentava ficar com ela pelo máximo de tempo que podia. Não queria que se sentisse abandonada, já que tudo que tinha era eu.

Tomei banho e parei na frente do espelho. Abri o armário e vasculhei tudo. Nada parecia bom.

Os jeans pareciam apertados e surrados demais, as camisetas, largas demais.

Muitas das roupas eu tinha trazido da Colômbia. Precisava urgentemente renovar meu guarda-roupas, mas, com a porcaria de salário que tinha, demoraria uns três anos para conseguir, ainda mais agora, que precisaria comprar aparelhos novos para Nina.

Não seja boba, Lola! Ele mal olhou para você! Vista qualquer coisa e entregue o pacote. Diga obrigada e saia. Respirei fundo.

Fazia tanto tempo que eu não me arrumava de verdade. Tanto tempo que tudo em que pensava era Nina e o hospital, nessa ordem exatamente. Quando sobrava tempo, fazia algo por mim.

Peguei uns jeans escuros e uma camisa de seda que havia usado na entrevista para a residência. Ao menos aquela roupa era nova e me

deixava elegante o suficiente para ir ao tal restaurante.

Penteei os cabelos e os deixei soltos. Fiz uma maquiagem básica e passei um pouco de perfume.

Depois que a Sra. Herta chegou para ficar com Nina, saí caminhando pela rua e me sentindo meio boba por estar com o coração acelerado como estava.

Ele deve estar cansado de tanta tietagem, não se atreva a fazer isso! — ordenei para mim mesma. *Aja naturalmente. Ele foi um cara legal, seja uma garota legal. É só um uma gentileza e um agradecimento. Pergunte como está o pé e vá embora. Ele nem deve lembrar o seu nome!*

O Holandês Voador não ficava muito longe de casa. Era uma caminhada curta de pouco mais de três quarteirões. Eu nunca tinha ido ao lugar,

porque estava sempre lotado e os preços eram um pouco acima do que meu salário de residente permitia. Além disso, só funcionava a noite e minhas noites já tinham emoção demais.

Quando cheguei, a porta da frente já estava fechada, então achei melhor bater na porta dos fundos. Não demorou até que uma garota de cabelos cor-de-rosa atendeu.

— Pois não? — falou curiosa.

— Hum... Collin está? — perguntei sem jeito. — Eu queria entregar isso a ele. — Mostrei o pacote.

— Claro! Só um minuto. — Sorriu e voltou para dentro.

Meu coração parecia querer sair pela boca, agora que eu sabia quem era o anjo da minha vida. Dei as costas à porta e respirei fundo, até que ouvi a voz dele chamar.

Soltei o ar devagar, antes de me virar.

— Desculpe vir sem avisar, ainda mais em um horário como este... Eu só queria lhe entregar isto. — Estendi o pacote de papel para que ele pegasse.

Parecia curioso, até que sorriu, no instante em que viu o conteúdo.

— Sei que são difíceis de achar, então imaginei que fariam falta.

As frases eram infantis e malformuladas; eu me sentia como uma daquelas garotas bobas de seriado de TV, na frente do *quarterback*. Ele parecia ainda mais alto, agora que estava bem na minha frente.

— Obrigado, Lola, Dolores, médica pediatra — brincou, aquele sorriso de canto em sua boca.

— Só Lola, por favor! — Sorri sem jeito.

— Quer uma bebida? Um café, talvez? — ofereceu. — Já estamos fechados, mas acho que posso conseguir alguma coisa com o chef. — Deu de ombros em tom divertido.

— Obrigada, mas eu preciso ir. Deixei Nina aos cuidados da vizinha, não posso demorar.

Ele me olhava com aqueles olhos castanho-esverdeados intensos, e meu coração acelerava no peito. *Maldito holandês bonito!*

Ia me afastando, antes que fizesse uma bobagem, quando me lembrei da segunda coisa que havia me levado até lá.

— Seu pé melhorou? Você foi ao médico?

— Tudo bem. Tomei um analgésico. Logo estarei melhor.

Baixei os olhos e percebi que ele usava um sapato destoante da roupa, não fazia o estilo dele.

— Está inchado, não é? — questionei. —

Posso dar uma olhada, se deixar. Talvez tenha fraturado. Olha, você salvou a minha filha, é o mínimo que posso fazer... Se não for nada sério, prescrevo um analgésico mais forte. Por favor... — insisti. — Vou me sentir melhor assim.

— Ok — concordou. — Venha, vamos entrar.

Estendeu o braço e segurou a porta, em um gesto cortês.

O restaurante era pequeno, mas exibia o mesmo bom gosto por dentro que demonstrava pela fachada. O Holandês Voador era cheio de personalidade, como seu dono.

Ele indicou uma das mesas do salão e eu puxei a cadeira para que apoiasse o pé. Tirou o sapato e ajeitou a perna no local indicado. Estava bastante inchado e havia um hematoma subungueal em três dos dedos, que provavelmente perderiam a

unha. O quarto deles estava fraturado. Não havia necessidade de gesso, mas uma tala poderia ajudá-lo a se recuperar mais rápido.

— Este dedo está fraturado. — Toquei o pé, indicando o local. — Deve estar doendo um bocado.

Sorriu de canto, mas não disse nada.

— Se você tiver uma caixa de primeiros socorros, posso fazer uma tala. Vai ajudar a sarar mais rápido.

Encarava-me com um olhar curioso. Como se estivesse estudando um espécime em extinção.

Após um tempo, sinalizou para alguém pelo vidro da cozinha e, logo depois, a garota de cabelos coloridos apareceu.

— Temos uma maleta de primeiros socorros? — questionou.

— Sim.

— Traga, por favor.

Pouco tempo depois, ela voltou com uma caixa branca nas mãos.

— É o que temos aqui, Lola, mas, se precisar, Lídia pode ir à farmácia, não é? — perguntou e a garota aquiesceu.

Havia de tudo. Material para curativo, álcool para ferimentos, alguns antitérmicos, antiácidos e analgésicos, incluindo uma pomada.

— Você teria um palito de sorvete? — pedi.

— Consigo em um minuto! — A garota sorriu e voltou para a cozinha.

Trouxe o palito pouco tempo depois.

Abri a faixa de gaze, posicionei o palito debaixo do dedo e prendi com um esparadrapo. Passei a pomada sobre a lesão e cobri com a faixa.

— Vou prescrever uma pomada mais forte. Vai melhorar o inchaço e a dor em alguns dias, mas

você precisa fazer um pouco de repouso.

— Esqueça, doutora! Ele não vai fazer isso! — Lídia entregou. — Ok, já estou de saída! — avisou depois do olhar inquisidor que recebeu.

— Desculpe, ela às vezes se esquece de quem está no comando! — brincou.

— Sei bem como é isso! — Acabei rindo. — Bem, terminamos por aqui, Collin. Fico mais tranquila agora que vi seu ferimento. Odiaria saber que se machucou gravemente por causa de um descuido meu.

— Não se preocupe, de verdade.

— Você deve me achar horrivelmente descuidada! — falei sem pensar.

— Não penso. Fique tranquila.

Baixei os olhos para o chão, ou acabaria deixando que ele percebesse o quanto estava nervosa.

— Vou indo... Como disse, não posso demorar.

Levantei-me e ele se levantou também.

— Você está de carro? Posso lhe dar uma carona.

— Não precisa, eu moro a algumas quadras daqui.

— Está tarde. Não vou deixá-la caminhar sozinha pela rua.

Os funcionários já haviam saído, ele apagou as luzes do salão e fechou a porta. Acionou o controle de um 4x4 azul-marinho, estacionado do outro lado da rua.

Passou por mim e abriu a porta.

— Entre.

Mais uma vez, aquela gentileza e classe implícitos nele estavam lá.

— Diga a direção e iremos.

Eu moro na principal, perto do hospital.

Não demorou até que chegamos a minha casa. Nina e eu morávamos em um prédio de apartamentos. Era pequeno e simples, mas era tudo que eu conseguia pagar com o dinheiro que ganhava.

— Aqui estamos. Entregue em segurança. — Voltou o rosto para mim.

— Aceita um café? — ofereci.

— Hoje estou um pouco cansado, mas agradeço o convite.

Ele se foi pela rua e eu fiquei ali, parada, vendo o carro desaparecer. O coração batendo no peito de um jeito estranho, aquela ansiedade no estômago.

Subi as escadas e a Sra. Herta se foi. Nina dormia e eu estava sem sono, então decidi fazer um chá.

Enchi minha caneca e me debrucei na janela, pensando um pouco na vida.

Havia tantas diferenças entre Collin e eu. Tantas... Apesar de termos quase a mesma idade, a vida tinha traçado rumos bem diferentes para nós dois. Ele era rico e famoso. Tinha uma carreira de sucesso e todo o reconhecimento que alguém poderia desejar. Eu tinha uma caminhada dura pela frente. Não que estivesse infeliz, mas às vezes pensava em como as coisas seriam se eu tivesse agido mais com a razão do que com o coração.

Paco foi meu primeiro namorado. Foi também o primeiro e único homem que tive na vida. Tudo que eu sabia de um relacionamento havia aprendido com ele e era suficiente para mim, mesmo que nunca nos tenhamos casado.

Ele foi meu grande amor de adolescência e

me deixei levar rápido demais. Engravidei de Nina com menos de vinte anos.

Minha mãe sempre disse que ele nunca se casaria comigo, porque eu tornava tudo fácil demais para ele. No começo, achei que fosse um pensamento ultrapassado dela, mas no fundo era verdade e meu sonho de ter uma família foi se distanciando cada vez mais.

Quando ganhei a bolsa para continuar os estudos na Holanda, estava no início do segundo ano de faculdade. Era uma aluna prodígio de uma boa faculdade federal de Bogotá. Tinha uma carreira brilhante pela frente, mas acabei dificultando tudo.

Descobri a gravidez dois meses antes da viagem. Achei que minha vida estava acabada. Chorei sozinha, porque Paco havia dito que precisava esfriar a cabeça. Viajou por semanas e só

voltou quando soube que a faculdade havia mantido a proposta, mesmo sabendo da minha gravidez.

Nós nos mudamos e ele ficou procurando emprego, enquanto eu estudava e cumpria as horas de pesquisa que a bolsa exigia. Dividíamos um quarto, no campus.

Nina nasceu, o emprego dele nunca chegou e acabamos combinando que os cuidados com ela eram mais importantes do que uma segunda renda. Paco sempre fora um bom pai. Era carinhoso e dedicado com ela, mas, como companheiro, nunca pude contar com ele para mais do que uma noite romântica. O trabalho pesado sempre foi meu.

Minha filha era mais apegada ao pai do que a mim. Talvez a culpa tenha sido minha, ou talvez tenha sido mesmo do destino. Ele ficava sempre com ela. Trocava as fraldas, dava mamadeira, colocava para dormir. Eu chegava com os seios

doloridos e cheios de leite, só quando ela já estava dormindo. Tomava um banho rápido, ordenhava, comia qualquer coisa que estivesse pronta e caía na cama, porque no dia seguinte tinha aula novamente.

O tempo passou, ele nos deixou, mas as coisas continuavam do mesmo jeito. Eu tentava recuperar o que havia perdido com ela, mas era difícil. Ainda mais depois da surdez. Sabia que um dia ela iria entender. Se tivéssemos ficado na Colômbia, ela teria muito menos chances do que tinha no Primeiro Mundo. Eu queria dar a ela o que minha mãe não pôde me dar.

Deixei a caneca na pia e deitei na cama. Eu nunca tinha visto um pé tão bonito em um homem! Mesmo machucado, era bonito. Ele todo era bonito, de um jeito não convencional e moderno demais para mim. Tudo nele era demais para mim.

Meu anjo lindo de uma asa só...

Talvez eu o visse de novo, ou não, mas a verdade é que o abismo que nos separava era muito grande para que algum de nós pudesse atravessar.

O perfume dele ainda estava em minhas narinas. Um aroma intenso, amadeirado e cítrico, misturado ao tabaco. Cheiro de homem de verdade.

Fechei os olhos e deixei o cansaço me dominar.



Capítulo 3

Collin

Assim que abri a porta de casa, encontrei o bilhete cor-de-rosa de Aurora sobre a mesa.

“Voltei para Roterdã. Obrigada pela comida, amo você.”

Deixei a sacola da farmácia sobre a bancada e peguei uma cerveja na geladeira. Sentei-me no sofá, o pé machucado sobre a mesinha e Black Bart ao meu lado, no tapete. Acendi um cigarro e dei um trago longo, jogando a cabeça para trás, enquanto soltava a fumaça bem devagar.

Lola, Dolores, médica pediátrica... — Sorri. — *Agora apenas Lola.*

Ela deveria ser uma daquelas garotas que não faz a menor ideia de como é bonita, ou não ficaria tão sem jeito enquanto eu a olhava. O problema disso era que me fazia querer olhar mais, só para deixá-la ainda pior. *Não seja idiota, Collin!*

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela pode não ter uma aliança, mas isso não significa que está disponível.

Dei um gole na cerveja e outro trago no cigarro. Estava cansado, mas sentia uma paz estranha dentro do peito. Tinha sido um dia bom, apesar do começo conturbado. Estava feliz por ter sido o cara certo no lugar exato.

No domingo o restaurante não abria e eu costumava almoçar na mansão. Era um dia que dedicávamos a estar juntos. Mamãe gostava disso e, por mais que não admitisse, o Leão também.

Quando minha cerveja acabou, troquei de roupa e me deitei na cama. Dormi rápido, graças à combinação de bebida e analgésicos com um pouco de nicotina.

Acordei com o telefone tocando.

— Diga que não se esqueceu da sua promessa...

PERIGOSAS ACHERON

— Geralmente, quando uma voz de mulher me faz essa pergunta, eu estou encrencado! — brinquei.

— Desta vez não é diferente, Grande Chef Michelin... — Hanna brincou. — Se não fizer o que mamãe pediu, vai estar encrencado.

— Você me conhece, sou um homem de palavra!

— Venha com cuidado! Amo você!

— Amo você também, linda.

Eu havia prometido à mamãe que faria Magret de Pato com molho de ameixas e purê de batatas para o almoço, além de levar o pato, que, por sinal, ainda estava no freezer do restaurante.

Levantei e me vesti o mais rápido que o pé machucado permitiu. Calcei um par de chinelos e desci as escadas apressado. Black Bart desceu ao meu lado e, assim que abri a porta de trás do 4x4,

saltou para dentro e se ajeitou no banco.

Depois de uma parada estratégica no Holandês Voador, seguimos para Roterdã.

O jardim da mansão estava cheio de carros estacionados, como em todos os fins de semana. Parei o meu ao lado do carro de Hanna e abri a porta. Black Bart desceu e eu peguei as sacolas.

— Ora, ora, se não é o nosso irmão famoso!

Quando me virei em direção à voz, quase não acreditei. Era John, meu irmão mais velho e grande exemplo. Não nos víamos desde o casamento de Hanna.

— Ei, cara, quando você chegou? Ninguém me contou que você viria!

— Decidimos vir há poucos dias, Tampinha. Helena enfiou na cabeça que quer estudar aqui. Você pode imaginar como Isabele está, não pode?

Sorri.

— Imagino perfeitamente!

— Viemos para que ela conheça alguns colégios e, talvez, faça um curso de férias ou algo assim. Bela ainda tem esperanças de que ela desista.

— Sendo sua filha? Acho bem difícil!

John riu alto.

— O que houve com o pé? Acidente de trabalho? Ou andou chutando cercas por aí?

— Longa história, companheiro... Longa história...

— Sei! — Balançou a cabeça em negativa. — Agora venha cá! Quero abraçar meu irmãozinho!

Puxou-me para um abraço apertado e cheio de carinho. John sempre foi como um segundo pai para mim.

— Poxa, vou ter que trocar seu apelido! Quando foi que você ficou tão grande? — brincou bagunçando meu cabelo. — Aliás, o que foi? Sequestraram todos os barbeiros holandeses?

Bati com meu ombro no seu.

— Isto se chama estilo, meu caro, e é para poucos.

A sala da mansão estava cheia. Todos conversavam animados em seus grupinhos, enquanto as crianças corriam em direção ao jardim dos fundos. Black Bart encontrou seu lugar preferido, ao lado da janela, e lá ficou.

— Devo me preocupar? — Tia Lis se aproximou sinalizando meu pé machucado e me abraçou.

— Pelo que soube, não! — Sorri, beijando sua testa.

— Disseram que vou comer um prato

especial, feito pelo melhor chef da Holanda, estão certos?

— Deveríamos ter convidado um crítico gastronômico, tia! — John brincou.

— Eu serei a crítica! — Hanna sorriu e beijou meu rosto. — A propósito, sua *sous-chef* já está esperando na cozinha.

De onde estava, vi Louise organizando a bancada para mim. Sorriu e acenou assim que seus olhos encontraram os meus.

Minha prima tinha crescido e se tornado uma jovem mulher linda e inteligente. Sonhava em fazer pelos outros o que tinha sido feito por ela.

Estava no terceiro ano de fisioterapia e queria construir um centro de reabilitação em equoterapia, para pacientes especiais. Era a esperança de papai para que meu irmão finalmente voltasse à Holanda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mamãe caminhou até nós e me beijou no rosto.

— Como está o pé? — perguntou. — Foi ao médico? Porque Aurora disse que não viu você nem em casa e nem no hospital.

— Não se preocupe, Sra. Galagher... Fui devidamente examinado por uma profissional. — Pisquei e mamãe levantou uma sobrancelha para mim. — A mãe da menina... passou pelo restaurante... Ela é pediatra...

Estavam todos me olhando e acabei ficando sem graça.

— Enfim, não é nada sério, só está inchado.

Meu irmão também ergueu uma sobrancelha inquisidora para mim, mas não obteve resposta nenhuma. Segui até a bancada com as sacolas nas mãos e separei as ameixas, para que Lou começasse a cortá-las.

PERIGOSAS ACHERON

Jens, papai e Tio Alex estavam em seu lugar preferido, para discordar e conversar sobre a vida.

Puxei uma das cadeiras e me sentei.

— O que houve com o pé? — papai questionou, enquanto destampava a garrafa e servia uma dose de uísque para mim.

— Fui dar uma de super-herói... — Dei de ombros.

Jens e Tio Alex riram.

— Espero que a pessoa salva esteja bem.

— Também espero. — Soltei uma lufada de ar.

Tinha pensado na garotinha boa parte do dia e, mesmo durante o caminho até Roterdã, seus olhinhos assustados não deixavam meus pensamentos.

Era estranho reviver aquelas sensações todas por outro ângulo. Queria vê-la novamente,

mas não sabia bem como fazer isso sem parecer invasivo.

Quando fiquei surdo, e mesmo agora que nada disso era novidade para mim, o que mais incomodava eram as pessoas que achavam que podiam me ajudar. Talvez por isso eu tenha me afastado de todos por tanto tempo.

Ajuda que não é desejada acaba atrapalhando — era meu lema de vida.

— Tem falado com seu irmão? — Jens perguntou, interrompendo meus pensamentos. — Trevor tem passado tempo demais em Marselha. Diz que é por causa da fusão, mas não me convence. Seu interesse repentino pela antiga propriedade tem nome e sobrenome.

Papai levou o copo à boca, para reprimir o riso.

— Não seja tão exigente com ele, Jens! —

Tio Alex repreendeu. — Ele só está se divertindo. Você se lembra bem de como éramos na juventude, não se lembra?

— Menos eu, senhores, eu já era pai na idade desses meninos! — papai comentou.

— Um pai bem irresponsável, diga-se de passagem! — Tio Alex criticou e foi a vez de Jens reprimir o riso.

— O tempo passa e vocês três continuam iguaizinhos! — Virei o copo de uma vez. — Se me derem licença, senhores, vou cuidar do nosso almoço.

Segui pelo jardim, ao som de risos e espirros de água, que vinham da piscina.

— É agora que a festa começa, Srta. Persen! — Coloquei o avental e abri meu jogo de facas, piscando para Lou, que me observava atenta.

Pontualmente ao meio-dia, meu *magret*

estava pronto e a mesa posta.

— Hum... O cheiro está ótimo, tio! — Helena ficou na ponta dos pés para beijar meu rosto e eu a abracei, devolvendo o carinho.

— Fiquei feliz com as novidades, pequena! Seria ótimo tê-la por aqui conosco.

— Queria que meus pais pensassem o mesmo! — Bufou.

— Dê um tempo a eles... — aconselhei. — Ou algumas doses de tequila. Tudo se resolve com um dos dois! — brinquei e ela sorriu.

Helena era morena como a mãe. Tinha belos olhos castanhos e um sorriso que derretia qualquer coração.

— Meu tio preferido! — Encostou-se em meu peito.

— E o mais bonito também!

— Sem sombra de dúvidas! — Piscou.

Estávamos todos à mesa, quando o Sr. Galagher se levantou para o brinde.

— É um prazer e uma honra tê-los em minha casa. Espero que este dia seja o início de novos e prósperos tempos para as famílias Galagher, Persen e Hart, e que estejamos ainda mais unidos.

Depois do almoço, deixei a cozinha e saí para o jardim. Caminhei em direção ao lago e me abaixei para pegar uma pedrinha e jogar.

— Quando você nasceu, era tão pequeno e frágil que o pediatra me chamou para conversar e disse que suas chances eram pequenas...

Dei as costas ao lago e encontrei meu pai vindo em minha direção. Cabelo e barba grisalhos, o rosto um pouco mais envelhecido do que antes, mas mantinha a mesma elegância e desenvoltura, do Leão de Roterdã, que sempre teve.

Levantei-me.

— Naquele dia, encarei seu corpinho pequeno dentro da incubadora e prometi que jamais desistiria de você. Não houve um só momento em que tenha pensado em você de outra maneira, que não meu. — Sorriu e eu o abracei.

— Também nunca pensei em você de outra maneira, papai.

— Olho para você agora e quase não acredito. Depois de tudo que passamos, filho, é maravilhoso vê-lo tão bem.

Soltei uma lufada de ar. Não podia deixar de pensar na garotinha. Talvez ela não tivesse a mesma sorte que eu. Talvez perdesse alguns sonhos pelo caminho.

— Conheci uma garotinha surda... — comentei sem nem entender bem a razão.

Era mais um desabafo do que qualquer

coisa.

Meu pai sentou-se na grama e eu me sentei ao seu lado.

— Tem a ver com seu pé? — questionou.

— Ela tirou os aparelhos. Ia ser atropelada, pai. Se eu não a tivesse visto...

Meu pai sorriu.

— O lugar certo, na hora certa...

— Queria vê-la de novo — confessei. — Sei lá, só dizer um olá. Nem sei bem, pai. Sinto-me estúpido dizendo isso.

— Os piores arrependimentos vêm das coisas que desejávamos fazer e não fizemos por medo de parecer estúpidos.

Deitei a cabeça em seu ombro e ele a beijou.

— Pai? — chamei só para que me olhasse. — Você sempre tem os melhores conselhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Lola

Meu plantão terminou às sete da manhã de segunda-feira.

Deveria ter ido para casa e descansado um pouco, mas precisava resolver o problema dos aparelhos de Nina. Quanto mais tempo ela passava sem ouvir, menos queria falar e interagir com as pessoas.

Segui direto para a loja de equipamentos médicos que os vendia.

Assim que parei em frente ao balcão, o senhor de cabelos grisalhos que sempre me atendia se aproximou.

— Nina perdeu os aparelhos de novo... — disse no tom mais condescendente que podia.

Sorri em concordância.

— Ela vai se acostumar, doutora. Acredite, o tempo conserta a maioria das coisas. Nina está se

sentindo deslocada em um mundo ao qual acha que não pertence mais. Dê um pouco de espaço e tempo a ela. Já conseguiu a escola?

— Ainda não, Friederick.

— Eu soube que o instituto está oferecendo algumas bolsas de estudo. Você deveria tentar.

— Nina e eu somos estrangeiras... Consegui uma entrevista, mas duvido que a aceitem.

Soltou o ar dos pulmões de uma única vez.

— Tenha um pouco de paciência, Lola. Talvez até consiga voltar à escola regular. — Sorriu. — Aqui estão os aparelhos. Vou fazer a preço de custo novamente.

— Muito obrigada.

— Diga à pequena que mandei lembranças.

— Digo, sim! E, mais uma vez, obrigada. Não sei o que faria sem sua ajuda.

Peguei a sacola e segui para casa. Nina

estava sentada no mesmo lugar de sempre, encarando a janela.

— Tentei fazê-la comer, Lola, mas não consegui — Sra. Herta explicou. — Fiz mingau de aveia e até ofereci aqueles cereais em formato de estrela de que ela tanto gosta.

— Não se preocupe. — Toquei seu ombro com minha mão. — Vá descansar um pouco, eu cuido de tudo.

Tirei a roupa que havia usado no hospital e vesti um short jeans velho, desfiado, e uma camiseta branca. Voltei para a sala e me sentei atrás de Nina, penteando seus cabelos. Depois os prendi em uma trança.

"*Gosto de como seu cabelo fica bonito trançado",* falei com ela em língua de sinais. "*Você tem olhos lindos."*

Ela me encarou por alguns segundos, depois

baixou o rosto para o chão.

"*Mamãe, porque ele deixou de me amar?",* perguntou.

Senti meu coração apertar. Paco sempre esteve longe de ser o homem perfeito, e eu já tinha aprendido a perdoar suas infantilidades, mas saber que ele magoava Nina era como se atravessasse meu coração com uma espada afiada.

"Ele não deixou de amá-la, meu bebê. Seu pai tem os momentos dele, mas eu sempre estarei aqui. Sempre, filha. Nunca vou deixar você", expliquei e a puxei para os meus braços.

Ficamos abraçadas até que se afastou um pouco. Ela já não tinha mais tanta tristeza no olhar.

"*Eu vi o moço bonito da praia na revista da Sra. Herta."* Sorriu.

"*É mesmo?",* perguntei curiosa. Ainda me enrolava um pouco com os gestos, mas estava me

esforçando e Nina compreendia.

Levantou-se do sofá e pegou uma das revistas que a vizinha trazia para ler, quando ficava com Nina para mim.

Collin estava lá, em uma foto de corpo inteiro, saindo de uma boate da moda, ao lado de uma modelo russa famosa. Usava um jeans desgastado e uma camiseta cinza, com blazer preto. Os olhos esverdeados, cobertos por óculos de lentes amarelas. O mesmo coque desarrumado nos cabelos castanhos e o mesmo sorriso de canto que me deixava sem jeito. As mãos dentro dos bolsos.

A mulher estava pendurada em seu braço, como se não pudesse caminhar sem ele. A saia curta, de couro vermelho, e a regata branca, de decote profundo, deixavam visíveis boa parte de seus atributos. Ela sorria, mas ele tinha a cabeça baixa, como se quisesse fugir do lugar o mais

rápido possível.

"*Ela é namorada dele?",* minha filha perguntou com os olhinhos curiosos.

Por causa das dificuldades que enfrentamos depois do acidente, ainda não tinha sido alfabetizada completamente e por isso não sabia ler.

"*Não sei, meu amor, a revista diz que sim."* Dei de ombros.

"*Ela parece que chupou um limão azedo!*", criticou e acabei rindo alto.

"*Não diga isso, filha! Ela é muito bonita!"*

Mexeu em meus cabelos e os ajeitou com os dedos.

"Você é muito mais!"

Dei-lhe um abraço apertado. Nina podia ser arredia às vezes, mas eu sabia que só se magoava porque tinha um grande coração. Tudo a fazia

sofrer mais.

"*Agora venha, mocinha, vamos tomar café da manhã juntas",* chamei.

Arrumei a mesa e coloquei tudo que ela gostava de comer. Passei manteiga e mel em uma torrada; coloquei em sua frente, junto com um copo de leite.

"*Coma tudinho para irmos ao mercado. Na volta podemos passar naquela loja de cachorros de que você tanto gosta."*

Nina sorriu, mas o sorriso murchou assim que ela viu a caixa dos aparelhos novos sobre a bancada.

"*Não quero colocar!"* Gesticulou com o cenho franzido.

"Querida, eles são para ajudá-la!", expliquei. "*Como você vai ouvir o latido dos cachorrinhos sem ele?"*

"*Então não vamos à loja.*" Empurrou a torrada e o leite de volta para mim.

Passei o que restou da manhã tentando arrumar minha geladeira. Nunca fui boa com a cozinha, mesmo depois de todas as tentativas frustradas da minha mãe em me ensinar as tarefas do lar.

Para ser sincera, não era boa com nenhum trabalho doméstico, mas tinha aprendido a fazer o básico.

Depois que comemos macarrão à bolonhesa, Nina pegou o livro de colorir e os lápis de cor, sentando-se na mesinha que tínhamos na sacada. Eu aproveitei para dormir um pouco.

Estava no quinto sono, quando a campainha me acordou. Eu não costumava receber muitas visitas, porque mal tinha tempo para ter amigos, então fiquei curiosa.

— Olá... — respondi ao interfone.

— Oi, é o Collin... — uma voz grave disse do outro lado da linha. — Não quero incomodar... Estava passando por aqui, a caminho do restaurante, e como tenho um tempo... pensei em aceitar aquele café.

Engoli em seco, uma agitação boba tomando conta de mim.

— Lola? — chamou quando não respondi. — Se estiver ocupada, tudo bem. Só estava de passagem mesmo.

— Não! Imagina! É claro que você pode subir — minha voz soou em um timbre mais alto do que deveria. — Vou destravar.

Deixei o interfone sentindo o coração acelerado, meus olhos fazendo uma varredura do lugar.

O varal estava cheio de roupas, e a pia, de

louças; a geladeira, praticamente vazia, e a mesa, ainda posta.

Eu precisava tomar uma decisão para os segundos que tinha, até que ele batesse à porta; ou melhorava minha roupa, ou melhorava minha casa. De qualquer maneira, a impressão não seria das melhores.

Recolhi os pratos e talheres, tirei a toalha do almoço. Enfiei tudo na pia e rezei para que ele não olhasse do outro lado do balcão. Juntei os brinquedos e coloquei as almofadas no sofá. Prendi os cabelos em um coque alto, usando uma caneta, e escovei os dentes. Quando ia trocar a camiseta, a campainha tocou.

— Olá! — Collin sorriu de canto, tirando os óculos escuros e colocando no bolso da camisa xadrez.

— Olá! — respondi tentando segurar a

vontade de sorrir também.

— Desculpe vir de surpresa, mas eu não tinha seu telefone e queria muito saber como Nina está.

Soltei todo o ar dos pulmões de uma única vez.

— Dia difícil? — perguntou.

Havia algo em seu olhar que me fazia querer dividir com ele um pouco de tudo que passava em minha cabeça, mas eu nem sabia por onde começar.

— Entre! Nina está desenhando na varanda — expliquei.

— Ela não quis colocar os aparelhos — constatou quando Nina não percebeu sua presença.

— Eu comprei novos, mas ela se recusa a colocar. — Baixei os olhos para o chão. — Juro que tento ser compreensiva, Collin, mas não sei

mais o que fazer. A escola regular não quer que ela frequente as aulas se estiver sem os aparelhos. — Respirei fundo. — Se continuar assim, vai perder o ano.

Os olhos dele estavam em minha filha. Um olhar amoroso e especulativo, como se quisesse entendê-la melhor. Nina mexia os lábios como se cantasse, mas nenhum som saía de sua boca.

— Ela sempre gostou de cantar... — expliquei triste. — Agora não canta mais... Não consigo entender! Se usasse os aparelhos, ela poderia ouvir as músicas de que gostava e cantar como antes...

Collin soltou um sorriso discreto, quase imperceptível.

— Ela canta, Lola. O som está lá, na cabeça dela. Todos os sons estão lá, como ela se lembra deles, mas, quando coloca o aparelho, tudo parece

mecânico e diferente. Nina prefere o mundo ao qual estava acostumada.

Ele falava com tanto conhecimento que não havia maneira de contestar. Cada momento que eu passava com Collin me deixava mais interessada em sua história.

Caminhou até minha filha e puxou uma das cadeiras. Sentou-se ao lado dela em silêncio. Como se ouvisse a melodia que ela não cantava.

Deixei-os lá e segui para trás da bancada, para preparar o café.

Peguei o pote com o pó e só me lembrei que a cafeteira estava no conserto quando vi o espaço vazio no armário. Eu costumava tomar café solúvel, mas não iria oferecer isso ao melhor chef de cozinha da Holanda.

Procurei no fundo das gavetas, até encontrar um velho coador de pano que Paco usava e o bule.

Montei tudo no espaço vazio, na pia, e coloquei água para ferver.

Eu nunca havia feito café daquele jeito, mas não era uma tarefa tão difícil assim.

Quando a água começou a ferver, segurei a chaleira e despejei o líquido no coador, embora meus olhos estivessem na varanda. Nina ria de algo que Collin havia falado, mas, de onde eu estava, não conseguia compreender.

Não sei se pelo excesso de água ou se pela minha falta de jeito, mas o coador virou, cheio de pó e água fervente, direto no meu pé. Soltei a chaleira de uma vez e ela caiu no chão. Por sorte, estava vazia, mas o barulho trouxe Collin até mim. Nina veio com ele.

Tentei fingir que não era nada de mais, mas o homem entendia mais de cozinha do que eu.

— Venha. — Passou o braço em volta de

mim e me conduziu até a cadeira. — Você se machucou?

Meu pé ardia.

— Derramei um pouco de água quente no pé, mas não é nada de mais.

— Espere. — Seguiu pela cozinha, até a área de serviço. — Com licença, vou abrir sua geladeira.

Voltou com um balde cheio de água com gelo.

— Coloque o pé — pediu.

— Não precisa. Já vai melhorar.

— Confie em mim, é melhor colocar... — insistiu. — Acho que entendo um pouco de queimaduras de cozinha. — Piscou.

A água gelada aliviava a dor no ferimento e certamente iria evitar uma bolha também, mas o acidente era constrangedor demais para que eu

ficasse melhor.

Minha filha sentou-se ao meu lado. Não disse nada, apenas segurou minha mão.

— Desculpe pelo café! — Tapei o rosto com a mão livre. — Aliás, desculpe por tudo. Nós não recebemos muitas visitas, então...

— Não se preocupe. — Sorriu. — Posso fazer o café, o que acha?

— Acho que, se minha mãe estivesse aqui, estaria morta de vergonha de mim! — brinquei.

— Então não vamos contar isso a ela! — Piscou. — Você sabe onde fica o suporte? — perguntou e, pela minha cara, deduziu que eu não sabia o que era. — Pode deixar, eu procuro.

Abaixou-se perto do armário e, quando se levantou, trazia uma armação estranha de metal, que eu nunca tinha usado, nas mãos.

Montou o coador sobre ela e o bule debaixo.

— Assim fica mais seguro.

Acabei rindo e ele também.

Fiquei observando-o na cozinha e toda a desenvoltura que tinha. Quando olhei para Nina, não sabia qual de nós babava mais. O homem era um conquistador nato.

— Aqui está, doutora. Espero que goste. E, para você, senhorita... — Enfiou a mão no bolso e tirou um bombom. — Temos algo melhor que café!

Ela sorriu satisfeita e sentou-se na poltrona para comer. Collin deixou a xícara na bancada e ficou em pé, encostado na pia.

— O café está ótimo, obrigada.

Levou a xícara à boca, encarando-me com aquele olhar de quem não sabia de onde eu havia saído, e eu tentando parecer o menos afetada possível.

Quando terminou, caminhou para perto de

mim, abaixando-se até minha altura.

— Acho que não preciso aconselhá-la a procurar um hospital... — brincou.

— Não, não precisa. — Sorri.

— Lola... — Fez uma pausa e encarou meus olhos por um segundo. — Se estiver livre, eu gostaria de almoçar com você um dia desses e falar sobre Nina com mais calma. Sei que você mal me conhece, e vou entender se não quiser, mas...

— Tudo bem... — concordei rápido demais e logo desviei os olhos.

Collin me fazia sentir boba e insegura, mas não de um jeito ruim.

Tirou um cartão do bolso e entregou em minhas mãos.

— Ligue quando quiser. — Sorriu de canto e seguiu até a porta. — Obrigado pelo café! — brincou antes de sair.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 4

Collin

Saí do prédio, no Centro, com uma paz diferente dentro de mim.

Era uma sensação quente, como quando mamãe preparava leite morno para que eu bebesse na cama, no inverno rigoroso de Roterdã.

Nascer com um sobrenome como o meu proporcionou grandes momentos, os melhores lugares e as mais incríveis experiências.

Segui a carreira que desejei, sem nenhuma culpa ou impedimento, encontrei meu lugar no mundo e minha estabilidade, mas aquela paz simples e quase ingênua eu tinha deixado lá na infância, quando ainda acreditava que tudo ficaria bem com apenas um beijo de boa-noite.

Naquele pequeno espaço de tempo em que estive com elas, tudo tinha vindo à tona novamente. Um pouco do garoto sorridente que acreditava

realmente em finais felizes.

Black Bart esperava por mim no banco de trás do carro, com sua grande cabeça redonda e peluda para o lado de fora.

Desde que o adotei, ele odiava ficar em casa sozinho, então eu o levava comigo sempre que era possível. Deixava a janela aberta, para ventilar, e o cão se acomodava no banco, esperando tranquilo.

— Viu só, garotão, eu disse que eram alguns minutinhos apenas. — Cocei suas orelhas e ele retribuiu com um latido estrondoso, que doeu no fundo do meu implante. — Ei, companheiro, calma aí! Desse jeito perco o pouco que me restou! — brinquei.

Abri a porta do motorista e me sentei atrás do volante.

Fazia mais de vinte anos que eu usava o implante coclear, mas alguns sons ainda eram

estranhos ou ocos. No começo, sentia muito incômodo e passei longos meses ouvindo apenas sons desconexos e irritantes. Levei anos para reconhecer verdadeiramente a voz do meu pai. Os graves foram os mais difíceis para mim.

Lembro que estava sentado à beira do lago que circundava nossa casa, brincando com um carrinho de controle remoto, quando ouvi sua voz chamando meu nome. Sorri como se tivesse encontrado ouro. Era a voz que tinha ninado meus sonhos desde que nasci.

Eu entendia muito bem por que Nina não queria colocar os arcos. O som não era o mesmo. A emoção não era a mesma. Sentimos tanto medo de nunca mais ser capazes de reconhecer um som importante, um barulho qualquer ou melodia que amamos. Lembro-me de ficar várias semanas sem dizer uma única palavra porque não reconhecia minha própria voz.

Respirei fundo, mãos grudadas no volante.

Pelo retrovisor, encarei o adesivo de deficiente auditivo no vidro traseiro do meu carro. Não era nada de mais e eu compreendia a necessidade de usá-lo, mas era uma das pequenas marcas que a vida havia deixado em mim. Uma daquelas cicatrizes que ficam ali, não permitindo que as dores se curem completamente.

— O que acha de um mergulho, companheiro? — perguntei enquanto passávamos pela avenida da praia.

Segui com o carro até perto do dique. Em dias de semana, fora do horário em que os barcos de pesca partiam, o lugar estava sempre vazio.

Desci e abri a porta de trás. Tirei o chinelo e o curativo do pé. Já não sentia tanta dor e o inchaço também havia diminuído consideravelmente.

Caminhamos pela beira da água. Black Bart

corria em volta de mim, espirrando água para todo lado e perseguindo as pobres gaivotas que tentavam se alimentar. Era meu cantinho de paraíso, no meio da agitação da vida moderna.

Sentei-me na areia e deixei que o cachorro seguisse com suas brincadeiras. O som do mar me acalmava. Era um ir e vir contínuo, como a respiração de alguém que nunca vai deixar de existir.

Senti o telefone vibrar e o peguei no bolso. Encarei o nome que piscava na tela. Não queria atender, mas sabia bem que era uma guerra perdida.

— Oi, Irina... — cumprimentei sem vontade.

— Nossa, amor, desse jeito vou acreditar que você não sentiu nem um pouquinho minha falta.

— Estou atolado de trabalho, não tenho

sentido falta de nada além de minha cama — menti.

— Também sinto falta da sua cama! — Riu contra o telefone e eu permaneci em silêncio.

Era uma boa transa, mas eu não tinha intenção alguma de levar nossos encontros a um patamar acima, e também não podia dar esperanças a ela.

— Tenho uma campanha em Bruxelas, pensei em esticar um pouco e ficar com você. Sabe que é aniversário do Hermitage e que vai haver uma festa incrível, não sabe?

— E você sabe que não gosto desse tipo de festas.

A russa bufou.

— Impressão minha ou estou sendo dispensada?

— Irina, nosso lance é legal e tudo, mas eu não estou aberto a relacionamentos. Fui muito claro

quando lhe disse isso; antes de tê-la em minha cama, inclusive.

— Ok, Sr. Rabugento não vou mais tentar convencê-lo do contrário, mas poderíamos ao menos nos ver.

— Com certeza nos veremos... O mundo não é grande assim — brinquei.

Esse era o efeito colateral de uma noite de diversão sem compromisso. No fim das contas, um dos dois sempre esperava que as coisas mudassem pela manhã, e elas não mudavam. Por isso eu vinha evitando encontros furtivos nas últimas semanas. Queria um pouco de sossego.

Voltei para casa com um cachorro molhado e sujo de areia, mas incrivelmente feliz.

Quando terminei de secá-lo, já era hora de ir para o restaurante.

Tomei um banho e me vesti.

Lídia esperava por mim no lugar habitual. Não tínhamos nos falado desde o sábado à noite.

— Boa noite! — Sorriu. — Ravi acabou de ligar avisando que o bebê chega daqui a pouco. Suna acabou de se internar no hospital. Parece que farão uma cesárea de emergência. Não entendi bem por que o homem estava desesperado.

— Espero que dê tudo certo. — Abri a porta e esperei que minha funcionária entrasse. — Pegue o telefone daquele ajudante que entrevistei. Ravi precisa ficar um tempo ao lado da esposa. Não quero que se preocupe com o trabalho.

— Claro! Agora mesmo.

O serviço seguiu como esperado para uma segunda-feira e o ajudante que eu havia contratado temporariamente era promissor.

Faltava pouco menos de uma hora para fecharmos o restaurante, quando Aurora chegou.

— Será que o chef Galagher consegue servir mais um prato esta noite? Acabei de sair de uma aula chatíssima!

— O que acha, Lídia? Vamos alimentá-la? — brinquei.

— Acho que podemos conseguir algo, chef.

Aurora pendurou-se em meu pescoço, depois cumprimentou Lídia e o funcionário novo.

— O bebê chegou? — perguntou sentindo falta de Ravi.

— Espero que sim! A esposa se internou hoje para uma cesárea.

— Amanhã estarei no hospital. Passo notícias a você.

— Ótimo.

Depois de deixar a cozinha pronta, Aurora e eu saímos em direção ao carro, que havia ficado duas ruas à frente, graças ao conserto de um

hidrante. O vento frio bateu em cheio e minha irmã abraçou o próprio corpo.

— Tome. — Tirei minha jaqueta de couro e coloquei sobre seus ombros.

Abraçou-me e seguimos assim até o carro.

Minhas irmãs eram os amores da minha vida, cada uma a sua maneira.

— Então, vai me contar por que estava tão aéreo no almoço de domingo?

— Impressão sua! — Sorri, mas sabia que não adiantaria.

— Como ela é? — insistiu quando dei a partida.

— Morena... Com lindos olhos castanhos... Cabelos ondulados até a cintura e um sorriso que faz o mundo parecer um lugar melhor...

— Puxa! — Foi a vez dela de sorrir. — Isso é o que eu chamo de descrição!

— Esqueci de mencionar que ela tem seis anos, quase sete.

Encarou-me com o cenho franzido.

— É uma garotinha. Eu a conheci na praia.

— Desde quando você interage com crianças na praia? — criticou.

— Desde que salvei uma de um acidente.

Aurora balançou a cabeça negativamente, ainda sorrindo.

— Ela é surda, Aurie. Tinha tirado os arcos e quase foi atropelada.

— Lembro que ouvi uma história parecida... — Encarou-me com seus grandes olhos amendoados.

Soltei uma lufada de ar.

— Acho que entendo agora. — Sorriu de canto.

Parei o carro no meio-fio e caminhamos até

a casa, o vento frio do mar movendo os sinos que tínhamos pendurado na varanda.

Aurora foi tomar banho. Eu me troquei e fiquei na sala, vendo um pouco de TV, até que o sono chegasse. Quando voltou para a sala, minha irmã pegou duas cervejas e sentou-se ao meu lado.

— Sei que você não se importa muito com destino e essas coisas, mas acredito e tenho que confessar que fiquei arrepiada com o que me contou, Collin. Sei lá, parece uma daquelas histórias que leio nos romances.

Beijei sua testa e bati com minha garrafa na sua.

— Não acho que tenha muito de mocinho aqui, mas... — Dei de ombros.

— Tem muito mais do que você imagina, irmãozinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Lola

Esperei Nina dormir e pedi a Sra. Herta que ficasse em casa, enquanto eu ia ao mercado 24 horas. Não tínhamos quase nada na geladeira e sair com ela sem os aparelhos ainda me amedrontava um pouco.

Chamei um táxi, já que as sacolas estavam pesadas, e, por brincadeira do destino, o motorista passou na frente do Holandês Voador bem no momento em que Collin saía, ao lado de uma garota jovem e bonita. O chef tirou a jaqueta e jogou nos ombros dela, que o abraçou carinhosamente.

Baixei a cabeça para que ele não me visse. Minha atitude era boba e despropositada, mas senti o coração apertar um pouquinho. O sentimento que havia entre eles era nítido, mesmo àquela distância.

Era um homem gentil, tão elegante e

divertido. É claro que tinha alguém.

Ei, garota, isso é uma coisa boa! Um cara legal como ele merece uma garota legal, que o ame também. Soltei uma lufada de ar.

— Tudo bem, senhora? — o motorista perguntou.

— Sim, tudo certo. — Sorri.

Cheguei a minha casa e guardei as compras na cozinha. Coloquei meu pijama e liguei a TV. Estava sem sono e preocupada com Nina, quando o telefone tocou. Era o número de Vrij, um colega do hospital.

— Oi, Vrij! Tudo bem? — cumprimentei.

— Sim, tudo bem. E você, progressos com Nina?

— Passos curtos por enquanto — expliquei.

— Lola, sei que está de folga, mas acha que pode passar pelo hospital amanhã? Tivemos um

parto difícil hoje e o bebê tem apresentado algumas dificuldades respiratórias... Se você puder, é claro. Como sabe, esta não é minha área. Só peguei os plantões de Sabrina por causa do casamento.

Vrij era intensivista da UTI adulto, mas, com a chefe da pediatria fora e o quadro de médicos defasado, acabou aceitando alguns plantões extras.

— Sim! Claro que posso. Não se preocupe, passo logo pela manhã.

Minha residência em pediatria terminaria em alguns meses e eu já havia começado a estudar neonatologia.

Desde que Nina nasceu e precisou de tratamento intensivo, eu decidi que essa seria minha especialidade e não faltava muito para conseguir.

Abri uma caixa de bombons e comecei a ver

um romance bobo na televisão. Quando o sono chegou, fiquei com preguiça de ir para o quarto e me ajeitei no sofá mesmo.

Fechei os olhos enquanto uma música romântica embalava os pensamentos da mocinha do filme. Meus pensamentos foram direto para ele. O anjo que havia salvado Nina e feito meu coração disparar mais vezes do que eu podia contar.

Acordei com o despertador do celular tocando. Tomei um banho rápido e prendi os cabelos em um rabo de cavalo alto. Vesti um jeans ajustado e uma blusa de alças finas, amarela. Gostava de usar roupas de cores fortes, fazia-me lembrar a Colômbia.

Calcei minhas sandálias de salto e chamei a Sra. Herta. Com sorte, sairia e voltaria antes de Nina acordar.

Cheguei ao hospital e fui direto para a UTI

Neonatal.

— Olá, doutora, como está? — a enfermeira me cumprimentou. — O Dr. Vrij estava preocupado ontem.

— Sim! Ele me disse. Onde está o bebê?

— Venha — chamou. — Que bom que a senhora pôde vir.

O bebê era um menino, gorducho e carequinha. Parecia um pouco cansado. Abri a maleta e comecei a examiná-lo.

— Sabe dizer se a mãe teve diabetes gestacional, Anna? — questionei.

Conferiu o prontuário da criança com cuidado.

— Não há nada anotado, doutora.

— Alguém fez exame de glicose nele? Parece hipoativo.

— Não fizemos. Como não havia

indicativo... — Pensou por um instante. — Mas faz sentido, doutora. O cansaço, a sonolência... Faz sentido, sim.

— Se não for isso, vamos ter que examinar mais a fundo.

— Vamos rezar para que seja, então!

— Vou fazer os pedidos de exames e você me manda os resultados por mensagem, tudo bem? — pedi. — Não posso demorar hoje, Anna. Nina tem uma entrevista em um colégio para surdos.

— É claro, não se preocupe.

Deixei tudo assinado e segui para a antessala, para tirar a roupa cirúrgica que usava por cima.

— Doutora, acha que pode dar uma palavrinha com o pai do bebê? — a enfermeira pediu. — Ele está naquele corredor desde que o filho nasceu, coitado. Deve estar preocupado.

— Claro, não se preocupe. — Sorri.

Abri a porta para sair e dei de frente com uma moça. Usava jaleco branco, com a logo da faculdade bordada, então julguei que era estudante. Foi só quando ela olhou para mim que a reconheci. Era a garota que estava abraçada a Collin, ontem, na saída do restaurante.

— Perdão, doutora. Eu só queria ter alguma notícia sobre um bebê que nasceu ontem... — explicou gentil.

— Eu estava com ele agora.

— Ah, que ótimo! — Sorriu, virando-se para o corredor. — Collin, encontrei a plantonista.

Engoli em seco, enquanto ele caminhava até nós. Andava quase sem mancar, mãos nos bolsos e aquele sorriso encantador nascendo em sua boca bonita.

— Como vai, doutora? — cumprimentou.

— Bem, obrigada! — Sorri nervosa.

Queria agir naturalmente, mas, sempre que tentava, acabava fazendo algo errado. Era um desastre em fingir qualquer emoção que fosse, provavelmente culpa do meu sangue latino.

A garota corria os olhos de mim para o namorado e eu só queria que o chão se abrisse, podia sentir as bochechas quentes de vergonha.

Outro homem se aproximou. Não parecia europeu.

— Doutora, este é Ravi. O pai do bebê — explicou. — O médico que participou do parto não explicou muita coisa e os pais estão aflitos.

Respirei fundo, recobrando a calma.

— Sr. Ravi, sua esposa teve diabetes gestacional? — perguntei.

— Teve algumas alterações, mas nada sério — respondeu preocupado. — O bebê está bem,

doutora? Eu posso vê-lo?

— Ele vai ficar, não se preocupe. E as visitas estão liberadas para o senhor e sua esposa. — Sorri cortês. — Pedi alguns exames complementares para tentar entender melhor o caso, já que não estava aqui no momento do parto. Terei as respostas até o final da tarde e podemos conversar melhor amanhã, neste mesmo horário.

— Obrigado!

— Vá lá ver seu filho! — Pisquei.

— Bem, se resolvemos o assunto, vou atrás da minha turma. — A garota bonita prendeu os cabelos em um rabo de cavalo. — Nós nos vemos à noite? — perguntou ao namorado, um sorriso íntimo no olhar.

Collin aquiesceu e ganhou um beijo carinhoso na bochecha.

Ela seguiu a passos largos pelo corredor e

ficamos os dois ali, completamente sem jeito.

— Mundo pequeno! — Sorriu.

— Bem, eu preciso ir. Tenha um bom dia.

Virei-me para seguir em frente, mas ele me deteve.

— O que acha de trocarmos o almoço por um café? — propôs.

— Desculpe, não posso demorar. Nina tem uma entrevista em um instituto para surdos. Não foi nada fácil conseguir e ela ainda decidiu que não vai, então, se me permite, já tenho problemas suficientes em minha vida no momento. Quem sabe uma outra hora.

Ele sorriu e coçou a barba.

— Posso tentar convencê-la, se você deixar.

— Não se preocupe, vou dar um jeito. Você certamente tem suas coisas para fazer e não quero atrasá-lo...

Encarava-me com aqueles olhos verdes escuros e intensos.

— Suborno ela, se for o caso. Uma caixa de lápis de cor novos e ela vai fazer o que eu quiser! — brinquei.

Queria quebrar o clima tenso que havia se formado entre nós. Não tinha por que terminar nossa curta relação de uma maneira ruim.

— Suborno parece ótimo! — Sorriu. — Mas eu ainda acho a boa e velha verdade ou consequência um caminho mais seguro.

Acabei rindo com ele.

— Vamos lá, Lola Dolores, médica pediatra, eu estou livre esta manhã. Posso dar uma carona, pelo menos. Espero no carro, se você não quiser minha ajuda para falar com ela.

Não há nada de mais em aceitar uma carona, há? Mesmo que o homem seja

comprometido, ele se ofereceu para me dar uma ajuda com minha filha, e só!

Soltei uma lufada de ar.

A verdade é que eu queria passar mais tempo com ele. Podia ser o maior erro da minha vida, mas era tão bom e eu estava tão cansada de sempre fazer a coisa certa. Pelo menos uma vez, queria só atender a um desejo.

Avistei o 4x4 e Collin destravou as portas.

Seguimos direto para minha casa.

— Como está o pé? — perguntou.

— Melhor, graças a você.

— As pessoas se queimam muito em uma cozinha — explicou. — Com o tempo, aprendemos a resolver o problema sem grandes prejuízos.

Estacionou junto ao meio-fio.

— Quer que eu espere aqui? — Baixou um pouco os óculos escuros.

— Pode subir se quiser.

Assim que abri a porta, Nina nos viu. Desceu da cadeira e correu até Collin. Ele se abaixou e lhe deu um abraço apertado.

"*Ei, pequena, como você está?",* perguntou em língua de sinais. "*Soube que hoje é um dia importante."*

Ela desviou os olhos dos dele por um segundo.

"Acho que você deveria ao menos tentar."

"E se eu não gostar de lá?", retrucou.

"Aí poderemos sair e você não precisa voltar. É você quem vai ditar o rumo do passeio, prometo." Fez um xis com os dedos e os beijou.

Fiquei encarando o diálogo dos dois sem entender como minha filha tinha se afeiçoado tão rápido a alguém.

"*Prometo a você, querida. Não precisa*

ficar se não gostar”, confirmei.

“*E, veja, você nem precisa colocar os arcos se não quiser”*, Collin continuou. *“O que acha? Podemos tomar sorvete na volta.”*

Nina sorriu e correu para o quarto, para se arrumar.

— Achei que não gostava de subornos! — Ergui uma sobrancelha para ele.

— Sorvete não é suborno, é compensação! — Piscou.

— Sei!

Capítulo 5



Collin

Eu não pretendia esconder de Lola minha condição por muito tempo, mas, naquele momento, era necessário. Era o que fazia Nina confiar em mim. Ela achava que pertencíamos a um grupo secreto do qual ninguém mais fazia parte.

Paramos o carro em frente ao instituto. Meu pai havia cogitado a possibilidade de me colocar para estudar lá, mas, graças à Sra. Galagher, eu tive mais sorte. Não que a escola fosse ruim, mas ela teria limitado minha convivência, e isso é o que menos precisamos. Já temos nossas próprias limitações, não precisamos de mais segregação. Lola ia perceber isso, eu tinha certeza.

Passamos pela porta e Nina agarrou minha mão, como se dependesse dela para sobreviver.

"*Não precisa ter medo, ok? Estou aqui com você."* Entrelacei meus dedos com os dela.

A diretora nos levou até sua sala. Nós nos sentamos e ela começou a explicar como funcionavam as aulas e tudo que Nina teria de atividades complementares, terapias, se estudasse ali.

Lola parecia interessada e empolgada, mas os olhinhos de Nina estavam na janela, onde as crianças faziam o lanche.

— Senhora, tudo bem se Nina e eu dermos uma volta pelo jardim? — perguntei. — Acho que esta garotinha aqui quer conhecer o espaço um pouco melhor.

— É claro, vá com ela — concordou.

Passamos pela porta e nos sentamos em um dos bancos; de longe, a menina ainda observava.

Todos estavam sentados à mesa. Ninguém conversava ou ria, apenas comiam. Não havia som algum, mesmo para mim, que estava com o

processador ligado.

"*Você gostou desta escola?",* perguntei em língua de sinais.

Negou com a cabeça.

"*Sabe que, se usar seu aparelho, pode voltar à escola antiga, não sabe?"*

Nina aquiesceu.

"*E por que você não os coloca?"*

Respirou fundo.

"*As crianças riem de mim porque eu não consigo escutar direito mesmo com os aparelhos",* confessou.

Respirei fundo. Entendia bem como as coisas funcionavam.

"*É difícil no começo, eu disse! Mas você precisa insistir, para melhorar."*

Estendi a mão para que ela a segurasse.

"*Eu gostava muito de brincar na chuva,*

quando ouvia”, lembrei. “*Depois da surdez, não tinha mais graça nenhuma. Demorei mais de um ano para conseguir ouvir um pouco do barulho novamente e, mesmo assim, nunca mais foi como antes, mas, sabe de uma coisa, eu descobri que, quando Martina fritava batatas, o som era parecido e ainda enchia minha barriga depois!”*

Nina riu e o som do seu riso fez meu coração se aquecer.

“*Não vou mentir para você e dizer que tudo será como antes, mas você vai descobrir outras coisas legais.”* Acariciei seu rostinho, depois da última palavra.

“Gosto de falar com você, sabia?” Tocou meu rosto com a mãozinha, como eu havia feito. *“Eu nunca tinha conversado com alguém como eu.”*

“Sei que às vezes é assustador falar com os ouvintes.” Sorri. “*Mas, acredite, eles também ficam*

amedrontados. Não sabem bem como agir."

"Mamãe às vezes confunde tudo. É por isso que ela quer que eu use os aparelhos. Ela não entende bem a língua de sinais." Sorriu de volta.

"Acho que ela sente falta de ouvir sua voz, isso sim! Você tem uma voz muito bonita... O que acha de fazermos um trato?"

"Qual?", perguntou curiosa.

"Se você usar os arcos todos os dias, podemos levar Black Bart à praia no fim de semana! Ele adora nadar, sabia?"

"Jura?", os olhinhos brilhando para mim.

"Juro! Mas você precisa se esforçar para falar com a voz, em vez de usar as mãos. E só pode tirar os arcos para o banho! Combinado?"

Soltou uma lufada de ar.

"Você não mentiria para mim, não é? Somos amigos e amigos não mentem."

Aquiesceu.

“*Então temos um trato e podemos começar agora mesmo! Veja, eu trouxe seus arcos!”* Abri a mão para que ela os visse.

Estava terminando de colocar os aparelhos em seus ouvidos, quando Lola veio até nós. Parou por um instante, sem entender muito o que acontecia.

— Fizemos um trato! — Dei de ombros. — Resolvi usar a sua técnica.

— Espero que não tenha prometido um unicórnio. Porque é o que ela vem pedindo de presente ultimamente.

Entramos no carro e seguimos até a praia.

— Sig faz o melhor sorvete de Zandvoort, você precisa experimentar, Nina.

Descemos e eu fui até o balcão, enquanto Lola e Nina sentavam-se nas cadeiras da areia.

— Três sorvetes de pistache, Sig!

A mulher sorriu.

— É pra já!

Depois do sorvete, Nina pediu para brincar em um grande pula-pula de castelo que haviam montado para o festival de surf do fim de semana.

Lola e eu ficamos observando de longe.

— O que achou da escola? — perguntei. — Seja sincera!

Sorriu para mim, ajeitando os fios soltos de cabelo atrás da orelha.

— Sinceramente? — Ergueu uma sobrancelha. — Não vai funcionar!

— Lola... — Tentei segurar suas mãos, mas ela as afastou.

Nem sei por que queria tocá-la, mas a negativa me incomodou.

— Você não é holandesa... — constatei mais para puxar assunto do que porque me importava

realmente.

— Não, não sou. Nasci em Bogotá. — Sorriu. — Você nem deve saber onde fica.

— Muito pelo contrário, doutora, eu conheço muito bem a cidade. Trabalhei alguns meses no *El Gato*.

— Jura?

— Sim!

— Meu Deus, o mundo é mesmo pequeno. Meu primeiro emprego foi lá! Era garçonete.

A luz do sol em seu rosto deixava a íris dos olhos ainda mais amendoada. A pele tinha, naturalmente, o tom de bronzeado perfeito. Os dentes brancos e perfeitamente alinhados. A curva suave do pescoço, a maneira como mexia as mãos, timidamente. Cada momento que eu passava com ela me fazia querer outro. Era um caminho perigoso.

— O pai de Nina... — não resisti.

Lola respirou fundo, olhos mirando o mar.

— Para ser sincera, não sei dele... — Sorriu sem muito humor.

Fiquei calado, observando o ir e vir de ondas também. Não sabia o que dizer, mas queria muito abraçá-la. Havia algo naquela colombiana baixinha, dos olhos castanhos, que me fazia querer protegê-la.

Nunca fui muito de consolar as pessoas, porque, em geral, era sempre o consolado. O coitado, o garoto que não podia ouvir. Estava do outro lado pela primeira vez.

A sirene do brinquedo interrompeu nosso momento, e Nina logo veio até nós.

— Aaaah, mamãe... Quero brincar mais um pouquinho!

— Já está tarde, Marina... Precisamos ir! Collin

tem trabalho daqui a pouco e eu preciso repassar um monte de documentos da residência.

A menina cruzou os braços e bufou, mas um bocejo insistente acabou denunciando seu cansaço.

— Bem, obrigada por tudo, Collin. Vou chamar um táxi, assim você pode se preparar para o trabalho com calma.

— Tenho tempo, não se preocupe. — Ajeitei os óculos escuros no rosto. — É a parte boa de ter o seu próprio negócio! — brinquei e Lola sorriu.

Poucas vezes em minha vida fiquei realmente interessado em alguém. Nunca tive problemas em arranjar companhia, mas com ela não era isso. Eu não estava interessado em uma noite de amor tórrido, regado a bebida e tesão. Eu queria abraçá-la no sofá e dividir um balde pipocas ou coisa do tipo.

Abri a porta para Nina e ajudei a prender o

cinto de segurança. Assim que a fechei, Lola parou ao meu lado. Sorriu sem jeito, ajeitando a alça fina da blusa amarela que usava.

— Collin, eu agradeço muito a atenção que tem dado a Nina, mas não quero abusar. Você tem sua vida e coisas... — Enrolava mexendo no cabelo, como se não soubesse bem o que dizer.

Toquei seu ombro com minha mão. Um ombro pequeno e delicado. Cabia perfeitamente em minha palma. A pele quente e suave, o mesmo perfume feminino e marcante que eu havia sentido no outro dia.

Esperei que me desse seu olhar.

— Acredite... Tenho tido tempos muito bons com ela...

Queria ter dito que tinha vivido bons momentos com ela também, mas demorei demais e Lola livrou-se do meu toque com um sorriso gentil.

Não sei se teria dito, caso tivesse tempo, mas as palavras ficaram ali, presas em minha boca, esperando pela hora certa, que nunca chegou.

Liguei o carro e seguimos até o apartamento. Lola desceu logo que encostei.

— Se quiser um café, consegui uma cafeteira emprestada, prometo que não vou mais tentar me matar na cozinha! — um riso brincalhão tomando conta de suas feições.

— Um café seria ótimo. — Tirei os óculos escuros e guardei no bolso da camisa jeans que usava.

Entramos no apartamento e Nina se jogou no sofá, exausta.

— Nem pensar, mocinha! Vá já para o banho, que a Sra. Herta vai cuidar de você, enquanto vou ao hospital pegar uma assinatura. Preciso entregar esses documentos na faculdade amanhã. Vamos,

ande!

Bateu palmas e levou a menina pelo corredor. Voltou pouco tempo depois.

— Desculpe! Entramos na fase de não tomar banho por aqui! — Deu de ombros, fazendo-me rir.

— Se quiser, posso lhe dar uma carona até o hospital — sugeri.

— Não quero dar mais trabalho...

— Trabalho nenhum, Lola... Já disse.

Sorriu, então eu imaginei que era um modo de concordar.

Debrucei no balcão que separava a pequena cozinha e esperei que ela fizesse o café, agora segura pela cafeteira elétrica arcaica que havia conseguido.

— Eu nunca vou ficar tranquila em lhe dar algo de comer! — Ajeitou os cabelos com as mãos. — Você sempre será melhor na cozinha do que eu.

— Talvez não... Você nunca comeu minha comida! — Sorri de canto. — Aliás, estão convidadas, você e Nina, para irem ao Holandês Voador. Será um prazer servi-las.

— Iremos um dia. Obrigada pelo convite.

Aquela garota era um enigma completo para mim. Eu tentava estudar seus gestos e ações, mas nunca conseguia entender o que ela queria dizer. Sempre me orgulhei do quanto sabia ler as pessoas, mas, no momento em que mais precisava, minha habilidade parecia falhar.

— Paco...— disse de repente. — O pai de Nina... foi embora alguns dias antes de termos alta do hospital, depois do acidente. — Parecia desconfortável em se lembrar. — Algumas pessoas não encaram a surdez como você. — Sorriu sem humor.

Mal sabia ela...

— Não é tão simples como parece... — foi tudo que consegui dizer, não era hora de contar a ela. Não enquanto Lola pensava em outro homem. Não daquele jeito.

— Não espero que ele entenda... Nem que volte...

Por um segundo, seus olhos encontraram os meus com tanta intensidade que desejei puxá-la para mim e deixar acontecer o que eu queria.

Havia percebido certo interesse dela por mim. Olhares tímidos e rosto corado, mas, quando eu lhe dava abertura, ela se fechava na concha como um caracol. Era a primeira vez que não agia assim, desde nosso encontro na praia.

Respirei fundo e virei o que ainda havia de café em minha boca, ou acabaria fazendo uma besteira.

— Espero que não seja porque o café está horrível!

Pegou a xícara vazia e, antes que a levasse, toquei sua mão com a minha.

— O café estava ótimo, obrigado.

Queria tocá-la. O tempo todo, em todos os momentos possíveis, e nem sabia por quê. Havia um prazer quase insano em vê-la se desvencilhar sem jeito, maçãs do rosto coradas, respiração acelerada. Era como caçar, mas ainda melhor.

— Vou ver se Nina já terminou, só um minuto.

Quando voltou, usava um casaco sobre a blusa e carregava uma pasta de documentos.

— Não vejo a hora de terminar essa residência. — Sorriu. — Às vezes não acredito que consegui!

— Medicina é um curso exigente! — concordei. — Vejo por Aurora...

Desviou os olhos dos meus como se quisesse parar o assunto, então não continuei. Acabamos sendo salvos pela campainha.

— Deve ser a Sra. Herta. Assim já vamos de uma vez e eu libero você para viver sua vida. — Baixou os olhos mais uma vez.

Deixamos Nina aos cuidados da senhora e entramos no carro. Era um caminho curto até o hospital.

Assim que parei o carro, Lola colocou a mão na maçaneta.

— Ei, assim vou começar a pensar que sou uma péssima companhia! — Ergui uma sobrancelha.

Sorriu encarando a entrada do hospital.

— Você é uma companhia excelente, Collin, é só que... — Fechou os olhos por um segundo, ainda rindo.

— Então não saia correndo do meu carro...

Ajeitou os cabelos, agora soltos, atrás da orelha.

— Foi um dia ótimo para Nina... Ela está

animada em usar os aparelhos pela primeira vez... — Soltou uma lufada de ar. — Você é um homem incrível, mas...

— Mas? — Voltei o corpo em direção a ela. Aquela vontade de tocá-la se intensificando.

— É complicado... Você tem sua vida... E... E...

Eu queria beijá-la. Precisava. Quase podia sentir o gosto dela em minha língua. Aproximei-me um pouco mais, ajeitando a mecha insistente de volta no lugar. Meus dedos permaneceram em seu rosto, acariciando delicadamente.

— Lola, eu...

Havia tanto para dizer, mas nada parecia bom o suficiente, então eu a puxei para mim e beijei. Minha boca ansiosa buscando espaço, mordiscando seu lábio, enquanto ela se entregava devagar.

Tudo se agitava dentro de mim, como se pequenas descargas elétricas fossem liberadas em

minha pele. O pescoço dela se arrepiando onde minha mão a tocava.

Eu queria mais, precisava me ajeitar no banco para ficar mais próximo e sentir seu corpo, mas, quando dei por mim, a porta estava aberta e Lola escorregando para fora, como se precisasse fugir.

— Olha... Eu não sei o que você pensou a meu respeito... — Estava nervosa, ansiosa. — Sei que pareço meio desesperada às vezes, mas... Esqueça! — falou mais alto do que deveria. — Caras como você, cheios de atenção com uma garota... — Balançou a cabeça negativamente, rindo, como se não acreditasse. — Eu não sou esse tipo de garota, Sr. Chef Premiado! Lutei muito para chegar até aqui, mereço mais que migalhas!

Virou as costas e seguiu para dentro do hospital a passos largos. Desci do carro e tentei alcançá-la, mais por instinto do que por certeza do que fazia,

mas, quando vi, ela já tinha entrado pela porta de acesso restrito.

Sentei-me no banco do motorista novamente, mas não consegui dar a partida. Mãos no volante, cabeça jogada para trás, olhos fechados.

Levei alguns segundos para processar o que tinha escutado. Aquela lança, velha conhecida, atravessando meu peito mais uma vez.

O pobre garoto surdo... Aquele que nunca poderá ter uma vida independente... Que sempre precisará de ajuda... O fardo pesado... O filho problema... O doente... Condenado à morte...

O que ela iria querer comigo? Um surdo já é problema demais para ela.

Lola

Passei pela porta e me encostei na parede. Meu corpo tremia tanto que precisei respirar com cuidado, recobrando o controle devagar.

O gosto dele ainda estava em minha boca. A sensação da barba, em minha pele, o perfume, a maciez dos lábios. Respirei fundo novamente, precisava esquecer.

Ele tem namorada, Lola!

Uma garota gentil e bonita, rica como ele. Sem os problemas que você tem, e é evidente que o ama, como ele merece ser amado.

Foi então que percebi que minha pasta, com todos os documentos da faculdade, havia ficado no carro.

— Merda! Merda! Merda! — xinguei mais alto do que deveria.

— Doutora? — uma voz feminina chamou. —

Algum problema?

Sorri tentando parecer o menos afetada possível.

— Não! Tudo certo! — menti.

Droga! O que eu vou fazer? Não podia simplesmente ir atrás dele depois de tudo. Talvez a faculdade me desse mais alguns dias, então eu conseguiria imprimir os relatórios e organizar as planilhas novamente.

Puxei uma cadeira, na sala de descanso médico, e me sentei. Cotovelos apoiados na mesa, mãos cobrindo o rosto. — *Como se já não tivesse trabalho suficiente!*

— Ora, ora, isso é o que chamo de amor pelo trabalho! — August, o residente de ortopedia, sentou-se ao meu lado. — Achei que estivesse de folga — a proximidade me incomodando.

— Estou — respondi alisando os cabelos para

trás e tentando ganhar um pouco de espaço.

— Não é o que parece... — provocou.

August era o tipo de menino rico que nunca precisara se preocupar com a opinião dos outros. Desde que comecei no trabalho, jogava charme e cantadas idiotas para cima de mim, mas, depois que Paco foi embora, tudo piorou. Eu havia aprendido cedo a lidar com tipos como ele, mas naquele momento não estava disposta.

— Preciso ver um paciente. Queria checar os resultados dos exames. — Levantei-me da cadeira, antes que a situação ficasse pior.

— Bem, só vim buscar um pouco de café. Pré-temporada de surf, sabe como é! — Sorriu e deu uma piscadela em minha direção. — Se precisar de algo...

Concordei e segui até a UTI Neonatal. Já que estava ali mesmo, podia aproveitar e dar uma

olhada no bebezinho.

Assim que passei pela porta, Vrij veio até mim.

— Lola, que bom que pôde ver o bebê! Você acertou em cheio com o diagnóstico de diabetes gestacional. Por sorte, os níveis de insulina estão começando a estabilizar. Acredito que o bebê ficará bem em mais alguns dias.

— Fico feliz em ouvir isso!

Queria que meu rosto transparecesse a alegria que sentia pelo menino e pelos pais dele. Sabia bem o quanto era difícil cuidar de uma criança, ainda mais se ele tivesse diabetes, mas havia acontecido tanta coisa no mesmo dia, que meu rosto denunciou.

— Tudo bem com você? — meu colega perguntou.

— Tudo! — menti pela terceira vez, mas, diferentemente da enfermeira e de August, Vrij me

conhecia um pouco melhor.

— Não sei o que houve, mas quero que tenha a certeza de que é uma excelente médica e uma mãe muito dedicada. — Sorriu cortês. — Às vezes os problemas parecem querer nos afogar, mas, no fim das contas, é como uma grande onda... Basta ter equilíbrio e se manter na superfície. — Levou a mão até meu ombro e deixou ali por um segundo.

— Obrigada.

— Agora vá... Descanse um pouco, tome uma taça de vinho... Amanhã será um dia melhor!

Aquiesci sorrindo e o deixei para trás. Era verdade, Collin Van Galagher havia entrado em minha vida com prazo para sair. Agora, que o curativo tinha sido arrancado, tudo que eu precisava fazer era me reerguer.

Voltei andando para casa. Precisava de um tempo para pensar e um pouco da brisa fria da noite

para limpar minhas memórias do que tinha acontecido naquele carro.

Deus do céu, que beijo foi aquele? Sem dúvidas, não seria fácil esquecer.

Parei em uma barraca de cachorro-quente e comprei dois para viagem. Era cedo e minha filha merecia todos os mimos do mundo. Tinha se comportado como uma verdadeira mocinha.

Abri a porta com cuidado, minha filha não estava na sala.

— Onde está Nina? — perguntei.

— No quarto... Disse que está escolhendo a roupa para passear com o bonitão, no fim de semana! — Sorriu.

— Sra. Herta, obrigada por hoje, já pode ir descansar— avisei com a mão em seu ombro.

Assim que a porta se fechou, meu coração murchou um pouco mais.

Como eu ia dizer a ela que o mais novo herói não era tão heroico assim? Como ia explicar isso, depois de tudo que o pai havia feito?

— Nina? — chamei. — Trouxe cachorro-quente para nós!

Não demorou nem meio segundo para que ela viesse correndo até mim.

— Oba! Oba! Oba! — Pulava em frente à mesa, enquanto eu tirava os lanches dos pacotes. — Hoje é o melhor dia da minha vida!

— Fico feliz em ouvir isso, querida! Agora vá, sente-se no sofá, vou levar o refrigerante.

Correu pela sala e sentou-se animada em seu lugar preferido. Pelo menos naquela noite, eu não iria estragar a felicidade dela.

Acordei cedo no dia seguinte. Para ser sincera, mal havia dormido.

Tinha sonhado com meu pai e, sempre que isso

ocorria, algo importante estava para acontecer. Papai foi meu anjo enquanto estava vivo e continuou sendo depois que a cirrose o levou.

Era um bom homem, apesar da bebida. Cheio de sonhos, como eu. Aliás, a Medicina sempre foi o sonho dele e talvez por isso eu tenha me apaixonado tanto por ela.

Meu pai nos deixou alguns meses antes do vestibular. Nunca pude lhe contar que havia conseguido, mas tinha esperanças de que ele pudesse me ver lá de cima.

Mamãe, ao contrário dele, era o porto seguro, os pés no chão. O sonho podia ser dele, mas quem me ajudou a realizar foi ela. Acordava antes de o dia clarear, para fazer arepas de queijo e vender no Centro. Depois voltava para casa e costurava até o pôr do sol. Às vezes deixava a costura de lado para fazer alguma encomenda de comida típica ou

faxina em alguma casa.

Cresci vendo mulheres lutadoras como ela. Na pequena vila em que morávamos, a maioria dos homens haviam morrido, ou abandonado suas famílias.

Minha vida tinha sido difícil, mas nunca me faltara amor. Ficava em casa, estudando e cuidando da minha avó e seus cinco gatos. Tinha sempre um prato de comida em nossa casa, para alguém que sentisse fome. Fosse pessoa, ou fosse animal.

Soltei uma lufada de ar. *Por que permiti que ele entrasse? Por que fui tão idiota?* Quis acreditar que o tinha deixado entrar por causa de Nina, mas era mentira, a verdade que eu tentava esconder era que ele havia me lembrado de que estava viva. Fazia tanto tempo que não me sentia mais mulher do que mãe.

Aqueles olhos castanho-esverdeados, profundos

e intensos, foram se formando em minha cabeça mais uma vez. O sorriso... O perfume...

Vovó tinha razão, eu era mesmo uma cabeça de vento!

Preparei o café e servi na xícara. Fiz uma omelete rápida e, enquanto colocava no prato, minha vizinha bateu à porta.

— Lola? — chamou baixinho. — Já está de pé?

Abri a porta e a abracei. Não fosse pelo carinho dela, eu não teria conseguido seguir em frente depois de Paco.

— Resolvi vir mais cedo e trazer um pedaço de bolo! — Entregou-me o prato perfumando toda a cozinha. — Assim comemos juntas.

— Hum... parece delicioso! Obrigada.

Sentou-se em uma das banquetas da cozinha e eu lhe servi um pouco de café.

— Notei que você não estava muito bem

ontem... Achei que um pouco de comida ajudaria! — Sorriu.

Dei uma garfada no bolo. Estava quente, doce e derretia na boca de um jeito maravilhoso.

— Oh, Senhor! Eu me sinto até mais animada! — Sorri e ela me acompanhou.

— Problemas com o bonitão famoso?

Minha amiga podia ser meio calada, mas era muito observadora.

— Ele tem namorada... — Dei de ombros. — Uma garota bonita e gentil. É isso!

— Ela pode ser bonita e gentil, querida, mas ele não está apaixonado por ela — disse tranquilamente, enquanto levava a xícara à boca. — Eu vi como ele olha para você e, acredite, não é o olhar de um homem comprometido.

— Esse é o problema!

Sra. Herta sorriu.

— Lembre-se, Lola, nem todo homem é o Paco! Agora vá resolver suas coisas! Sei que tem muito a fazer.

Enquanto seguia pela rua, até a estação de trem, pensei em Paco e em tudo que havia sofrido com ele. Talvez Collin fosse mesmo diferente, mas, no fim das contas, tinha agido como um idiota também.



Capítulo 6

Collin

— Da última vez que o vi calado desse jeito, seu pai tinha sofrido um infarto... — a voz de Lídia arrancou-me dos pensamentos.

Continuei em silêncio, cortando pedaços de *ciboulette* para decorar um prato.

— Vai me dizer o que houve, ou posso tentar adivinhar? — insistiu.

Estávamos sozinhos na cozinha, o serviço estava quase finalizado e o funcionário temporário organizava os legumes na despensa.

— Eu acho... — Fez uma pausa dramática. — Que tem a ver com uma certa morena bonita... De cabelos ondulados até a cintura... Rosto delicado...

Respirei fundo, arrumando as folhas em cruz sobre meu risoto de cogumelos. Limpei o prato e o coloquei sobre a bancada.

— Não vai dizer nada? Porque é óbvio que

tenho razão!

Ela tinha, mas eu não estava disposto a conversar.

Desliguei o aparelho e desconectei o amplificador, guardando-o no bolso da calça.

Lídia ergueu os braços e mostrou-me as palmas da mão, em um gesto típico de quem havia desistido.

Tirei o dólman e refiz o coque no cabelo, já que alguns fios haviam se soltado quando tirei o aparelho.

Era uma atitude indelicada e eu sabia bem. Tinha sido corrigido por minha mãe tantas vezes que nem podia mais contar, mas era meu jeito de deixar claro que não queria mais ouvir. Não havia melhor maneira de encerrar uma conversa.

Pela primeira vez em muitos anos, saí do restaurante antes que as luzes fossem apagadas.

Entrei no carro e dirigi pela avenida costeira. Não tinha certeza se queria ir para casa, já que provavelmente encontraria Aurora acordada e não queria ter que desligar o implante pela segunda vez no mesmo dia.

Depois de um tempo, parei o carro e fiquei observando a noite lá fora. A Lua, cheia e brilhante no céu, refletida nas águas calmas.

Eu não pensava muito na mulher que tinha me dado à luz, Laura sempre foi minha mãe, mas naquela noite pensei em como tinha sido para ela ao receber o diagnóstico.

Von Recklinghausen... Um nome bonito, para a doença que roubava um pouco de mim a cada dia. Tinha sido do mesmo jeito com ela. Tão jovem, condenada à morte sem atenuantes de pena.

Minha mãe teve suas culpas, e eu, certamente, fui a maior delas, mas tenho certeza de que merecia

uma segunda chance.

Eu raramente falava com alguém sobre minha surdez ou do que tinha me levado a essa condição. Era como se, cada vez que falasse do assunto, um pouco da esperança que eu me forçava a ter desaparecesse.

Fiquei parado lá, encostado junto ao meio-fio, até ter certeza de que estaria sozinho quando voltasse para casa.

Assim que abri a porta, vi minha irmã dormindo no sofá. Black Bart deitado ao seu lado, no tapete. Fechei a porta com cuidado e caminhei direto para o quarto, seguido pelo cão, que trocou seu lugar na sala pelo colchonete que tinha, ao lado da minha cama.

Tirei a roupa e entrei debaixo do chuveiro morno. Podia sentir ainda o gosto dela em minha boca. Os lábios macios, a pele delicada.

É claro que Lola Dolores, médica pediatra, não quer nada comigo!

A pobre garota mal sabia lidar com a surdez da filha! Por que razão iria querer repetir a dose? Ainda mais se soubesse que isso era apenas a ponta do grande iceberg que era Collin Van Galagher.

Fechei os olhos por um segundo e a imagem de Vó Margarida se formou em meus pensamentos. Eu era pequeno, mas me lembrava bem do tempo em que ela era uma bela mulher, altiva e elegante, em seus saltos altos e óculos escuros. Lembro-me também de sua bengala... Cadeira de rodas... Até que se levantar não era mais uma opção. Lembro-me de como sofreu e do quanto lutou.

Éramos três condenados... Vó Margarida, minha mãe e eu, e cabia a mim parar essa terrível herança.

Lola Dolores, a bela e estonteante médica

pediatra, merece bem mais do que um inválido ao lado dela pela vida.

Penteei o cabelo e o deixei solto. Vesti uma cueca boxer e uma calça de elástico por cima. A janela aberta deixava a brisa fresca da noite invadir o quarto.

Acendi um cigarro, debruçado no parapeito, e, como se pudesse ler meus pensamentos, a tela do celular acendeu.

“Não consigo dormir. Estou pensando em você” — a mensagem piscou na tela bloqueada.

Ela tinha sido minha melhor amiga. A única que esteve ao meu lado até mesmo quando tentei afastá-la. Era meu porto seguro e sempre me fazia sentir melhor e mais forte para seguir em frente.

“Uma mensagem assim, bem no meio da noite, me faz lembrar dos meus bons tempos!” — digitei rindo.

“Não seja convencido! Como você está?”

Suspirei mais alto do que gostaria. Havia tanto a dizer, mas mais uma vez tudo ficaria dentro de mim. Era péssimo em dividir aflições.

“O que acha de almoçarmos juntos? Vou com Jens ao hospital e pego você na empresa depois.”

“Perfeito!”

Deixei o telefone na mesinha e terminei o cigarro. Saber que veria Hanna no dia seguinte havia acalmado um pouco meu coração.

Não lembro quanto tempo demorou para que o sono chegasse, mas acordei com burburinhos e risadas vindos da cozinha. Conforme caminhava, o aroma de café fresco e manteiga derretida ficava mais forte.

Parei por um segundo, observando a cena. Aurora gesticulava e falava com o homem de costas para mim. Suas bochechas coradas e a

maneira relapsa com que caminhava, abrindo portas e derrubando coisas, deixavam claros o nervosismo e parte do encantamento que ela sentia pelo nosso convidado.

— Trevor! — cumprimentei. — Quando você chegou de Marselha? Achei que a viagem demoraria mais... — uma nota de sarcasmo em minha voz.

— Digamos que o Sul da França já foi suficientemente explorado pela Hart Holding — o sorriso debochado, embora discreto, brilhando em seu rosto.

— Já falou com Jens?

— Ainda não. Cheguei tarde ontem e, como sei que nossa conversa será longa, achei melhor adiar um pouco e descansar.

— Ele vai acabar com você! — Ri e ele acabou rindo comigo.

— Já falou com sua mãe, pelo menos?

— Não, também. Achei que seria legal fazer uma surpresa, então resolvi vir até aqui e poderíamos ir juntos. Você sabe, ele nunca briga comigo perto de você! — Deu um tapa nas minhas costas. — Aí Aurie estava preparando panquecas... — Piscou, deixando minha irmã ainda mais vermelha do que já estava.

— Você é um cara de sorte... — Enchi uma xícara vazia com café. — O máximo que consigo dela são biscoitos daquele pote ali. — Indiquei com o dedo. — E olha que ela mora mais aqui do que em Roterdã!

— Não seja ingrato! — Aurora jogou o guardanapo em mim. — É difícil cozinhar para você, Sr. Chef Premiado!

— Você é a segunda pessoa que me chama assim em menos de vinte e quatro horas. — Soltei

uma lufada de ar.

— Não sei quem foi a primeira, mas já gosto dela! — Ergueu uma sobrancelha para mim.

— É, companheiro, pelo que vejo, não sou o único com problemas! — Trevor riu divertido.

Saímos pouco depois do café, para buscar nosso pai na fazenda. Assim que chegamos perto da casa, comecei a buzinar. Não demorou para que Jens aparecesse na porta.

Meu pai não era mais um menino, mas os anos tinham sido bondosos com ele. Assim como o Sr. Galagher, Jens Van Hart havia se refinado ainda mais, como um bom vinho.

Tentou não sorrir, mas, assim que descemos do carro, a alegria de nos ver juntos tomou conta de seu rosto. Jens ainda fazia o tipo linha dura, mas os filhos sempre foram seu ponto fraco. Eu tinha muita sorte de tê-lo em minha vida.

— Pai! — Trevor foi o primeiro a se aproximar. — Senti sua falta!

Nosso pai abriu os braços. Um abraço carinhoso, seguido de um beijo no rosto.

— Não pense que vai escapar de nossa conversa porque trouxe seu irmão com você! — advertiu.

Trevor o beijou de volta.

— Eu adoro nossas conversas, pai, mesmo que não sejam tão amigáveis assim! — brincou fazendo nosso pai reprimir outro sorriso.

— Onde estão mamãe e Stella? Estou com saudades — perguntou já entrando pelas portas duplas da sala.

Foi minha vez de me aproximar.

— Então é isso, Sr. Hart... Recebi a terrível missão de levá-lo ao médico.

— Joanne está exagerando! — Passou o braço

em volta dos meus ombros, conduzindo-me para dentro.

— O Sr. Galagher dizia o mesmo... E veja onde tudo terminou.

— Sou mais jovem e mais saudável que aquele velhote — provocou e eu acabei rindo alto.

— Vocês dois não têm jeito!

Chegamos ao Saint Peter perto da hora do almoço. Jens tinha uma consulta com o cardiologista, além de alguns exames e procedimentos para realizar. Como Trevor iria ficar com ele de qualquer maneira, aproveitei para passar mais tempo com Hanna, e nos encontraríamos depois, para uma bebida no Jack’s.

Entrei no 4x4 e dirigi até o prédio da Galagher, subindo pelo elevador privativo, com minha chave de acesso.

— Bom dia, Sr. Galagher! — a secretária

cumprimentou. — A Sra. Santana está em uma reunião, mas pediu que você a espere na sala dela. — Indicou o caminho. — Fique à vontade e, se precisar de qualquer coisa, basta chamar.

Sra. Santana, sei! Reprimi o riso.

Desde que a empresa de motores havia deslanchado, papai passava boa parte do tempo lá, então minha irmã voltou a assumir seu lugar, na mesa principal da Galagher Corporation. Hanna havia nascido para os negócios, diferentemente dos outros filhos do Leão.

Servi uma dose de uísque em um copo e me sentei na cadeira alta de couro preto. Girei em direção à parede de vidro que mostrava o grande porto de Roterdã e apoiei os pés no filete de metal. Fiquei ali, observando o ir e vir de barcos, como sabia que papai amava fazer.

— É uma vista maravilhosa, não é? — a voz

conhecida ecoou na sala, aproximando-se cada vez mais.

Virei a cadeira para vê-la caminhar, segura e poderosa, como gostava, em cima de seus saltos altos de solado vermelho.

— Prefiro a vista de dentro da sala, Sra. Santana! — brinquei abrindo os braços para receber seu abraço.

Hanna sorriu.

— O que foi? Eu sou a Sra. Santana, oras!

— Ainda tenho dificuldade em vê-la assim, como uma senhora casada da sociedade, irmãzinha! Preciso de mais tempo para deixar de lado a garotinha de tranças douradas que caçava borboletas comigo, no jardim.

Apertou-me contra seu corpo com mais força, descansando o rosto em meu peito.

Hanna e eu tínhamos quatro anos de diferença e

uma vida toda de convivência e amor.

— Sempre serei a garotinha de tranças para você! Não importa quanto tempo passe.

Beijei o topo de sua cabeça, sentindo o perfume dos seus cabelos.

— Collin? — Ergueu a cabeça para ganhar minha atenção. — Você nem faz ideia de como eu precisava deste abraço! — Permaneceu ali, por mais um tempo.

Respirei fundo. Não sabia o que tinha acontecido com ela, mas sabia o quanto tê-la ali me fazia bem.

— O que acha de irmos almoçar no Euromast? Soube que voltaram a servir aquela salada de *radicchio* e salmão defumado de que você tanto gostava.

Pensou por alguns segundos.

— Acho que estou mais para um cachorro-

quente com duas salsichas e todos aqueles molhos gordurosos que o Fat Louie tem! — Sorriu sem jeito.

— Fat Louie, então! — Dei de ombros.

Estacionamos em frente à velha lanchonete que frequentávamos desde crianças. Não era o tipo de lugar a que Hanna costumava ir — para ser sincero, nem eu —, mas as lembranças que tínhamos de lá eram as melhores.

Segui direto para o balcão, enquanto ela ocupava uma das mesas livres. Pedi os lanches e duas cervejas, então me sentei de frente para ela.

— Sonhei com você ontem, Collin... Acordei com um aperto no peito. Não gosto disso, você sabe!

Sorri.

— O que foi? Resolveu encarnar a Sra. Tavares, é?

— Não seja descrente, mocinho! Esse é um dom familiar! — Piscou. — Não tenho culpa se fui a única a herdar!

— Estou bem, Hanna, não se preocupe.

— Sua boca diz isso, mas seus olhos não. Estão apagados e tristes...

Ri mais um pouco.

— Pare já com isso, Sra. Santana!

— Como andam as coisas com a pediatra? — perguntou, arrancando um suspiro meu. — Vejo que nada bem...

— Não há nada para estar mal ou bem... Ela tem a vida dela, e eu, a minha.

— Não é o que seus olhos dizem...

Peguei os óculos escuros no bolso da camisa jeans e coloquei.

— Collin! — criticou rindo.

— Sabe que sou um solteiro convicto, não

sabe?

Acariciava meus dedos delicadamente, mas seu silêncio deixava claro que o assunto não estaria terminado até que ela se convencesse da resposta.

— Tentei beijá-la e ela fugiu, fim da história! — Soltei uma lufada de ar.

O riso em seu rosto demonstrava que finalmente havíamos chegado onde ela queria.

— Não posso culpá-la! — Cruzei os braços em um gesto de proteção involuntário. — Ela já tem seus próprios problemas.

— Tentou falar com ela depois disso? — questionou.

— Não há o que dizer, a garota recusou um beijo! — Dei de ombros.

— Sei... E sei também que você costuma boicotar tudo de bom que acontece em sua vida!

— Está dizendo então que a culpa é minha? —

provoquei no momento em que nossa comida chegou.

Peguei uma das garrafas de cerveja e a ergui.

— Um brinde a mim, que sempre estrago tudo! — Ergui uma sobrancelha.

— Desculpe, não posso brindar! — Minha irmã riu.

— Por que não?

Foi a vez dela de suspirar.

— Não me diga que...

Seu sorriso se alargou.

— Meu Deus, Hanna! Você se parece mais com papai do que eu achava possível! — brinquei. — Está de quanto tempo? Pedro já sabe?

— Sete semanas. Ainda não contei a ninguém, quero esperar até o almoço de domingo, mas não resisti! Tinha que dividir com você primeiro.

Levantei-me e a puxei para um abraço

apertado.

— Parabéns, irmãzinha, você merece toda a felicidade que encontrou.

Respirou fundo, o rosto ainda em meu peito.

— Quero que encontre sua felicidade também, Collin. Que viva a alegria que estou experimentando e tenha mais alguém em sua vida, além de Black Bart!

— Eu tenho, vocês! — Beijei seu cabelo e voltei a me sentar.

— Achei que daria certo com a pediatra... — lamentou. — Você estava tão sorridente no fim de semana.

Havia pensado na mesma possibilidade, mas, ao contrário dela, não iria admitir.

— Este é um barco sem tripulantes, irmãzinha! — Sorri de canto, levando a comida à boca.

— Se quer um conselho..., dê uma chance à

garota... Todos merecemos uma segunda chance, Collin... Inclusive você.

As palavras ecoaram em minha cabeça por tempo demais.

Lola

Deixei o campus sentindo-me frustrada e triste.

Levaria duas semanas para conseguir a segunda via de todos os documentos que eu havia deixado no carro de Collin e, se esperasse, perderia a chance de me candidatar formalmente à vaga do hospital.

Ocupei meu assento no trem e abri a carteira. Dentro dela, estava o cartão dele.

O papel tinha um tom claro de bege e as letras em preto brilhante conferiam classe e distinção, sem ser pomposo demais. Era como ele, elegante e sexy, sem exageros.

Eu precisava ligar para ele e pegar minha pasta de volta, mas pensar era mais fácil do que agir e eu acabaria enrolada em minhas próprias palavras.

Cheguei a minha casa e encontrei um bilhete. A Sra. Herta havia levado Nina com ela ao mercado de flores, e iriam passear um pouco pelo Centro

depois.

Era bom vê-la saindo de casa e tendo uma vida normal, como qualquer criança de sua idade. Se tudo continuasse bem, poderia até voltar à escola.

Suspirei. *Graças ao Collin.*

Troquei de roupa e me joguei no sofá, o telefone sobre o colo, esperando a coragem chegar.

Quando finalmente ia ligar, a porta se abriu e Nina passou por ela, correndo como um furacão, cheia de sacolas.

— Veja, mamãe, eu ganhei um monte de canetas novas! Elas têm brilho e cheirinho de frutas! — contou empolgada.

Deixei o telefone sobre a mesinha. Não queria ligar perto dela. Quanto menos ela se lembrasse dele, melhor. Uma de nós sofrendo já era suficiente.

— São lindas, querida! — Sorri. — O que acha

de fazer um desenho bem bonito para colocarmos na geladeira?

— Oba! — concordou animada.

Enquanto seguia para o quarto, a Sra. Herta sentou-se ao meu lado.

— Nina parece outra criança! — Tocou meu joelho com a mão. — Não tirou o aparelho uma única vez, Lola. Não sei o que o bonitão disse, mas parece que funcionou.

Soltei uma lufada de ar.

— Você deveria ligar para ele.

Antes que pudesse concordar, meu telefone tocou. Era do hospital.

— Boa tarde, Lola! — meu chefe disse. — Está disponível agora? Lisa teve um problema em casa e precisou sair mais cedo. Preciso de mais um médico no atendimento de emergência.

Quando o diretor do hospital liga, você dá um

jeito de atender.

— Oh, sim, claro! Chego o mais rápido que puder.

— Sabia que poderia contar com você, Lola.

Para minha sorte, Nina tinha com quem ficar e eu havia cochilado um pouco, na volta de Amsterdã.

Troquei minhas roupas e desci. Aproveitei que estava na rua e peguei o telefone para ligar para Collin, mas no mesmo instante o telefone vibrou.

— Oi, Lola, como está? — a voz grave fez meu coração apertar. — Encontrei sua pasta de documentos debaixo do meu banco, se quiser posso deixar na sua caixa de correio.

— Oi... — a voz embargada de emoção. — Será que você poderia deixar no hospital? É que meu prazo para entrega já terminou e... Collin, eu...

— É claro, não se preocupe. Levo assim que

fechar o restaurante. Até mais!

Desligou deixando em minha boca um monte de palavras não ditas.

Entrei pela porta do atendimento emergencial e segui direto para o consultório vazio. Depois do segundo paciente, minha porta se abriu sem que eu chamasse.

— Então quer dizer que vamos dividir o plantão... — August sorriu com uma nota de deboche. — Vamos jantar juntos, finalmente!

— Muito pelo contrário, doutor. Vamos jantar separados; como sabe, não podemos sair os dois ao mesmo tempo.

August sorriu, ajeitando os óculos. Olhos, de um azul-intenso, cravados em mim.

— Lola, Lola... Quando vai parar de resistir? Hum?

— E você, quando vai parar de insistir? Sabe

bem que não estou interessada neste tipo de atenção, August!

— Ok! Não tenho pressa... — Deu meia-volta e saiu.

Para minha sorte, o verão havia enchido nossas praias de turistas, e nosso hospital, de pacientes, então não vi meu companheiro de plantão pelo que restou da noite e início da madrugada.

Já passava de uma da manhã, quando três jovens entraram em meu consultório. Um deles tinha um grande ferimento no pé, coberto pela camiseta do colega.

— Venha, sente-se aqui. — Indiquei a maca. — Os outros podem esperar lá fora.

Ficamos sozinhos e tirei o tecido para poder ver melhor o estrago. Era uma queimadura profunda, no dorso do pé, como se algo quente e pesado o tivesse atingido.

— O que houve? — perguntei, mas o garoto se enrolava nas palavras, falando em um inglês arrastado e quase incompreensível.

Enquanto ia examinando, percebi que ele não reclamava de dor, o que era praticamente impossível, dada a gravidade do ferimento.

Abri a porta e chamei um dos colegas.

— O que houve com ele? Vocês são maiores de idade?

— Sim, somos, sim, doutora. Eu tenho dezenove anos e o James tem dezoito.

— Ótimo! E o que houve com o James? — questionei.

Enrolou e enrolou, mas, depois de um tempo, resolveu falar.

— Nós estávamos na praia, doutora... É nossa viagem de formatura... Ah, doutora, eram só alguns cigarros e um pouco de bebida, você sabe, para

aliviar a tensão...

— Então vocês beberam e se drogaram, e o James acabou levando a pior... — encurtei.

— Estávamos assando uns camarões, aí o idiota do Marcus empurrou o James e ele acabou se desequilibrando... Queimou o pé na churrasqueira.

— Entendo... — Encarei o garoto com uma sobrancelha levantada. — Você sabe que terei que suturá-lo sem anestesia, não sabe? Por causa das drogas... — expliquei e o garoto aquiesceu.

Eu poderia ter chamado August e me livrado do atendimento, mas então teria que ouvi-lo dizer, pelo resto da noite, o quanto era bom no que fazia e como me ajudava. Decidi que suturar o pé de James era mais agradável.

No início, o garoto aguentou firme, mas era um corte bem grande e profundo, e ele, obviamente, começou a sentir dor. Gemia baixo e reclamava em

alguma língua que eu não conhecia, mas não havia muito que se pudesse fazer.

Dei o último ponto e cobri o ferimento com um curativo. Estendi a mão para que o garoto tivesse ajuda para descer da maca e só então percebi como estava pálido. Ele tentou se apoiar em meu ombro, mas, antes que um de nós tivesse qualquer reação, vomitou. Em meu jaleco, pescoço e alguns fios soltos de cabelo.

Balbuciou mais alguma coisa e se segurou no amigo; deixaram o consultório o mais rápido que podiam.

Respirei fundo e pensei que, definitivamente, era meu inferno astral.

Caminhei até perto da pia e tirei a peça suja, enrolando e colocando no chão. Tentei lavar o cabelo e o colo, onde havia respingos de vômito, mas, sem espelho, acabei me molhando mais do

que gostaria e enrolando minha correntinha nos fios molhados de cabelo.

— Calma, garota! — August se aproximou. — Sei que é a Dra. Sabichona, mas todo mundo precisa de ajuda de vez em quando.

Fiquei encostada na parede, botões da camisa mais abertos do que costumava usar, enquanto meu colega tentava soltar o nó sem arrebentar minha corrente, aproveitando-se demais da proximidade que tínhamos.

— Já disse que adoro esse seu perfume, não disse? — falava tão perto do meu pescoço que fazia minha pele se arrepiar.

— Anda logo com isso, August — reclamei.

— Calma, garota, tenha um pouco mais de paciência...

O corpo se encostava em mim e comecei a achar que ele não tinha tanto interesse assim em

salvar minha corrente.

Antes que pudesse me desvencilhar, a porta se abriu e Collin passou por ela. O rosto bonito endureceu no momento exato em que seus olhos encontraram os meus.

— Sua pasta! — Jogou o objeto sobre a mesa. — Espero que não seja tarde.

Escapei de August e abri a boca para responder, mas Collin saiu tão rápido que não consegui. Fechei os botões e tentei encontrá-lo pelo corredor, mas, quando cheguei perto das portas de vidro automáticas, vi o 4x4 acelerar e seguir pela rua.

— Merda! — foi tudo que consegui dizer.



Capítulo 7

Collin

— Idiota! — Cerrei o punho e golpeei o volante.

Por que você tinha que dar créditos a Hanna? Balancei a cabeça negativamente.

Pisei fundo no acelerador e só tirei o pé quando cheguei ao estacionamento compartilhado, no final da rua em que morava.

Desci do carro e bati a porta com força, caminhando pela calçada, em direção a minha casa. As luzes estavam apagadas, mas a luz fraca da TV indicava que Aurora cochilava no sofá.

Abri a porta devagar, deixei que Black Bart saísse e me debrucei no gradil de madeira. Cigarro aceso e pensamento longe.

Tive muitas mulheres em minha vida, bem mais do que podia contar, e justamente por isso não entendia o que estava sentindo.

A garota tinha recusado meu beijo, mas estava se amassando com uma porra de colega de trabalho, dentro do consultório... *Foda-se!* Era o que eu deveria pensar.

Era só mais uma garota e nem era tudo isso! Eu só precisava dar uma volta pela avenida e arranjaria companhia melhor!

Dei um trago longo no cigarro. Olhos fechados, ouvindo o barulho do mar.

É só uma garota, e garotas você encontra aos montes por aí.

— Collin? — a voz sonolenta de Aurora se fez ouvir.

Não demorou muito para que saísse até a varanda, enrolada na manta cor-de-rosa que tinha desde criança.

— Está frio aqui fora, sabia? Você vai acabar pegando um resfriado.

Pensei em dizer que não fazia diferença, porque eu acabaria morrendo mesmo, de qualquer jeito, mas sabia o quanto esse tipo de brincadeira boba a deixava chateada. Aurora sempre foi a mais sensível de nós.

Abri o braço e a puxei para perto.

— Achei que você iria à boate com Trevor... — Ajeitei a manta em volta dos seus ombros e a abracei.

Aurora soltou uma lufada de ar.

— Trevor tem seus próprios amigos. Tenho certeza de que não sentirá minha falta.

— Aurie...

— Não! — Gesticulou pedindo meu silêncio. — Não ouse me consolar, Collin Van Galagher! — Sorriu sem muito humor.

— Trevor é um idiota! — Beijei o topo de sua cabeça e ela ergueu os belos olhos cor de mel para

mim.

— Não é, não. Ele só não me vê como eu gostaria, e isso é um direito dele.

Ergui uma sobrancelha para ela.

— Queria ter metade do seu altruísmo! — Sorri.

— Você não precisa de altruísmo, é o cara mais incrível que eu conheço, certamente não vai passar por uma porcaria dessas! — Pegou meu cigarro e apagou na madeira do gradil. — Agora venha, vamos entrar. Você toma um banho quente e eu preparo nachos. Não há nada melhor para curar uma dor de cotovelo do que comida.

Acordamos com batidas insistentes na janela. Para nossa sorte, o sofá da minha sala era grande o suficiente para dois, e o filme *cult*, terrivelmente entediante, que Aurora havia escolhido contribuíra para uma bela noite de sono.

Levantei e encarei meu irmão, que estava parado do lado de fora.

Trevor era uma cópia melhorada do meu pai. Tinha os mesmos olhos azuis e a mesma confiança que Jens Van Hart, mas havia aprendido a usar tudo isso a seu favor. Era um cara legal. Justo e leal, mas tinha um grande defeito, era cego em relação às mulheres. Tinha experimentado tanta futilidade que não sabia reconhecer um amor genuíno.

— Parece que temos visita... — anunciei enquanto a garota se espreguiçava no sofá.

— Não ouse abrir essa porta! — reclamou baixinho. — Veja, eu ainda estou de pijama!

Neguei com a cabeça rindo e cruzei a sala.

— Aurie, você fica linda de qualquer jeito... Além disso ele já nos viu, não há nada que se possa fazer.

Abri a porta e meu irmão passou por ela, com

seu terno de grife, girando os óculos escuros entre os dedos. aproximou-se de Aurora e a beijou na testa.

— Achei que estaria na faculdade, bonitinha!

Minha irmã baixou os olhos para o chão. Um pouco da sua vontade de viver morreu com o final da frase.

— Começo meu estágio amanhã — explicou. — Consegui um dia de folga.

— Você deveria ter ido à boate ontem! Stella estava lá e vários amigos do colégio, também.

Minha irmã concordou com um sorriso forçado. Odiava quando Trevor se referia a ela e Stella da mesma maneira, porque odiava que ele a visse como irmã.

Deu-nos as costas e seguiu pelo corredor, até entrar em seu quarto.

— Você é um idiota! — Apontei o dedo,

enquanto ele se sentava em uma das banquetas.

Meu irmão riu, completamente alheio ao que eu dizia, e o pior é que essa era uma daquelas portas que precisam ser abertas por dentro.

— Preciso da sua ajuda com um cardápio especial. — Serviu-se de um pouco de café. — Darei uma festa de inauguração naquele bar que estava em reforma. Quero que seja o maior acontecimento de Amsterdã!

Trevor administrava alguns negócios noturnos, além da Hart Holding. Entre eles, uma boate da moda em Roterdã e dois bares de luxo. Tentava expandir os negócios até a velha Amsterdã.

— É claro! Diga do que precisa e podemos pensar em algo juntos.

— Se estiver livre, gostaria de lhe mostrar o local. Talvez você se inspire melhor.

— Sim! Podemos ir depois do café. Assim

aproveito e passo pelo restaurante. Faz tempo que não apareço por lá.

Cortei alguns pedaços de pão de trigo sarraceno e passei manteiga, antes de colocar na chapa do fogão. Aurora voltou à sala. Usava um vestido ajustado, vermelho e de alças finas, que a deixava ainda mais bonita e feminina.

Pelo olhar de Trevor, não fui o único a perceber.

— Um de vocês pode me dar uma carona até Roterdã? — perguntou servindo-se de um pedaço de pão. — Papai mandou meu carro para a revisão e eu preciso buscá-lo.

— Será um prazer, Srta. Galagher. Volto à empresa para o almoço, deixo você lá! — Trevor piscou, fazendo os olhos amendoados de Aurora brilharem.

Talvez ele fosse menos idiota do que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

julgava.

PERIGOSAS ACHERON

Lola

Saí do plantão me sentindo pior que uma bactéria.

August não tinha culpa, nem eu, mas a verdade é que, enxergando a situação pela ótica de Collin, havia sido uma sacanagem das grandes.

Respirei fundo. *Quem sabe assim você esquece esse cara de vez, Lola!*

Estava quase chegando em casa, quando meu telefone tocou.

— Lola? Quanto tempo! Quase desisti de procurar por você!

Era Leij, minha colega de laboratório na faculdade. Havíamos perdido contato, depois que aceitei a residência em Zandvoort.

— Tempo demais! — Sorri. — Como estão as coisas?

— Muito bem! Lucas e Hans entraram no Saint

Peter, sabia? A sonsa da Sônja casou com aquele namorado babaca e abusador e voltou para Zagreb, e eu, bem, estou buscando meu lugar ao sol! — Riu alto. — Digamos que os tempos não andam muito ensolarados para mim!

— Achei que tinha acertado com sua especialização...

— Um desastre! — confessou rindo. — Não nasci para ortopedia, definitivamente! Estou procurando emprego, caso saiba de algo...

Leij foi a primeira pessoa que conheci, quando cheguei à Holanda. Era bom ouvir sua voz novamente.

— Olha... Pode ser que eu consiga ajudá-la! Estamos com o quadro clínico superdefasado aqui em Zandvoort.

— A última fronteira! — brincou com a distância da cidade. — Talvez seja disso que eu

precise!

— Venha tomar um café comigo! Amanhã meu chefe fica o dia todo no hospital, levo você para conhecê-lo.

— Ah, seria ótimo, Lola! Nina deve estar enorme! Será um prazer revê-las.

Leij era a única amiga que sabia de tudo que havia acontecido comigo e Nina desde o acidente.

Cheguei a minha casa e encontrei Nina desenhando na varanda. A Sra. Herta havia preparado o café.

— Teve um bom plantão, querida? Parece muito cansada.

— Muito cansada, totalmente desiludida e com os fios de esperança quase rompidos! — brinquei.

Segui direto para o banheiro e me livrei das roupas sujas. Tomei um bom banho e vesti um short jeans desfiado, com uma camiseta branca

confortável. Servi um pouco de café em uma xícara e me sentei no sofá.

— Obrigada por ter cuidado de Nina, Sra. Herta, pode ir descansar.

Pelo que restou do dia, descansei, cuidei dos afazeres domésticos e brinquei com Nina. Era quase hora do jantar, quando ela veio correndo até mim.

— Terminei! — gritou animada, entregando a folha de desenho em minhas mãos.

Assim que olhei, meu coração se apertou.

— Veja, mamãe... Somos eu... Você e Collin! E este aqui, perto de mim, é o Black Bart! Não vejo a hora de irmos à praia!

Soltei uma lufada de ar. *Como eu iria explicar a ela?*

— Querida, você sabe que Collin é um homem ocupado, não sabe? Pode ser que ele não consiga

vir... — tentei amaciar um pouco as coisas.

Minha filha sorriu.

— Ele prometeu, mamãe.

Sorri de volta. Não queria acabar com sua inocência infantil. Pensaria em algo até o fim de semana.

Dormimos as duas em minha cama, assistindo à TV.

Acordei com o sol nascendo no horizonte. Os raios amarelo-brilhantes faziam tudo parecer um pouco mágico.

Queria dizer que não pensei em Collin, um minuto sequer, mas estaria mentindo. O rosto decepcionado dele feria meu coração de morte, todas as vezes que eu o via, em meus pensamentos.

Sempre soube que ele não era para mim, mas deixá-lo pensar que eu o havia trocado por August era um castigo terrível.

Segui até a cozinha, ainda de pijama, e preparei o café. Era uma manhã morna e agradável em Zandvoort. Nada parecido com os dias quentes e poeirentos do verão em Bogotá, mas, ainda assim, eu sentia saudades de casa.

Às vezes pensava na vida que tinha deixado para trás. Em meus tios, primos e em como as coisas eram diferentes por lá. Nina e eu estávamos a cada dia mais sozinhas. A família dela se resumia a mim.

Se tudo desse certo com a vaga disponível para mim no hospital, poderíamos ir à Colômbia em minhas primeiras férias e eu traria mamãe comigo na volta.

Fiquei observando o movimento na rua e bebendo pequenos goles de café, até que a mensagem apareceu na tela do celular.

“Chego em dez minutos” — Leij dizia na

mensagem.

Coloquei uma embalagem de pãezinhos de batata semiprontos para assar e troquei de roupas. Não demorou para o interfone tocar.

— Disseram que posso tomar um autêntico café colombiano neste endereço! — brincou assim que atendi.

— Autenticamente feito em uma cafeteira expresso emprestada! — Destravei o portão.

Assim que Leij apareceu na porta, abri os braços para ela.

— Senti sua falta, garota! — Beijou meu rosto.

— Também senti.

— Imagino a correria em que você vive, com a residência e Nina, ainda mais depois que aquele patife do ex a deixou, mas você podia encontrar um tempinho na sua agenda para os amigos! — reclamou. — Ainda bem que nos encontramos.

Sorri indicando o caminho.

— Sente-se, vou servi-la. — Abri a porta do forno e tirei os pães quentinhos. — E para hoje temos... Pão de supermercado e café expresso! — brinquei.

— Em casa só temos leite azedo e cereais murchos, acredite, isso é um banquete para uma solteira convicta!

— O que houve, Leij? Tudo estava tão certo na sua vida...

Respirou fundo, soltando todo o ar de uma vez.

— Edgar me traiu... — confessou. — Com a secretária dele.

— Sinto muito.

— Foi melhor assim! Ao menos descobri a tempo que o relacionamento era um fracasso! Continuo solteira, mas agora estou mais feliz. Só preciso mesmo recomeçar. E você? Não me diga

que, linda desse jeito, continua solteira!

Soltei uma lufada de ar.

— Ihhh é pior do que eu pensava.

— Tenho Nina e o hospital... Mal tenho tempo de estudar e logo terei as avaliações da especialização. Não posso me dar ao luxo de romances furtivos.

— Não é o que seus olhos dizem...

Ia abrir a boca para falar, quando fui salva por Nina, que chegou correndo à cozinha e parou no instante em que viu minha amiga. Desde a surdez, minha filha não era muito receptiva com visitas.

— Oi, pequena, como está? — Leij cumprimentou carinhosa.

— Lembra-se da amiga da mamãe, Nina? Aquela que ia em casa fazer os trabalhos da faculdade...

Nina assentiu sem dizer nada.

— Venha, sente-se aqui. — Indiquei uma cadeira vazia. — Tome café conosco.

Durante toda a refeição, ficou em silêncio, observando nossas conversas e risadas. Era sempre assim, menos com Collin. Desde que voltamos do hospital, nunca vi minha filha se afeiçoar tão rápido a alguém como havia sido com ele.

— Querida, vou dar uma saidinha com Leij. Preciso ir ao hospital, mas prometo que volto logo e trago sorvete! — Pisquei e ela sorriu. — Podemos passear na praia mais tarde, se você quiser.

Chegamos ao hospital poucos minutos depois.

Entrei sozinha na sala do diretor clínico, enquanto minha amiga esperava do lado de fora. Eu sabia bem de sua competência e amor pela profissão. Tínhamos convivido por longos anos, não era difícil recomendá-la ao emprego.

— Ok, Lola, vou receber sua amiga... —

concordou. — Estamos mesmo precisando contratar, especialmente para a urgência.

Sorri animada para Leij, assim que a vi.

— Ele está esperando por você! — Pisquei. — Vou até o balcão de enfermagem e já volto.

Segui pelo corredor. Queria ter informações sobre o bebê da mãe diabética. Esperava que já estivesse tudo bem e que pudessem ir para casa.

— Bom dia, doutora! — uma das enfermeiras cumprimentou. — Posso ajudá-la?

— Bom dia! Sim! Eu gostaria de saber sobre o bebê da Sra. Suna.

— Saíram de alta ontem pela manhã! O pediatra fez todos os exames, mas, ao que parece, mãe e bebê já estão bem e saudáveis.

— Que bom! — Sorri.

Ia me virando de costas, quando dei de frente com a garota. A estudante, namorada do Collin.

Meu sangue gelou por um segundo.

— Oi, doutora! Que bom encontrá-la, estava mesmo querendo falar com você.

— Olá...

— Quer tomar um café? Eu ia pegar um para mim agora!

— Na verdade, estou com um pouco de pressa... — Queria me livrar da conversa, mas odiaria que ela começasse a falar qualquer coisa a respeito do namorado ali, no meio do hospital. — Se for rápido... — concordei, enquanto a garota me encarava com seus grandes olhos cor de mel.

Havia uma pequena sala de descanso para funcionários e, como estava vazia, seria o local perfeito para um escândalo.

— Olha, eu não podia imaginar que ele era... — comecei logo, ou acabaria engasgada com minhas próprias culpas, até que a garota me interrompeu.

— Doutora, você não imagina como somos gratos. Ravi é muito querido. Você deve ter percebido a preocupação do meu irmão e...

— Seu irmão? — foi minha vez de interromper.

— Sim, o cabeludo, com cara de poucos amigos e olhar charmoso! — Sorriu. — Ele tem aquele jeitão, mas, no fundo, tem o melhor coração do mundo.

— Espera... Collin é seu ir-mão? — quase engasguei com as palavras.

— Eu sei, não somos muito parecidos... — Deu de ombros.

— Jesus! — Tapei a boca com a mão.

— Algum problema? — a garota insistiu.

Soltei uma lufada de ar.

— Não! — Forcei um sorriso amarelo de volta. — Preciso ir, mas nós nos vemos por aqui! — Pisquei.

Enquanto seguia pelo caminho de volta à sala do diretor, tudo que conseguia pensar era na merda que havia feito.



Capítulo 8

Collin

Acordei com a casa em silêncio.

A brisa fresca do mar entrava pela janela aberta, enquanto eu tomava meu café, puro e forte, como sempre gostei.

Aproveitei que estava sozinho e separei as roupas para lavar. Fiz uma limpeza na casa, troquei os lençóis e as toalhas. Se mamãe decidisse me visitar de surpresa, ao menos encontraria a casa arrumada.

Estava terminando de lavar a louça, quando Lídia me ligou.

— Ei, chef, como estão as coisas? — cumprimentou. — Pensei em darmos uma passada na casa do Ravi. Eles chegaram ontem do hospital.

— Claro! Pego você em uma hora.

Troquei de roupas, coloquei ração e água fresca para Black Bart.

— Desta vez você terá que ficar, companheiro. O bebezinho ainda é muito pequeno para esse monte de pelos.

O cachorro soltou um latido fraco e deitou perto da janela, aproveitando a brisa do mar.

Entrei no carro e dirigi pela avenida principal, até uma loja de artigos infantis. Eu podia não ser pai, mas tinha bom senso e um monte de sobrinhos, acertaria no presente.

— Boa tarde, senhor, em que posso ajudá-lo? — a vendedora perguntou solícita.

— Vou visitar um menino que acabou de nascer e gostaria de levar um presente.

Escolhemos juntos um conjunto de manta e casaco, feitos em tricô branco, com detalhes azul-marinhos.

Estava olhando a loja, enquanto a mulher fazia o embrulho, quando vi uma tiara de unicórnio que

me lembrou Nina no mesmo instante.

— É linda, não é? — a moça perguntou, percebendo meu interesse. — E temos uma saia, estilo bailarina, que fica linda com a tiara. As meninas adoram. Quer ver?

Aquiesci.

A saia era cheia, feita em vários tons de rosa e lilás. Fios prateados, com estrelas brilhantes, caíam em toda a extensão, da cintura para a barra irregular. Eu quase podia vê-la em minha frente.

— Quer levar também?

Pensei por um segundo.

— Não tenho a quem dar...

Peguei meu pacote e segui até a casa de Lídia.

Ravi e a esposa mostraram o menino, cheios de orgulho. *Ao menos um de nós está realizado e feliz.*

— Veja, chef, Suna diz que se parece comigo!

— Discordo, companheiro! Ele é mais sortudo

que isso — brinquei, fazendo as garotas caírem na risada.

— Não seja maldoso, chef! Todo pai deseja um filho parecido consigo! — Lídia criticou.

— Nem todo homem...

— Você diz isso porque ainda não encontrou a garota certa! Espere até seu coração ser capturado! — Sorriu mostrando uma fileira de dentes brancos e perfeitamente alinhados.

— Já tenho garotas demais em minha vida...

— Nenhuma que lhe esquente a cama... — provocou.

— Black Bart esquenta o quarto todo... E nem preciso mandar flores no dia seguinte! — Pisquei. — Agora vamos, Srta. Apaixonada, vamos deixar Suna descansar.

Lídia ficou na casa de uma amiga, no Centro, e eu estava seguindo para a minha, quando o celular

acendeu mostrando um número desconhecido na tela.

Deixei que caísse na caixa de mensagens e ouvi em seguida.

"Collin... É a Lola... Eu sei que agi como uma louca, mas, se puder retornar, juro que consigo explicar tudo... É isso... Tchau!"

Desliguei e apaguei a mensagem. Não queria pensar em qualquer coisa que estivesse relacionada àquela garota e menos ainda cair na tentação de ouvi-la novamente. O que ela teria para explicar não interessava mais. Depois do que eu havia visto no hospital, tudo estava suficientemente claro para mim.

Estacionei e caminhei até minha casa. Queria um pouco de paz e sossego, era por isso que tinha me mudado para aquele lugar.

Vesti uma bermuda, uma camiseta e peguei

minha vara de pesca, um balde, além da minha caixa de iscas. Pés descalços pela areia fina e clara, com meu fiel amigo ao meu lado.

— Vamos comer peixe como bons piratas que somos, companheiro! — falei e o cachorro respondeu com um latido baixo. — É disso que precisamos! Um pouco de sol e brisa marinha, para afastar as bobagens que andam assombrando nossa cabeça.

Assim que terminei a frase, uma gaivota pousou em uma pedra, e meu cachorro se foi. *Ao que parece, eu sou o único assombrado aqui.*

Depois de perseguir o pobre pássaro por mais de um quilômetro, sentou-se ao meu lado, no velho deque de madeira que os pescadores haviam construído naquela ponta da praia.

Ficamos os dois ali, ouvindo o barulho das ondas e aproveitando a brisa de verão. Estava tão

absorto na tarefa, que não percebi a aproximação, até que ela falou comigo.

— Se me dissessem que o herdeiro de duas das maiores fortunas da Holanda estaria aqui, descalço e todo descabelado, pescando, eu iria rir... — brincou sentando-se no chão de madeira, ao lado do cão.

— Sou um fã incondicional do *"less is more"*, minha cara irmãzinha.

Aurora riu alto.

— Só você, Collin, para tornar elegante um momento como este! — Ficou ali, em silêncio, acariciando Black Bart, cabelos castanhos voando com o vento. — Encontrei a Dra. Calderón hoje... — disse de repente.

Agradeci por estar de costas, ou ela teria percebido meu desconforto.

— Acho aquela garota incrível! — continuou,

alheia a mim. — Tão jovem e tão comprometida... Acredita que ela já tem uma filhinha?

Soltei uma lufada de ar.

— Acredito!

— Como assim? “Acredito!” — imitou. — Impressão minha ou estou chateando você?

Enrolei a linha e travei o molinete. Ajeitei o cabelo de volta no elástico, pegando o balde com os peixes em seguida.

— A garotinha surda que salvei na praia... — Respirei fundo. — É filha da sua nova ídola!

Pensou por um instante, olhos castanhos estreitos para mim.

— Huuuuum... A que deixou você sem graça quando mamãe perguntou... — Sorriu. — Acredita que ela não sabia que éramos irmãos? Deus do céu, quem não sabe disso?

Tentava me alcançar, falando e falando sobre

coisas e pessoas que eu não queria ouvir. Levei a mão acima da orelha, onde o aparelho externo se conectava, ansiando por desligá-lo. Era tão simples, precisava apenas desconectar e guardar no bolso.

Respirei fundo, fechando os olhos por um segundo. Não era justo com ela. *Que culpa tem da minha última coleção de burrices?*

Parei, virando-me de frente para minha irmã.

— Aurie... Eu já entendi o quanto você admira a garota, hum? — Meus olhos imploravam por compreensão.

— Ok! recado recebido e processado com sucesso!

— Ótimo!

Para minha sorte, Aurora não fazia o tipo que insistia em monólogos. Tanto tempo juntos e tínhamos aprendido a respeitar o espaço um do outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirei a camiseta respingada pelo mar, então comecei a limpar e preparar os peixes na pia que havia em meu deque. Não queria ir cedo para o restaurante porque não estava em meu melhor humor.

Acendi a churrasqueira e coloquei os peixes na grelha, junto de alguns legumes para a guarnição. Preparei um molho de limão siciliano e peguei um pote de pesto, que havia feito no dia anterior. Arrumei a mesa do deque e escolhi um belo Verdejo para acompanhar.

Debrucei-me no gradil e acendi um cigarro.

— Deus do céu, eu vou morrer de saudades disto quando tiver que me mudar!

Minha irmã se aproximou.

— Não se mude, baby! Sabe que é bem-vinda aqui... Mesmo que fale demais! — Lancei um sorriso de lado.

PERIGOSAS ACHERON

Abraçou-me apertado, o rosto na altura do meu peito, enquanto eu acariciava seus cabelos macios.

— Amo você, bonequinha!

— Amo você também, grandão! — Abriu o sorriso doce que eu conhecia bem. — Agora venha, chef Galagher! Vamos jantar.

Logo depois de comer, tomei um banho e segui para o restaurante. A noite estava fria e chuvosa, mas, mesmo assim, tivemos a casa cheia.

Estava no meio do serviço, quando senti o telefone vibrar no bolso. Segurei o aparelho na mão, o número dela piscando na tela.

— Não vai parar de tocar, se você não atender... — Lídia criticou.

Silenciei e guardei de volta, enquanto minha funcionária levantava uma sobrancelha questionando-me silenciosamente.

Quando finalizamos a organização da cozinha,

sentei-me na soleira da porta dos fundos e acendi um cigarro. Olhar perdido nas luzes da avenida, enquanto a cabeça vagava para longe. Não demorou para que Lídia se sentasse ao meu lado. Estendeu a mão pedindo um trago.

— Se eu não o conhecesse bem, diria que está chateado com algo... — Soltou a fumaça em uma grande bola de fumaça. — Mas, como conheço, digo que você deveria retornar a ligação.

— Não estou a fim — limitei-me a dizer.

— Na verdade está, e este é o problema, meu caro chef... Embora não seja da minha conta e eu deva ir! — Piscou sorrindo. — Tenha uma boa noite.

Meneei a cabeça em concordância.

— Amanhã o restaurante fica por sua conta! É a inauguração do bar do meu irmão, em Amsterdã. Prometi a ele que estaria presente.

Prestou continência.

— Sim, senhor, senhor! Estará tudo sob controle, prometo!

— Confio em você, Srta. Flores!

Lola

Acordei no meio da noite, ainda segurando o telefone.

Era idiota, mas eu realmente tinha esperanças de que ele, ao menos, me desse a chance de explicar por que havia recusado o beijo.

Puxei os cobertores sobre Nina, que dormia ao meu lado. Leij tinha conseguido alguns plantões no hospital e ficaria conosco, no quarto de Nina, até que encontrasse um lugar próprio.

Eu me levantei e caminhei pela casa.

Depois da chuva, o céu estava limpo e estrelado, embora a temperatura estivesse mais baixa que o normal para o verão. Abri as portas duplas da sacada e me sentei em uma das cadeiras.

Digitei “Van Galagher” no site de busca e, no mesmo instante, a tela do celular foi tomada por fotos da família de Collin. Quando abri a primeira

foto, reconheci o pai. Adrian Van Galagher, o magnata dos motores. Era conhecido em toda a Holanda como Leão de Roterdã. A mãe estava sempre ao seu lado, jovem, elegante e altiva. Tinha um sorriso caloroso e um olhar astuto. A garota que conheci no hospital se parecia com ela.

Enquanto rolava a página, Collin apareceu abraçado a uma loira bonita. Estavam de preto, provavelmente saindo de um funeral. Cliquei sobre a foto. A legenda dizia: “Uma nova desgraça na família Van Galagher”. Não li a matéria. Parecia sensacionalista e injusta com a tristeza estampada no rosto dos dois.

Ia rolando e encarando de frente o tamanho da minha burrice. Poderia ter evitado tudo com uma pequena busca na Internet, mas é claro que não havia feito. *Dolores Calderón prefere sempre o caminho mais tortuoso.*

Deixei o telefone sobre a mesa e fechei os olhos, tentando reviver a sensação de tê-lo tão perto. A barba roçando minha pele. A mão grande e os dedos gentis, acariciando meu rosto. Os lábios tocando os meus, a respiração aumentando, o perfume se espalhando em volta de mim.

Tive um único homem em minha vida, e estava certa de que havia me apaixonado perdidamente por ele, até que conheci aquele maldito holandês cabeludo. *Meu anjo de asa quebrada... Meu? Não, ele não era meu e, a julgar pelos últimos acontecimentos, não seria nunca.*

O que restou da noite, dormi no sofá. Acordei com Leij preparando o café.

— Huuuuum... Não sei o que é, mas o cheiro está ótimo! — Ajeitei os cabelos em um coque bagunçado e me sentei na banqueta.

Leij serviu café em uma xícara e colocou perto

de mim.

— Beba! Você está com uma cara péssima!

— Credo! — reclamei.

— Amiga, você sabe que é linda, com esses cabelos ondulados e volumosos, mas posso ver suas olheiras daqui. Você precisa descansar mais e aproveitar um pouco da vida.

Ri alto.

— Eu adoraria, acredite.

— Vamos sair hoje! — anunciou animada. — Quero comemorar o emprego novo e vou arrastá-la comigo, nem que seja amarrada! Sabe aquele empresário bonitão que eu amo desde sempre?

— O príncipe dos olhos azuis... — brinquei.

— Ele mesmo! Vai inaugurar um bar incrível em Amsterdã. Evento de elite, não podemos perder!

— E o que eu faço com Nina? Esqueceu? Eu sou mãe solo, amiga. Não tenho noites de folga.

— Tenho certeza de que sua vizinha pode ficar com ela, Lola. Vamos! Uma noite! Uma noitezinha só!

Implorava com as mãos postas em oração, e eu não podia negar que uma noite de folga seria mesmo interessante, ainda mais depois de tudo que tinha acontecido nos últimos dias.

— Por favor? — insistiu.

— Vou confirmar com a Sra. Herta.

— Oba! — Deu-me um abraço apertado.

Leij saiu para o trabalho, logo que terminamos o café. Eu havia conseguido o dia de folga. Nina tinha uma consulta com a psicóloga indicada pela escola e, se ela aprovasse, poderia voltar às aulas imediatamente. Eu queria ter esperança, mas tinha medo de como seria quando Collin não aparecesse, no fim de semana.

Sra. Herta tocou a campainha logo que

voltamos. Queria saber como tinha sido tudo.

— Ela disse que precisa de mais algumas consultas para liberar... — expliquei preocupada.

— São ótimas notícias, Lola! Você deveria estar contente! Semana que vem, tudo volta ao normal!

Respirei fundo.

— Ele não vai aparecer, Sra. Herta... — Baixei os olhos para o chão.

— Ligue para ele! Pareceu um bom rapaz.

— Tentei ligar, mas ele não quer falar comigo.

Pensou por um segundo.

— Deixe um recado, querida. Pedindo que ele mande um recado para Nina. Tenho certeza de que ele fará. — Sorriu, acariciando meu rosto. — Ele é um bom rapaz, Lola, não sei o que houve entre vocês dois, mas sei que gosta realmente de Nina.

Segurei sua mão entre as minhas.

— Obrigada!

— E vá passear com sua amiga em paz. Nina está ótima, ficaremos bem. Você precisa ter uma vida, Lola... Está sempre enfiada em casa ou naquele hospital. Eu nunca a vi fazer nada por si mesma.

Sorri, puxando-a para mim em um abraço carinhoso.

Eram fim de tarde, quando Leij voltou.

— Então, tudo certo para hoje? Não se atreva a dizer que não vai! — reclamou, fazendo-me rir.

— Eu vou!

Deu um grito de comemoração e me abraçou.

— Vai ser ótimo, você vai ver! Eu estou na esperança de que o príncipe bonitão finalmente me perceba! — brincou. — Mas é claro que homens daquele tipo não olham para nós, reles mortais.

Sorri, mas o riso era triste e cheio de culpa. Eu

tinha conseguido um príncipe e tinha deixado ir, como um balão de gás que escapa das nossas mãos.

Saímos de Zandvoort com a noite caindo. Leij ficou de me emprestar um vestido, já que os meus não eram nem de longe adequados, e por isso decidimos nos arrumar no apartamento dela.

— Amiga, eu não vou sair assim! — Tapei o rosto com a mão. — Meus seios estão quase para fora e meu bumbum parece dois números maior neste vestido! Eu mal consigo respirar, Leij!

Minha amiga deu as costas para o espelho, onde terminava a maquiagem, e me encarou por um segundo.

— Dolores Calderón, você está incrível! Quem me dera ter um corpo como o seu! — Deu um passo para o lado, para que eu pudesse me ver melhor.

Sempre gostei do meu corpo e dos seus

atributos, mas, depois da gravidez e de tanto ouvir Paco dizer que eu não era mais como antes, fui descendo a barra dos vestidos e subindo os decotes. Não conseguia mais me ver como a garota sexy que já fui um dia.

— Venha cá, vou maquiar você! Esses olhões grandes e tão expressivos que você tem, merecem um belo destaque.

Finalizamos deixando meus cabelos soltos e escovados, suavizando as ondas e um pouco do volume. Quando me levantei da cadeira, Leij me levou até o espelho.

— Veja, você parece uma atriz de cinema, Lola! Está um arraso!

Sorri. Estava mesmo bonita, embora ainda me sentisse sem jeito com o vestido.

— A senhorita está linda também, sabia? — Segurei as mãos da minha amiga.

Leij era bem mais alta e mais magra do que eu. Tinha um rosto de boneca e lindos cabelos loiros, desfiados um pouco abaixo dos ombros, e o vestido cor-de-rosa que havia escolhido a deixava ainda mais bonita e delicada.

— Agora vamos! — Levou-me pela mão. — Somos lindas e sexys, e estamos na pista, vamos arrasar!

O tal bar ficava na parte mais cara e elegante de Amsterdã. Era reduto de famosos e endinheirados de toda a Holanda.

Descemos do carro e paramos na porta.

— Vê? É disso que estou falando! Precisamos nos divertir! — minha amiga anunciou.

Começamos a caminhar em direção à entrada. A música animada e o barulho das conversas me deixavam ansiosa. Fazia tanto tempo que eu não saía de casa para um programa de adultos que nem

sabia mais como me comportar.

— Olha! É a Sam e o Hans! Vamos nos sentar com eles. — Arrastou-me até a mesa dos nossos colegas de faculdade.

Depois de uma hora de conversa, eu estava completamente à vontade e aproveitando um pouco o passeio

— Meu Deus, Lola, ainda não acredito que essa maluca da Leij conseguiu tirá-la da toca! Achei que nunca mais a veria! — Hans, meu colega de classe, puxou-me para mais um abraço.

Éramos muito próximos, até que Paco resolveu nos afastar. Hans era um homem bonito. Alto e com uma boa constituição física, havia jogado basquete na liga nacional até se formar. Tinha lindos olhos verdes e um sorriso encantador, mas, ainda assim, nunca desrespeitou nossa amizade ou o meu relacionamento.

— Fico feliz que aquele imbecil, finalmente, a tenha deixado livre! Você merece mais do que ele, Lolita! — brincou.

A proposta do lugar era ser um bar no térreo e uma casa de shows no subsolo. Eu ainda não tinha descido para conferir, mas, pela música alta e pela animação que ouvíamos, certamente faria sucesso.

— Não vejo meu príncipe em lugar algum! — minha amiga reclamou. — Justo hoje que me arrumei para ele!

— Quem? — Samanta perguntou. — O bonitão e ricaço, dono de tudo aqui? Está lá embaixo, né, amiga? Junto dos ricos e famosos como ele!

— Então nós temos que descer, Sam!

— Eu concordo! Estamos perdendo tempo! Vamos, Lola!

Hans começou a rir e eu o acompanhei. Era quase ridículo o fascínio de Leij pelo tal Van Hart.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vão vocês duas! Eu fico aqui e faço companhia ao Hans... Minha cota de ricos e famosos já foi preenchida com louvor! — Revirei os olhos.

Leij me lançou um olhar inquisidor, mas sua vontade de descer as escadas do paraíso era maior do que sua curiosidade, para minha sorte.

Assim que ficamos sozinhos na mesa, Hans levantou o copo em um brinde.

— Ao mundo normal!

— O bom e velho mundo dos mortais! — brinquei, mas meus pensamentos já não estavam mais lá.

Depois de um tempo, uma banda de rock que ouvíamos na faculdade foi anunciada e Hans se levantou.

— Agora temos que ir, Lolita! — Estendeu a mão para mim. — É nossa música! — brincou.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem! — Segurei a mão oferecida e seguimos em direção às escadarias.

Tentávamos uma brecha no mar de gente que descia e subia, quando alguém gritou pelo meu acompanhante.

— É minha irmã! — explicou ao meu ouvido. — Ela esqueceu o cartão de crédito comigo. Vou apenas devolver e já encontro você lá embaixo. Guarde um lugar para mim!

Concordei e continuei descendo.

No andar de baixo, não havia muita luz além do palco. As pessoas dançavam, cantavam, e eu não conseguia enxergar nada.

Decidi pedir um drinque, já que provavelmente não encontraria mais nenhum dos meus amigos e estava sem a chave do apartamento de Leij.

Fui abrindo espaço na multidão até que alcancei o bar.

— Um *mojito*, por favor! — Estiquei a mão para que o barman me visse, já que eu estava espremida ali no meio.

Assim que ele colocou o copo no balcão, dei um belo gole, sentindo todo o sabor da bebida se espalhar em minha boca.

Ergui a mão para passar pela multidão, mas um careca grandão decidiu se levantar da banqueta no mesmo instante e me empurrou para a frente, fazendo-me bater em cheio no peito de um homem, derrubando minha bebida toda em sua camisa branca.

— Oh, Deus, desculpe! — Ergui o rosto para encarar minha vítima e quase caí de costas.

Era ele, Collin Van Galagher, o único homem que realmente acelerava meu coração. Ele coçou a barba e me encarou com aqueles grandes olhos esverdeados e terrivelmente profundos que tinha,

PERIGOSAS NACIONAIS

tirando-me o ar.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 9

Collin

— Sabe que odeio esse tipo de evento! — frisei pela milionésima vez.

Trevor alisou os cabelos claros para trás, aquele sorriso de lado que tanto me lembrava Jens ganhando espaço em seu rosto.

— E sei também que você faria qualquer coisa pelo seu irmãozinho aqui! — Bateu em minhas costas. — Não tenho culpa se você é famoso e arrasta uma legião de mulheres bonitas para todo lugar que vai.

Ri alto.

— Está falando de si mesmo, companheiro!

Tirei o paletó e coloquei sobre a bancada da cozinha. Dobrei as mangas da camisa até os antebraços e ajeitei uma mecha de cabelo solta.

— Venha! Vamos circular um pouco pelo salão. — Abriu a porta de serviço. — Nem pense

em ficar enfiado nesta cozinha a noite toda.

Soltei uma lufada de ar. Conhecia Trevor o suficiente para saber que não adiantaria protestar.

O salão estava lotado com mais da metade da renda *per capita* da Holanda. Empresários, modelos, artistas, colunistas de todo tipo dispostos a bajular o homem que comandava o grande império de exportações dos Países Baixos.

— Não sei como você consegue... — Dei um gole em meu Black Russian. — Odeio bajuladores.

Trevor riu de canto, coçando a barba bem-aparada.

— Fecho meus olhos, companheiro, e me vejo deitado em minha cama *king size*, na cobertura de Witte de With, acompanhado de uma loira escultural... Uma não! Duas, no mínimo! Então tudo fica mais fácil! — Piscou.

— Você é um esnobe, filho da puta! — xinguei

rindo e meu irmão riu também.

— Falando sério agora... — Ajeitou o paletó. — Tudo fica mais fácil com o tempo... Eu baixo minhas expectativas sociais e eles não me incomodam tanto.

Bati em seu ombro com carinho. Sabia bem o quanto custava a ele ser o filho perfeito. Trevor carregava nos ombros todas as expectativas do nosso pai. Era um fardo pesado.

— Anda, Stella chegou. Vamos até lá. — Indiquei o pequeno aglomerado de pessoas na entrada. Não queria fazê-lo questionar as escolhas justamente naquele dia.

Demos a volta no salão, até próximo à entrada.

— Collin! — Stella, minha irmã caçula, pendurou-se em meu pescoço. Estava radiante em seu vestido azul-marinho, brilhante como seus olhos. — Você está lindo! — Beijou meu rosto e

deitou a cabeça em meu peito.

— Não mais que você, estrelinha! — devolvi o carinho.

Estávamos voltando para área VIP, quando eu a vi. Meus pés travados no chão por um segundo.

Os cabelos, soltos em ondas, espalhavam-se pelos ombros, enquanto ela os prendia atrás da orelha, deixando evidente o decote generoso. O vermelho do vestido acentuava o tom bronzeado da pele. Ria de alguma coisa que um idiota engravatado ao lado dela dizia.

— Tudo bem? — Stella questionou.

— Tudo. Pensei que conhecia alguém, mas estava enganado.

Encarou-me com seus grandes olhos, azuis como o céu, observadora e astuta como nosso pai.

Segurei sua mão e levei à boca, beijando suavemente.

— Venha, irmãzinha, acho que preciso de outro drinque e você precisa ser vista, baby.

Esforcei-me o máximo que pude para não dar atenção à presença dela. O que a garota tinha de mais? Era bonita... Sexy como inferno, mas não era a única mulher bonita daquele maldito lugar.

— Collin, esta é Sarah, minha amiga da faculdade — Stella chamou minha atenção, ao lado de uma ruiva absolutamente linda. — Ela é sua fã incondicional e fez questão de cumprimentá-lo.

Estendi a mão, usando meu melhor sorriso.

— É um prazer conhecê-la. — Beijei-a delicadamente.

— Eu disse que ele era um cavalheiro! — minha irmã incentivou.

Elas falavam, riam e eu as acompanhava, mas meus olhos não deixavam a mesa no deque em momento algum.

O engravatado tocava o braço dela, falava em seu ouvido, e meu sangue ia se aquecendo mais e mais. *Do que ela ri tanto?* Garota maluca, sempre falando e falando como se não conseguisse organizar os próprios pensamentos.

— Collin, Sarah quer provar seu *magret*! — Stella interrompeu meus pensamentos mais uma vez. — O que acha de irmos ao Holandês Voador qualquer dia desses?

— É claro! — Sorri como se estivesse interessado. — Serão minhas convidadas.

A ruiva sorria e mexia nos cabelos, demonstrando claramente o que queria de mim, mas, enquanto aquela maldita colombiana estivesse em meu raio de visão, nada mais existiria.

As duas garotas na mesa se levantaram e seguiram para o andar de baixo, assim que a música começou a tocar, deixando Lola e o engravatado

sozinhos. Ele disse alguma coisa em seu ouvido e ela tocou sua mão, deixando lá. Dedos entrelaçados.

— É brincadeira, só pode! — praguejei mais alto do que gostaria.

— Oi? — minha irmã perguntou.

— Não é nada, baby, preciso de um cigarro, só isso. — Beijei seu rosto e em seguida o da amiga. — Espero vocês no restaurante.

Dei-lhe as costas, precisava tirá-la da cabeça. *Maldita colombiana! Por que se negou a me beijar, para depois ficar se esfregando com aquele imbecil magricelo no hospital?*

Alisei os cabelos para trás.

— Um *cowboy*! — pedi ao barman. — Duplo.

Deveria ter ido embora. Não era muito bom em lidar com rejeição, e menos ainda depois de tanto álcool nublando meu raciocínio, mas não pude.

Assim que virei as costas, ela não estava mais na mesa. Cerrei a mão em punho, pensando no que ela poderia ter decidido fazer com o que restava da noite, até que a vi, descia as escadas sozinha.

Respirei fundo, tentando controlar o incontrolável. Uma derrota que eu estava feliz em aceitar. Talvez fosse hora de ouvir o que ela tinha a me contar.

Desci devagar, aproveitando a falta de iluminação e o barulho, para passar despercebido.

Parecia perdida, como se procurasse por alguém. As amigas, talvez. Caminhou até o bar, abrindo espaço na multidão, e eu fiquei a uma pequena distância, esperando que me visse; não desejava assustá-la ou coisa assim.

A garota vinha caminhando sem jeito, braço levantado, para fugir da multidão; pequena como era, não tinha tanto sucesso na tarefa quanto

desejava.

Esperei pacientemente que me visse, mas, antes que pudesse, um idiota a empurrou, fazendo com que perdesse o equilíbrio e entornasse toda a bebida em minha camisa.

— Oh, Deus, desculpe! — Levantou o rosto para me ver e arregalou os olhos escuros.

Eu não podia vê-la tão bem como gostaria, mas podia apostar que tinha as bochechas avermelhadas, como quando eu a tocava.

— Desculpe! — repetia, enquanto tentava em vão secar a mancha com o guardanapo.

Uma das mãos espalmada em meu peito, enquanto a outra esfregava o pedaço de papel em mim. Seu perfume se espalhando a cada movimento. Os olhos castanhos fugindo dos meus.

— Collin, eu... — Piscava nervosa, aumentando o desejo que eu já não conseguia

controlar.

Segurei-a pelo pulso e a levei comigo, através da multidão. Tinha ficado com a chave do depósito de bebidas.

Abri a porta e a puxei para dentro, fechando com chave o lugar. Acendi a luz e a soltei. Lola se encostou na parede, ofegante, pouco menos de um metro entre nós.

— Você disse que queria me explicar algo... Vamos! Antes que seu namorado sinta sua falta!

— Meu namorado? Não... August não é meu namorado, é um imbecil prepotente que não sabe ouvir um não! — Praguejou.

— Você parecia bem-disposta na mesa... Talvez por isso ele não entenda o recado. Aliás, você precisa trabalhar isso... Tem uma péssima linguagem corporal! — provoquei.

— Hans? Meu Deus, Collin, Hans não é meu

namorado!

Alisou os cabelos para trás, estava nervosa, e, quanto mais nervosa ficava, mais eu a desejava. Um instinto primitivo tomando conta de mim como nunca.

Dei um passo à frente, diminuindo o espaço, e ela não tinha como fugir. Meus braços apoiados na parede, mantendo-a no lugar.

— É uma lista longa de pretendentes para quem nem bem acabou um relacionamento... — insisti na provocação. Queria levá-la ao limite.

Ergueu a mão e eu a segurei no mesmo instante. Talvez fosse me bater e eu não podia dizer que seria injusta, mas jamais permitiria.

Entrelacei nossos dedos por um segundo, a mão pequena cabia dentro da minha, que deslizei em sua pele, pelos braços, até a lateral do corpo. Um passo mais perto e outro, até que podia sentir sua

respiração ofegante em meu peito. Apertei o toque em sua cintura fina, fazendo-a soltar um gemido baixo.

— Não sei que tipo de jogo estamos jogando aqui, Lola Dolores, médica pediatra, mas devo avisar... — Toquei sua orelha com a boca, bem perto, arrepiando sua pele. — Eu sempre ganho.

— Collin... — Não permiti que continuasse.

Lola

Sua boca encontrou a minha em um beijo duro, lascivo, cheio de desejo. Sua mão apertava minha cintura com força, enquanto seu corpo grande e musculoso pressionava o meu. Estava excitado, e eu também estava.

Deixou minha boca, mordiscando o queixo até o pescoço, chupando com força.

— Hum... — gemi sem conseguir controlar. Minhas mãos em seu peito, sentindo a ondulação dos músculos.

— Lola... — gemeu baixo contra minha pele, levando o pouco de razão que me restava.

Suas mãos desceram pelas minhas costas, cintura, quadris, subindo a barra do vestido, espalmadas em minha bunda. Até que ele me levantou e encaixou-se entre minhas pernas, sustentando meu corpo com o seu.

Segurou meus cabelos em seu punho e aproximou de seu rosto, beijando-me novamente. A ereção pulsando contra minha calcinha.

A mão livre mantinha-me junto a ele, pela parte baixa da cintura, enquanto sua boca pedia pela minha desesperadamente.

Chupou minha língua, e eu fechei os olhos. Queria que o tempo parasse. Precisava de um pouco mais dele. *Muito mais, para ser sincera...*

— Collin... — um gemido sôfrego escapou da minha garganta.

Minhas mãos desciam pela lateral do seu corpo, até a cintura da calça, meus dedos afundando, sentindo o elástico da cueca. Queria senti-lo.

— Ei, colombiana, assim eu não resisto... — sussurrou contra minha boca.

— Não resista... — pedi.

Não fazia diferença onde estávamos ou como seria amanhã, eu só queria um pouco dele. De como me fazia sentir viva, corajosa, desejada. De como me aproximava da garota impetuosa que perdi pelo caminho.

Enfiei as mãos em seus cabelos macios, até a nuca, e foi quando senti o pequeno aparelho na lateral da cabeça, acima da orelha.

No mesmo instante, Collin me soltou, afastando-se e ajeitando a roupa.

— Você é surdo... — constatei.

— Faz diferença para você? — questionou na defensiva, prendendo o cabelo de volta no elástico.

— É claro que não! — Sorri, levando a mão ao seu rosto, mas, antes que alcançasse, ele deu um passo atrás. Postura altiva, inalcançável.

— Bem, senhorita. Acho que terminamos por hoje... Seu amigo... — deu ênfase à palavra.

— Provavelmente está à sua procura e eu preciso cuidar da cozinha.

Abriu a porta e ficou parado no batente.

Levei alguns segundos para entender, ajeitando o vestido e alisando os cabelos de volta ao lugar.

— Você vem? — chamou impaciente.

— Collin... — tentei mais uma vez.

— Foi um prazer vê-la novamente, Lola Dolores, médica pediatra, mas estou com um pouco de pressa, com licença.

Fechou a porta com a chave e sumiu no meio da multidão.

Fiquei parada ali, absorvendo tudo que tinha descoberto em poucos minutos.

— Até que enfim encontrei você! — Leij estendeu a mão. — Venha, vamos embora. Sam e Hans já foram.

Segurei a mão oferecida e caminhei pelo salão,

mas meus pensamentos estavam nele. Era surdo! Surdo! Por isso compreendia Nina tão bem! Por isso conhecia tanto da língua de sinais.

É surdo...

Descemos os degraus da entrada e Leij entregou o cartão para o manobrista. Ficamos paradas, esperando pelo carro.

— Anda... — Riu. — Quero saber tudinho sobre seu sumiço! Porque é óbvio que você não estava no bar. Rodamos o lugar à sua procura.

Sorri sem jeito.

— Encontrei um conhecido...

— E vocês dois foram tragados para outra dimensão... — debochou.

— Quase isso, amiga... Quase isso.

Para minha sorte, o estado alcoólico de Leij não permitia observar o quanto eu estava abalada. Dormiu tão logo entramos em casa.

Prendi os cabelos para tirar a maquiagem e foi aí que percebi o tamanho do hematoma em meu pescoço.

— Droga! Como vou esconder isso amanhã? — reclamei, mas acabei rindo. *Não que eu tenha do que me arrepender.*

Deitei no sofá-cama do escritório e fechei os olhos. O cheiro dele ainda estava em mim, espalhado em minha pele. As sensações que causava em mim, vívidas na mente.

Peguei o celular e encarei o número dele na tela. Queria ligar e ouvir sua voz me chamando de colombiana. O som dos gemidos dele ainda povoavam minhas memórias. A voz grossa vibrando dentro de mim. O toque da pele, a maciez dos cabelos. Aquele olhar infame de quem tem o mundo aos seus pés.

Collin Van Galagher era como uma onda.

Formava-se devagar e tornava impossível fugir. Deixava-me sem ar, os pés flutuando em suas águas, como eu me sentia naquele momento, mas passava rápido demais, rebentando na praia e desaparecendo.

***

No sábado, Leij estava de folga, então voltei sozinha para Zandvoort. Não tinha cabimento fazê-la me levar, quando era uma viagem de trem de pouco mais de vinte minutos. Para minha sorte, o cabelo solto dava conta de esconder as marcas da minha falta de juízo da noite anterior.

Nina correu até mim, assim que abri a porta.

— Veja, mamãe, separei este vestido para ir à praia com Collin! — Sorriu animada, fazendo meu coração apertar.

— Querida, eu lhe disse... Talvez Collin não

possa vir. Ele tem o trabalho dele, você sabe!

— Ele prometeu, mamãe, e amigos não mentem! Ele mesmo me disse isso! — Deu de ombros, ignorando completamente a realidade das coisas.

— Falou com ele? — a Sra. Herta perguntou e eu suspirei.

Como vou explicar?

— Fale com ele, querida. Por Nina...

Aquiesci.

— Falo com ele depois do almoço.

— Isso! — Sorriu e beijou minha testa antes de ir.

Tomei banho e coloquei um vestido verde, de alças finas. Deixei o cabelo solto, porque não queria que Nina visse meu pescoço.

Dei uma arrumada na casa e separei a roupa para lavar. À noite teria plantão, então tudo que eu

pudesse adiantar garantiria mais descanso no domingo.

Fiz almôndegas e purê de batata para o almoço; Nina e eu almoçamos na varanda.

Aproveitei que ela estava no quarto, para fazer o que já tinha postergado demais. Peguei o telefone e encarei a tela.

Força! Você precisa fazer isso por ela! — pensei.

Esperei que atendesse com o coração batendo forte no peito.

— Hum... — enrolei. — Collin... Sei que as coisas estão meio conturbadas entre nós, mas... — Respirei fundo. — Nina... Ela... Ela está esperando que você venha, então... — Soltei uma lufada de ar. — Se você pelo menos explicar a ela que não vem... Ela não tem culpa...

— Concordo! — disse firme. — E é por isso

que estou aqui!

— Aqui? Como aqui? — Fui pega de surpresa, dando um pulo do sofá.

— Estou na frente do seu prédio, com Black Bart. Se puder trazer Nina até aqui, poupamos seu piso de ficar cheio de pelos.

Engoli em seco, enquanto corria até a janela para bisbilhotar.

Estava lá. Braços cruzados sobre o peito, óculos escuros cobrindo os olhos bonitos. Jeans claro desgastado e uma camiseta branca. O grande cachorro preto, ao seu lado.

— Nina! — chamei no caminho para o quarto. — Collin está lá embaixo.

A pequena sorriu. Um riso sincero e cheio de animação.

— Eu sabia que ele viria!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 10

Collin

Desliguei o telefone com vontade de rir.

Ela pensou mesmo que eu não viria.

Se tinha uma coisa que o Sr. Galagher fazia questão de nos ensinar desde cedo, era o valor da palavra. Um homem só é honrado quando cumpre sua palavra e eu jamais falharia nesse quesito, menos ainda com uma criança inocente.

Encarei a porta de vidro do corredor por um longo tempo, até que Marina apareceu, correndo.

Abaixei-me, instintivamente, esperando por ela, e só percebi que era tolice tarde demais.

A menina atirou-se em meus braços, cabecinha tombada em meu ombro, bracinhos pequenos em torno do meu pescoço.

— Eu sabia que você viria! — confessou baixinho. — Mamãe disse que você tinha trabalho, mas um amigo nunca mente, e você é meu amigo!

Respirei fundo, engolindo o bolo de sentimentos que havia se formado em minha garganta e só então levantei os olhos.

Ela estava lá, parada a alguns passos de nós. Cabelos soltos, voando com o vento holandês. O vestido verde acentuava o tom bonito da pele e o sol forte de verão trazia aos olhos aquele tom de chocolate que tanto me intrigava.

Sorria discretamente, maçãs do rosto levemente rosadas e mãos nervosas a deixavam ainda mais fascinante. *Lola, Dolores, a médica pediatra mais linda que conheci na vida.*

Black Bart soltou um latido forte, interrompendo a conexão de olhares entre nós.

Abri a porta do carro e fiz sinal para que o cachorro entrasse.

— Parece que temos mais alguém ansioso pelo passeio de hoje, pequena! — Pisquei, arrancando

um sorriso animado da menina. — Vamos? Eu conheço um lugar bem bonito na ponta da praia.

Lola ficava mais nervosa a cada minuto.

— Podemos ir à praia aqui perto mesmo, Collin, não se preocupe. Nina já está abusando...

A menina acomodou-se ao lado do cachorro e eu fechei a porta traseira, abrindo a dianteira.

— Digamos que meu cachorro não é do tipo que se diverte em multidões e, como você sabe, as praias do Centro estão abarrotadas de turistas.

Vacilou travando uma pequena guerra interna. Os olhos diziam que queria vir, mas os pés continuavam parados no chão.

Estendi a mão e capturei a sua, trazendo-a para perto. Seu perfume espalhando-se com o vento, atingindo em cheio meus sentidos. Flashes da noite anterior passando em minha visão.

— Só um passeio, doutora... — sussurrei tão

perto quanto pude.

Era leviano e inconsequente, mas, quanto mais perto ela ficava, mais eu perdia a vontade de ser coerente. Lola mexia comigo de um jeito lascivo, luxuriante e burro. Completamente burro.

Conduzi a garota até a porta do carro e, assim que ela ocupou seu lugar, eu me sentei.

Cavalheirismo era outro dos ensinamentos do velho Leão de Roterdã.

Nem dez minutos de carro, e estávamos em meu lugar preferido.

Estacionei e abri a porta para Black Bart. Lola ajudou a filha a descer também.

O dia estava bonito, e o céu, azul, quase sem nuvens. A praia vazia e a areia clara e fofa convidavam a caminhar.

Meu cachorro, como de costume, encontrou uma pobre ave para perseguir, enquanto a menina

corria atrás dele, rindo sem parar.

Lola e eu caminhávamos atrás, passos lentos quase na beira da água, em silêncio.

Sempre gostei do silêncio, mesmo antes da surdez e ainda mais depois dela, mas minha acompanhante não era do tipo calada, o que deixava claro seu desconforto.

Eu podia ter iniciado uma conversa trivial, ela obviamente esperava por isso, mas não fiz. Queria ver até onde conseguiria se manter calada.

No fim das contas, o primeiro a desistir fui eu.

— Vai molhar todo o vestido... — constatei, enquanto as ondas ficavam mais fortes, perto do píer.

— Tudo bem! — Sorriu ajeitando o cabelo, deixando visível a mancha arroxeada em seu pescoço e trazendo para mim ainda mais lembranças da noite anterior.

Assim que percebeu meu olhar, o sorriso morreu, dando lugar ao nervosismo de antes.

— Collin, eu... — Respirou fundo, como se buscasse coragem. — Eu só quero que saiba que significa muito para mim... Para Nina... — corrigiu. — Você ter vindo hoje...

Sorri de lado. Era óbvio que Lola, Dolores, médica pediatra, jamais diria algo sobre a noite anterior. Sua timidez aparente beirava a castidade, mas era apenas aparente, porque tínhamos deixado tudo isso para trás, em nosso último encontro secreto.

— Marina é uma garotinha incrível, já disse isso a você. É um prazer estar com ela.

Black Bart correu para a água e Nina correu junto, deixando Lola desesperada.

— Nina! Nina! — gritou.

— Eu pego! — Deixei as chaves do carro e a

carteira na areia, então segui até o mar.

Não foi difícil alcançá-los, já que meu cachorro corria em círculos, como um bobo.

— Ei, docinho, sua mãe está desesperada! Imagino que seja por causa disto aqui! — Tirei os aparelhos das orelhas dela e os sequei na camiseta.

Nina sorriu, concordando com a cabeça.

Deixei a menina se divertindo na água rasa e voltei para areia.

— Acho que não molharam tanto assim. — Mostrei os aparelhos.

— Obrigada! Eu me cansei de comprar aparelhos caros, esses não são tão resistentes assim! — Sorriu sem jeito.

— Minha mãe chegou a comprar cinco aparelhos no mesmo mês. — Dei de ombros. — É uma fase difícil. — Pisquei sorrindo e Lola me acompanhou.

— Coitada da sua mãe! — brincou.

— Ah, ela tem boas histórias para contar, não tenha dúvidas!

Continuou rindo até que soltou uma lufada de ar.

— Você podia ter me contado que era surdo...

Foi minha vez de suspirar.

— Não é tão fácil assim... — Desviei o olhar. Não gostava de me sentir exposto.

— Sei que não é... Custo a contar às pessoas sobre Nina... — Sorriu sem humor. — Demorei um bom tempo para contar à minha mãe. — Baixou os olhos para os pés. — Ela é uma pessoa maravilhosa, mas é simples, sabe? Vai olhar para minha filha com aquele olhar de pena que eu odeio.

Fechei os olhos por um segundo.

— Foi por isso que não lhe contei sobre minha deficiência — confessei. — Não era um olhar que

eu gostaria de ver em seu rosto.

Tocou meu peito, deixando a mão ali, aquecendo minha pele com o seu toque.

— Eu jamais olharia para você com pena, muito pelo contrário... Se o admirava antes de saber, agora então...

Meu coração batia tão forte no peito que era quase desconfortável. Os olhos dela miravam os meus, profundamente.

— Lola, eu...

Havia tanto para dizer. Tantas palavras não ditas entre nós. Abri a boca para continuar, mas fui interrompido por um cão molhado e desajeitado. Ele correu a nossa volta até finalmente perder o pouco de juízo que tinha e pular em mim, molhando o que havia de seco em minhas roupas.

— Parece que o passeio terminou por hoje! — Lola constatou rindo.

— Eu moro aqui perto... — expliquei. — Se não estiverem com pressa, posso me trocar e levá-las até em casa.

— Não precisa, Collin! Já demos trabalho demais. — Ria de um jeito tão espontâneo que me fazia querer rir também.

— Um café, doutora... — Sorri de canto. — Não se nega um café a ninguém!

Era um pedido simples, mas meus olhos revelavam bem mais do que eu queria. Era difícil continuar impassível diante do que ela despertava em mim.

"Estou com fome, mamãe!", a menina reclamou, ajudando-me sem saber.

"Tudo bem, um café!"

Caminhamos até minha casa.

"Olha, mamãe, Collin mora na frente do mar!", Nina constatou, encarando a vista do meu

deque.

— É uma bela casa. — Lola sorriu.

— Obrigado. — Abri a porta. — Venha, entre.

— Nina está molhada, vai sujar tudo! Nós esperamos aqui fora. A tarde está linda.

Aquiesci e entrei.

Liguei a cafeteira e coloquei algumas fatias de pão no forno, antes de tomar uma ducha rápida e vestir roupas limpas.

Arrumei uma bandeja com o pão, mel, geleia caseira de damasco e manteiga. Preparei duas xícaras de café e servi suco de uva em um copo para Nina.

Coloquei sobre a mesa e a menina correu até nós.

"Bem, senhoritas, é um café de última hora, mas espero que apreciem", falei.

"Meu Deus, isso é um banquete!", Lola

respondeu.

Marina pegou um pedaço de pão, o copo de suco e sentou-se no banco do parapeito de madeira, ao lado de Black Bart.

"Tenha cuidado com esse ladrãozinho de pães!", adverti e a menina riu alto.

— Aqui está seu café, doutora. — Entreguei a xícara. — E se me permite... Esta é a melhor combinação que existe para um pão rústico... — Mergulhei a ponta da fatia no pote de mel e aproximei de sua boca. — Prove e me diga o que acha...

Era sexual e intenso, como tudo entre nós, ainda que velado.

Lola abriu a boca e tudo que eu queria era deixar o pão na mesa e beijá-la com todo o fogo que me consumia por dentro, cada vez que ela estava perto.

— Huuum... É delicioso!

Fechou os olhos enquanto mastigava, fazendo meu corpo todo esquentar. Algumas partes, especialmente.

— É um prazer saber que minha comida lhe agrada... — cobri sua mão com a minha. Queria sentir um pouco mais dela, mas acabei interrompido por dois pequenos foguetes, que corriam de um lado para o outro.

Lola

Não demorou até que uma loira elegante e sorridente aparecesse na escada.

— Desculpe ter vindo sem avisar, mas ninguém convencia esses dois do contrário.

Collin se levantou e abraçou a mulher carinhosamente, deixando-me um pouco sem jeito.

— Como se precisasse de convite para visitar seu irmão! — Beijou sua bochecha e ganhou o mesmo carinho dela.

Depois abaixou-se e abraçou os dois meninos, que corriam em volta dele.

— Deixe-me adivinhar... — A mulher caminhou até mim. — Você deve ser a pediatra... — Sorriu. — Sou Hanna! Desculpe não saber seu nome, mas este pirata carrancudo aqui não é bom em se abrir.

Acabei rindo.

— Sou Lola, é um prazer conhecê-la.

— Hanna é minha irmã mais velha... — explicou.

— Quando você fala assim, eu me sinto com sessenta anos! — reclamou.

— Ok, Hanna é minha irmã, alguns anos mais velha. Poucos, para ser exato! — Deu uma piscadela, fazendo a loira rir mais alto.

— É um conquistador safado, esse meu irmão! — recriminou, jogando um guardanapo em Collin.

Respirei fundo, não estava preparada para uma cena bonita como aquela. O amor e a cumplicidade entre eles eram quase palpáveis. Como tinha sido quando o vi com Aurora e, por isso, fazia-me sentir ainda mais boba por não ter compreendido o tipo de amor que havia entre eles.

As crianças ficaram caladas de repente e eu voltei os olhos para Nina, com medo do que

encontraria, mas acabei sorrindo. Estavam sentados no chão, os três, conversando em língua de sinais.

— Não se preocupe com eles! — Hanna percebeu meu desconforto. — Crianças são ótimas em se enturmar! — Tocou meu braço carinhosamente.

Fiquei olhando os três, que conversavam e riam. Fazia tanto tempo que Nina não interagia assim com outras crianças e eu sabia bem o quanto isso custava a ela.

Depois de tantos meses, ver minha filha se sentindo como os outros novamente era encantador.

— Vou pegar mais bebida e pão para nós! — Collin se levantou e levou a bandeja para dentro da casa.

Ficamos sozinhas na varanda, Hanna e eu, observando nossos filhos.

— Todos nós conhecemos a língua de sinais.

— Sorriu. — Mamãe fez questão de que aprendêssemos, queria que Collin se sentisse incluído nas conversas, mesmo quando estivesse sem aparelhos.

— Sua mãe deve ser uma mulher incrível. — Sorri de volta.

— Ela é, sim! Aliás, ela desenvolve um trabalho social muito legal com deficientes auditivos, você precisa conhecê-la, Lola. Tenho certeza de que se dariam bem. Mamãe tem histórias ótimas para contar, com certeza! — Riu mais alto. — Collin não era um exemplo de quietude e ordem!

Acabei rindo também.

— Não posso dizer que me surpreende! — brinquei.

Hanna deu um gole no café de Collin e comeu mais um pedaço do pão.

— Huuuum, isto é ótimo!

— É, sim! — concordei, deixando um suspiro escapar sem querer.

A mão delicada de minha nova amiga cobriu a minha, em um gesto compreensivo.

— Ele é um cara incrível, Lola... O melhor que conheço... Mas precisa de uns empurrõezinhos de vez em quando.

Mais um suspiro insistiu em escapar.

— Indico uma boa dose de paciência também! — Piscou. — Você sabe, os homens são lentos! — Revirou os olhos fazendo-me rir alto.

— Sei bem!

— Imagine eu, que sou cercada por três! — confessou tapando o rosto com as mãos. — Espero que pelo menos o bebê seja uma garota! — Acariciou a barriga com carinho. — Preciso urgente de uma companheira naquela casa!

— Você está grávida! Que legal! Parabéns!

— Sim! Estou bem no início... Enjoos terríveis, só consigo comer bem quando venho aqui! — confessou. — Parece que este bebezinho aqui já é apaixonado pelo tio desde a barriga!

— Como dizia Vó Margarida, sinto minhas orelhas queimarem! — Collin apareceu com a bandeja cheia de comida. — Andem, digam logo por que falam mal de mim!

— Mal de você? — Hanna debochou. — Jamais!

Caí na gargalhada.

— Não ria, doutora! Não é nada gentil! — reclamou.

— Desculpe! Não consigo evitar.

Conversamos por mais alguns minutos.

— Collin, agradeço muito o passeio e o café. Estava ótimo, mas precisamos ir. Tenho plantão

daqui a pouco e um dia cheio amanhã.

— Levo vocês! — Levantou-se e pegou as chaves.

— De jeito nenhum! Fique com sua irmã, nós podemos caminhar um pouco, está uma tarde linda para um passeio.

— Tem certeza?

Aquiesci sorrindo.

Caminhei até Nina e entreguei os aparelhos para que ela colocasse.

— Vamos, querida? Já está ficando tarde e eu preciso trabalhar hoje.

— Aaaaaaah, mãe... — choramingou.

— Você pode ver seus novos amigos outro dia, amorzinho.

— Promete?

— Prometo! Se eles quiserem e Hanna permitir! — Voltei os olhos para a mulher, que

agora caminhava até nós.

Abriu os braços para minha filha e a abraçou com carinho.

— Será um prazer vê-la novamente, Nina! E você está convidada para conhecer nossa casa, em Roterdã. Vou pedir o número da sua mãe para combinarmos.

Nina sorriu animada, enchendo meu coração de alegria.

Despedi-me de Hanna e dos meninos, então me aproximei de Collin, coração apertado; não queria me despedir, porque não sabia se o veria novamente.

Nina ergueu os braços para ele, que a segurou com carinho, beijando seu rosto e ajeitando o cabelo bagunçado com os dedos.

— Cuide-se e use os aparelhos! — Piscou.

— Promete que vem me ver logo?

— Prometo! — Deixou-a no chão e beijou o topo de sua cabeça. — Mas só se você obedecer a sua mãe e voltar para a escola.

Minha filha meneou a cabeça concordando e correu para se despedir do cachorro deitado nos degraus.

— É isso, Lola, Dolores... Nos vemos por aí... — Sorriu de canto, terrivelmente sexy.

— Nos vemos por aí... — concordei.

Ia seguir para a escada, quando ele me puxou para um abraço apertado. Fechei os olhos, sentindo o perfume dele atingir meus sentidos e aquecer meu coração. O cabelo macio acariciando meu rosto, levado pelo vento, a barba roçando minha pele.

Ficamos assim, por uns poucos segundos, mas significou mais do que qualquer contato. Foi o abraço mais intenso e cheio de sentimentos que dei na vida.

Beijou minha bochecha, demorando os lábios em minha pele, acariciando com a ponta do nariz.

Deus, como eu queria beijá-lo!

Quando se afastou, manteve minha mão na sua, até que me afastei devagar. Não queria ir, mas precisava.

Nina e eu caminhamos pela praia. Ela, cantarolando e pulando em volta de mim, animada e feliz, e eu, rindo de sua felicidade. Na metade do caminho, cansou.

— Mamãe... Não aguento mais caminhar! — reclamou.

Chamei um táxi e seguimos até o apartamento.

Faltava pouco para as sete da noite, quando a deixei limpa e alimentada, debaixo da manta, vendo desenhos no sofá.

Segui direto para o hospital, mas, enquanto caminhava, a imagem dele seguia ao meu lado,

ocupando todos os meus pensamentos.

Hanna tinha razão! Collin Van Galagher era o homem mais incrível do mundo.



Capítulo 11

Collin

Ela seguiu pela praia e meus olhos seguiram com ela.

Queria dizer que não me importava e que era só mais uma garota bonita em minha vida, mas a verdade é que Lola, Dolores, a médica pediatra, mexia em lugares que jurei que não existiam mais.

— Dói, não é? — Hanna debruçou-se no guarda-corpo ao meu lado. — Quando a gente quer que a pessoa fique, mas não tem coragem de pedir...

— Alguém já lhe lembrou hoje de que a senhora não é psicóloga, Sra. Santana? — critiquei.

— Vamos lá, confesse! — insistiu.

— Não há o que confessar, irmãzinha! Eu já lhe disse tudo a respeito de Lola e eu. Ela tem a vida dela, e eu, a minha, ponto.

— Então quer dizer que aquelas marcas

imensas de chupões no pescoço dela não foram feitas por você...

Soltei uma gargalhada.

— Hanna, você não existe! — Puxei-a para os meus braços. — Venha, vamos entrar! Está começando a ventar aqui fora.

Faltava pouco para a hora do jantar, quando minha irmã colocou os meninos no carro para ir embora.

— Anda, Aurie! — reclamou. — Você vai para minha casa, irmãzinha, não para um casamento!

— Já vou! — gritou de dentro da casa.

— Nos vemos amanhã! — Beijou meu rosto e segurou minhas mãos junto às suas.

Meneei a cabeça em concordância.

— Você deveria convidar Lola para almoçar...

— Não! — interrompi. — Nada de carregar a pobre coitada da médica direto para um almoço na

mansão dos Galaghers! Aquele lugar pode ser bem assustador, você sabe!

— Não seja bobo! — criticou rindo. — Mamãe adoraria conhecê-la. Você nunca apresentou uma namorada a ela.

— Lola não é minha namorada, Hanna. Está longe disso. Tivemos um lance, apenas.

Baixou os óculos escuros e me encarou inquisitiva, com seus grandes olhos verdes como o mar.

— Não... Não ouse começar com a terapia gratuita! — adverti.

— Cego! — Deu de ombros. — Alguém já lhe disse que você parece demais com o velho Leão?

Acabei rindo novamente.

— Faça um favor a si mesmo, irmãozinho, e herde apenas o lado positivo dele, ok?

— Anotado!

Aurora apareceu e interrompeu nosso assunto. Beijou meu rosto e entrou no carro.

— Dirija com cuidado e avise à mamãe que chego bem cedo amanhã. Vamos fazer *Eisbein.*

— Deus! Como vou manter minha dieta desse jeito? — fingiu que rezava, antes de me jogar um beijo e arrancar com o carro.

Fiquei sozinho mais uma vez.

De repente, a solidão que eu tanto amava parecia desconfortável.

Tomei banho e segui direto para o restaurante. Para minha sorte, Ravi havia decidido voltar ao trabalho antes do combinado e Lídia tinha outra pessoa para atazanar; mesmo assim, não consegui terminar a noite impune.

— Você está tão calado, chef! Se não o conhecesse bem, diria que está apaixonado.

— Ainda bem que você conhece, então... —

Ergui uma sobrancelha, deixando claro que o assunto terminava ali.

— Tudo bem! Não digo mais nada! — Fez o gesto de zíper fechando na própria boca, mas eu a conhecia bem demais para cair na encenação. — Mas se quer um conselho...

— Vou receber mesmo que não queira... — provoquei.

— A doutora é bem mais interessante que aquela russa magrela e mal-humorada! Aliás, tenho certeza de que é tão azeda porque vive com fome! Meu Deus, Collin, as coxas da garota têm o diâmetro do meu braço!

Acabei rindo.

— Lídia, você anima minhas noites! — confessei, puxando-a para um abraço.

— Eu sei, você não vive sem mim! — Piscou.

— Definitivamente!

Os funcionários se foram e eu fiquei sozinho no restaurante também. A solidão parecia minha maior companheira.

Preparei um Dry Martini e acendi um cigarro, sentado em minha cadeira, pés apoiados no parapeito da janela. Olhos fechados, soltando uma baforada longa de cada vez.

Ah, Lola, por que você não sai da minha cabeça?

Era ridículo pensar em paixão ou qualquer coisa sentimental nesse nível. Era sexo, atração... Tinha que ser! Eu não queria me apaixonar! Não tinha o menor espaço em minha vida para outra pessoa.

Faltavam alguns meses para o meu check-up anual. Alguns meses para ouvir, novamente, o inevitável.

"Você está estável, Collin."

Estar é muito diferente de ser. Eu nunca serei

estável. Nunca serei saudável o suficiente para ter alguém em minha vida. Não posso fazer isso comigo e não posso fazer isso com ela. Ainda mais envolvendo Nina. A pobre garota já havia perdido o pai, não era justo que sofresse como John, que viu mamãe definhar até a morte.

Meu irmão nunca foi uma pessoa completa. As marcas da morte prematura de nossa mãe permaneceram cravadas nele até agora e continuariam pelo resto da vida.

Levei o copo à boca.

Você não pode se envolver... Não pode!

Minha cabeça entendia tudo muito bem, mas havia um músculo estúpido dentro do meu peito que insistia em repassar pequenas cenas daquela maldita colombiana sem parar. O sorriso, o jeito como ajeitava o cabelo, quando ficava nervosa. Aquele olhar bobo que lançava para mim, sem

saber que eu a observava.

Lola era vivaz, autêntica... Tão diferente de todas as mulheres que passaram pela minha vida e pela minha cama. *Minha cama... Como gostaria de tê-la sobre meus lençóis...*

Aquiete esse pau dentro das calças, ou será o seu fim!

Aquela colombiana não era o tipo de garota que se esquece depois de uma boa foda, definitivamente.

Terminei a bebida e voltei para casa. Deitei no sofá e esperei que o sono chegasse.

Acordei com o toque de mensagem em meu celular. A tela acesa com o número dela.

"Só queria agradecer por ontem. Nina ficou muito feliz, não fala em outra coisa. Desculpe o horário, espero não ter acordado você."

Sorri feito bobo, encarando o horário no relógio da tela. *É claro que ela ia me acordar!*

O dia começava a amanhecer, mas o sono já havia me deixado. A mensagem dela bateu como uma onda forte em meu pequeno castelo de areia de autocontrole.

Tomei banho e preparei café. Havia congelado algumas tortilhas e retirei duas do freezer. Liguei o forno para aquecê-las, enquanto picava o avocado e os tomates. Preparei ovos mexidos e temperei com um pouco de pimenta preta e salsa desidratada, além de uma pitada de sal.

Espalhei sobre as tortilhas e enrolei. Comi uma e fiquei encarando a outra. Estava tão acostumado a tomar café da manhã com Aurora, que tinha errado na porção.

Soltei uma lufada de ar, quando desistia de brigar com meus próprios desejos.

É só um lanche, Collin. Uma boa ação para uma amiga, nada mais!

Embrulhei o lanche e enchi a caneca de café que usava quando levava algo para beliscar no carro.

— Volto logo, companheiro, prometo! Não posso levar você ao hospital — expliquei, enquanto servia uma quantidade de ração e água fresca para Black Bart.

Entrei no carro com o pensamento firme de que não havia nada de errado em um gesto amigável. Afinal de contas, as pessoas vivem por aí, pedindo um pouco mais de humanidade nas relações... Era isso! Apenas isso.

Parei em frente ao hospital, faltavam alguns minutos para o fim do plantão. Decidi não a avisar; um pouco porque queria que fosse surpresa, mas em maior parte porque, se desistisse, não magoaria

ninguém.

Esperei... Esperei... Dez minutos depois, decidi desistir de tudo e largar de ser idiota, mas era tarde demais. Lola estava lá, parada, pouco depois da porta automática, com cara de quem não acreditava no que via.

Não queria sorrir, mas acabei traído por aquele músculo bobo que carregava dentro do peito.

Ela caminhou a passos largos até perto de mim. Calça social caqui e camisa de seda vermelho-escura. Aquele mesmo tom do vestido que me tinha feito perder a razão.

Sorria deixando o rosto ainda mais iluminado. Cabelos soltos e ondulados, serpenteando em volta dos ombros, enquanto caminhava.

Maldita colombiana bonita.

— Oi! — cumprimentou sorrindo.

— Como está, doutora?

Mantive os braços cruzados. Tinha medo de não controlar meus próprios instintos.

— Não me diga que acordei você... — Tapou o rosto com as mãos, envergonhada. — Claro que acordei, não é? Eu sou uma boba, Collin, desculpe! Estava pensando...

— Em mim? — não resisti.

As bochechas dela pareciam tingidas pelo tom da camisa. Respirou fundo, antes de continuar.

— Foi muito legal da sua parte. Quer dizer, Nina tinha tanta certeza de que você iria...

Enrolava-se nas palavras. Até que decidi salvá-la, beijando-lhe o rosto e abrindo a porta do carro.

— Entre, doutora. O plantão deve ter sido cansativo.

— E foi! — Sorriu, ocupando o lugar que eu lhe oferecia.

Sentei-me atrás do volante e entreguei a caneca

térmica em suas mãos.

— Um bom café, por um bom serviço... — Pisquei. — E temos tortilha também, mas vou estacionar em um lugar bonito, para você comer com uma vista mais interessante.

Liguei o carro e segui pela avenida, até a praia. Era bem cedo, então não havia mais do que alguns corredores passando pelo calçadão.

Abri a embalagem de plástico e tirei a tortilha.

— Espero que goste. É ovo mexido com avocado e tomate.

— Oh, não acredito! — animou-se na mesma hora. — Eu amo tortilha de ovo!

Deu a primeira dentada e, logo, a segunda.

— Não pense que sou uma morta de fome! — Limpou a boca com os dedos. — Mas a comida do hospital estava horrível! Não como desde a sua casa! — confessou.

— Como disse, doutora, é um prazer saber que minha comida a agrada.

— Para, Collin! — Revirou os olhos. — Você é um cozinheiro superpremiado! Sua comida agrada os paladares mais refinados da Europa, como não agradaria a mim?

Encarei seu rosto por um segundo. A boca vermelha e carnuda, levemente suja de comida no canto. Aquele olhar de criança, em dia de festa, que fazia meu coração transbordar com algo que eu nem sabia bem o que era.

Não resisti, levei a mão até sua bochecha e acariciei devagar, limpando o canto dos lábios com o polegar, fazendo-a me encarar de volta.

— Não estou muito preocupado com o resto da Europa neste momento... — sussurrei me aproximando mais.

— Não?

— Nem um pouco...

Aproximei-me mais, o corpo arqueando em sua direção. Queria tanto que aceitasse me beijar.

Fechou os olhos devagar. A boca se abrindo levemente, oferecendo-se a mim.

Por um instante, o tempo parou. Não havia doença, nem sentença de morte. Nenhum porquê ou talvez, apenas Lola e eu.

Minha língua explorava sua boca, enquanto meus dedos escorregavam pelo cabelo macio, até enfiar-se em sua nuca, mantendo-a onde eu queria. Suas mãos acariciavam meu rosto, descendo até o pescoço, imitando meu gesto. Como se um dos dois pudesse fugir a qualquer instante.

Beijei-a por tanto tempo que me perdi. Tinha medo de parar e encarar seu rosto, porque não saberia o que dizer. Havia levado uma rasteira dos meus próprios instintos.

Lola não parecia ter pressa para terminar o nosso beijo também.

Suspirou sem deixar de me beijar, fazendo-me rir.

Segurei seu rosto entre minhas mãos, dando vários beijinhos em sua boca, antes de me afastar.

— O que eu fiz? — questionou rindo.

— Você me fez sorrir... — confessei. — E, acredite, não é tarefa fácil! Pode perguntar para minhas irmãs!

Lola sorriu.

— Suas irmãs são ótimas. Você tem muita sorte.

— É o que dizem! — brinquei.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Havia tanto a dizer, mas nada parecia bom o suficiente para interromper aquele momento.

— Oh, meu Deus! — Pegou o celular

assustada. — A Sra. Herta tem um compromisso na igreja hoje! Desculpe, Collin, eu realmente preciso voltar.

— É claro, não se preocupe.

Liguei o carro e estacionei em frente ao prédio.

— Quer subir um pouco? — ofereceu.

— Não posso, doutora... Sou o responsável pelo almoço de domingo em família, preciso me apressar.

— Ok, então... Obrigada pela carona e pelo café! A tortilha estava maravilhosa!

Prestei continência e pisquei. Lola abriu a porta, mas, antes de descer, beijou-me novamente. Um beijo discreto, até que eu a puxei mais para perto. Apoiando a mão na parte baixa de suas costas, sentindo a curva da bunda.

Soltei um gemido entredentes, quando ela se curvou um pouco mais, permitindo que minha mão

escorregasse mais para baixo, aumentando a força daquela fagulha de desejo por ela que nunca se apagava.

— *Madre de Dios!* — soltou em espanhol, mordendo o próprio lábio. — Eu preciso ir!

Fiquei olhando-a sumir pelo corredor.

Maldita colombiana, que, além de bonita, era gostosa demais!

Lola

Meu sangue fervia, e não de um jeito ruim!

Caminhei a passos largos porque, se demorasse mais, não largaria aquele holandês tão cedo.

Deus do Céu, o que era aquele homem?

Não que eu tivesse uma vasta experiência sexual, mas certamente o que Collin me fazia sentir não era algo comum. Ele me levava ao limite com um simples beijo.

Fechei os olhos e soltei uma lufada de ar, antes de abrir a porta. Ainda não acreditava que ele tinha mesmo ido ao hospital por mim.

— Ai, meu Deus, Sra. Herta, perdoe a demora... — Joguei a bolsa sobre a mesa e corri até a pia, onde minha vizinha lavava a louça do café da manhã. — Vá, antes que perca seu compromisso.

A mulher sorriu.

— Acalme-se, Lola, ou vai acabar tendo um

infarto! Veja, está resfolegante!

Mal sabia ela por quê!

— É que subi correndo, só isso. — Sorri. — Obrigada por essa noite, espero que Nina não tenha lhe dado trabalho.

— Ela se comportou como uma pequena dama, não foi, querida? — Abriu os braços para abraçar minha filha. — Cuide-se e não canse demais sua mãe. Ela teve uma noite difícil!

Terminei a louça e me sentei ao lado de Nina no sofá. Estávamos assistindo a um programa de televisão sobre viagens ao Ártico, quando Leij chegou à sala, ainda de pijama.

— Bom dia! — Bocejou. — Espero que aquele idiota do August tenha lhe dado uma folga! — Caminhou até a cozinha.

Nina permaneceu na posição em que estava, sem nem desviar os olhos da televisão. Até conferi

suas orelhas, para ter certeza de que nos ouvia.

— Diga bom-dia à Leij, filha! — cobrei. — Ela é nossa hóspede.

Baixou os olhos para o chão.

— Não se preocupe, Lola. Ela só precisa de mais tempo, não é, Nina? Ainda seremos boas amigas! — Piscou e eu concordei.

Nunca fui o tipo de mãe que obriga o filho a socializar sem vontade. Tentava respeitar o espaço dela o máximo possível.

Leij serviu uma xícara com café e um pedaço de bolo, então sentou-se à mesa.

— Vou dar uma saída para procurar um apartamento — explicou. — Consegui mais dois plantões no hospital, acho que vou mesmo ficar por aqui!

— Sabe que pode ficar conosco pelo tempo que quiser, não sabe? É um prazer ter uma amiga por

perto, Leij. Assim me sinto menos sozinha.

Sorriu, aquiescendo.

— Prometo que vou procurar aqui por perto! Assim desocupo logo o quarto de Nina. — Levantou-se de repente. — Oh, que indiscrição a minha, nem perguntei se você também queria café! O do hospital sei que é horrível.

Sorri.

— Não se preocupe, eu já tomei café.

O sorriso permaneceu em meu rosto por tempo demais, até que minha amiga percebeu.

— Tomou, é? — perguntou estreitando os olhos para mim. — Tem algo a ver com o Land Rover reluzente do qual a vi descer?

Ergui uma sobrancelha esperando que ela compreendesse meu pedido silencioso para que parássemos o assunto, já que Nina nos ouvia.

— Oh! — Tapou a boca com a mão.

Algumas quadras depois do meu prédio, em direção à praia, havia um parquinho de areia, onde Nina adorava brincar. Era um dos poucos lugares em que eu a via se divertir como a criança que era antes do acidente, então, depois de me trocar e deixar a roupa lavando, descemos junto com Leij.

Sentei-me em um dos bancos de madeira e minha amiga sentou-se ao lado, enquanto Marina escalava o trepa-trepa toda empolgada.

— Vai me dizer quem é? — Leij questionou curiosa.

— Não é nada de mais, um amigo... — desconversei.

Tinha aprendido com minha mãe que a felicidade é como um pássaro raro e que deve ser mantida no mais absoluto segredo.

— Um amigo... Sei... Um amigo que acordou antes das sete, em pleno domingo, apenas para

tomar café com você e lhe dar uma carona... Poxa, estou precisando de um amigo assim!

Acabei soltando uma gargalhada.

— Não foi nada disso! Ele estava passando por lá.

— É médico?

— Não, Dra. Hems, ele não é. É só um cara que eu conheci na praia, não é nada de mais.

Lançou-me um olhar inquisidor, mas ficou em silêncio por alguns segundos.

— Lola, você não pensa mais em Paco? Parecia tão apaixonada...

Soltei uma lufada de ar. Fazia tanto tempo que não pensava nele e estava grata por Nina também não falar mais dele com frequência.

— Desculpe! Não queria entrar em terreno perigoso, mas... você sabe... Ele pode acabar voltando, não sei. Sentir falta de Nina... Não estou

dizendo que você deveria voltar, mas você o conhece; possessivo como é, não vai gostar de ver outro rondando o espaço dele!

— Espero que Paco nunca mais apareça, Leij, pelo bem de Nina e pelo meu! E, acredite, isso não tem nada a ver com o cara do 4x4.

Acabei soando mais rude do que gostaria, então respirei fundo e fechei os olhos por um instante.

— Paco me fez sofrer muito, Leij. Abandonou o barco quando eu mais precisava dele, você sabe. Se havia algum sentimento de minha parte, morreu no momento em que vi minha filha chorando a falta do pai.

— Eu entendo, Lola. — Tocou meu braço com a mão. — Só fiquei preocupada. Você merece um cara muito melhor que Paco! — Sorriu e eu sorri também. — Agora vou indo! Quero ver aqueles apartamentos de que falei.

Repassei os últimos acontecimentos em minha cabeça. Talvez minha amiga tivesse razão. Era tudo tão rápido e intenso, que eu mal tinha tempo de pensar. Estar com Collin me deixava leve, como havia muito não me sentia.

Caminhamos de volta para casa, depois de comer cachorro-quente em uma barraquinha na praia.

— Mamãe, eu estou muito feliz, sabia? — Nina falou de repente, enquanto pulava as marcações do piso da calçada, ao meu lado.

— É mesmo, querida? Isso é muito bom e me deixa feliz também.

— A gente pode convidar o Collin para o jantar? Você poderia fazer *arepas* de queijo!

— Acho que Collin não costuma comer *arepas* no jantar, Nina! — Acabei rindo. — Ele é um chef famoso, lembra-se?

Balançou a cabeça concordando, aquele riso espontâneo de criança brilhando em seu rostinho bonito.

— Mas isso é porque ele nunca comeu “suas *arepas*”! — deu ênfase ao final da frase, fazendo-me rir mais.

— Ok, filha! Convidaremos o Collin um outro dia. Hoje é domingo e ele está com a família dele.

— Ah, é verdade! Rob me disse que eles iriam almoçar na casa do vovô e da vovó.

— Isso mesmo.

— Mamãe, por que eu não conheço os meus avós?

— É que nós moramos muito longe, querida, em outro continente. Mamãe veio para cá porque precisava estudar, mas prometo que levo você até a Colômbia um dia. Combinado? Vovó vai amar conhecer você.

— Combinado!

Mais alguns passos e Nina parou, quase me fazendo tropeçar.

— Papai também está na Colômbia?

Respirei fundo. Era sempre difícil explicar a ela qualquer coisa sobre o desaparecimento do pai.

— Não sei, querida. Talvez esteja.

Baixou os olhinhos para o chão.

— Papai arrumou uma namorada e se esqueceu de mim.

Abaixei até sua altura e a puxei para mim.

— Por que diz isso?

— Porque sempre foi assim. Ele esquecia de mim toda vez que uma garota bonita aparecia.

— Não diga isso, querida. Seu pai nunca se esqueceria de você! — Sorri esperando que ela me acompanhasse.

Sempre soube que Paco me traía. Pegava

pequenos deslizes aqui e ali, mas nunca pensei que Nina soubesse disso.

— Venha, vou carregar você no colo, porque estou achando que está com sono! — Toquei o dedo na ponta do seu nariz. Queria mudar o foco.

Marina estendeu os braços e eu a carreguei pelo que restou do caminho. Dormiu antes de chegarmos a nossa casa. Nas noites em que eu estava de plantão, Nina não dormia tão bem, então acabava cochilando de tarde.

Deitei-a na cama e me acomodei ao lado. O sono começava a pesar em meus olhos.

Sonhei com Paco. Estávamos na beira de um píer; eu, de um lado, e Paco, segurando Nina pelo pulso do outro. Ela chorava e tentava vir comigo, mas ele a mantinha ao seu lado com força.

Eu chorava de soluçar e implorava que me entregasse a menina, mas ele apenas ria.

Vê, Lolita... Você trocou sua filha por um pau qualquer! — Apontava o dedo em minha cara, machista como era.

Quando tentei pegá-la à força, ele empurrou Nina da beirada e eu me joguei atrás. Acordei com a sensação de estar caindo no vazio, Nina dormindo tranquila ao meu lado.

Levantei, lavei o rosto e tomei um pouco de água fresca.

Aproveitei o sol da varanda e me sentei em uma das cadeiras. Gostava de sentir o calor em minha pele, o pensamento longe.

Podia sentir ainda o gosto do beijo dele em minha boca. A sensação da barba em minha pele. Se nunca mais o visse, guardaria dele as melhores lembranças da vida.

Se nunca mais o visse. Um nó se formava em meu peito, apenas com o pensamento.

Peguei o celular e digitei o nome dele. Não era difícil encontrar fotos e mais fotos na Internet.

Lola, Lola, você precisa pisar no freio ou vai acabar descarrilando esse trem!

Ampliei uma foto dele. Sorria de canto, com os olhos cobertos pelos óculos escuros, os cabelos desalinhados de um jeito proposital. Era tão lindo... Tão especial...

Acabei rindo de mim mesma. *Collin está longe de ser um pau qualquer, definitivamente!*

Na segunda-feira, Nina teve mais uma consulta com a psicóloga e, finalmente, foi liberada para voltar a frequentar a escola regular. Saímos do consultório tão animadas que compramos tudo novo, inclusive uma mochila de unicórnio que ela queria havia muito tempo.

Preparei *arepas* de queijo para o jantar e comemos juntas, já que Leij havia decidido dobrar

o plantão.

Minha filha dormiu logo depois de assistir a um pouco de TV, e eu comecei a organizar a cozinha. Arrumei as duas últimas *arepas* em um pote e ia guardar na geladeira, mas parei no meio do caminho.

Não é errado retribuir um favor, é?

Respirei fundo e balancei a cabeça. Se começasse a pensar demais, perderia a coragem.

A porta da Sra. Herta ficava em frente a minha. Bati devagar. Sabia que ela costumava assistir à TV até bem tarde; exatamente por isso começara a cuidar de Nina para mim.

Não demorou muito até que a porta se abrisse.

— Sra. Herta, sei que está um pouco tarde, mas eu preciso... — A senhora sorriu, acariciando meu ombro carinhosamente.

— É claro que precisa, querida. Você não sairia

se não precisasse. Vá, eu cuido da pequena.

Caminhei para fora com o coração acelerado, nunca tinha feito nada parecido.

Chamei um táxi para não perder tempo e logo estava na frente do Holandês Voador. Respirei fundo, segurando firme meu pote de comida.

É claro que ele tem coisas muito mais elaboradas para comer, mas Nina tem razão, ele não provou minhas arepas *ainda...*



Capítulo 12

Collin

Peguei o celular na mão pelo menos duzentas vezes, mas não finalizei a tarefa em nenhuma delas.

O que eu ia dizer? Que não conseguia parar de pensar nela?

Era idiota, infantil e, definitivamente, não era o que eu queria. Precisava começar a pensar com a razão o mais rápido possível.

Estava tão aéreo que quase me cortei, mais de uma vez, enquanto fatiava um pedaço de filé-mignon para o Carpaccio.

— Cuidado aí, amigo! — Lídia riu.

Deixei a faca sobre a tábua e servi uma dose de uísque em um copo.

— Ih... É pior do que eu imaginava! — gritou da bancada. — Veja, Ravi, ganhei a aposta!

— Que aposta? — perguntei curioso.

— Nada, chef! Essa garota precisa aprender a

manter a boca fechada — Ravi criticou rindo.

— Vamos lá, Srta. Flores... Quero saber que aposta é essa? — insisti.

— Eu sabia que a médica era diferente, chef. Desculpe, mas estava escrito em sua testa, enquanto ela cuidava do seu pé machucado.

Neguei com a cabeça segurando o riso.

— Volte ao trabalho, Srta. Flores. Você é paga para cozinhar e não para analisar minha vida pessoal! — reclamei.

— Sim senhor, senhor! — Prestou continência.

Quando finalizamos o serviço do dia, Lídia ligou o rádio em uma estação latina que ela amava e começou a cantarolar junto.

Nunca me importei com as músicas, porque elas não diziam nada ao meu coração. Nunca, até que uma colombiana atrapalhada apareceu em minha vida.

Faltava apenas organizar os copos, quando a campainha da porta dos fundos tocou.

— Eu atendo! — Segui para a porta, e, assim que abri, meu coração acelerou. — Lola!

— Oi! — respondeu ajeitando o cabelo. — Sei que parece muito, muito idiota, mas eu lhe trouxe uma coisa... — Entregou-me um pote tampado. — Nina disse que você iria gostar...

Estava nervosa. Bochechas coradas, enquanto mordia o lábio inferior sem parar.

Tirei a tampa e encontrei duas *arepas*.

— É uma receita de família... Espero que você goste. — Respirou fundo. — Eu só queria... Achei que fosse uma boa... — Cobriu o rosto com as mãos, rindo. — Agora soa pior do que quando pensei...

Peguei a primeira e levei à boca, dando uma mordida generosa.

— Fazia muito tempo que eu não comia uma *arepa* boa assim. Venha, entre. — Abri caminho para que ela passasse por mim. — Lídia está de dieta e, quando ela faz isso, todos nós sofremos aqui! — brinquei. — Não é, Ravi?

— Nem me fale, chef! — concordou caminhando até Lola. — Um prazer vê-la novamente, doutora. Tenho uma dívida de honra com a senhora.

— Um prazer vê-la também, doutora — Lídia cumprimentou. — Mas Ravi e eu já estávamos de saída...

— Ainda não terminei...

— Sim, terminou! — Puxou o amigo pela mão. — Até amanhã, chef!

Meneei a cabeça com vontade de rir.

— Parece divertido trabalhar com eles... — Deu de ombros.

— Às vezes, sim, em outras, nem tanto! — debochei.

O restaurante estava vazio. Apenas as luzes direcionais da bancada e de minha mesa, acesas. Tudo silencioso, exceto pela maldita música latina romântica de Lídia.

— Música bonita... — Lola sorriu.

— Lídia gosta de ouvir essa rádio — expliquei. — Esqueceu de desligar.

Dei um passo em direção à Lola, para desligar o rádio, mas acabei esbarrando em seu corpo com o meu.

— Collin...

Permaneci onde estava. Tão perto que podia sentir sua respiração quente junto do meu pescoço.

— O quê? — Baixei um pouco a cabeça. Meu nariz quase tocando o seu.

Por um segundo, achei que ela fosse me beijar.

Fechou os olhos e respirou fundo, espalhando o aroma de hortelã de seu hálito.

— Nina conseguiu aprovação para voltar à escola... — disse aumentando o espaço entre nós.

Mordi o lábio para suprimir o desejo crescente em mim.

— É uma ótima notícia.

— Está toda animada! — Sorriu. — Até compramos materiais novos, hoje.

Tentava ganhar espaço, mas, quanto mais tentava, mais me instigava a persegui-la. — Será bom, sabe? Você tinha razão. Uma escola regular é muito melhor para ela...

— Uhum... — concordei.

— Ela vai voltar para a mesma sala... Não vai se sentir perdida ou coisa assim.

Ia falando e dando pequenos passos atrás, até que se encostou na bancada de aço. Continuei me

aproximando, enquanto tirava o dólman, até que cheguei perto o suficiente. Mãos apoiadas na bancada atrás dela, uma de cada lado.

Abaixei o suficiente para falar perto do seu ouvido.

— Tenho certeza de que Nina vai se sair bem em qualquer escola que frequente, Lola... É inteligente, educada e amorosa... Você faz um ótimo trabalho com ela...

Baixou os olhos por um segundo, voltando a me encarar em seguida.

— Obrigada.

Levou a mão até perto do meu rosto, mas desistiu no meio do caminho.

— Collin... Eu não vim até aqui por causa das *arepas*... E nem por causa de Nina...

— Imagino que não... — Sorri de canto. Era um jogo divertido.

— Eu queria... Quero... Eu... — Respirou fundo. — Olha, eu sei que você deve ter um monte de garotas se jogando em você... E sei também que eu sou complicada demais, mas...

— Sabe qual é o seu problema, doutora?

Encarou-me com seus grandes olhos castanhos, assustados.

— Você fala demais...

Lola

Sua boca invadiu a minha e ele me colocou sentada na bancada, aproximando o corpo e pressionando a ereção latente entre minhas pernas, fazendo-me perder a razão.

— Collin...

— Shhhhh...

Tirou a camiseta e deixou de lado. O peito musculoso era cheio de sardas. A pele clara e macia convidava-me a tocá-lo. Não resisti, aproximando a mão devagar, até que ele a pegou e espalmou em seu peito.

— Quero sentir o seu toque, Lola — pediu, a boca tão perto do meu ouvido que me arrepiei no mesmo instante.

Suas mãos deslizaram por meu corpo até a barra do vestido, erguendo e expondo minha calcinha de renda.

— Adoro suas calcinhas, mas hoje a prefiro sem... — sussurrou enquanto deslizava a peça para baixo, até que caísse no chão.

Abri o botão do jeans e desci o zíper. A cueca branca era fina o suficiente para que eu sentisse o calor e as primeiras gotas de excitação.

Ele fechou os olhos assim que o toquei intimamente; jogou a cabeça para trás.

A sensação de tê-lo em minhas mãos era absurdamente excitante e me fazia sentir poderosa, sedutora.

— Hum... — gemeu enquanto minhas mãos desciam por seu comprimento.

Puxei sua boca até a minha. Precisava beijá-lo desesperadamente.

Collin me deixou por um segundo e, quando voltou, trazia um preservativo entre os dedos.

Segurei e rasguei a beirada com o dente,

posicionei e desenrolei, lentamente, acariciando.

— Aaaah, doutora... Não aguento mais esperar...

Posicionou-se entre minhas pernas e então puxou meu quadril em direção ao seu, de uma vez, arrancando um gemido meu.

— Huuuum...

Segurou meu seio com a mão, mordiscou por cima do tecido fino do vestido, fazendo-me arrepiar ainda mais, enquanto seguia se movendo ritmicamente para dentro de mim.

— Ah, Collin...

Mordia meu pescoço com força, enquanto eu cravava as unhas em suas costas, forte, lascivo, repleto de luxúria e desejo.

— Eu sempre soube que você era gostosa, doutora, mas confesso que é ainda mais do que eu imaginava... — sussurrou enquanto beijava minha

orelha. — Confesso que estou perto do fim, mas longe de me saciar...

Deitou meu corpo no aço frio e começou a circundar meu clitóris com o polegar, enquanto aumentava o ritmo da penetração, mais e mais fundo, até que eu não aguentei mais, arqueando o corpo e liberando meu prazer. Collin foi em seguida, com respirações lentas e entrecortadas, até que soltou um gemido baixo. Os olhos ainda fechados, quando sorriu.

— Antes que pergunte, é a primeira vez que faço isso aqui! — advertiu trazendo meu corpo para perto do seu novamente. — Não existe garota alguma se jogando sobre mim, doutora, porque eu não estou interessado em nenhuma outra garota.

Segurou meu rosto entre as mãos, encarando-me mais uma vez. O silêncio entre nós era cheio de palavras. Sentimentos não ditos, desejos deixados

nas entrelinhas.

— Você fica ainda mais bonita depois de saciada, Lola, Dolores...

Sorri feito boba, o calor do momento ainda se dissipava em minha pele.

Puxei seu rosto para o meu e comandei o beijo. Queria que ele soubesse o quanto tinha me feito feliz com aquela frase.

Quando me afastei, não consegui encará-lo. Tinha medo do que diria a seguir. Queria que aquele momento fosse eterno, então deitei o rosto em seu peito e suspirei.

Collin acariciou meus cabelos com a mão, descendo pelo comprimento, até as pontas. Beijou o topo da minha cabeça suavemente. *Ao que parece, eu não sou a única a querer eternizar o momento.*

— Vem para casa comigo? — Sorriu de canto, daquele jeito que tanto me encantava. — A noite

está fria... Quero aquecê-la na minha cama.

Beijei seu peito, antes de levantar o rosto e encarar seus olhos.

— Adoraria, mas...

— Mas a doutora está me dispensando porque, provavelmente, já tem uma cama quentinha à sua espera — completou.

— Tenho uma garotinha espaçosa esperando por mim.

— E não há como ganhar essa disputa... — Sorriu, fazendo-me sorrir junto. — Venha... — Colocou-me no chão e me entregou a calcinha. — Deixo você em casa.

Eram apenas algumas quadras entre o restaurante e minha casa. Logo estacionamos no meio-fio.

Collin enfiou a mão entre meus cabelos, puxando-me pela nuca até perto do seu rosto.

Beijou-me suavemente.

— Tenha uma boa noite, Lola, Dolores, médica pediatra.

— Você sempre vai zombar de mim assim? — critiquei rindo.

— Gosto de vê-la sorrir, doutora... Seu sorriso me aquece...

Baixei os olhos por um segundo, sentindo a cor chegar às minhas bochechas.

— Gosto disso também... — Tocou minhas maçãs do rosto com os polegares. — É bom saber que mexo com você.

— Ah, não tenha dúvidas! — Ri mais alto, mas o riso morreu, dando lugar àquele tipo de silêncio confortável que tínhamos.

De repente, ele me puxou para si, aconchegando meu rosto na curva do seu pescoço e mantendo ali. Era um abraço tão íntimo que fez

meu coração se encher de calor.

— Entrego seu pote outro dia, Lola, Dolores... Vou levar essa última *arepa* para casa comigo! — Piscou antes que eu fechasse a porta.

Fiquei parada ali, vendo o carro virar a esquina e desaparecer. Nunca tinha me sentido daquele jeito com Paco. Era como se Collin tivesse o dom de fazer tudo parecer mais simples. A cada minuto com ele, sentia como se pudesse fazer qualquer coisa.

Abri a porta do apartamento sem conseguir esconder minha felicidade.

— Pelo seu sorriso, creio que tudo deu certo.

— Acho que tomei a decisão certa, pela primeira vez na vida! — Tapei o rosto com as mãos. — Obrigada pela ajuda.

— Não há por que agradecer, Lola. Você e Nina são muito especiais para mim, você sabe

disso.

Levantou-se e guardou o tricô na sacola.

— Sobre tomar a decisão certa... Nunca é tarde, querida, e sempre vale a pena. — Acariciou meus ombros e se foi.

Eu estava cansada, mas não havia a menor chance de dormir. Era como se meu corpo todo tivesse sido invadido por uma carga imensa de adrenalina. Tudo parecia brilhar.

Deitei-me no sofá e fechei os olhos, repassando a noite em minha cabeça. O perfume dele estava em mim. O aroma da pele, as sensações que me causava, o som do riso... Estar com Collin era como descer uma ladeira em uma bicicleta sem pedais. Você sabe que pode se arrebentar no final, mas não consegue evitar.

Ele me fazia sentir viva. Fazia com que cada minuto valesse a pena e nenhum tempo com ele era

PERIGOSAS NACIONAIS

suficiente.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 13

Collin

Estacionei o carro e desci.

O som da risada dela ainda estava em minha cabeça, como se tivesse ficado gravada em mim.

Se fechasse os olhos, ainda sentia a respiração quente em minha pele, os cabelos macios espalhados em meu peito. O perfume doce e feminino ainda estava em minhas narinas, como se ela não tivesse ficado algumas quadras atrás.

Lola, Dolores, a médica pediatra, me olhava como se eu fosse o pote de ouro no final do arco-íris.

Garota maluca! Sorri. *Não tem a menor ideia de como é incrível.*

Assim que abri a porta, encontrei Aurora no sofá. Entrei o mais silencioso possível, não queria acordá-la.

Segui direto para o quarto, acompanhado por

Black Bart.

Tirei a roupa e liguei a ducha. Saí do chuveiro usando apenas minha calça de elástico. Abri a janela e acendi um cigarro, ouvindo o som das ondas ao longe. Acabei rindo.

Aquelas duas colombianas ainda serão sua ruína, chef Galagher!

Deitei pouco tempo depois, mas demorei a dormir e acordei com barulho de pratos em minha cozinha. Levantei-me e juntei o cabelo no elástico. Tinha certeza de que era Trevor novamente, tentando convencer a si mesmo de que vinha até minha casa apenas para me ver, mas, assim que cheguei no fim do corredor, parei.

— Pai?

Chamei e ele se virou. Usava uma bermuda de exercícios e uma camiseta do time de basquete da Universidade de Haia. O boné e os óculos escuros

estavam sobre a bancada, ao lado das chaves do carro.

O pote de Lola, aberto, e ele, comendo o que restava do meu lanche da noite anterior.

Caminhei até ele e o abracei.

— Aconteceu algo? — perguntei.

— Por quê? Não posso visitá-lo se não tiver um acontecimento extraordinário em mente? — criticou.

Encarei Aurora e ela me respondeu com um olhar de: “Não faço ideia do que está acontecendo.”

— Aliás, isto está muito bom! Foi você quem fez?

Comecei a rir.

— Não exatamente.

Foi a vez dele de me encarar.

— Uma amiga... — Cocei a barba. — Passou pelo restaurante ontem e...

— E levou um lanche... A um restaurante... — concluiu erguendo uma sobrancelha inquisidora para mim.

Dei de ombros.

— Ela é meio maluca... — Peguei o último pedaço e enfiei na boca. — Mas cozinha bem.

Servi um pouco de café em uma xícara vazia, sentando-me ao lado dele na bancada.

— Se me dão licença, meus amores, estou atrasada — minha irmã despediu-se beijando cada um de nós, antes de sair.

— Então, Sr. Galagher... O que conta de novo? — provoquei servindo uma panqueca em meu prato.

— Você sabe, sua mãe vive enchendo minha cabeça com essa história de fazer exercícios...

— E o senhor veio de Roterdã até aqui, apenas para se exercitar... — Ergui uma sobrancelha para

ele.

— Pensei em jogarmos uma partida de basquete. — Levou a xícara à boca. — Você sabe, eu ainda sou bom no basquete.

Ri alto.

— Pai, você pode ser bom no basquete, mas é péssimo em mentir! Vamos! Diga o que houve... Aposto que Hanna anda falando pelos cotovelos de novo.

— Ela se preocupa com você...

— Não acredito! — Gargalhei. — Os hormônios a estão fazendo perder o pouco de bom senso que ainda tem!

— Não há nada de errado em se apaixonar, filho... Acontece com todo mundo...

— Não! Pai, nós não vamos ter essa conversa! — Tentava não rir, mas não conseguia. — Olha, acredite, o senhor já me explicou tudo que era

necessário sobre amor e sexo, quando eu era adolescente, pai. Vamos nos poupar...

Meu pai acabou rindo também.

— Ok, senhor sabichão, vamos jogar então! — Limpou a boca com o guardanapo e se levantou.

Perto da minha casa, havia uma velha quadra de basquete, que quase não era usada. Eu costumava bater bola lá, já que fazer exercícios era imprescindível para melhorar minha condição em relação à doença.

Papai sempre foi do tipo atlético e, depois do infarto, passou a se cuidar ainda melhor. Era um jogo difícil, já que o Leão não era bom em perder.

— Dois tempos de cinco — anunciou batendo a bola no chão.

— Vamos lá, Sr. Galagher!

Nossos dois tempos transformaram-se em mais de quatro. Cada vez que perdia, ele pedia uma

revanche.

Terminamos exaustos e suados, os dois.

Deitei-me no chão de cimento, tapando o rosto com o antebraço.

— Mamãe não faz ideia de como está sua forma física, pai! Se soubesse, não ficaria no seu pé! — brinquei.

Meu pai sentou-se ao meu lado, alisando os cabelos para trás. Seria sempre o homem mais incrível do mundo para mim. O melhor em tudo.

— Você não diria isso se soubesse como me sinto agora! — reclamou. — Anda, vamos beber alguma coisa.

Levantou-se e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

Caminhamos até a barraca de Sig.

— Duas cervejas e uma porção de peixe com fritas, Sig! Faz tempo que este velho Leão não

prova um pouco de comida de verdade!

Dei uma batida de leve no balcão e segui para uma das mesas mais afastadas.

— Diga isso a sua mãe! — Riu alto. — Não aguento mais comer salada e carne sem gordura.

— Ela faz isso porque te ama, pai, você sabe disso!

— Sei, sim...

O olhar se perdeu no mar, provavelmente pensando em mamãe. O amor que existia entre eles era quase palpável. Não pude deixar de sorrir.

— Fazia tempo que eu não o via mostrar tanto esses dentes! — Ajeitou os óculos escuros.

— O quê? — Dei de ombros. — Se estou emburrado, todos reclamam... Se estou feliz, reclamam também!

Papai riu.

— Aposto metade da minha fortuna que tem a

ver com a amiga do lanche...

Respirei mais fundo do que gostaria.

— É complicado, pai...

— Não teria graça se não fosse... — Bateu com a garrafa de cerveja na minha. — Sua irmã disse que ela está apaixonada por você.

— Hanna vê coisas onde não existem... — Ajeitei o cabelo no elástico novamente.

— Filho, você precisa se abrir um pouco... Entregar o coração é difícil para todos nós...

— Mas a maioria de nós não está morrendo...

— Você não está morrendo, Collin! — Tocou meu braço com a mão. — De que serve continuar vivo, se você não se permite viver...

Baixei os olhos para o chão. Não gostava de falar com ele sobre a doença porque sabia que o deixava chateado. Papai tinha sofrido muito com minha mãe.

— Já contou à moça sobre sua doença?

— Nem pretendo.

— Como quer que alguém fique em sua vida, se você não permite que o conheçam de verdade?

— Não quero que fique...

As palavras deixavam minha boca firmes, como se fossem ditas com certeza, mas cada uma delas parecia arranhar tudo por dentro, doídas e inseguras.

— A moça tem uma garotinha... — Não foi uma pergunta, mas, ainda assim, aquiesci. — É ainda mais difícil para ela, Collin... Essa corda bamba de emoções que você oferece a ela não vai funcionar...

Cocei a barba, cabeça jogada para trás. Não queria concordar, ainda que ele tivesse razão.

— Você se lembra de como se apegou à Laura rapidamente?

Desviei os olhos.

Lembrava perfeitamente e era por isso que fazia o possível para que Nina confiasse em mim. Sabia melhor do que ninguém como fazia falta ter uma família completa.

— Fui a primeira pessoa que o segurou nos braços, Collin. Eu lhe ensinei a caminhar, falar... Tudo que você tenta esconder aí dentro... — sinalizou meu coração — salta aos meus olhos como um letreiro luminoso.

Encarei meu pai por alguns segundos. Era tão difícil não contar a ele o que eu sentia, que chegava a doer.

— Ela é jovem, pai... É tão linda e cheia de vida... — Fechei os olhos e deixei que tudo saísse de uma vez. — Tem tanto para viver...

— Você é jovem também! Viva tudo isso com ela, então...

— Ah, pai... Queria que fosse simples assim...

— E por que não é?

— Ela vai querer se casar e ter outros filhos... É uma ótima mãe, sabia?

Meu pai sorriu.

— Converse com ela... Diga que não quer ter filhos. Dê a ela a chance de decidir.

— E se eu morrer, pai? Se eu morrer daqui a um ano ou dois... — Lágrimas insistiam em vir aos meus olhos, ainda que eu as afastasse.

Meu pai me abraçou. Os mesmos braços que me ninaram por tantos anos.

— Se você morrer, Collin, ainda assim, terá valido a pena. A vida é risco, filho. A beleza está nisso.

Deu um tapinha em meu rosto, antes de se afastar.

— E, se quer um conselho gratuito, de um cara

que quase perdeu a chance de ser feliz... Compre um belo buquê de flores e agradeça a noite de ontem!

Comecei a rir alto.

— Suas costas estão em péssimo estado.

Lola

Acordei animada no dia seguinte.

Preparei a mesa do café com tudo que Nina gostava e depois disso fui acordá-la.

Acariciei seu cabelinho com cuidado, até que ela começou a despertar.

"Bom dia, princesinha!", falei em língua de sinais, já que minha filha dormia sem os aparelhos.

Nina sorriu, esfregando os olhinhos.

"Hoje é um grande dia!" Sorri de volta. *"Venha, vou ajudá-la a se vestir."*

Ajudei a colocar o uniforme e penteei os cabelos dela, prendendo em um rabo de cavalo alto.

"Assim não!", reclamou.

Ajeitou para que os aparelhos não aparecessem e eu concordei. Era um caminho difícil a trilhar.

Deixamos a mochila sobre a bancada e Nina sentou-se para comer.

— Quero um pedaço de queijo no meu pão, mamãe. — Balançava os pezinhos animada. — E um pouco de geleia também.

Servi um pouco de leite no copo e comíamos animadas, quando Leij desceu.

— Bom dia, meninas! — Sorriu.

Nina baixou os olhos para a mesa.

— Então, Marina, ouvi dizer que voltará para aula hoje! — Puxou a cadeira e sentou-se. — Veja, comprei um presente para você! — Colocou o pacote sobre a mesa e esperou.

— Abra, filha! — encorajei.

Minha filha segurou o pacote por um tempo e só então abriu. Era uma cartela de adesivos de unicórnio, brilhante e colorida.

— Obrigada — limitou-se a dizer.

Eu não conseguia entender. Por mais que Leij fosse gentil, Nina parecia não a querer por perto.

— Foi muito gentil, Leij! Obrigada.

Terminamos o café e seguimos juntas para o carro. Leij queria ajuda para comprar um biquíni e achei que seria legal fazer um programa de garotas, para variar.

Paramos em uma loja feminina, no caminho de volta da escola.

— Tem certeza de que não quer ver nada para você? — a vendedora perguntou, enquanto minha amiga experimentava todas as roupas de banho disponíveis na loja.

— Esta blusa chegou ontem! — explicou. — Ficaria linda com seu tom de pele.

Toquei o tecido com a ponta dos dedos. A peça era transpassada no busto, com amarração na lateral. Tão delicada e feminina que me fez querer experimentar, mas, quando segurei a etiqueta, desisti. Custava quase metade do meu ordenado

semanal e, agora que Nina tinha voltado às aulas, meus gastos acabariam aumentando.

— Ela vai experimentar uma desta e uma calça desta aqui! — Leij separou as duas peças e entregou à vendedora, enquanto eu a encarava. — Estou morando no seu apartamento de graça... Considere como um tipo de aluguel! — Piscou, empurrando-me para a cabine.

Coloquei primeiro a calça. Era de um bege-claro e com corte ajustado, o que fazia meus quadris parecerem maiores. A blusa serviu como uma luva, deixando um decote elegante e sensual em meus seios.

Leij abriu a cortina assim que terminei.

— Está perfeita, Lola! Linda, como sempre.

— Eu nem tenho lugar para usar uma roupa assim, você sabe! — Sorri.

— Tenho certeza de que seu namorado novo

dará um jeito nisso!

— Ele não é meu namorado, Leij...

— Mas seus olhinhos dizem que você gostaria que fosse! Então, vamos para a briga, garota! — brincou.

Encarei minha figura no espelho por um segundo. A roupa me fazia mais parecida com a Lola de antes.

— Você precisa cuidar mais de você, Lola. Sei que as coisas não estão fáceis, mas tire um tempinho para si mesma, você merece.

Sorri. Talvez ela tivesse mesmo razão.

Comemos em um restaurante perto da praia e passamos no salão de beleza em seguida.

Acertei o corte dos cabelos, já que estava sem cortá-los havia um bom tempo, e finalizei com uma escova em ondas. Fizemos as unhas também.

Quando terminamos, era hora de pegar Nina na

escola, então seguimos juntas até o lugar.

Leij ficou no portão, enquanto entrei para pegar minha filha na sala de aula.

— Como foi a aula, querida? — perguntei caminhando de volta para o portão.

— Tudo bem. — Sorriu. — A professora mandou um monte de dever de casa para que eu não fique para trás.

— Isso é ótimo, filha! Prometo que vou ajudá-la com tudo.

De repente, soltou minha mão e correu pela multidão. Eu já estava pronta para começar a gritar desesperada, quando vi o motivo do sumiço. Ele estava lá, segurando-a nos braços e sorrindo. Tinha uma rosa vermelha nas mãos.

Caminhei até eles.

— Não acredito que você veio até aqui! — Minha boca não conseguia parar de sorrir.

— Primeiro dia de volta às aulas... Eu não perderia por nada! — Beijou o rostinho de Nina, antes de colocá-la de volta no chão. — Black Bart está no carro. Queria cumprimentá-la também.

Os olhinhos de Nina acenderam-se no mesmo instante, e ela puxou Collin pela mão, até o 4x4 estacionado rente ao meio-fio.

Abriu a porta e o cachorro pulou para fora, abanando o rabo e latindo, enquanto minha filha o abraçava.

— Você está linda, doutora! Adorei o cabelo! — Deslizou os dedos por uma mecha.

— Obrigada.

— Para você! — Estendeu a flor. — Achei que combinavam perfeitamente. Uma rosa colombiana para a colombiana mais linda que conheci na vida.

Senti o perfume da rosa, desviando um pouco o olhar. Tinha certeza de que minhas bochechas

copiavam o tom da flor.

— Oi! — uma voz vinda de trás cortou nosso momento romântico.

— Oh, Leij, perdão! Esqueci de você! — Tapei o rosto com as mãos.

— O que é perfeitamente compreensível... — brincou. — Eu sou Leij Van Der Hems.

— Prazer, sou Collin...

— Ah, eu sei quem você é chef! Sou sua fã!

— Bom saber... Obrigado.

No instante em que ouviu a voz de Leij, Nina se levantou e se encostou em Collin.

— O que acham de um sorvete na barraca de Sig? — propôs fazendo o sorriso no rosto de minha amiga se alargar.

— Seria ótimo! — respondeu antes de mim. — Eu nunca tomei sorvete com nenhum famoso mesmo!

Nunca fui do tipo ciumenta, mas a maneira como Leij olhava para ele me incomodava.

— Mamãe, posso ir com Black Bart? — Nina pediu.

— É claro, querida.

— Bem, eu sigo vocês — minha amiga avisou.

Ocupamos nossos lugares, e, mesmo no pouco tempo que passamos ali, nossos olhos se cruzaram a todo instante. Aquela energia sexual pulsando entre nós, principalmente porque não podíamos ceder perto de Nina.

Collin sorriu de canto, arrancando um sorriso bobo meu também.

— Então, Nina... Como foi na escola hoje? — perguntou.

— Tudo bem! A professora contou a história da cigarra e da formiga e agora tenho que fazer um desenho sobre o que aprendi. E também tenho uma

pilha de dever de casa dos dias que não fui!

— Puxa, é uma tarefa bem importante! — falava com Nina, mas os olhos continuavam se desviando, da estrada para mim. — Se quiser ajuda, posso buscá-la no colégio amanhã e ajudar. Se sua mãe concordar, é claro.

— Pode, mamãe? — perguntou ansiosa.

— Posso, doutora? — provocou.

— É claro que pode.

Collin estacionou no meio-fio e descemos. Leij desceu logo atrás.

— Sig, esta mocinha aqui teve um grande dia e queremos comemorar... — explicou. — Pode preparar uma daquelas taças especiais de sorvete?

— É claro que sim, chef!

Ocupamos a mesa, nós três. Nina sentou-se ao lado do cachorro, no meio-fio.

— Então você é o cara misterioso que roubou

minha amiga e devolveu essa adolescente sorridente! — Leij brincou, fazendo meu rosto pegar fogo.

Collin estendeu a mão sobre a mesa, esperando que eu a cobrisse com a minha. quando fiz, ele a beijou suavemente.

— Adoraria ser... — respondeu em seguida.

— Não dê atenção a Leij, Collin. Ela seguiu a profissão errada! Devia ter sido comediante! — provoquei.

— Então, chef, quando vamos provar sua comida? Tenho tentado fazer reserva lá há um tempão.

— Quando quiserem... São minhas convidadas...

— Seria possível convidar seu irmão, sei lá, um jantarzinho romântico a quatro... Sei que sou a mulher da vida dele, só precisamos de um

empurrãozinho! — Deu de ombros.

Collin riu alto.

— Trevor está um pouco ocupado com uma nova fusão com os norte-americanos, mas vou falar com ele, assim que possível.

Balancei a cabeça em negativa, rindo.

— O quê? É o mais perto que já cheguei do príncipe de olhos azuis! — reclamou.

Terminamos o sorvete e ele se levantou.

— Preciso ir, senhoritas... Ainda tenho um restaurante para abrir! — Ajeitou os óculos escuros no rosto e despediu-se de Leij.

— Obrigada por hoje. Foi importante para ela — falei em seu ouvido, quando me abraçou.

— Nina é muito especial para mim, Lola. Já lhe disse isso.

Segurou-me junto de si por um longo tempo. Confesso que também não queria soltá-lo.

— Vejo você amanhã. — Sorriu de canto, abaixando-se para se despedir de Nina.

Assim que chegamos a nossa casa, Nina foi para o banho e Leij entrou em meu quarto.

— Lola! — Tapou a boca com as mãos. — Não acredito que é ele! Meu Deus, garota! Você tem noção de quem é ele?

— Foi um golpe do destino, Leij. Eu nem sabia quem era ele quando o conheci.

— Está de brincadeira! O cara é podre de rico! Podre, Lola! É lindo, rico e famoso! Meu Deus!

Repetia e repetia e, quanto mais falava, pior eu me sentia.

Eu gostava de Collin pelo que ele era. Pela maneira como agia comigo e tratava Nina. Pelo sorriso e pelo brilho que tinha nos olhos. Não estava interessada no dinheiro dele.

Para o meu desgosto, tínhamos plantão juntas,

então passei mais uma hora e meia ouvindo sobre como Collin era incrivelmente rico e cobiçado.

— Lola, não me olhe assim! — pediu enquanto seguíamos pelo corredor do hospital. — É que tenho medo de vê-la sofrer... Um cara como Collin Van Galagher não se envolve e você é tão...

— Boba? — interrompi.

— Ingênua... — consertou. — Além disso, tem Nina. Ela está tão apegada a ele. Sente falta do pai, claro. Você precisa cuidar disso.

Engoli em seco.

— Leij, eu agradeço sinceramente, mas não precisa se preocupar.

Era um pedido velado. Não queria entrar em uma discussão desnecessária, mas também não estava disposta a ouvir sermão dela.

— É claro! — Sorriu. — Tenha um bom plantão, amiga!

Entrei na antessala e vesti o uniforme de UTI. Para minha sorte, ao menos lá dentro, Leij não iria me incomodar.

Conferi os prontuários e passei visita em meus pacientes, depois me sentei em minha sala.

Liguei o computador e digitei o nome dele.

Collin Van Galagher...

O grande chef de cozinha, lindo, rico, famoso e com um milhão de mulheres aos seus pés...

Respirei fundo. Eu sabia bem de tudo que minha amiga havia dito e concordava com ela em alguns aspectos, mas o que mais incomodava era que nada disso traduzia o homem que me encantava tanto. Collin Van Galagher era tudo isso e muito mais, e esse “mais” era o que eu queria guardar para sempre no coração.



Capítulo 14

Collin

Cheguei ao restaurante no horário de sempre, mas minha cabeça permanecia em Lola.

Eu conhecia bem o tipo “Leij Van Der Hems”, vivi rodeado por mulheres como ela. Bonitas, sexys e confiantes de sua capacidade, extremamente limitada, de sedução. Tinha deixado de cair nesse tipo de truque antes dos vinte anos.

Não era Leij que me preocupava, nem sua ambição, mas o que ela podia levar Lola a pensar.

Era tão bom, pela primeira vez, estar ao lado de alguém que não se importava se eu estava de chinelos ou sapatos de milhares de euros. Poder ser apenas eu, sem holofotes ou cliques de câmeras fotográficas, tornava tudo tão mais leve e simples.

Maldita hora para a colombiana encontrar uma colega de quarto! — Suspirei.

— Três risotos, um cordeiro e um medalhão,

chef! — Lídia gritou da bancada de apoio.

Para minha sorte, era mais um dia lotado no Holandês Voador.

Fechei o restaurante e entrei no carro. Deveria ter dirigido direto para casa, era o mais inteligente a fazer, mas é claro que não fiz. Afinal de contas, eu podia não ter o sangue do Leão de Roterdã, mas tinha sido criado por ele.

Dirigi pela cidade, passando pela frente do hospital várias vezes. Queria estacionar e dizer a ela o quanto tinha sentido sua falta, mas não fiz.

Por que eu queria conquistá-la? O que faria depois disso?

Meu pai tinha razão. Tinha razão sobre tudo.

Eu não podia agir com Lola como agia com as outras mulheres que passaram por minha vida. Não era justo com ela e não era justo com Nina.

E o que eu diria depois de um check-up de

rotina, quando o médico dissesse que as notícias não eram tão boas assim?

Eu não podia entrar na vida das duas como uma bomba-relógio, prestes a explodir, porque quando acontecesse — *e ia* — arrasaria tudo em volta de mim.

Desliguei o motor, fiquei encarando o mar, até que o dia amanheceu.

Abri a carteira. Havia uma foto antiga dentro dela. Uma foto da minha mãe.

Corri os dedos pela fotografia. A moça bonita dos olhos verdes parecia tão jovem. Era engraçado chamá-la de mãe porque não tive lembrança alguma dela, além das fotografias e histórias que ouvi.

Na foto, John estava de um dos lados dela, e Hanna, do outro; no meio, um bebê enrolado em uma manta de lã azul. Foi a última fotografia que

tiramos os quatro juntos. Mamãe, John, Hanna e eu.

Minha mãe sorria. Um sorriso genuíno e cheio de amor. Já não tinha mais os cabelos longos e escuros que se viam nas outras fotografias. O rosto pálido deixava os olhos ainda mais claros. Sorria como se todos os dias fossem de festa. Talvez estivesse mesmo feliz.

— Ah, mãe... — falei alto com ela pela primeira vez. — Como você conseguiu? Como podia sorrir assim, sabendo que lhe restavam dias? Como podia ser feliz sem nenhum futuro pela frente?

Nunca fui uma pessoa triste ou amarga, mas o riso morria sempre rápido demais, quando ninguém me olhava. Era difícil lidar com um futuro incerto como o meu.

Liguei o carro e dirigi até em casa.

Aurora não estava na sala, mas a luz do abajur

de leitura denunciava sua presença no quarto. Tirei as botas e deixei no canto, seguindo até ela.

Assim que abri a porta, sorri. Estava lá, meio sentada, livro de farmacologia aberto sobre o colo e os óculos de leitura quase caindo do rosto. Havia uma caneca de chá frio pela metade e um biscoito mordido.

Tão linda e jovem, cheia de sonhos. Aurora era minha bonequinha. Sempre fiz tudo que pude para vê-la feliz e seu sorriso era uma das coisas mais bonitas que eu conhecia na vida.

Fechei o livro e tirei os óculos, deixando tudo na mesinha. Puxei a manta sobre seu corpo e fechei a janela. As noites começavam a ficar mais frias, conforme o outono se aproximava.

Antes de sair do quarto, encarei-a novamente e, de súbito, tudo fez sentido. Era isso! Por isso minha mãe sorria na fotografia. Ela podia ter pouco

tempo, mas nós tínhamos muito.

Talvez fosse isso. Talvez a verdadeira felicidade viesse exatamente de fazer quem amávamos feliz.

Deitei em minha cama sentindo o coração um pouco mais leve e acordei cheio de planos.

— Bom dia, bonequinha! — Beijei o topo da cabeça de Aurora, assim que passei por ela.

Minha irmã bocejou e coçou os olhos, antes de sorrir e me beijar de volta.

— Obrigada por cuidar de mim! Você é o irmão mais velho mais incrível do mundo!

— Eu poderia gastar um tempo aqui dizendo que não, mas a verdade é que sou mesmo! — Sorri de canto. — E, como sei que você vive atrasada, vou nos poupar!

Aurora soltou uma gargalhada.

— Esse era o momento em que se faria de

modesto, para eu continuar elogiando você, Collin! Você estragou a brincadeira!

— Modéstia não combina com meus óculos novos... — Ajeitei o pequeno objeto no rosto, e Aurora jogou o guardanapo em mim.

— Bom vê-lo nesse humor todo!

Sentamos junto à bancada, para o café da manhã.

— Quando vai fazer o check-up deste ano?

— Em alguns meses...

— Tem sentido algo de anormal? — questionou.

— Algumas fisgadas na perna, mas nada fora do comum. Preciso voltar a correr.

— Deve ajudar... — Levou a xícara de café à boca. — Se quiser companhia... No médico, não na corrida! — Sorriu. — Sabe que pode contar comigo, não sabe?

— Sei, sim, Aurie, mas mamãe não me perdoaria... Ela vai querer ir comigo.

Aurora riu mais alto.

— Sei bem como a Sra. Galagher pode ser persuasiva! — brincou. — Aliás, ela está chateada com você. Disse que você só aparece para fazer o almoço de domingo, como um chef a domicílio! Palavras dela, não minhas! — Levantou as sobrancelhas, fazendo-me rir alto.

— Mamãe é metade preocupação e metade dramalhão! — Acendi um cigarro e dei um trago longo. — Vou vê-la esta semana.

— Faça isso! Ela te ama, você sabe... Agora preciso ir... Tenho aula em quinze minutos.

Lavei a louça, depois coloquei shorts de ginástica e uma camiseta. Separei meus tênis e prendi os cabelos em um coque.

— Vamos, garoto! — chamei Black Bart, que

dormia. — Vamos dar uma volta por aí.

Corri pelo calçadão, com o cachorro ao meu lado. Finalmente, nossa praia começava a ficar tranquila mais uma vez.

O dia estava ensolarado e a brisa fresca do mar tornava o exercício mais agradável. Meu cachorro também parecia se divertir bastante com os albatrozes e as gaivotas.

Olhei para o alto por um instante. Nuvens brancas seguiam lentas pelo azul do céu. Tudo parecia mais bonito.

Ei, mãe... Obrigada por me mandar uma luz aí de cima! — Sorri e, quando baixei os olhos, eu a vi.

Lola estava lá, caminhando apressada, como se estivesse ansiosa, ou algo assim. Parou no instante em que me viu também. Um sorriso tímido ganhando espaço em seu rosto.

Caminhamos um para o outro.

— Veja se não é Lola, Dolores, a médica pediatra... — brinquei, fazendo-a sorrir mais.

— E eu que pensava que os grandes e famosos chefs não andavam por aí, entre os mortais!

— Não vejo mortais por aí, doutora... Só um anjo! — Pisquei.

— É uma cantada péssima! — debochou.

— Eu sei! Mas não pude evitar, desculpe!

Ia falando e chegando mais perto dela. Queria desesperadamente puxá-la para mim.

Parei bem em frente a ela, levando minha mão ao seu rosto e enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador.

— Adoro seus olhos no sol... — confessei. — Esse tom de castanho é como chocolate derretido, doutora.

Um riso tímido ganhou seu rosto.

— Esta, sim, é uma boa cantada.

Baixei o rosto e capturei seu lábio inferior entre os meus, mordiscando de leve, enquanto ela ficava na ponta dos pés para pendurar-se em meu pescoço.

— Estou um pouco suado, espero que não se importe.

— Nem um pouco... Só quero beijar você...

— Seu desejo é uma ordem, senhorita.

Segurei-a pela cintura, abaixando-me um pouco para poder abraçá-la, enquanto minha boca se perdia em nosso beijo.

Depois de um tempo, ela se afastou.

— Não acredito que o encontrei logo agora! — Sorriu animada.

— Algo especial para este dia ensolarado? — questionei sem entender.

Lola tapou o rosto com as mãos, não conseguia deixar de sorrir.

— Eu consegui! — anunciou. — Fui contratada

pelo hospital!

Puxei-a para mim.

— Isso merece uma comemoração... — Sorri de canto. — Venha... — Entrelacei meus dedos nos seus e beijei sua mão.

Por sorte, não estávamos muito longe de casa.

Abri a porta para que entrasse e a trouxe para perto, mais uma vez.

— Preciso de um banho, doutora... — sussurrei em seu ouvido. — E adoraria que viesse comigo.

Meu coração batia forte. Era como se esperasse para ser aceito. Uma sensação estranha e desconfortável, enquanto ela me encarava em silêncio.

Nunca fui bom em me abrir... Em deixar o sarcasmo e mostrar como me sentia de verdade.

Na primeira vez que fizemos amor, o calor do momento comandou tudo que aconteceu. Queria

saber se ela realmente me queria. Se escolhia ficar comigo, agora que podia recusar.

A impaciência começava a incomodar, eu estava prestes a desistir e soltar uma piada boba, quando Lola sorriu, deslizando os dedos pelo meu rosto, na linha da barba.

— É um convite tentador, chef... — Mordeu o lábio, fazendo-me sorrir.

Segurei-a pela mão e a levei até meu quarto. Tirei a camisa e amarrei o cabelo novamente no coque. Lola me encarava sem parar.

— Gosta do que vê, doutora? — provoquei.

— Muito...

Segurei na barra da blusa que ela usava e a tirei por seus ombros. Segurei o queixo com uma das mãos, aproximando a boca sem beijá-la, enquanto soltava o fecho do sutiã com a outra.

— Quero vê-la nua, Lola... Desde que voltou ao

restaurante, naquela noite, eu desejo isso.

— Seu desejo também é uma ordem, senhor — imitou-me.

Afastou-se o suficiente para soltar o botão do jeans e baixar o zíper. Vê-la se despir só aumentava o desejo que eu sentia de estar dentro dela novamente.

Livrei-me do short o mais rápido que consegui e a pressionei contra a parede. Apenas o tecido fino da cueca entre nós.

— Ah, Lola...

Mordi seu pescoço até perto da mandíbula e então me aproximei da boca.

— Acho que o banho vai ter que esperar um pouco...

Lola

Virei-me de lado, apoiada sobre o cotovelo, para poder olhá-lo melhor.

Os olhos pareciam mais verdes, com o feixe de luz do sol que entrava pelo vão da cortina. Os cabelos macios tinham vários tons de castanho, do escuro ao mel, passando perto do loiro.

Levou o cigarro à boca e deu um trago longo, soltando a fumaça devagar. Depois, virou o rosto para mim e sorriu.

— O que foi, doutora?

— Nada de mais...

Encarou-me curioso.

— Sei que já deve ter ouvido isso um milhão de vezes, mas você é um homem incrível, Collin Van Galagher.

Puxou-me para si e beijou minha boca. O gosto de nicotina e pasta de dentes era masculino e viril

em sua boca.

— Hum... — soltei um gemido baixo, sem deixar de beijá-lo.

— Acho que nunca desejei tanto alguém como a desejo, Lola, Dolores...

Jogou o lençol no chão e me colocou montada sobre sua cintura, enquanto entregava-me o preservativo.

Assim que terminei de vesti-lo, guiei-o para dentro de mim mais uma vez.

Collin fechou os olhos por um instante, enquanto eu o cavalgava devagar, sentindo cada impulso que dava para me penetrar mais fundo.

Abriu os olhos e enlaçou meus cabelos contra seu punho, levando meu rosto até perto do seu. Boca levemente aberta, respiração entrecortada, cheios de desejo.

— Não faz diferença o que ouvi antes de você,

doutora... Nem quantas mulheres tive, porque nenhuma delas era Lola, Dolores, minha médica pediatra! — Sorriu de canto, puxando minha boca para a sua.

Eu não conseguia parar de sorrir. Nem mesmo quando o orgasmo se aproximou e me deixei levar pelo prazer.

Collin deitou-me sobre os lençóis macios de algodão e acariciou meu rosto, fazendo-me abrir os olhos para encará-lo.

— Às vezes tenho medo de acordar... — confessei.

— Não acorde... — pediu e beijou meu nariz de leve, fazendo-me sorrir mais.

— Quando eu era menina..., subia no alto de uma árvore grande que tínhamos no quintal e fingia que um príncipe encantado viria me resgatar... Minha mãe dizia que era bobagem e que sonhar

com o impossível só me faria sofrer mais...

— Que bom que você não desistiu de sonhar, Lola... Ou nem estaria na Holanda...

Sorri porque era mesmo verdade.

— Você é mais perfeito que qualquer príncipe com que eu tenha sonhado...

Collin correu os dedos pelos meus cabelos, até as pontas.

— Jogue suas tranças, Lola, Dolores... — brincou.

Era quase hora do almoço, quando saímos da cama.

— Sabe que precisa dormir mais do que alguns minutos, não sabe? — criticou enquanto servia uma xícara de café puro para mim.

— Eu me acostumei a dormir pouco depois dos plantões, Collin. Tenho tão pouco tempo com Nina.

— Sua rotina é muito pesada, Lola. Você

precisa pensar em contratar alguém que a ajude.

— As coisas serão mais fáceis, agora, que tenho um trabalho de verdade. — Sorri. — Obrigada por se preocupar.

Collin sentou-se na poltrona e me puxou para o seu colo.

— Prometi à Nina que faríamos o dever de casa juntos hoje e você sabe que sempre cumpro minhas promessas... — Ergueu uma sobrancelha para mim.

Encarei-o em silêncio. Não queria falar com ele sobre Leij, mas também não queria que ele fosse em minha casa, porque ela estaria lá.

— O quê? Não quer mais me ver, agora que já me usou? — brincou fazendo-me rir alto.

— Não é isso, sério!

Pensou por alguns segundos.

— Sua amiga lhe disse para ter cuidado comigo, porque Collin Van Galagher é como um

navio-fantasma, jamais encontrará seu porto! — debochou.

— Quase isso, mas menos poético! — Pisquei, fazendo-o rir alto.

— Ela não está errada, Lola... Tenho sido assim desde adolescente. Não sou bom em me envolver...

Senti meu coração apertar.

— Mas também nunca senti o que sinto agora, então... — Sorriu, desviando os olhos dos meus. — Quero que saiba que eu jamais magoaria Nina... Ela é muito especial... É importante para mim... E...

— Shhhhh... — Toquei sua boca com a mão. — As coisas não precisam ser decididas hoje, Collin... É tudo novo para mim também... Eu só tive um namorado a vida toda! — Sorri.

— Um passo de cada vez, doutora?

— Isso... Um passo de cada vez... — concordei.

— Podemos buscar Nina no colégio e trazê-la

para cá. O que acha? Tomamos um lanche e eu as deixo em casa, antes de ir ao restaurante. Assim tenho desculpa para passar o dia todo com você.

— Como se precisasse de desculpa, chef! — Beijei seu rosto.

Almoçamos e logo saímos para buscar Nina. As aulas iam até as três da tarde.

Minha filha saltitava de felicidade, enquanto subia os degraus do deque.

— Mamãe, posso brincar com Black Bart, depois do dever de casa?

— Depois do dever, e se Collin deixar! — expliquei. — Afinal de contas, o cachorro é dele!

Collin sorriu.

— Se você terminar o dever, pode escolher o que quer fazer, pequena! Qualquer coisa!

— Até dar um mergulho no mar? — perguntou animada.

— Até uma viagem para a Lua, senhorita! Mas aí teríamos que conseguir um foguete e talvez não seja possível para hoje... — brincou, fazendo Nina rir.

Ela sentou-se animada à mesa e pegou os livros e cadernos. Sentei-me ao lado de Collin, no banco de madeira.

— É por isso que seus sobrinhos o amam! — constatei.

— Por isso e porque sou o tio mais bonitão que eles têm... — Sorriu de canto.

— Tenho certeza disso também, chef.

Era fim de tarde quando Nina terminou os deveres.

— Se ainda quiser aquele mergulho... — Collin ofereceu.

— Jura?

— Promessa é dívida, bonequinha!

Nina encarou-me com seus grandes olhos castanhos, esperando minha aprovação.

— Tem que obedecer ao Collin e não ir para longe, Marina! — adverti.

— Prometo!

— Venha cá, vou tirar seus aparelhos.

Collin tirou a camiseta e estendeu a mão para que Nina a segurasse.

— Não quer mesmo vir, Lola? — perguntou.

— Da próxima vez, trago roupa de banho.

Fiquei encarando os dois, seguidos pelo cachorro, caminharem pela areia com o sol poente. Era uma cena tão bonita que chegava a doer no fundo do peito.

Eu sabia que tinha falhado na tarefa de escolher um pai para Nina e não pretendia jogar essa responsabilidade sobre os ombros de Collin, mas vê-los juntos me fazia querer, ainda mais, que o

PERIGOSAS NACIONAIS

sonho não terminasse.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15

Collin

Pelo que restou da semana, Lola e eu nos encontramos todos os dias e nunca parecia suficiente. Sempre que me deixava, eu sentia como se uma nuvem cinza cobrisse o sol.

Era intenso e rápido demais, mas, por mais que quisesse pisar no freio, acabava arrastado pelo turbilhão de emoções que ela me causava.

No sábado, acordei com o perfume dela em meus lençóis.

Nunca gostei de dividir minha cama com mulher alguma, mas pela primeira vez era bom lembrar de tudo que havia acontecido naquele quarto.

Lola nunca tinha sido apenas desejo; por mais que eu a quisesse fisicamente desde o início, era mais do que isso.

Levantei-me da cama e tomei uma ducha

rápida.

Assim que saí do banheiro, meu celular começou a tocar. Era o número da minha mãe.

— Oi, querido, como está? — perguntou com sua gentileza costumeira.

— Bem, mãe... Muito bem... — Acabei rindo mais do que gostaria. Não era bom em esconder coisas dela.

— Isso é ótimo, querido! Agora vamos, abra a porta para mim... Trouxe aqueles morangos orgânicos do Albert Cuyp que você tanto gosta.

Vesti uma calça de elástico e segui pelo corredor. Aurora ainda dormia no quarto.

Assim que cheguei à sala, eu a vi, parada na porta de vidro. *Laura Soares Van Galagher, a mulher que nos resgatou da tristeza.*

Abri a porta e a abracei.

— Mãe, você fica mais bonita a cada dia,

sabia?

Minha mãe sorriu, o rosto na curva do meu pescoço.

— E você fica mais galanteador a cada dia, querido! Está parecido com seu pai! Aliás, com os dois! — brincou, entregando-me a sacola de morangos.

— Vou preparar waffles para comermos com o morango, mãe. Aurie deve acordar logo, ela ama waffle.

— É tão bom vê-los juntos assim, sabia? — confessou. — Fico mais tranquila em saber que Aurora tem você para cuidar dela, Collin. A pobrezinha mal consegue descansar. Sempre correndo de um lado para o outro. Vai acabar doente e anêmica antes do fim dessa faculdade.

Ri alto.

— Mamãe... A senhora é a melhor de todas!

Preparei a massa e liguei a forma elétrica para que começasse a esquentar.

— Quando vou conhecer a garota? — perguntou de uma vez, porque era óbvio que os morangos não eram a razão da visita.

— Que garota, mamãe? — provoquei.

— A médica... que arranhou suas costas e o deixou nessa montanha-russa de emoções...

Estreitei os olhos.

— O quê? Você sabe que seu pai me conta tudo! — Deu uma mordida no morango.

— Vocês dois não têm jeito! — reclamei.

— Hanna já a conheceu, e eu, que sou sua mãe, não! Acha justo?

Comecei a rir novamente.

— Eu ia convidá-la para um café em Roterdã, Sra. Galagher, mas a senhora, obviamente, não podia esperar...

— Obviamente... — concordou.

— Não é nada sério, mãe... — Suspirei. — Ao menos... Ao menos por enquanto... Você sabe que preciso de tempo... Eu nem sei se quero que seja algo além do que temos agora... Eu...

Mamãe sorriu, desarmando-me. Estendeu a mão e tocou meu rosto.

— Ah, querido... Como esperei para vê-lo apaixonado assim...

— Acabei de dizer que não é nada sério, mãe! — adverti em vão.

O sorriso continuava em seu rosto.

— Sua boca diz uma coisa e seus olhos dizem outra...

— Você e Hanna não podem passar tanto tempo juntas! São um perigo para a raça humana! — brinquei e mamãe riu alto.

Aurora caminhou até nós, ainda de pijama.

— Oh, bebê, como você está? Não a vejo desde o fim de semana!

— Bem, mamãe... — Beijou-lhe o rosto. — Cansada, mas bem. O que me consola é que em dois anos estarei livre disso tudo.

Caminhou até mim, então ganhei um beijo e um abraço.

— A Dra. Calderón foi contratada ontem... Sabia? — Enfiou um dos morangos na boca, enquanto sentava-se junto à bancada.

— Eu soube... — Preenchi a forma com massa e fechei.

— Viu só, mãe...? “Ele soube...” — debochou, fazendo-me rir novamente.

— Hum... Dra. Calderón... — mamãe repetiu. — Gosto de como soa... Aliás, Lis está animada em ter mais uma pediatra na família.

Balancei a cabeça em negativa, ainda rindo.

— Pelo que vejo, sou o assunto preferido de Roterdã nos últimos dias...

— Ah, querido, sabe que todos nós nos preocupamos com você!

Servi os dois primeiros waffles nos pratos, então cobri com xarope de bordo e morangos cortados.

— O que acha de convidá-la para almoçar? — mamãe perguntou.

— Mãe, não posso levar a garota em sua casa bem no almoço de domingo, com toda a família reunida lá! É um pouco cedo, não acha?

— Ah, não se preocupe com isso! Esse domingo só estaremos seu pai e eu. Todos os outros já têm compromisso...

— Prometo pensar nisso, mãe.

— Ótimo! Não quero forçá-lo, Collin, só estou curiosa para conhecer a moça que o faz sorrir deste

jeito.

Abracei-a e beijei o topo de sua cabeça.

Depois do café, mamãe e Aurora saíram para as compras e seguiram direto para Roterdã. Ajeitei a casa e me vesti. Queria entregar o presente que havia comprado para Nina.

Estacionei no meio-fio e mandei mensagem para Lola.

“Estou aqui embaixo.”

Ouvi o som de destravar do portão e subi. Nina me esperava com a porta aberta.

— Collin! — Atirou-se em meu pescoço, assim que me abaixei.

— Trouxe um presente, pequena! — Entreguei o pacote em suas mãos.

Passamos pela porta e Nina correu animada para mostrar o embrulho à mãe.

Lola sorriu assim que me viu. Seguíamos

mantendo nossa relação a passos lentos, e isso incluía não deixar que Nina percebesse.

— Oi! — cumprimentou.

— Oi, doutora! — Mordi o lábio, segurando a vontade de beijá-la.

— Olha, mamãe... É uma roupa de unicórnio! — Sorriu animada, segurando a saia e a tiara que eu havia comprado. — Posso vestir?

— Pode, sim! Concordou e a menina correu para o quarto.

— Ótimo, porque eu já não aguentava mais de vontade de provar seu sabor, colombiana... — Puxei sua boca para a minha, segurando-a pela nuca.

Um beijo intenso e cheio de desejo, daqueles que se dá escondido pelos cantos do colégio, quando se é adolescente.

— Quero uma noite com você hoje... — pedi.

— Acha que consegue dar um jeito? Hum? — insisti.

— Acho que consigo, chef!

— Ótimo!

Nina voltou logo, vestida em sua nova roupa. Sorria de orelha a orelha.

— Está muito bonita, Srta. Calderón! — Segurei sua mão, fazendo-a girar.

— Acha mesmo?

— A mais linda de todas as "unicórnias"! — brinquei. — Tão linda que precisamos sair para almoçar, em um lugar bem elegante e com um ótimo sorvete!

— Vestida assim? — Lola questionou.

— Não vejo roupa mais adequada, doutora! — insisti fazendo a alegria da menina.

— Se vocês dois concordam, quem sou eu para discordar! — Deu de ombros.

Esperei na sala até que Lola se vestisse, mas, antes que ela terminasse, Leij chegou.

— Ei, veja se não é o Grande Chef Michelin! — fez piada.

— Um prazer revê-la também... — Meneei a cabeça a distância.

Lola voltou para a sala no instante seguinte. Usava uma blusa transpassada e calça clara.

— Vão sair? — Leij questionou.

— Sim... — respondeu sem jeito. — Collin nos convidou para almoçar... Quer vir conosco?

Os olhos da loira encontraram os meus, mas algo nela me fazia manter os dois pés atrás. Nina parecia compartilhar da mesma opinião.

— Ah, não, não posso... — Sorriu. — Tenho um compromisso com Hans... Ele fará alguns plantões conosco, sabia? — provocou. — Sei como você amava dividir plantões com ele.

Era uma provocação direta. A maldita holandesa queria me testar.

— Se estiver pronta, Lola... — desconversei.

— É claro, vamos! — Sorriu e pegou a bolsa sobre a bancada. — Vou dormir fora, Leij... — Encarou-me por um instante, fazendo-me rir. — Não se preocupe com Nina e fique à vontade. — Piscou. — Nos vemos amanhã!

A loira demorou um segundo para se recompor do baque e eu me levantei do sofá, vingado.

— É claro, divirta-se, Lola! — gritou enquanto seguíamos para a porta.

Eu quase sorri, mas não queria alimentar ainda mais a inveja dela.

Parei em um restaurante de frutos do mar, em frente à praia.

— Nossa! Eu sempre quis vir aqui, Collin! — Nina confessou animada.

— Filha! Desse jeito, Collin vai achar que somos duas caipiras! — Lola reclamou, fazendo-me rir.

— Não vou achar nada, Nina, não dê atenção a sua mãe!

Estávamos caminhando para nossa mesa, quando o mesmo babaca de olhos verdes que havia se derretido sobre minha garota, na festa de Amsterdã, levantou-se.

— Lola, que prazer encontrá-la novamente.

Abriu os braços e a puxou para ele, fazendo-me cerrar a mão em punho.

— Hans, deixe-me apresentá-lo... Este é...

— Collin Van Galagher, O Grande Chef! — interrompeu. — Cara, eu sou seu fã! Você é ótimo!

— Obrigado! — limitei-me a dizer.

— Sou Hans Bakker, amigo de Lola dos velhos tempos... — Sorriu com gentileza, mas eu não

conseguia fazer o mesmo.

— Hans é um grande amigo, Collin. Ajudou muito com a faculdade.

Concordei com a cabeça, forçando o melhor sorriso que conseguia, até que Nina me salvou.

— Mamãe, estou com fome... Podemos ir?

— É claro, querida. Hans, foi um prazer! Leij me disse que vamos nos ver mais vezes agora...

— Sim! Estou ansioso, linda!

Linda...

Revirei os olhos e acertei meu punho no tampo de uma das mesas; ou acabaria acertando a cara do filho da puta.

Lola

Collin nos deixou em casa, logo depois do almoço.

Tinha ficado emburrado, desde nosso encontro com meu amigo, o que me envaidecia muito, por mais desconfortável que fosse. Era bom saber que ele sentia ciúmes de mim.

Combinei com a Sra. Herta, que cuidaria de Nina. Deixei dinheiro para que pedissem pizza e minha senha da TV a cabo, para que Nina escolhesse os filmes que quisesse ver. Esperava que tivessem uma noite divertida, já que eu, certamente, teria uma noite incrível.

Tirei da sacola o vestido novo que havia comprado, junto como a calcinha de renda preta, já que o vestido não me permitiria usar sutiã.

Tomei banho e sequei os cabelos em ondas, como ele havia dito que gostava. Coloquei a roupa

e encarei minha figura no espelho.

O vestido abraçou meu corpo perfeitamente. Azul-marinho, ajustado e com recortes na cintura, deixava-me mais elegante e sexy. O decote transpassado, generoso, finalizava tudo perfeitamente.

Fiz uma maquiagem caprichada, olhos esfumaçados e uma boca vermelha, ressaltando meus traços.

Calcei as sandálias de tiras finas, douradas, e coloquei os brincos e a pulseira que havia separado.

— Você está linda, mamãe! Parece uma princesa... — Nina disse da porta.

Nenhum elogio é melhor e mais sincero que elogio de filho. Não há como não se sentir bonita vendo-nos pelos olhinhos deles.

— Está bonita assim porque vai sair com o Collin, não é?

Nina era uma garotinha perspicaz. Por mais que tentássemos manter as aparências, eu sabia que nossos olhares nos denunciavam e, no fundo, queria que ela começasse a compreender o que estava acontecendo. Amava demais minha filha, para esconder dela algo tão especial.

Sentei-me na cama e fiz sinal para que se sentasse ao meu lado.

— Tudo bem se eu sair com o Collin sem você? — perguntei, queria saber sua reação.

Deslizou os dedinhos pelo meu cabelo arrumado e logo depois sorriu.

— Tudo bem, mamãe... Mas da próxima, quero ir!

— Prometo! — Beijei os dedos em cruz. Amava a simplicidade com que ela encarava as coisas.

Despedi-me e desci; assim que passei pelo

portão, eu o vi.

Estava lá, calça social escura e camisa cinza-chumbo, dobrada até os antebraços. O cabelo, preso em um coque mais arrumado, e a barba, aparada. Estava absolutamente lindo. Tanto que fazia meu coração disparar, mesmo àquela distância.

Assim que me aproximei, abriu a porta e pegou um buquê de rosas colombianas vermelhas, amarradas por uma fita dourada, tão lindas e especiais como ele.

— Você está absolutamente linda, Dra. Calderón — Segurou minha mão e a levou à boca, beijando suavemente. — Estou honrado em ter sua companhia ao meu lado.

Abriu a porta e esperou que eu me sentasse.

Enquanto dava a volta no carro, pensei em como tinha sorte. Jamais pensei que encontraria, em minha vida, um homem como ele.

— Pensei em irmos ao bar do meu irmão. O que acha? Uma banda de que gosto muito irá se apresentar lá e assim podemos relembrar nosso primeiro momento juntos... — A mão acariciava minha coxa suavemente.

— Acho uma excelente escolha... — Sorri.

— Amsterdã, então.

Paramos em frente ao bar e o manobrista abriu a porta para mim.

Collin estendeu a mão para que eu a segurasse e entrelaçou nossos dedos. Podia ser um gesto corriqueiro, mas foi importante para mim. Apesar dos passos lentos, eu queria sentir que ele era meu, ao menos um pouquinho, como eu já me sentia dele.

— Boa noite, chef Galagher! — a recepcionista cumprimentou. — Senhorita... — Meneou a cabeça. — O Sr. Hart mantém uma mesa, na área

VIP, para os familiares. Gostariam que eu os acompanhasse?

— Por favor! — Sorriu cortês. — Trevor já chegou?

— Sim, senhor, vou avisar que está aqui.

A moça nos acompanhou até um mezanino dentro do salão. Tinha uma vista incrível para o mar. A tal mesa da família estava vazia.

— Chef Galagher, gostaria da carta de vinhos? Ou prefere outra bebida? O *maître* perguntou.

— Quero um frisante... Traga aquele *rosé* que eu mesmo coloquei no cardápio, por favor. E a entrada de salmão defumado.

— Sim, senhor.

Acabei rindo.

— O que foi? — Encarou-me com seus lindos olhos esverdeados.

— Nada... Estava pensando no que minha mãe

diria se me visse agora... em um lugar elegante como este, bebendo frisante *rosé* e comendo salmão!

Collin sorriu. Um riso divertido, que iluminou seu rosto.

— Acha que sua mãe gostaria de mim?

— Sinceramente?

— É claro, Lola!

— Ela o acharia esnobe... — Ri mais alto. — E lindo... — Acariciei suas mãos. — E diria que tenho muita sorte, mas que provavelmente vou acabar estragando tudo! — Dei de ombros. — *Doña* Rosário não é fácil de lidar, chef! — brinquei.

— Pois eu tenho certeza de que minha mãe adoraria conhecer você, Lola! Aliás, ela esteve me perguntando quando vou apresentá-la à minha família...

Senti o estômago revirar.

— Então, o que me diz, doutora? Acha que é um passo grande demais?

— Acho que ainda não acordei daquele sonho, sabe?

— Espero que nunca acorde...

Estávamos perdidos em nosso próprio mundo, quando uma voz feminina se aproximou.

— Ora, ora, se não é o chef mais bonito da Holanda!

Virei o rosto para encontrar uma garota loira tão bonita que mais parecia uma boneca de porcelana. Era pequena e delicada, com os olhos azuis mais bonitos que já vi na vida.

Sorria para Collin, que se levantou e a puxou para seus braços.

Engoli em seco, sem saber bem como reagir.

— Como está Estrelinha! — Beijou o rosto da

garota que se aconchegava em seu peito, íntima demais. — Senti saudades! Você precisa ir me ver!

— Prometo que vou, irmãozinho! — Alívio tomou conta de mim. — Assim que chegarem as férias! A faculdade tem sugado minhas forças, Collin! — reclamou.

— Lola, esta é Stella, minha irmã caçula.

A garota se aproximou sorrindo e abriu os braços para mim.

— É um prazer conhecê-la, Lola! — Beijou meu rosto carinhosamente.

— Sente-se conosco, Stella, ao menos até suas amigas chegarem.

— Tem certeza de que não vou atrapalhar?

— De jeito nenhum! — confirmei. — Será um prazer conhecê-la melhor.

— Confesso que já ouvi muito sobre você! — Sorriu. — Sabe que Aurora é sua fã, não sabe?

Acabei rindo.

— Aurora é um amor.

Nossa comida chegou e Collin serviu o vinho nas taças.

— A parte boa de se sentar com ele é que ganhamos consultoria culinária gratuita! — brincou.

— Como se você soubesse cozinhar, Stella! — Collin provocou.

— Ei! Eu estou aprendendo, sabia? Vovó está me ajudando com isso! Não aguento mais comer sanduíches quando estou na faculdade.

— Não olhe para mim, você me viu fazendo café! — defendi-me e acabamos rindo, os três.

Pouco tempo depois, o tal príncipe de Leij veio até nossa mesa.

— Ei, companheiro! Sabia que você viria hoje! — ele cumprimentou Collin. — Só não sabia que

seria tão bem acompanhado.

Sorriu para mim e então percebi que tinha o mesmo tom de azul, nos olhos, que Stella. Um azul límpido e claro como o céu de verão.

— Lola, este é Trevor, meu irmão e dono do lugar.

— É um prazer, Lola! Estava ansioso por conhecê-la, confesso! — Estendeu a mão para me cumprimentar. — Espero que se divirta hoje. — Beijou minha mão em um gesto cortês e delicado. — Infelizmente, preciso circular, mas fiquem à vontade.

Tão logo o show começou, Stella nos abandonou.

— O que acha de descermos? — perguntou. — O som deles é muito bom.

— Claro! Vamos lá!

O rock era ótimo e me fez lembrar os velhos

tempos de faculdade em Bogotá, antes de Nina entrar em minha vida, quando não tinha nada além de mim mesma e uma samambaia com que me preocupar.

Fazia tanto tempo que não dançava, que fui me animando mais a cada música. Collin me segurava pelo quadril, enquanto eu ia rebolando e provocando mais e mais.

— Falta bem pouco, colombiana... — sussurrou em meu ouvido, por trás.

— É mesmo? Para quê? — insisti, jogando a cabeça para trás e liberando o acesso ao meu pescoço.

— Para que eu perca o fio de bom senso que me resta...

Beijou-me, deslizando a boca por minha pele, virando-me de frente para ele e seguindo até perto do decote. Apertou os dedos em meu quadril, tanto

que soltei um suspiro.

— Deus, Collin... Não faça assim... — adverti.

— Como? — perguntou aproximando mais nossos corpos. — Assim? — Roçou a ereção na parte baixa da minha barriga, fazendo-me pulsar de desejo. — Acho que é hora de ir, doutora...

— Concordo plenamente... — Sorri.



Capítulo 16

Collin

Levei Lola até o Waldorf Astoria.

Era meu hotel preferido na cidade, o que guardava as melhores lembranças e, por isso, ela era a primeira garota que eu levava até aquele lugar.

— Boa noite, senhor — a recepcionista cumprimentou educada. — Em que posso ajudá-lo?

— A suíte máster, por favor.

Deixei o documento sobre o balcão e Lola fez o mesmo.

— O mensageiro os acompanhará. Espero que tenham uma boa estada.

Meneei a cabeça e levei a mão de Lola até a boca, beijando suavemente.

Seguimos em silêncio pelo corredor luxuoso, até o último andar. Os olhos dela brilhavam a cada novo passo.

Eu conhecia o quarto. Papai costumava reservá-lo para nós quatro, quando tinha reuniões de negócios na cidade e não queria pegar a estrada de volta a Roterdã.

Sabia que tinham as melhores madeleines da Holanda também, mas isso eu apresentaria à Lola no café da manhã.

Depois que cresci, ia ao Waldorf sempre que precisava me reconectar com o passado. Era como se uma parte boa de mim voltasse, sempre que eu estava ali.

O mensageiro abriu a porta e apresentou o quarto.

— Traga-me uma garrafa do Veuve Clicquot — pedi enquanto entregava-lhe a gorjeta. — O brut, por favor... E morangos.

— Certamente, senhor.

A porta se fechou e Lola sorriu.

— Juro que não quero imaginar que esta é uma situação corriqueira para você, porque é óbvio que já conhece o quarto.

Caminhei até ela e segurei suas mãos.

— Não imagine... — Beijei-a perto do nó dos dedos. — Eu costumava vir aqui quando criança... Meu pai reservava este quarto porque tem um escritório anexo. Assim podia ficar de olho em mim e Hanna, enquanto trabalhava.

O sorriso se alargou em seu rosto.

— Seu pai parece ser um homem formidável...

— Ele é!

A campainha tocou e eu recebi nosso champanhe.

Coloquei um morango no fundo de cada taça e estourei a garrafa, servindo em seguida.

Entreguei nas mãos de Lola.

— A uma noite inesquecível, doutora!

— brindei.

Levei a taça à boca e apreciei o sabor da bebida, adocicada pelo gosto da fruta.

— Nossa... Isso é muito bom, Collin! Você vai acabar conseguindo me embebedar! — brincou. — Não que isso seja uma reclamação, longe de mim! — Riu alto, fazendo-me rir também.

— Tire a roupa... Gosto de vê-la se despir.

Obedeceu no mesmo instante. Lola podia ser uma garota centrada e controlada, mas havia sempre um rastilho de pólvora em sua superfície, esperando pelo combustível certo, para explodir.

— Agora deite-se na cama.

Deitou-se usando apenas a calcinha de renda preta. A pele bronzeada e os seios pequenos e delicados faziam-me salivar.

Tirei os sapatos e desabotoei a camisa devagar, enquanto ela me encarava com olhos intensos e

cheios de desejos.

Caminhei até ela levando um dos morangos e a garrafa.

Posicionei a fruta em seu umbigo e despejei um pouco de bebida, sem deixar de olhá-la. Lola respirou fundo, sentindo o líquido gelado na pele.

Aproximei a boca e dei uma mordida no morango, deixando os lábios em sua pele por mais tempo que o necessário.

— Hum... Collin... O que você está fazendo?

— Hoje, doutora... Eu vou devorar você de todas as maneiras possíveis... — sussurrei enquanto tirava sua calcinha e me posicionava entre suas pernas. — Quando sair deste quarto, quero que leve todas as lembranças do que viveu comigo... Você sempre se lembrará do que a fiz sentir nesta cama.

Aproximei meu rosto de seu sexo, sentindo o perfume de sua excitação e não resisti mais,

afundando a língua em sua carne macia. Sugando e beijando, enquanto Lola gemia mais e mais alto.

Peguei a garrafa e despejei um pouco de bebida gelada entre suas pernas, aumentando as sensações dela, e as minhas ao prová-la.

Estava em meu limite, quando a senti gozar em minha língua.

Levantei o rosto, depois de sentir seu sabor em minha boca e a vi, corada e ofegante.

— É apenas o começo... Estou longe de me satisfazer em você...

Tirei a calça e ela me puxou para perto, mordiscando meu lábio inferior, enquanto acariciava minha nuca.

— Também quero sentir o seu sabor... — Mordeu o próprio lábio, deixando-me ainda mais duro do que já estava.

Fiquei em pé, enquanto Lola se sentava na

cama, em minha frente.

Beijou minha barriga, até o elástico da cueca, mordendo e arranhando minha pele com os dentes, fazendo-me arrepiar.

Baixou o tecido e liberou minha ereção, segurando com uma das mãos e deslizando a boca pelo comprimento, beijando suavemente.

Tirei seu cabelo do rosto, queria ver.

— Gosta de ver? — perguntou levantando o rosto para me olhar.

— Sua boca linda no meu pau? — provoquei. — Ahhh, doutora... Eu diria que é uma visão digna de uma pintura! Deveríamos colocá-la no MAM. Certamente atrairia mais olhares do que as obras de arte do local.

Riu contra minha barriga, deixando-me mais arrepiado.

— Você não vale nada, Grande Chef Michelin!

Lola aumentou o ritmo, mais e mais fundo, até que não resisti e a puxei para cima, intensificando o beijo porque não conseguia mais controlar o desejo que sentia por estar dentro dela.

Virei-a de costas e sujeitei pela cintura, trazendo o quadril até mim. Lola entendeu o recado, baixando um pouco as costas e ficando na posição exata em que eu a queria, de quatro, pronta para mim.

Peguei um preservativo e vesti, antes de me ajoelhar entre suas pernas e segurar seu quadril, firme, enquanto a penetrava lentamente, olhos fechados, aproveitando a sensação.

— Ahhhh... Collin... — gemeu.

Enlacei seus cabelos e girei contra meu punho, puxando com a força certa para que arqueasse o corpo, enquanto eu investia, mais e mais forte, contra sua bunda.

— Quero que goze comigo, colombiana... Diga como você gosta que eu a toque e eu faço... — sussurrei em seu ouvido.

Lola segurou minha mão e levou até o meio das pernas, movendo meu dedo médio do jeito que a fazia sentir mais prazer. Assim que tirou a mão, eu continuei, no mesmo ritmo, do mesmo jeito, sentindo sua carne se apertar contra meu pau, seus gemidos aumentando de intensidade e diminuindo o intervalo, até que eu soube que estava perto.

Deixei-me ir até me perder em seu corpo, levando-a comigo.

Caímos na cama, exaustos de prazer.

Lola se aconchegou em meu peito, respirando forte contra minha pele. Ficou em silêncio e eu também. Palavras não eram necessárias.

Ficamos assim por um longo tempo, até que a senti sorrir.

— Juro por Deus que nunca senti isso na vida, Collin! — Tapou o rosto com as mãos. — Eu nem sei o que dizer agora.

— Não diga nada... Continue me olhando assim e basta.

— Você, definitivamente, é perfeito!

— Não sou, não, a perfeição é inatingível, doutora; já eu, estou bem aqui. — Beijei sua palma e acariciei seu rosto.

— Venha, vamos tomar banho.

Adormeci com ela, nua, em meu peito. Seus cabelos espalhados pelo travesseiro, seu perfume tomando conta do lugar. Não me lembro de quando dormi tão bem.

Despertei com o celular tocando na mesinha de apoio e me virei para pegá-lo. Balancei a cabeça em negativa, assim que encarei a tela.

Lola suspirou e abriu os olhos.

— Algum problema? — perguntou preocupada.

— Hanna é sempre um grande problema, baby! — constatei rindo, enquanto atendia. — Bom dia, irmãzinha, o que conta de novo?

— Eu? Eu não conto nada de novo, irmãozinho! Quem conta é você! Anda, abra o jornal!

— Que jornal, Hanna? São sete da manhã, sabia? — reclamei.

— Que jornal... — repetiu debochando. — O *Privé*, é claro! — Soltei uma lufada de ar. — Ah, e, a propósito, traga Nina para a mansão hoje... O dia está lindo, ela vai amar a piscina.

— Tenha um bom dia, Sra. Santana! — desconversei e desliguei.

Peguei o interfone, pedi o café da manhã no quarto e os jornais do dia.

Lola havia se levantado e encarava a paisagem

do canal, usando apenas a minha camisa.

Caminhei até ela e a abracei por trás.

— Estou aqui há mais de quatro anos e ainda perco o fôlego com a beleza da Holanda.

Tirei seus cabelos de lado, liberando o pescoço para beijar.

— Concordo plenamente.

A campainha tocou em seguida.

— Venha, vamos tomar um bom café, antes de irmos.

Abri a porta e recebi o carrinho de chá. Os jornais estavam empilhados na parte de baixo. Procurei até encontrar o que queria. Na capa do tabloide, estávamos Lola e eu, de mãos dadas, saindo do Nocturne. Debaixo da imagem, a manchete: “O Novo Amor do Chef”.

Corri os olhos pela matéria. Falavam sobre as muitas mulheres que já passaram por minha vida e

pouco sobre Lola, para nossa sorte. Eu estava acostumado àquilo tudo, tinha vivido sob os holofotes desde meu nascimento, mas ela não. Queria que tivesse, ao menos, a chance de escolher se queria fazer parte daquele mundo.

Lola se aproximou e encarou o jornal.

— Oh! — exclamou sem jeito. — Isso foi rápido!

— Desculpe, baby, eu realmente não sabia que acontecia. Devia ter previsto, mas acabei me esquecendo.

— Deve ser meio cansativo.

— E chato, e invasivo às vezes, mas é a vida... Tudo tem um preço, não é?

Aquiesceu, pegando o jornal das minhas mãos e lendo a matéria.

— “O renomado chef Collin Van Galagher tem sido visto em companhia constante de uma jovem

morena.” — ia lendo e rindo. — “Ao que parece, um dos solteiros mais cobiçados da Holanda, finalmente, encontrou seu porto.” — Ergueu uma sobrancelha para mim.

— O quê? — defendi-me. — Não é como se fosse uma entrevista, doutora. Eles deduzem as coisas por conta própria!

— Então é mentira... — provocou.

— Que tenho sido visto em companhia de uma jovem absolutamente linda, morena? — Puxei-a pela cintura, levando-a de volta à cama. — Que sou cobiçado? — Livrei-me da camisa que cobria seu corpo. — Ou que encontrei meu porto?

Encarou-me com seus grandes olhos castanhos penetrantes. Por um segundo, tudo parou. Não havia nada além dela e de como eu me sentia, quando a tinha nos braços. Estava perdido em seu olhar.

— Que parte é mentira? — insistiu.

Segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Nenhuma.

Beijei-a com todo o desejo que sentia, enquanto me livrava da cueca e a puxava para mim novamente. Nunca era suficiente. A cada vez que a tinha, eu queria mais.

Lola

Sentia meu corpo dolorido de tanto amor que havíamos feito, mas, definitivamente, não tinha do que reclamar.

— Experimente as Madeleines... — ofereceu-me um dos biscoitos em formato de concha. — Essas são as melhores que você irá provar fora de Lorraine.

Levantei uma sobrancelha para ele; do contrário seria obrigada a confessar que não fazia a menor ideia do que era ou onde ficava a tal Lorraine.

— Ah, meu Deus, que delícia! — Peguei mais uma e enfiei na boca, enquanto Collin ria. — Para! Eu vou acabar engordando se você me alimentar tão bem assim com frequência!

— Ah, não se preocupe, doutora, eu pretendo manter seu gasto calórico bem alto! — Sorriu de

canto.

Terminamos o café e nos vestimos. Estávamos na estrada para Zandvoort, antes das nove da manhã.

— Quais são seus planos para hoje, Lola? — perguntou.

— Hum... Deixe-me ver... — brinquei. — Cuidar de Nina... Passar as roupas que lavei na última folga... Assistir à *Roda da Fortuna* e fazer o jantar... É... Parece que terei um domingo bem interessante, chef!

Collin entrelaçou nossos dedos enquanto ria, olhos focados na estrada, por trás dos óculos escuros.

— O que acha de almoçarmos em Roterdã? Hanna convidou Nina para a piscina, na casa dos meus pais.

Suspirei. Nunca tinha conhecido os pais de

ninguém, já que Paco não se dava bem com a família.

— Tem certeza de que quer me levar? — questionei porque precisava ouvir, o coração batendo forte.

Pisou no freio no mesmo instante, parando o carro no acostamento. Virou-se para mim.

— Eu nunca a convidaria se não tivesse certeza — suas palavras bateram forte em mim, causando uma revoada de borboletas em meu estômago.

Acariciei seu rosto, tirando os óculos e beijando suavemente.

— Então eu acho que seria ótimo! — Sorri. — Só precisamos ir devagar com Nina, Collin... Ela ainda não se recuperou do abandono do pai.

Segurou minhas mãos e as levou à boca, beijando carinhosamente, antes de colocar os óculos de volta e seguir viagem.

— Passos lentos e contínuos, doutora... Não se preocupe.

Paramos em frente ao meu prédio e ele me deixou para trocar de roupa e pegar Black Bart.

Abri a porta e encontrei Leij sentada à mesa, folheando o tabloide que tinha minha foto na capa.

— Noite animada... — Sorriu. — Quem diria, hein, Lolita? Você estampando a capa de um jornal de celebridades! — Abraçou-me. — Eu disse que você tinha nascido para muito mais do que Paco!

Podia ser ciúmes ou qualquer bobagem da minha cabeça, mas a maneira como ela falava da minha relação com Collin era incômoda, ainda mais porque usava o apelido que Paco costumava usar.

— Não foi nada de mais, Leij. Um passeio, apenas.

— Que durou a noite toda... — provocou,

fazendo meu sangue ferver.

— Sou adulta e solteira, tenho o direito, não tenho?

— É claro que tem, Lola! Eu apoio! Apoio de verdade!

Deixei a bolsa no sofá e corri para abraçar minha filha, que brincava na varanda com suas bonecas. A Sra. Herta brincava com ela.

— Ei, minha pequena, como foi sua noite? — Apertei-a nos braços, beijando seus cabelos sem parar.

— Foi boa, mamãe! — Sorriu. — Você está no jornal! Viu só? Com Collin!

Sorri.

— Eu vi, querida.

— Quero aparecer no jornal também! — concluiu ajeitando a tiara de unicórnio na cabeça. — Acha que fico bonita assim?

— Fica linda, meu amor!

Encarei os olhos da minha vizinha e amiga fiel, que sorria gentilmente, encorajando-me.

— Estou feliz por você, Lola! — Acariciou minhas costas com a mão, antes de se levantar.

— Obrigada! Por Nina e por mim... Tem sido uma ótima amiga.

— Aproveitem o domingo!

Sentei-me na cadeira ao lado de Nina.

— O que acha de darmos um passeio com Collin, querida? Hanna convidou você para ir à piscina.

Os olhinhos escuros dela se acenderam.

— Jura?

— Se você quiser...

— Vou me arrumar agora mesmo! — Levantou-se animada.

Ajudei-a a colocar a roupa de banho e outros

itens na mochila; prendi seus cabelos em uma trança bonita.

Vesti um jeans e a blusa transpassada que Leij havia me dado de presente.

— Hum... Estão bonitas! — disse assim que chegamos à sala.

— Vamos almoçar com Collin... — expliquei.

— Isso está ficando sério, hein, Lolita! — provocou.

— Leij! — adverti correndo os olhos dela para Nina.

— Divirtam-se! Eu também tenho um compromisso para o almoço... Não tão interessante, mas tudo bem!

Collin já esperava por nós na calçada.

— Está animada para conhecer minha antiga casa, Nina? — perguntou.

— Muito! — respondeu alisando os pelos

macios do cachorro.

A viagem até Roterdã durou cerca de uma hora, mas Nina aproveitou cada minuto para falar pelos cotovelos, como costumava fazer antes do acidente.

Finalmente, minha menina voltava a ser a garotinha alegre de antes.

Seguimos por uma estrada quase vazia. Os terrenos eram tão grandes e arborizados, que mal se viam as casas. Canais cortavam os quarteirões e dividiam as ruas.

Collin parou em frente a um portão de ferro elegante, que se abriu logo em seguida.

Entramos por um caminho cercado pelo belo jardim e estacionamos em um espaço de calçamento, antes das portas fechadas, do que imaginei ser uma garagem.

Desci do carro, enquanto Collin ajudava Nina e Black Bart a descerem também. Meus olhos

varreram o lugar, admirados e encantados.

A grande mansão era feita de tijolos, como as antigas construções holandesas. O telhado também era típico, assim como as grandes janelas envidraçadas, cobertas por cortinas finas de *voil*.

— Mamãe, é o Tio Collin! — o filho mais novo de Hanna gritou da entrada, antes de correr até nós, animado. — Nina! — exclamou abrindo os braços. — Vem! Vamos jogar bola no gramado dos fundos! Papai está jogando conosco.

Levou-a pela mão, seguido pelos latidos ansiosos do cachorro.

— Venha, colombiana, vamos entrar.

Minha mão suava e meu coração parecia querer sair pela boca, mas eu tentava me manter o mais segura possível.

— O que foi? — perguntou rindo. — Não

acredito que está nervosa, baby! — Acariciou minha mão. — Está suando...

— Não fale como se fosse pouca coisa, Collin, é sua família... É importante...

Encostou-me contra a parede da entrada, um braço de cada lado de mim.

— Está mesmo preocupada com isso, não é?

— É claro!

— Quer que gostem de você? — Sorriu de canto, em uma tentativa fofa de deboche. — Que a achem adequada para o filho deles...

— Não tripudie! — Bati a mão em seu peito e ele me beijou.

— Para, Lola! Eles vão amá-la! Você conquistou Hanna e ela é a tagarela da família... Se conquistou a Sra. Santana, conquistará os outros facilmente... Acredite!

Segurou minha mão novamente e entramos na

casa.

A sala estava vazia, perfeitamente arrumada em um estilo clássico suntuoso. Caminhamos pelo corredor, até as portas duplas, que davam para a sala de jantar e então para a cozinha.

Uma jovem senhora estava de costas, conversando com outra mulher, que julguei ser a governanta.

Collin soltou minha mão e a abraçou por trás, beijando seu rosto e sussurrando algo que eu não pude ouvir.

— Oh, isso, sim, é uma grata surpresa! — Virou-se para mim. — Seja bem-vinda, Lola. É um prazer recebê-la em minha casa, sou Laura.

A mulher tinha mais ou menos a minha altura, porte elegante e rosto gentil. Era fina e delicada, sem parecer frágil.

Abriu os braços para mim e eu a abracei.

— Estava ansiosa para conhecê-la, querida. Aliás, sua garotinha é encantadora.

— Obrigada.

— Venha, vou apresentá-la ao meu marido. — Levou-me pela mão, enquanto Collin ria da minha falta de jeito e nervoso. — Adrian? — chamou enquanto seguíamos até o jardim dos fundos.

Quando o vi, tive certeza de que Collin não poderia ter outro pai.

O homem era alto e tinha o mesmo caminhar altivo de quem tem o mundo aos seus pés. Os cabelos misturavam fios castanho-claros e grisalhos, em um corte clássico e bem-penteado para trás. Usava jeans claros e uma camiseta preta. Tirou os óculos escuros assim que chegou mais perto.

— Esta é Lola... — Laura nos apresentou.

— É um prazer conhecê-la. — Estendeu a mão

lançando-me o mesmo tipo de sorriso confiante que Collin tinha. — Sou Adrian Van Galagher.

— O prazer é meu, Sr. Galagher! — retribuí o cumprimento.

— Adrian... Pode me chamar de Adrian.

— Adrian.

— Oi, Lola! — Hanna se aproximou e me abraçou. — Que bom vê-la! — Venha, acho que só falta apresentá-la ao meu marido.

Seguimos pelo jardim, até uma quadra, onde um homem alto e moreno jogava bola com as crianças. Usava uma bermuda de exercício, deixando aparente a perna de metal.

— Hoje está calmo por aqui! — explicou. — Os domingos costumam ser cheios. Por isso disse ao Collin que a trouxesse hoje. Não queremos assustá-la! — Riu. — Pedro! — chamou acenando.

O homem deixou a bola e correu até nós,

seguro e desenvolto. Era bonito e tinha um sorriso caloroso. Beijou o topo da cabeça da esposa, assim que se aproximou.

— Amor, esta é Lola, a namorada de Collin! — Sorriu. — Mas isso ainda é um segredo, porque os dois estão fingindo que querem ir devagar! — Deu de ombros, fazendo o marido rir alto.

— Não dê atenção às bobagens de Hanna, baby! — Collin falou perto do meu ouvido. — Ela acha que herdou a bola de cristal de Vó Margarida!

Beijou meu rosto e seguiu o marido de Hanna de volta para a quadra. Usava uma bermuda de algodão e tinha tirado a camisa.

Nós duas nos acomodamos nas poltronas do jardim.

— Vou pegar nossa bebida!

Eu me perdi em pensamentos, olhando-os brincar. Collin pegava Nina nos braços e a colocava

em seus ombros, para que conseguisse acertar a cesta, e ela ria, batia palmas, enquanto Pedro se revezava entre os meninos.

— É lindo, não é? — A mãe de Collin sentou-se ao meu lado. — Acho que o que mais me apaixonou em Adrian foi vê-lo com os filhos... — Sorriu.

Encarei-a sem entender.

— Collin nunca lhe contou?

Neguei com a cabeça.

— Quando me casei com Adrian, ele tinha três filhos... John, Hanna e Collin. — Sorriu novamente. — Eles não nasceram de mim, mas vivem em meu coração, querida. Eu cuido daquele garotinho ali desde os três anos. — Tocou a mão sobre a minha, gentilmente. — Sei que ele será muito bom para sua Nina.

Respirei fundo, segurando a emoção, sem

conseguir responder.

— Estou muito feliz em ver meu filho se abrir para a vida, Lola, e pelo que vejo em seus olhos... não tenho com o que me preocupar.

— Collin é muito especial, Laura.

— Ele é, querida... Ele é!



Capítulo 17

Collin

Deixei Nina com Pedro e os meninos, correndo de volta para minha colombiana.

Um desejo bobo de abraçá-la e dizer o quanto significava sua presença ali, ao lado da minha família, ganhando força, mesmo que eu soubesse que ainda era necessário reprimi-lo.

Sentei na beirada da calçada, ao lado da poltrona em que Lola estava.

— Credo, Collin, você está todo suado e despenteado! — Hanna reclamou. — Vá se lavar!

— Lola não reclama... — provoquei. — Não é, baby? — Encostei a cabeça em suas pernas, trazendo sua mão até meu peito.

— Nem um pouco... — Sorriu, beijando meu cabelo. — Acho até que você fica muito sexy suado!

— Vê? É uma questão de perspectiva, irmãzinha... Você me acha nojento e ela me acha sexy! — Pisquei antes de me levantar.

— Vou tomar um banho, ok? Quero dar uma olhada no almoço.

Deixei-as e segui para dentro da casa, em meu antigo quarto. Tomei uma ducha rápida, para tirar o suor, então vesti o jeans e a camiseta novamente.

Estava finalizando a salada, quando mamãe parou perto da bancada.

— Olhe só o que achei! — Abriu a caixa e me mostrou seu conteúdo. — Pensei em dar para Nina... O que acha?

Eram as capinhas de silicone coloridas, que eu usava em meus antigos aparelhos de surdez.

— Não acredito que você guardou isso, mãe!

— Achei que você poderia querer mostrar aos seus filhos um dia... Sei lá...

— Vamos com calma, ok? — Estreitei as sobrancelhas para ela.

— Holandeses! — Fechou a caixa e virou-se de costas. — Todos iguais! — reclamou.

— Ei, Sra. Galagher... — chamei. — Não esqueça que sou metade brasileiro! — provoquei.

Almoçamos e as crianças foram direto para o gramado, brincar com um esguicho de água, enquanto esperavam para entrar na piscina.

— Quer conhecer o meu antigo quarto? — sussurrei no ouvido de Lola.

— Adoraria, mas Nina...

— Vá, eu olho Nina para vocês dois, mas ficam me devendo uma! — Hanna piscou.

— Até duas, bonitinha! — Beijei seu rosto.

Subimos as escadas até os quartos. O meu ficava no final do corredor, de frente para o canal.

Abri a porta e Lola entrou.

Eu não vivia mais em Roterdã, desde que havia terminado o colégio. Tinha me mudado cedo para os Estados Unidos, para estudar, e nunca mais voltei para aquela casa. O quarto ainda mostrava o adolescente que fui.

As paredes claras contrastavam com os móveis pretos. O enxoval era todo cinza. Havia alguns pôsteres de banda de rock e uma das velhas guitarras do meu pai.

Uma bola de basquete e minhas raquetes de tênis ficavam embaixo de uma prateleira cheia de livros escolares e alguns cadernos, tudo no mesmo lugar, impedindo o tempo de passar.

— Nossa... que quarto arrumado!

— Não era assim quando eu morava aqui! — confessei, puxando-a para mim. — Estava louco para beijá-la.

Caminhei com ela pelo quarto, até perto da

cama.

— Tem uma coisa que nunca fiz neste quarto, doutora... — Sorri de canto, enquanto ela me olhava curiosa.

Empurrei-a para a cama, até me deitar sobre ela.

— Collin! — reclamou.

— Ei, é uma fantasia juvenil... Você precisa me ajudar a realizar ou acabarei frustrado aos quarenta anos!

Riu alto enquanto eu abria o zíper da calça e tentava tirá-la.

— E por acaso você tem preservativos neste quarto juvenil que nunca viu uma garota, chef?

— Não exatamente... — confessei desanimado.

— O que é uma ótima razão para ficarmos nos beijos!

— Você tem seu ponto, doutora... Mas ainda

posso dar uma passada pelo quarto do meu irmão... Ele não é tão obediente quanto eu fui! — provoquei e ela riu alto.

— Contenha-se, chef!

Era fim de tarde, quando voltamos para Zandvoort. Nina cochilou no meio da viagem e eu aproveitei para segurar a mão de Lola.

— Foi um excelente domingo, obrigado. — Levei-a à boca e beijei suavemente.

Lola respirou fundo, soltando o ar devagar.

— Às vezes sinto medo, sabia? — confessou. — Em minha vida, sempre que algo parece muito bom, outra coisa ruim acontece e estraga tudo...

Puxei-a para perto de mim e beijei sua testa.

— A única pessoa que pode me separar de você, Lola, Dolores, médica pediatra..., é você mesma!

Estacionei no meio-fio, assim que chegamos a

sua casa.

Abri a porta traseira e peguei Nina nos braços, já que ela ainda dormia.

— Volto já, garotão! Espere por mim um segundo — avisei Black Bart.

Estava feliz como havia muito tempo não me sentia. O coração tranquilo e a mente quieta, até que Lola colocou a chave na porta e girou.

— Paco? — perguntou assustada, assim que abriu.

— *Hola,* Lolita... — Um homem moreno se aproximou e tentou puxá-la pela mão, mas Lola livrou-se do contato. O que há, *mi amor?*

— O que acha que está fazendo aqui, Paco? — perguntou derrubando minha felicidade como um castelo de cartas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Lola

— Como assim, Lolita? — Sorriu como se não compreendesse. — Estou em casa, *mi amor!*

Minha cabeça girava, tentando assimilar o que estava acontecendo, enquanto meu peito ia se apertando mais e mais.

Collin passou por mim, ainda com Nina nos braços, em direção ao sofá.

— Eu pego minha filha! — Paco tentou segurá-lo pelo ombro, sem sucesso. — Ei, amigo... — Ergueu as mãos para o alto. — Só estou querendo ajudar!

— Tenham uma boa tarde... — Meneou a cabeça, cortês. — Com licença...

Assim que passou pela porta, eu passei atrás.

— Collin... — chamei baixo, tocando suas costas. — Eu não fazia ideia... — Continuou andando. — Collin? — tentei mais uma vez.

Parou e se virou para mim, ainda que os olhos fugissem dos meus.

— Eu disse a você que não sabia dele, e é a verdade. Não tenho ideia de como encontrou minha casa! Eu nem moro mais no mesmo endereço!

Levou a mão ao meu rosto e acariciou suavemente, baixando um pouco a cabeça até sua testa tocar a minha.

— Volte lá... Você certamente tem assuntos a resolver com o passado.

Segurei suas mãos, mantendo em minhas bochechas, elevando meu rosto para tentar beijá-lo, mas ele não retribuiu, embora também não tenha se afastado.

— Volte lá, doutora... — Livrou-se de mim e seguiu pelo corredor, até desaparecer.

Fiquei parada ali, no meio do caminho, sentindo que mais uma vez o destino havia puxado

meu tapete.

Abri a porta da sala sem conseguir levantar o olhar.

— Se eu não a conhecesse, *mi amor*, diria que não está feliz em me ver... — Veio até mim tentando me abraçar, mas eu o detive.

— Paco, por favor, chega de encenação — pedi.

— Não está feliz? Eu voltei!

Ri sem humor.

— Voltou? Simplesmente, voltou? Acha que pode ir e vir da vida das pessoas sem nem ao menos avisar?

— Não seja ingrata, Lola! Você me conhece... Sabe que eu não pude aguentar... Não conseguia ver minha garotinha sofrer... — Paco justificou-se.

— Pois é, Paco... Já eu, tive que vê-la sofrer por estar surda e por ter sido abandonada pelo pai.

— Dei de ombros. — Aliás, realmente não sei que direito você acha que tem aqui, mas saiba que o perdeu, no dia em que não voltou para casa.

— Estou de volta, Lola... — Sentou-se esparramado em meu sofá. — E vim para ficar... Você sabe, estou em uma situação difícil, *mi amor*... Não consigo um emprego decente há tempos... Ainda mais com esta dor nas costas que não me deixa... — Alisou as costas, como se sentisse dor.

— Acha que vai ficar aqui? — perguntei surpresa.

— Onde mais ficaria? Esta é minha casa também, já que minha mulher e minha filha moram aqui.

Bati palmas, com cuidado para não acordar Nina.

— E o Oscar de melhor ator vai para... —

debochei.

Balancei a cabeça em negativa e caminhei até a porta, abrindo-a.

— É hora de ir, Paco! — Sinalizei com a mão. — Nem posso dizer que foi um prazer revê-lo.

— Vai mesmo me colocar para fora? É isso Lola? Acha que tem esse direito? — ia falando e levantando a voz, como sempre fazia.

Nina resmungou e abriu os olhos. Demorou um segundo para compreender o que acontecia.

— *Papi!* — Sorriu.

— Ah, Nina, senti sua falta! — Pegou-a nos braços.

— Achei que você não voltaria mais!

— Pois estou bem aqui, com as minhas meninas! — Beijou-a e se aproximou de mim. — Isso se sua mãe permitir, é claro.

Encarei-o por um segundo.

— Você é muito baixo, Paco. Muito!

Pegou-me pela cintura, puxando para seus braços. O perfume que um dia havia me encantado, agora, enojava. Desvencilhei-me o mais rápido que pude.

— Algumas noites, Lola... E prometo que voltaremos às boas, como nos velhos tempos!

Tentou me beijar, e eu estava pronta para lhe sentar um tapa na cara, quando percebi o rostinho alegre de Nina.

Paco é um inútil, mas minha filha ainda não percebe isso.

Segui direto para o meu quarto. Precisava de cinco minutos sozinha, ou não conseguiria. Fechei a porta e me sentei na cama.

Não consegui chorar. Sentia como se meu corpo estivesse em modo automático. Cenas do dia perfeito que tivemos passaram em minha frente

como um filme.

Não havia a menor possibilidade de que Paco ficasse. Não havia espaço para ele em minha casa, como também não havia em minha vida.

Encarei o relógio em meu pulso. Faltava menos de uma hora para o meu plantão e eu não podia faltar, justamente quando tinha conseguido o emprego, mas também não podia sair no meio daquele furacão.

Peguei o celular e falei com meu chefe. Consegui trocar o plantão para a noite seguinte.

Minha cabeça latejava e o mundo parecia pesar sobre meus ombros. Tirei a roupa e tomei um banho rápido.

Quando saí do chuveiro, encontrei Leij no quarto.

— Lola, desculpe... Eu não sabia o que fazer... Você sabe como Paco é!

— Tudo bem! — Sorri sem muita vontade. — Não é sua culpa.

— Se tiver algo que eu possa fazer... — ofereceu.

— Eu vou dar um jeito nisso.

— Lola, eu... — enrolou. — Encontrei um apartamento... Ele estará vago em duas semanas...

— Fique tranquila, Leij, Paco não vai ficar.

Segurou minhas mãos, uma oferta silenciosa de apoio.

Voltei para a sala e encontrei Nina aninhada nos braços do pai, contando como tinha sido o dia. O jornal com minha foto estampada na capa estava sobre a mesinha.

Os olhos escuros de Paco correram da imagem até mim. Animosidade brilhando neles.

Virei-me de costas e enchi um copo com água.

— Você foi rápida, Lolita... Muito rápida...

— provocou.

Pensei em ignorar, mas estava incomodada demais para conseguir.

— Quer mesmo falar de rapidez, Paco? — Sorri. — Como quando Nina nasceu e você me deixou, em pleno puerpério, para ir dançar?

— Ah, Lola, não seja maldosa! Era trabalho, você sabe...

— Faziam parte do trabalho as marcas de batom em sua camisa e o cheiro de perfume barato?

Riu como se isso fosse motivo para se gabar.

— Eu sou homem, Lolita...

Leij se despediu, seguiu para o hospital, então aproveitei para pedir algo para o jantar e vestir Nina com o pijama.

Comemos pizza, eu coloquei Marina em minha cama para ver televisão e procurei pela Sra. Herta.

— Não acredito que ele teve coragem, Lola! —

Cobriu o rosto com as mãos. — Logo agora que você estava voltando a sorrir!

Soltei uma lufada de ar.

— Não desista do bonitão, querida! Vocês dois ficam tão bem juntos...

— O problema não sou eu, Sra. Herta. O problema é ele! Quem vai querer uma garota tão cheia de problemas ao lado? — questionei.

A senhora segurou minha mão gentilmente.

— Alguém que a ame... É uma prova de fogo, Lola... Se ele for mesmo o cara certo, não vai abandoná-la agora.

Sorri. Queria que minha mãe estivesse por perto, mas, já que não estava, eu tinha, ao menos, a Sra. Herta.

Estava separando um travesseiro e um cobertor para deixar na sala, quando paco abriu a porta, como se fosse dono do lugar. Jogou-se em minha

cama e cruzou os braços atrás da cabeça. Por sorte, Nina já havia adormecido.

— O que acha que está fazendo? — questionei baixo para não a acordar.

— Deitando-me na cama — debochou. — Vem, Lolita, deita aqui comigo! Cabemos os três... — Bateu no colchão.

— Não seja idiota!

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, levantou-se da cama e me pegou pela cintura de surpresa, chocando o corpo com o meu. Tentei me livrar, mas Paco conteve minha mão com força.

— Não sentiu saudades de mim? Hum... — Tentava cheirar meu pescoço, enquanto eu me esgueirava para fugir. — Você é minha mulher, Lola... Tem suas obrigações! — reclamou e, em um momento de vacilo, eu o empurrei para longe.

— Eu fui... Não sou mais! Não sou nada sua,

Paco.

Enfiou a mão no bolso e pegou um cigarro suspeito, colocando na boca e acendendo. Na primeira baforada, tive certeza do que se tratava.

— Não fume esta porcaria na minha casa! — Tirei de sua boca e apaguei na pia do banheiro.

— Sem caretice, Lolita! Estamos no país mais livre da Europa.

— Quer fumar? Vá até um *coffeeshop*!

— Uhhh... Vejo que o cabeludo não anda te deixando toda mansa, como eu deixava! — Aproximou-se novamente. — Como foi, Lola? Experimentar outro pau?

Balancei a cabeça, incrédula, mas, assim que abri a boca, Nina abriu os olhos, encarando-nos sem entender.

Respirei fundo. Não queria desapontá-la.

— Vamos dormir, querida. Seu pai já estava de

PERIGOSAS NACIONAIS

saída.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18

Collin

Entrei no carro, mas não consegui sair do lugar.

Uma sensação estranha dentro de mim, como se algo não estivesse certo. Aquele homem lá, ao lado delas, agindo como dono do lugar.

Respirei fundo, soltando o ar todo de uma vez.

De tantas mulheres no mundo, você tinha que querer logo uma comprometida!

Liguei o carro e dirigi até minha casa. Aurora ainda não havia voltado. Tudo estava vazio e silencioso.

Tirei a roupa e liguei o chuveiro. Fiquei debaixo do feixe de água fria, mão escorada contra o azulejo branco, sem que algum pensamento realmente se tornasse coerente.

Vesti uma bermuda de elástico e servi uma dose de uísque.

Debrucei-me no guarda-corpo e acendi um

cigarro, encarando o vai e vem das ondas, enquanto a noite caía.

Queria tirá-la da cabeça, mas, quanto mais bebia, mais ela se tornava real em meus pensamentos. Sua risada alegre e o jeito como me olhava, quando queria que eu a beijasse. A mão suando na minha, enquanto eu a conduzia pela casa dos meus pais.

Lola, Lola... Você não pode ir embora assim, como uma sereia que encanta os marinheiros e desaparece...

Era melhor assim. A coisa certa a fazer. Nina teria o pai de volta e Lola... — Virei o copo todo de uma vez. — *Lola não é sua, Collin... Nunca foi.*

Que direito eu tenho de cobrar algo dela? O que eu tenho a oferecer? No máximo um talvez... medíocre e raso, talvez...

Pensei em meu pai e em tudo que havia sofrido

quando minha mãe o deixou.

Jens Van Hart tinha ido ao fundo do poço mais de uma vez, por causa de uma mulher.

Bela herança para você me deixar, pai!

Voltei à cozinha e trouxe a garrafa. Enchi o copo novamente.

Era uma história parecida. Minha mãe também havia abandonado o marido por uma aventura, mas acabou voltando para casa. Talvez fosse a sina da família Hart... Correr atrás da mulher de outro!

Pelo menos no meu caso, a vida duraria pouco. Assim como com minha mãe, não havia atenuantes para a minha condenação.

A garrafa estava quase seca, quando me sentei no chão. Black Bart sentou-se comigo.

— Pelo menos você, companheiro, vai ficar ao meu lado! — as palavras saindo mais moles do que eu gostaria.

Encostei a cabeça no guarda-corpo e fechei os olhos.

— Uma noite ao relento, cara... O que acha? Como verdadeiros piratas!

O cachorro latiu, ajeitando a cabeça em meu colo. Ao menos alguém concordava comigo.

Não sei quanto tempo se passou, mas, quando abri os olhos, Aurora me encarava.

— Está vivo, pelo menos! — debochou.

— Vivo e passo bem! — Tentei me levantar, mas não consegui.

— Unf... — Espalhou o ar com a mão. — Vivo e fedendo a bebida!

— Venha! — Trevor se aproximou estendendo a mão para que eu a segurasse. — Noite difícil? — questionou.

Ergui uma sobrancelha sem dizer nada. Havíamos aprendido a ler nas entrelinhas um do

outro.

— Não será a primeira e nem a última, companheiro! Venha, vou ajudá-lo a encontrar a cama! — brincou.

Meu irmão não fazia o tipo julgador, ao menos não com os outros. Cobrava demais de si mesmo, mas era sempre compreensivo com os que amava.

Aurora seguia logo atrás de nós.

— Prepare uma boa xícara de café, Aurie. Forte e doce! Esse garotão aqui precisa de um pouco de glicose nas veias.

Sentei-me na cama e me ajeitei, costas apoiadas contra o estofado da cabeceira. Não demorou muito para que Aurora aparecesse com o café.

Dei o primeiro gole e, assim que o líquido caiu em meu estômago, tentou voltar.

— Vamos, beba mais um pouco! — insistiu.

— Não vou dizer que vai se sentir melhor

amanhã, irmão! — Trevor riu.

— Sei bem...

Aurora estava parada perto da porta e Trevor se aproximou dela.

— Quer que eu fique? Posso dormir na sala — perguntou.

— É claro que ela quer que você fique... — interrompi, sob o olhar de protesto da minha irmã.

— Não quero atrapalhar... Você deve ter compromissos amanhã cedo... — Desviava os olhos dos dele, enquanto eu revirava os meus.

Trevor sorriu. Um sorriso genuíno, diferente do que ele usava quando queria ganhar uma garota. Era um sorriso que ele só usava com ela, ainda que não percebesse.

— Acordo cedo e vou. Não ficaria tranquilo se soubesse que a deixei sozinha com ele, assim, desse jeito.

— Vocês dois sabem que eu estou consciente, não sabem? — provoquei e os dois riram.

— Vou preparar o sofá para você! — Aurora deu as costas, indo pelo corredor.

— Durma no sofá, Sr. Hart! — Joguei uma almofada em Trevor, quando ele deu as costas. — Vou me levantar no meio da noite para conferir.

Trevor virou-se para mim rindo mais alto e jogou a almofada de volta.

Ao menos um dos Hart está livre da maldição.

Lola

Demorei demais a pegar no sono.

Quando os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, desisti de ficar deitada, seguindo direto para a cozinha. Paco não estava na sala.

Preparei o café e servi em uma xícara grande. *Será um dia difícil*.

Puxei uma das cadeiras e me sentei. Para ser sincera, queria que tudo tivesse mesmo sido um sonho e que aquele desgraçado nunca mais aparecesse.

Segurei o celular na mão. Queria ouvir uma voz conhecida. Pensei em ligar para minha mãe, mas o que eu diria?

Acabaria levando preocupação a alguém que nem podia me ajudar. Era injusto, diante de tudo que minha mãe já havia sofrido para que eu realizasse meus sonhos.

Pensei em Laura e em como o marido a tratava com carinho e respeito. O amor que emanava dos dois era contagiante. Não havia nada mais bonito no mundo do que os ver juntos. Era o tipo de amor com o qual eu havia sonhado. O amor que fazia qualquer um suspirar e acreditar no futuro.

Era o tipo de amor que eu queria viver... com Collin...

A porta se abriu e Leij passou por ela no instante seguinte.

— Já de pé? — perguntou.

— Mal dormi.

Puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

— Você não achava mesmo que daria certo...

Engoli em seco.

— Ah, meu Deus, Lola! — Tapou o rosto com as mãos, zombando de mim.

— Por que não, Leij? Porque ele é rico?

Porque é famoso e bonito? Alguém como ele não ficaria com alguém como eu?

— Ah... Lolita... Você é tão linda... Tão inteligente...

— Mas não o suficiente... — Sorri sem humor.

— Não é nada disso, amiga! Gente como Collin Van Galagher não se envolve com ninguém! Ele é daqueles tipos narcisistas que não amam nada além de si mesmo, e você sabe que precisa de bem mais do que noites de sexo quente, não é? Ainda mais com Nina doente...

— Nina não é doente, Leij, ela é surda.

No fim das contas, Collin tinha razão em esconder a condição. Era muito chato lidar com o preconceito das pessoas.

Paco abriu a porta no instante seguinte, interrompendo nossa conversa. Trazia uma sacola de mercado nas mãos.

— Saí para comprar comida, Leij, já que Lolita não é dada a tarefas domésticas!

Pensei em pelo menos uma dezena de coisas para dizer a ele, mas, no fim das contas, nenhuma palavra deixou minha boca. Era como discutir com pombos. — Venha tomar café, *mi amor*... Seu marido voltou para cuidar de você! — Aproximou-se de mim, tocando meu ombro com a mão. Puxei como se seu toque me queimasse a pele.

— Não sou seu amor, Paco... Aliás, não sou nada sua. — Levantei-me. — Vou arrumar Nina para a escola.

Acordei minha filha e a vesti com o uniforme.

— Ah, mamãe, eu queria tanto ficar... Papai disse que ia me levar ao parquinho!

— Você pode ir à tarde, querida. — Sorri.

— Promete?

— Prometo! Agora vamos, ou acabaremos nos atrasando.

Caminhou animada até a sala e correu para os braços do pai, que a pegou no colo.

Paco sempre foi uma porcaria de marido, mas um bom pai. Apesar de tudo que eu havia sofrido no tempo em que ficamos juntos, nunca pude me queixar de como tratava nossa filha, pelo menos até sua volta.

— Ei, filha, você deveria deixar os cabelos soltos. — Puxou o elástico que segurava seu rabo de cavalo.

— Mas, papai, veja, os aparelhos estão combinando com meu uniforme... — tentou argumentar. — A senhora boazinha...

— Não seja boba, Nina! — desconversou, colocando-a no chão.

Enquanto encarava os dois juntos, comecei a

perceber coisas que não via antes. Havia uma reprovação constante no olhar dele para ela. Impaciente, sem a atenção que costumava ter.

— Cumprimente a Leij e vamos, Nina — chamei.

— Posso ir com vocês! — Paco se aproximou, levando a mão até minha cintura. — Assim fico mais tempo com as minhas meninas! — Piscou.

— Tenho um compromisso — foi tudo que disse, enquanto me desvencilhava.

— Vou com você ao seu compromisso, Lolita, estou à sua disposição. Podemos matar a saudade...

— Nem pensar! — Sorri sem humor.

— Espero que não esteja pensando em nenhuma bobagem, *mi amor*... Você se lembra de que é uma mulher casada, não se lembra?

— Nunca fui casada, Paco.

— Não seja boba, Lola... São apenas

formalidades... — Aproximou-se e segurou meu braço de um jeito desconfortável. — Eu ainda sou o pai da sua filha...

— Isso é tudo que você é. — Dei-lhe as costas e abri a porta, esperando por Nina no corredor.

Segurei firme em sua mãozinha e não olhei para trás. Quando atingimos a rua, Nina finalmente falou.

— Papai não gosta dos meus aparelhos... — Tinha os olhos nos tijolos do calçamento.

— Ele só precisa de um tempinho, querida...

Suspirou.

— Achei que, quando ele voltasse, tudo ficaria bem, mamãe...

Fiquei em silêncio, não sabia o que dizer ou como explicar. Não queria mentir para minha filha, mas não encontrava maneira de dizer a verdade.

— E ficará, querida, não se preocupe — foi

tudo que pude dizer.

Deixei Nina no colégio e sentei-me em um dos bancos, em frente à praia.

Peguei o celular e liguei para Collin. Chamou e chamou, caindo na secretária, mais vezes do que eu podia contar, até que nem chamava mais.

Talvez ele tivesse desligado, ou a bateria, acabado, não havia como saber.

Queria tanto crer no que dizia à minha filha. Ter realmente a certeza de que tudo ficaria bem. Fechei os olhos e fiquei sentindo o calor do sol em meu rosto. O pensamento voou até ele. Meu anjo de asa quebrada.

Queria que viesse me resgatar, mas nem sabia por onde começar.

Respirei fundo. *Não seja covarde agora, Lola! Não desista do que você realmente quer! Você sabe que vale a pena!*

Levantei-me do banco e segui direto para a casa de Collin. Bati à porta e esperei. O coração batendo forte, cheio de medo do que encontraria. Não tinha sido uma boa despedida.

Esperei e esperei, e ninguém apareceu. Insisti, até que Black Bart chegou perto da porta de vidro e começou a latir. Se tinha alguém em casa, certamente não iria conseguir ignorar o cachorro.

Estava quase desistindo, quando o vi. Aquele solavanco no peito que sentia, toda vez que o via, voltou com força total.

Collin parou no meio da sala. Usava uma bermuda preta de elástico, peito nu, alisando os cabelos soltos com as mãos.

Fiquei olhando para ele e pensando que jamais permitiria que alguém como Paco nos separasse, porque nem em um milhão de anos eu encontraria outro Collin Van Galagher.

Abriu a porta, mas não disse nada, então eu comecei.

— Oi...

Continuava parado na porta, como se não tivesse certeza se queria que eu entrasse.

— Entra... — disse depois do que pareceu uma eternidade.

O sorriso lindo que tinha não estava em seu rosto. Parecia cansado e provavelmente não havia dormido também.

Sentou-se no sofá e tapou o rosto com as mãos, alisando os cabelos para trás.

Eu me abaixei em sua frente, queria ficar perto, ainda que ele tivesse levantado um pequeno muro entre nós.

— Achei que estaria em casa, doutora, resolvendo questões antigas... — acidez em sua voz.

— Collin não há nada entre Paco e eu. Nada além do fato de termos uma filha. Eu jamais teria me envolvido com você se esperasse a volta dele. Tudo que tivemos já havia chegado ao fim, antes mesmo de sua partida.

— Mesmo assim, ele estava em sua casa, tratando-a como mulher dele. — Olhos inquisidores mirando os meus.

— Leij o deixou entrar — expliquei. — Ela foi pega de surpresa, não sabia o que fazer.

— Leij... — Riu sem humor.

— Ela não fez por mal... — defendi, ainda que já não tivesse tanta certeza do que fazia.

Seus olhos ficaram nos meus. Estavam tristes e avermelhados. Pareciam mais verdes do que antes.

Eu queria tanto abraçá-lo e dizer que não iria deixá-lo ir, mas ele não permitiu. Levantou-se de uma vez, quase me desequilibrando e seguiu para a

cozinha.

— Quer um café, doutora? Eu tive uma noite de cão! — Levantou uma garrafa vazia, balançando-a no ar. — Maldito doze anos de merda.

Virou-se para a bancada e começou a preparar o café. Estava fugindo do assunto, fingindo que não importava. Tinha assumido a defensiva.

Caminhei até ele.

— Diga alguma coisa... — pedi.

— Eu disse! Ofereci café e contei sobre minha noite. O que mais quer, doutora?

Segurei firme em seu braço, forçando-o a me encarar.

— Quero que me olhe! Não pode simplesmente fingir que nada aconteceu!

Demorou menos de um segundo para que minha resposta viesse.

Collin me pegou pela cintura e colocou sentada

sobre a bancada. Sua boca encontrou a minha em um beijo lascivo e urgente. Suas mãos apertavam minha carne com força, fazendo-me gemer, em um misto de dor e prazer.

Subiu minha saia e puxou minha calcinha tão rápido que eu ouvi o tecido rasgar. Baixou o short e me penetrou de uma vez, ofegando contra minha boca. Olhos fechados, sem me encarar.

Cravei a unha em suas costas, sentindo-o me invadir uma e outra vez, causando uma onda crescente de prazer que eu não conseguia controlar.

Torceu meus cabelos contra o punho, mantendo minha boca junto a sua, sem realmente me beijar. Gemia forte contra meus lábios, o gosto de uísque e cigarro ainda estavam ali, em seu hálito, misturados à pasta de dentes e ao perfume masculino que tinha.

— Ah... Collin... — sussurrei quando já não aguentava mais segurar, liberando meu prazer tão

intensamente que pensei que fosse desmaiar. Minhas mãos e meu rosto formigavam e meu coração batia tão forte no peito que era visível sob o tecido da roupa.

Segurou-me pelo quadril, mantendo-me em sua cintura, enquanto caminhava pelo corredor até a cama.

— Preciso de um preservativo.

Abriu a gaveta da mesinha e rasgou com os dentes. Livrou-se da bermuda, enquanto eu me livrava do vestido.

— Lola... — sussurrou em meu ouvido, enquanto me penetrava com a mesma paixão de antes. Rápido, forte, instintivo.

Quando finalmente atingiu seu próprio prazer, deitou-se ao meu lado, de frente para mim. Ficou em silêncio, acariciando meu rosto e cabelo.

Eu não sabia o que dizer, então segui meu

instinto, roçando os dedos em sua boca, descendo pela linha da barba até o pescoço e o peito. Queria sentir o calor da sua pele. Palavra nenhuma expressaria o que sentíamos.

Ficamos assim por um longo tempo, até que Collin se levantou e caminhou até o banheiro.

— Sugiro que você dê um jeito em tudo rápido, doutora... — Ergueu uma sobrancelha. Não estava realmente nervoso ou bravo. — Porque, se aquele cara levantar a mão para mim novamente, eu quebro a cara dele.

Acabei rindo. Gostava de como ele fazia piada das coisas, deixando tudo mais leve.

Levantei-me e o abracei, meu rosto descansando em seu peito, sua pele macia e quente aquecendo meu corpo.

— Falo sério! — insistiu. — Não sou bom em ser contrariado, doutora... Fui o caçula por um bom

tempo... Você deve imaginar como as coisas funcionavam...

Beijei seu rosto, na linha da barba.

— Você não existe, Collin Van Galagher!



Capítulo 19

Collin

Lola foi embora perto da hora do almoço.

Tentei comer algo, mas nada descia. Queria poder culpar o porre que havia tomado, mas estaria mentindo. Pensar em Lola na mesma casa que aquele homem fazia meu sangue ferver.

Sempre fui bom em ler as pessoas. Havia ficado ainda mais observador depois da surdez, e aquele Paco não me enganava. Era o pior tipo de homem que rastejava sobre a Terra. Folgado, arrogante e vagabundo.

Peguei o carro e segui até o restaurante de Amsterdã. Queria mudar alguns detalhes no cardápio, já que logo teríamos a temporada de arenque e o pequeno peixe era o carro-chefe entre os turistas.

Estava verificando as notas de bebidas, quando o telefone tocou.

— Ei, companheiro... Espero que meu sofá não tenha quebrado suas costas, como faz com as minhas! — brinquei assim que atendi.

— Nada que uma boa massagem não possa resolver. Aliás, o que acha de um pouco de diversão masculina? — Trevor ofereceu. — Sabe que está em dívida comigo!

Balancei a cabeça rindo, mesmo que ele não pudesse me ver.

— Estou em Amsterdã, encontro você no Redlight em uma hora.

— Isso!

Terminei o que precisava e dirigi até *De Wallen,* no centro da cidade medieval. A zona conhecida por abrigar casas de prostituição e *coffeeshops* era parte de uma Amsterdã que nunca falhava em oferecer diversão adulta.

O lugar que Trevor e eu costumávamos

frequentar ficava em uma ruela transversal, afastado do point de turistas, e possuía uma clientela seleta. O Madame Mimi garantia discrição suficiente para que dois rostos conhecidos como os nossos passassem despercebidos.

Parei o carro na entrada e entreguei a chave ao manobrista.

— Chef Galagher! — A recepcionista sorriu. — É um prazer tê-lo conosco novamente.

Meneei a cabeça em cumprimento.

— Meu irmão já chegou?

— Ainda não, mas vou conseguir uma mesa perfeita para os dois.

Acompanhou-me até o salão dos fundos, onde garotas se apresentavam nos mais diversos tipos de shows, sempre voltados ao público masculino.

Ocupei a mesa oferecida, próximo à lateral do palco. O lugar estava praticamente vazio, já que

passávamos da hora do almoço.

— Gostaria de beber alguma coisa, chef?

— Uma água tônica, por enquanto.

Ainda sentia o peso do uísque em minha cabeça e meu estômago; precisava estar bem o suficiente para segurar a noite de trabalho. Não era mais o garoto irresponsável que enchia a cara, no Madame Mimi, dia sim e outro também.

Não demorou mais que um minuto, para que a garçonete chegasse à mesa, carregando uma bandeja.

— Sua bebida, senhor. — Abriu a garrafa, despejou o líquido transparente em um copo forrado com gelo e um ramo de hortelã.

— Obrigado. — Tirei uma nota de dez e coloquei no bolso do avental.

As luzes do palco se acenderam e eu me ajeitei confortavelmente em minha poltrona, cigarro

aceso, apreciando o show que iria começar.

A garota morena, de longos cabelos castanhos, dançava no palco, insinuando-se para uma ruiva de seios fartos, aumentando a empolgação dos presentes.

Segui apreciando o que via, ainda que não estivesse disposto a nada além de uma bebida e um pouco de conversa. Tinha deixado de me interessar por esse tipo de relacionamento quando descobri que era muito mais divertido ter uma garota em minha cama por mérito do que por dinheiro.

Trevor não demorou a chegar.

— Dois bourbons, por favor! — Estendeu a mão para a garçonete.

— Ainda sinto o 12 anos de ontem se revirar em meu estômago — avisei.

Bateu em minhas costas e acendeu um dos cigarros da carteira que havia ficado sobre a mesa.

— Ninguém lhe contou que um porre se cura com outro? — Riu, levando o cigarro à boca.

Balancei a cabeça em negativa.

— Funcionava... Quando eu tinha vinte anos e nenhum juízo. — Ergui uma sobrancelha para ele.

— Ainda funciona para mim, companheiro. O álcool é uma excelente piscina onde afogar as mágoas.

Encarei meu irmão por um segundo. Os anos o tinham transformado em uma cópia do nosso pai. Carregava nos ombros o mesmo peso que Jens Van Hart um dia carregou. Sempre sozinho, buscando algo que nunca encontrava.

— Obrigado por ontem. — Bati a mão em seu ombro.

— Não por isso, irmão. Jamais o abandonaria daquele jeito... Vai que uma sereia aparece e o leva para as profundezas... — brincou rindo alto.

— Chegou tarde, companheiro... — Bati meu copo no seu, em um brinde melancólico.

— A morena o fisgou de jeito... — constatou.

— O marido dela voltou...

— Marido? A garota é casada? — Riu mais. — E depois eu é que sou o depravado.

Acabei rindo também.

— O ex-marido, para ser mais exato.

— Passado malresolvido?

— O cara sumiu. Deixou Lola sozinha, com a menina se recuperando do acidente, e nunca mais voltou, até ontem.

Trevor respirou fundo, pensando por alguns segundos.

— E Lola?

— Foi até minha casa hoje... E acabamos na cama... — expliquei.

— E, mesmo depois de uma boa foda de

reconciliação, você continua com essa cara... — devolveu-me o levantar de sobrancelhas.

— O cara é um filho da puta, Trevor. Tenho certeza de que não vai simplesmente apertar minha mão e reconhecer que perdeu.

— Se quer um conselho, você está focando no lugar errado! Foque na garota, irmão, não no marido! Mostre a ela que você a quer de verdade.

— É o que tenho feito, não? — perguntei sem entender.

— Você disse a ela que está apaixonado?

Ri sem muito humor. Às vezes, irritava o tanto que Trevor me conhecia.

— É claro que não! — constatou.

— E o quê? Vou pedi-la em casamento? Entregar um anel? Levar para morar comigo?

— Talvez, sim... Talvez, não... Mas aí é com você... O que estou dizendo é que você precisa

parar de agir como se fosse morrer amanhã, Collin. Porque isso não é verdade.

— Você nunca vai entender.

— Muito pelo contrário... Entendo perfeitamente! Estou ao seu lado desde que aprendeu a limpar a própria bunda, irmão. Eu o vi cair e se levantar de pé todas as vezes, como um gato. A vida nunca lhe deu uma rasteira da qual não pudesse fugir, Collin. Já seu coração...

Desviei os olhos para o palco, sem realmente prestar atenção. Um longo trago no cigarro, antes que Trevor voltasse a falar.

— Você sempre foi meu exemplo de força e resiliência, mas, por alguma razão, fica com medo sempre que algo bom lhe acontece. É como se quisesse sabotar sua própria felicidade.

Baixei os olhos para o chão.

— Se quer a garota, irmão, precisa mostrar isso

a ela, ou então a deixe seguir o caminho que ela escolher.

Levei o copo à boca, secando a bebida de uma vez.

— Venho até Amsterdã para conversar com meu irmão e me sentir melhor, mas saio me sentindo a porra de um covarde. — Dei de ombros.

Trevor deixou o copo vazio sobre a mesa e se levantou também, tirando algumas notas e deixando debaixo do copo.

— Estou aqui para lhe dizer a verdade, companheiro, não para bajular você! — Bateu em minhas costas, enquanto seguíamos para a saída. — E foi por isso que você me procurou, em vez de à Hanna.

— Não acho que Hanna gostaria do Madame Mimi! — brinquei, fazendo meu irmão rir alto.

— É um ponto importante. — Deu de ombros.

Enquanto voltava para casa, pensei no que Trevor havia dito. Eu já tinha lutado por tantas coisas em minha vida, tinha chegado tão longe. Talvez fosse mesmo hora de acreditar no futuro.

Lola

Caminhei pela rua com o coração leve.

Sempre que ficava com ele, sentia como se pudesse voar até o céu, mas, assim que abri a porta do apartamento, encontrei meu inferno particular.

Paco estava lá, deitado no sofá, usando um short de elástico, sem camisa. Braços cruzados atrás da cabeça, vendo um jogo de futebol na TV.

Na mesinha de centro, um prato de comida sujo e uma garrafa de cerveja pela metade. A camisa, jogada sobre o encosto da cadeira.

— Onde está minha amiga Leij? — perguntei enquanto recolhia a louça e colocava na pia.

— Ficou no quarto desde que você saiu. Devia estar cansada do plantão.

Sentou-se no sofá, mãos cruzadas atrás da cabeça.

— Sabe o que fiquei pensando, *mi amor*... O

que sua mãe diria se eu contasse a ela o que você anda aprontando? Pobre Dona Rosário... Descobrindo pela boca do genro que a filhinha que ela criou com tanto carinho se transformou em uma vadia arrogante.

Engoli em seco. Sabia que ele queria me provocar.

— Deixe minha mãe fora das suas porcarias, Paco! — adverti.

— O que foi, Lolita? — Segurou meu pulso com força, levantando-se para ficar em frente a mim. — Sua própria gente não é suficiente para você? Precisava de um pau holandês?

Tentei puxar o braço, mas ele apertou mais forte, levando a mão livre até minha cintura, descendo pelo quadril.

— Ora, ora... A mocinha recatada agora volta para casa de cabelo molhado e sem calcinha... —

Um riso debochado nasceu em seu rosto. Soltou-me para bater palmas, repetindo meu gesto do dia anterior. — Acho que perdi o Oscar! — Riu. — Não posso dizer que você não é esperta, *mi amor*... Está fodendo com o filhinho famoso do magnata dos motores... Como é mesmo conhecido? Ahhhh, é o Leão de Roterdã! — Mais palmas. — Parabéns, Lolita, ao menos seu pai ficaria orgulhoso de onde a garotinha dele chegou!

— Você é nojento, Paco — foi tudo que eu disse.

Ia me virando para sair, quando ele me segurou pelo braço e puxou até ele. Tão perto que o perfume forte dele fazia meu estômago revirar.

— Já que o riquinho te fodeu mesmo, bem que poderia liberar um agrado para o marido aqui, não acha? Um carro novo cairia bem, Lola... Estou cansado de andar a pé.

Soltei-me com um puxão.

— Vá embora! — gritei. — Não quero mais ver você na minha casa! Você não tem direito algum de estar aqui, seu desgraçado! Desgraçado!

Ia gritando e o empurrando em direção à saída, estava disposta a jogá-lo porta afora se fosse preciso, mas, no meio do caminho, Paco reagiu. Segurando-me pelo pescoço. Forte, apertado, impedindo-me de respirar.

Nunca tinha sido um cavalheiro comigo, mas também não me batia. Um ou outro toque mais forte, quando estava com raiva, mas nunca precisei ter medo dele, até aquele momento.

Eu tentava soltar sua mão, mas ele era bem mais forte do que eu. Nem gritar eu conseguia.

— Eu quero aquele holandês de merda longe de você e da minha filha, está ouvindo?

Aquiesci. Só queria que ele me soltasse.

— Seu casinho acaba agora, Dolores... Você nunca mais vai ver o riquinho filho da puta e vai voltar a se comportar como a boa mulher casada que sempre foi.

Soltou-me de uma vez, fazendo com que eu tivesse que me segurar na parede para não cair.

— Eu vou sair para refrescar um pouco a cabeça, *mi amor*... Não quero te machucar...

A porta se fechou e eu continuei ali, parada, sem conseguir me mover. Sentia como se estivesse anestesiada. Meu pescoço doía, mas nada parecia real.

Pensei em todas as propagandas de TV sobre abuso contra a mulher. Jamais pensei que me sentiria daquele jeito. Impotente, culpada, repassando a cena em minha mente e me perguntando onde havia errado.

Abaixei a saia do vestido, vergonha queimando

em meu rosto como brasa.

Só percebi que Leij estava na sala quando me abraçou.

Como se tivessem aberto as comportas, chorei.

— Ah, Lola...

Levou-me pelo braço e me colocou sentada no sofá. Encheu um copo com água e enrolou alguns cubos de gelo em um guardanapo. Trouxe até mim.

— Beba. Vai ajudar a se acalmar.

Enquanto eu bebia do copo, ela pressionava o gelo em meu pescoço.

— Aperte aqui. Vamos tentar evitar o hematoma.

Desviei os olhos. Sentia-me mal por saber que minha amiga havia presenciado tudo. A agressão doía bem mais na alma do que no corpo.

— Tudo bem, Lola... Não fique assim... Ele é só um idiota, covarde! Não podia ter feito isso com

você.

— Ele vai sair daqui hoje, Leij! Não quero saber! Eu tentei fazer as coisas de um jeito menos traumático para Nina, mas Paco é como a casca de uma ferida. Precisa ser arrancado de uma vez ou o ferimento não cicatriza!

— Vá com calma, está bem? Não quero que acabe arrumando um problema para si mesma. Você é estrangeira... Acabou de conseguir um emprego... Não seria legal envolver a polícia.

— Acha que estou errada? — questionei mais nervosa do que gostaria.

— Não, Lola! Acho que está certa! Só estou pedindo que faça as coisas de cabeça fresca. Ir devagar... Não sei por que está se defendendo tanto de mim!

Respirei fundo.

— Desculpe... Você tem razão, estou agindo

como uma idiota com você. É claro que está do meu lado! — Abracei-a.

— Onde mais eu estaria? — Sorriu.

— Está na hora de buscar Nina. Quer vir comigo?

— Vou ficar e fazer um bolo, o que acha? Nina gosta de bolo, talvez eu ganhe sua confiança.

— Acho uma ótima ideia! — Peguei uma jaqueta e coloquei por cima do vestido, cobrindo as marcas avermelhadas em meu pescoço. — E, Leij... — chamei já da porta. — Cuidado com ele. Você vai ficar sozinha aqui, não o deixe entrar.

Minha amiga aquiesceu e eu segui meu caminho. Eram algumas quadras até a escola, um caminho de menos de dez minutos. Cheguei quando as crianças começavam a sair. Entrei para pegá-la na sala, como costumava fazer.

— Oi, Lola, como está? — a professora

perguntou.

— Muito bem, obrigada. Onde está Nina? — perguntei porque não a vi.

— Saiu há pouco. Achei que você soubesse... O pai esteve aqui... — Sorriu.

Escorei-me na porta, tentando assimilar.

— Tudo bem, Lola? — a professora insistiu.

— Sim! Tudo bem... — menti. — Eu vim direto do hospital... Acho que nos desencontramos. Obrigada!

Voltei para casa tão rápido que mal senti o caminho.

— Leij, Nina chegou? — perguntei com o coração acelerado.

— Achei que estivesse com você, Lola...

Sentei-me no sofá. Não sabia o que pensar.

— Paco a buscou mais cedo...

Leij não respondeu por um tempo,

provavelmente não sabia o que dizer.

— Calma, Lola... Ele deve tê-la levado ao parque... Lembra-se? — encorajou.

Levantei-me no mesmo instante, correndo para o parque, mas Nina não estava lá.

Segui pelas ruas, procurando por ela desesperada. Andei pelo calçadão, até a sorveteria, e em todos os lugares a que Nina gostava de ir. A cada rua, o gosto amargo em minha boca ficava mais forte. Na última vez que Paco sumiu com ela, entregou minha filha quase morta, dentro de uma ambulância.

Depois de procurar por mais de uma hora, voltei para casa, esperando que minha amiga tivesse razão e eles estivessem de volta, mas encontrei a sala vazia.

Fui até o quarto e separei o documento de Nina. Estava disposta a ir à polícia, quando a porta se

abriu.

— Mamãe! — a voz mais doce do mundo chamou.

Abaixei-me no chão e a puxei para mim, liberando as lágrimas que continha.

— Papai me levou ao Centro, depois pegamos o trem e tomamos sorvete — contou animada. — Você está triste? — Acariciou meus cabelos carinhosamente.

Paco se aproximou, apoiando-se na parede do quarto, encarando-me como um demônio à espreita.

Limpei os olhos com as costas das mãos.

— Não estou, não, querida. Só fiquei um pouco preocupada com você.

— Sua mãe se preocupa à toa, filha. Você estava com seu papi, não é? — puxou-a pelo braço e aconchegou em seu colo. — Nós nos divertimos muito, não foi?

— Muito!

— Uma pena que sua mãe não anda com a cabeça no lugar, filhinha... Acredita que ela me mandou embora? Logo agora que eu queria tanto ficar com você...

O rosto dela se transformou no mesmo instante. Triste, com lágrimas nos olhos.

— Não, papai! — pediu.

— Eu queria ficar, querida. Queria que fôssemos uma família novamente, mas sua mãe acha que não sou bom o suficiente...

— Paco...

— Mas não se preocupe, Nina... Se o papai for embora, você pode vir comigo! Vamos morar em uma casa só nossa.

Fiquei na altura de Nina.

— Querida, Leij fez bolo de chocolate para você! O que acha de um pedaço bem grandão? —

ofereci e ela sorriu, assentindo. — Espere na cozinha e eu já corto para você.

Encarei-o assim que ficamos sozinhos. Ódio correndo em minhas veias.

— Não me ameace... — adverti.

— Eu não ameaço, *mi amor*... — Tentou encostar em meu cabelo, mas afastei-me a tempo. — Falo sério, Lolita... Até procurei um advogado. Você sabe, não posso ficar longe da minha garotinha e não está fácil conseguir um emprego decente por aqui; se eu voltar para a Colômbia, Nina volta comigo. — Entregou-me um maço de folhas impressas que tinha nas mãos.

Segurei com cuidado e comecei a ler. O topo da página dizia: “Restituição de guarda da menor Marina Ibañes Calderón, por retenção indevida”.

Senti como se meu sangue parasse de circular.

— Odiaria ter que voltar, Lola... Você sabe, eu

não sou um cara mau, mas a vida nunca me dá uma oportunidade... Só quero minha família de volta, *mi amor*... Só isso! — Deu de ombros e saiu.



Capítulo 20

Collin

Cheguei a minha casa no final da tarde.

Tinha passado em alguns fornecedores e resolvido parte da papelada contábil dos dois restaurantes, mas, apesar do dia cheio, não havia tirado Lola da cabeça um único instante.

Tirei a roupa, vesti um short e uma camiseta branca. Talvez um pouco de exercício ajudasse a canalizar os pensamentos na direção correta.

Antes de sair, mandei uma mensagem para Lola.

“Pensei em você o dia todo, espero que esteja bem.”

Guardei o telefone e segui pelo calçadão.

Corri um pouco, até perto da hora de trabalhar. Aurora estava em casa quando cheguei.

— Preparei comida! — avisou. — Vá se lavar e volte para comer comigo.

Meneei a cabeça em concordância e segui para o quarto. Tomei uma ducha fria, vesti um jeans e uma camisa cinza-chumbo. Prendi os cabelos e peguei um dólman limpo. Quando voltei para a sala, a mesa estava posta.

— Meu Deus, Aurie, está se sentindo bem? — brinquei fingindo que sentia a temperatura da sua testa.

— O quê? Só estou sendo gentil! — Deu de ombros. — Assim você vai parar de falar para os outros que eu só o alimento com biscoitos do pote! — reclamou.

— E, por outros, leia-se: Trevor... — brinquei e ela me encarou com o mesmo olhar que nossa mãe usava quando queria me repreender. — Ok, Dra. Galagher! — Puxei a cadeira e me sentei. — O que temos no cardápio?

— Uma salada de presunto parma com rúcula,

figos e muçarela de búfala, servida com aquelas lascas maravilhosas de massa de pizza que você congelou! — Serviu uma porção em meu prato. — Espero que agrade seu paladar refinado, chef!

Puxei-a para um abraço.

— Obrigado por cuidar de mim e por se preocupar. — Beijei seu rosto. — Você é a melhor irmã que um cara como eu poderia querer.

Aurora e eu não tínhamos laços de sangue, mas os laços que nos uniam eram ainda maiores. Tínhamos sido criados como uma grande família, sem distinção alguma, e ensinados a cuidar uns dos outros, como papai e mamãe cuidavam de nós. O velho Leão e sua senhora haviam feito um excelente trabalho com suas crias.

— Como estão as coisas na faculdade, bonequinha? — perguntei entre uma garfada e outra.

— Bem! — Sorriu, mas não era o sorriso que eu gostava de ver em seu rosto.

— Estive com seu príncipe hoje... — contei apenas para puxar assunto.

— Collin, sério... Não precisa me consolar!

— Sabe o que eu acho, Aurie... Você devia seguir o conselho que ele me deu e dizer de uma vez como se sente!

O riso foi mais alto dessa vez.

— Como faço isso, se ele ainda me vê como a garotinha de tranças e vestido florido que corria pela fazenda, pedindo garupa em seu cavalo?

— Mostre a ele que a garotinha cresceu! — Pisquei. — Agora, se me der licença, senhorita, preciso trabalhar.

Lola

Saí para o plantão sentindo como se alguém esmagasse meu coração com a mão. Vez ou outra pegava o telefone e encarava a mensagem dele.

O que vou dizer? Como explicar?

No fim das contas, talvez Leij tivesse mesmo razão. Collin não precisava enfrentar essa batalha. Mal havíamos nos conhecido, ele não me devia nada, não havia razão para se meter nas porcarias que eu tinha em minha vida.

Escrevi pelo menos dez respostas e apaguei todas elas. Não conseguia dizer a ele que precisava de um tempo, porque, na realidade, eu o queria por perto todos os minutos do dia.

Não saí para jantar. Nada parecia descer em minha garganta. Nauseada, tonta, só queria chorar.

Como havia trocado o plantão, acabei no pronto-socorro da ala adulta.

Era uma noite cheia, como a maioria das noites de verão, então aproveitei o tempo de jantar para pesquisar um pouco sobre Direito Internacional e entender até onde Paco podia me ameaçar.

Estava pesquisando quando um homem alto passou pela porta e logo voltou. Só percebi quem era quando entrou no consultório.

— Meu Deus, Lola, a noite está tão movimentada que nem vi que dividia o plantão com você! — Hans alisou os cabelos claros para trás e sentou-se na maca de atendimento. — Como você está? Não nos falamos mais depois do restaurante...

Respirei fundo, forçando o sorriso mais sincero que conseguia, enquanto levantava instintivamente a gola da blusa, para esconder as marcas.

Os papéis do processo ainda estavam em minha mesa.

— Estou bem... — menti. — Um pouco

cansada e com uma dor de cabeça dos infernos, mas vai melhorar.

— Sempre otimista, a nossa garota! — brincou encarando-me com seus belos olhos verdes.

Tentei me esquivar dos seus olhos o máximo que conseguia, porque Hans sempre foi um bom interpretador. Não demorou para que fizesse jus à fama.

— Sabe que, se precisar de um tempo...

— Estou bem, Hans, não se preocupe — interrompi.

Mesmo assim, puxou uma das cadeiras e sentou-se de frente para mim.

— Soube que Paco voltou...

Soltei uma lufada de ar. Leij tinha mesmo uma boca grande!

— E, pelo que vejo, está disposto a foder com sua vida, como sempre fez... — Deu de ombros.

Cobri meu rosto com as mãos, alisando os cabelos para trás. Hans era um dos melhores caras que eu havia conhecido na vida. Sempre gentil e disposto a ajudar. Soube que seria um excelente médico, assim que o conheci.

Houve um tempo em que éramos bem próximos, até que Paco fez um escândalo na porta da faculdade, afirmando que eu o traía e abandonava minha filha para sair com Hans. Depois disso, meu amigo se afastou. Nunca pude culpá-lo. Hans era de uma família tradicional, não iria querer ver seu nome na lama ao lado do meu.

— Acho que nunca lhe contei porque Leij e eu terminamos, no primeiro ano da faculdade... — mudou o foco, ganhando minha atenção. — Ela me traiu. — Sorriu. — Com o professor de biologia. Não que isso seja um problema para mim, mas achei que você deveria saber.

— Por que está me contando isso, Hans? Já faz tanto tempo...

Cobriu minha mão com a sua, em um carinho gentil e protetor.

— Já reparou que todas as vezes que sua vida tropeça em algo Leij está por perto?

— Não seja injusto com ela! — Sorri.

— Lola, minha avó costumava dizer que, perto de alguém iluminado, tem sempre outro tentando apagar sua luz.

Ri mais alto.

— Quem dera, Hans!

— O cabeludo... — Ajeitou os óculos de leitura. — Parece gostar mesmo de você. Eu vi como ele a olhava no restaurante... Aquele é o tipo de sentimento, Lola, pelo qual se espera uma vida inteira.

Baixei os olhos, mas não pude deixar de sorrir.

— Pelo que vejo, ele não é o único apaixonado... — Sorriu também. — Não me diga que está triste assim por causa daquele inútil do seu ex.

Empurrei os documentos que Paco havia me entregado, para que Hans pudesse ler.

— É um filho da puta desgraçado mesmo... — concluiu enquanto lia. Depois de um tempo, fechou e colocou sobre a mesa. — Ele está blefando, Lola! O que vai fazer, sozinho com a menina e sem dinheiro? Não é sério!

— Talvez não seja, mas não posso correr o risco. Não me perdoaria...

— Sabe outra coisa que nunca lhe contei? — Sorriu sem humor. — Paco me procurou uma tarde. Disse que, se eu não me afastasse de você, faria com que sua bolsa fosse suspensa.

Pensei por um instante, balançando a cabeça

em negativa.

— Por que não me contou?

— Tive medo de que não acreditasse em mim e eu acabasse perdendo sua amizade. Hoje vejo que agi errado... Talvez a tivesse poupado de mais sofrimento.

— Ele me disse que, se eu continuar a ver Collin, dará um jeito de levar Nina de volta para a Colômbia...

— Covarde! Acha que pode mantê-la ao lado dele à força!

— Paco não se importa comigo, Hans... — Toquei o pescoço por instinto. — Ele só não quer perder a vida que tem aqui.

— Se quer um conselho, deveria conversar com o cabeludo. — Sorriu. — Ele parece ser um cara legal, Lola... Dê a ele o direito de decidir se quer ou não entrar nessa.

— Vou pensar nisso.

— Meu irmão é advogado... Faz estágio em um grande escritório, eles são especialistas em Direito Internacional — explicou. — Vou falar com ele e entender o que pode ser feito, mas me prometa que não vai desistir de ser feliz.

Levantou-se e beijou minha testa.

— Preciso ir, doutora, mas estou na sala ao lado. Se precisar de qualquer coisa...

— Obrigada.

Hans se foi e meu coração voltou a se apertar.

Peguei o celular e encarei a mensagem de Collin pela milionésima vez. Queria ouvir a sua voz e sentir o seu perfume. Faria qualquer coisa por um tempo em seus braços.

Tomei coragem e digitei.

“Desculpe a demora, plantão corrido. Precisamos conversar.”

Enviei, mas o aparelho permaneceu em minha mão. Tantas palavras não haviam sido ditas. Tanto sentimento guardado dentro de mim.

Nina era a imagem de descanso em minha tela.

Acariciei o rostinho pequeno. Esse sorriso iluminava meus dias havia tanto tempo que eu não tinha ideia de como acordar sem saber que a teria no quarto ao lado. Não sabia viver sem minha menina.

É uma escolha injusta demais. De qualquer maneira, meu coração acabará em pedaços.

O que restou da madrugada passou em um estalar de dedos. Era bom manter a cabeça ocupada.

Quando deu meu horário, eu me despedi de Hans e peguei minhas coisas. Ia passando pela porta, quando vi o 4x4 estacionado junto ao meio-

fio.

Assim que me viu, Collin desceu, caminhando em minha direção.

Usava um jeans claro ajustado ao corpo e uma camisa cinza-escura, mangas dobradas até os antebraços. Os óculos escuros cobriam seus olhos. Ajeitou os cabelos com as mãos.

— Resolvi antecipar nossa conversa, já que também queria falar com você...

Tentava parecer tranquilo, mas sua calma era como uma fina camada de gelo, sobre a correnteza de um rio.

Acariciei seu rosto, aproximando o meu. Tinha medo de que nosso tempo juntos estivesse chegando ao fim.

— Collin, eu... — tentei começar, mas as palavras foram atropeladas por todo o choro contido que havia em mim.

Puxou-me para si, aconchegando meu rosto em seu peito.

— Ei, baby... Não chore assim... — Segurou meu rosto entre suas mãos, limpando minhas lágrimas com os polegares.

— Ele... Ele vai tirar a Nina de mim... — tentei explicar novamente, mas as lágrimas não deixavam.

— Venha, vamos sair daqui. — Passou o braço a minha volta e me levou até o carro.

Dirigiu até a ponta da praia, onde havíamos levado Marina para brincar com o cachorro. Parou o carro e virou-se para mim.

— O que houve, Lola? — perguntou segurando minha mão.

Respirei fundo. Havia chorado todo o caminho até a praia, era hora de falar.

— Paco sumiu com ela, ontem à tarde. Eu

quase enlouqueci. Procurei pela cidade toda, Collin. Não posso perdê-la... — Baixei os olhos fugindo de seu olhar. Ganhando coragem para continuar.

— E disse a você que, se não se afastasse de mim, iria sumir com Nina.

Encarei-o por um instante.

— O que mais ele usaria para assustá-la, Lola? Conheço bem essa história! — Sorriu sem humor. — Já vi acontecer algumas vezes.

Encarei-o sem entender.

— Minha mãe... A biológica, digo... Não era, exatamente, um exemplo de caráter.

Collin falava pouco da mãe e, sempre que o fazia, eu sentia que o poço era mais fundo do que parecia.

— Tenho medo de que ele a leve de mim e eu nunca mais a veja... — confessei. — Não me perdoaria se algo assim acontecesse.

— Desde o dia em que eu a conheci, na praia, Nina nunca mais deixou meus pensamentos... — falava dela com um sorriso amoroso nos lábios, como se a visse em sua frente. — Penso nela todos os dias. Quero que tenha uma vida mais fácil do que eu tive. Menos medos, mais acertos. — Respirou fundo. — Ouso dizer que Marina roubou meu coração antes de você, doutora... — Sorriu de canto, fazendo-me rir também. — Vamos encontrar um jeito!

— Achei que você iria embora! — confessei. — Sua vida é tão boa e tranquila. Por que iria querer um problema como esse?

Eu ainda ria, mas a maneira profunda com que seus olhos encontraram os meus fizeram meu riso morrer.

— Porque estou apaixonado por você, Lola, Dolores, médica pediatra!

Meu mundo parou por um segundo. Como se tudo a nossa volta desaparecesse e só existíssemos nós. O sorriso ganhou meus lábios novamente e não os deixou mais.

— Achei que nunca diria algo assim, chef! Todo esse papo de ir devagar, um passo de cada vez... — brinquei.

— Como diz Hanna, minha boca diz uma coisa, mas meus olhos dizem outra! — Deu de ombros.

— Sou louca por você, Collin Van Galagher... Desde que apareceu em minha vida, como um anjo salvador.

— Então me deixe salvá-la! — pediu. — Não me afaste.

Puxei-o para mim, apertado, como se quisesse nos fundir.

— Se o deixasse ir, chef, perderia metade do meu coração.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 21

Collin

Encarei-a por mais um segundo.

Jamais pensei que iria me sentir daquela maneira. Havia fugido de qualquer tipo de envolvimento amoroso minha vida toda e, ainda assim, aquela colombiana havia me alcançado.

— Vou conversar com o meu tio — expliquei. — Alexander Persen. Talvez você não tenha ouvido falar dele ainda, mas, acredite, o Dr. Persen é o melhor advogado que você poderia ter. — Sorri e ela sorriu também.

— Desculpe encher sua vida com coisas assim... — Soltou uma lufada de ar. — Para ser sincera, nunca esperei passar por nada parecido, Collin. Ainda que Paco não fosse o cara mais incrível do mundo, também não esperava um canalha covarde como ele tem se mostrado.

— Olha, Lola, talvez você ache que minha vida

e minha família são perfeitas, mas não há nada de perfeito na vida de ninguém. As pessoas aprendem a resolver o que é possível e aceitam, e convivem com o que não dá para resolver.

Acariciei seu rosto. Queria contar a ela sobre a doença. Precisava ser sincero, já que tínhamos atingido um ponto tão fundo dentro do outro, mas não conseguia.

Puxei-a para meu peito em um abraço apertado, aconchegando seu corpo no meu.

Suspirei tão fundo, que quase me faltou o ar.

— O que acha de darmos uma volta? — ofereci.

Precisava caminhar um pouco. Sentir o vento do mar, o barulho das ondas. Talvez, assim, tivesse coragem.

— Claro.

Enquanto seguíamos, de mãos dadas, pela

areia, um milhão de pensamentos passou em minha cabeça. Era o momento do qual eu havia fugido a vida toda. Ninguém, além de minha família e do hospital, sabiam da minha doença e eu gostava que fosse exatamente assim. Expor o que eu realmente tinha, era como abrir minha armadura e permitir que alguém me atingisse, bem no meio do coração.

Meu coração estava apertado e batendo tão forte que sentia como se fosse me faltar o ar. As palavras formando um bolo em minha garganta, difícil demais de engolir.

Caminhei com ela até uma grande pedra, perto da água. Encostei-me com Lola de frente para mim. Tirei os óculos escuros.

— Lembra que eu disse que também precisava falar com você? — perguntei.

Lola aquiesceu ajeitando os cabelos, revoltos como vento holandês.

Soltei todo o ar dos pulmões de uma vez. Precisava buscar coragem a qualquer custo.

— Lola... Eu preciso ser honesto com você... — Baixei os olhos para o chão. — Falamos tão pouco a respeito da minha surdez... Bem... Eu... — Respirava mais e mais, uma tontura ruim, como se estivesse a poucos segundos de uma injeção letal.

— Sabe que pode me dizer qualquer coisa, não sabe? — Segurou minhas mãos com carinho.

Embora eu não pudesse ver meu próprio rosto, pelo que via na feição dela, Lola imaginava que não era nada bom.

— Lola... Eu tenho neurofibromatose... — disse de uma vez, antes que tivesse uma síncope.

Encarou-me, os olhos perdidos nos meus. Depois de um longo tempo, acariciou meu rosto, até a lateral da cabeça, onde ficava meu implante. Tocou o metal frio com tanto sentimento, que era

como se tocasse meu coração.

— Eu te amo, Collin Van Galagher... — disse de repente. Uma lágrima rolando dos olhos, seguida por outra e outra, sem que ela tentasse conter. — A cada dia que passo com você, amo mais... Confesso que tentei seguir seu plano de ir devagar, mas, desculpe, não deu certo para mim! — Sorriu e eu acabei rindo com ela.

— Acho que foi um péssimo plano, doutora. Não funcionou com nenhum de nós.

Abraçou-me pela cintura, o rosto enterrado em meu peito, enquanto eu a mantinha perto, sentindo o perfume em seus cabelos.

Ergueu o rosto para olhar em meus olhos por um instante, então todo o autocontrole que eu ainda mantinha se foi.

Eu estava apavorado. Um medo insano de vê-la sofrer por minha causa. Lembranças de Vó

Margarida, histórias que John e Hanna contava sobre nossa mãe. Eu mesmo sempre via pacientes em estado grave no hospital. Pessoas que não tinham a mesma sorte que eu.

Aquela maldita doença era uma caixa de surpresas. Você podia estar bem em um dia e, uma semana depois, largado em uma cama para sempre.

Minha respiração ficando mais e mais forte, profunda, pesada, como se todo o peso caminhasse para os meus pulmões e tentasse sair à força.

Enterrei o rosto em seus cabelos, não queria que me visse chorar. Não podia fraquejar. *Como posso condenar alguém tão especial, como Lola, bem no meio desse buraco negro que é minha vida?*

Eu estava perdido. Lutando uma batalha que não podia ganhar, entregue à escuridão, até que ela se afastou, segurando meu rosto para que eu a encarasse.

— Seus olhos ficam ainda mais bonitos quando você chora, sabia? — Sorriu. — Collin, a vida nunca foi fácil para mim, mas eu sempre acreditei que o melhor estava por vir... Veja, eu tinha razão... — O sorriso se alargou. — Você e Nina são as melhores coisas que tenho...

— Eu não sei quanto tempo, Lola... — as palavras saindo difíceis...

— Então aproveitaremos todos os dias que tivermos...

— Se eu piorar...

— Eu estarei lá e vou segurar sua mão...

— Os tumores... — Respirei fundo. — Eles podem ser muito agressivos e...

— E podem não ser... Podem nem sequer se manifestarem novamente...

— Minha mãe... Ela morreu dessa doença... Tão jovem... Ela... Eu vi o sofrimento dos meus

irmãos... Do meu pai... Da minha avó...

Segurou meu rosto entre suas mãos, acariciando com os polegares.

— E, ainda assim, criou três filhos maravilhosos... Uma família unida e amorosa... Sua mãe pode ter vivido pouco, Collin, mas deixou um belo legado. Meses, anos, décadas... O que é o tempo sem a felicidade de viver a vida que realmente desejamos? Eu prefiro um mês ao seu lado à vida toda pensando no que poderíamos ter vivido...

— Lola...

— Escute... Eu quero você, Sr. Chef Premiado! — Sorriu, beijando minha boca suavemente. — Então, se quiser se ver livre de mim, terá que fazer melhor do que isso! — Piscou.

— Se você não existisse, Lola, Dolores, teria que ser inventada!

Puxei-a para mim novamente, tirando seus pés do chão, enquanto minha boca se afundava na dela, tornando real tudo que dizíamos com o olhar, levando todo o peso que eu carregava nos ombros para longe.

Lola

Collin estacionou em frente ao prédio, pouco antes do almoço. Havia combinado de ir a Roterdã conversar com o tio e eu queria ficar por perto, já que não pretendia dar espaço para que Paco aprontasse mais nenhuma.

Não consegui contar a ele sobre a agressão. Depois de todo o amor e do cuidado que ele tinha por mim, dava-me vergonha confessar que tinha aceitado ser tratada de outra maneira por um idiota qualquer.

— Prometa que vai evitar discussões e se manter o mais longe possível daquele imbecil... — pediu e eu aquiesci. — Sabe que pode me chamar a qualquer hora, não sabe? É só me avisar, Lola, e eu venho aqui, levo você e Nina.

— Não se preocupe. Eu vou evitar ficar em casa sozinha com ele. A Sra. Herta irá me ajudar,

com certeza.

— Só até sabermos o que fazer... — explicou. — Tenho certeza de que Tio Alex irá dar um jeito em tudo.

Meneei a cabeça em concordância e ia descendo do carro, quando ele me segurou pela mão.

— Prometo que logo tudo isso terá ficado para trás, doutora... Vamos escrever um novo capítulo, você vai ver...

— Tenho certeza disso, chef. Confio em você.

Collin beijou minha mão e eu desci. Assim que olhei para cima, vi Leij na janela. *Ao menos não é Paco.*

— Vejo que esse navio já está longe do porto... — brincou.

— Em uma viagem sem volta, amiga... — Sorri.

Leij me puxou para um abraço apertado.

— Fico feliz por você. Sempre soube que Dolores Calderón merecia mais do que os reles mortais!

Puxei a cadeira da cozinha e me sentei. O sorriso bobo continuava em meu rosto, apesar de todos os problemas que enfrentava.

Pensei em tudo que havíamos conversado. Na fragilidade que ele havia demonstrado para mim. Na confiança. No amor que tinha por Nina... Collin era mais, muito mais do que o herdeiro rico e famoso do tal Leão de Roterdã. Ele era um homem honesto, honrado e gentil. Tinha brio e força, além do que eu esperava encontrar em alguém. Era, de fato, o homem perfeito.

— Pela sua cara de apaixonada, devo supor que o Chef Três Estrelas Michelin é bem mais interessante do que os pratos que cozinha! —

Mexeu uma das panelas, espalhando o perfume da comida pelo lugar.

— Aaaah, ele é mesmo incrível, Leij, nem vou dizer o contrário! — Levantei-me e me aproximei. — Agora me diga o que tem aí! O cheiro está maravilhoso!

— Carne ensopada com batatas! Achei que minha amiga merecia um bom almoço, depois daquela merda de dia que tivemos ontem.

Foi minha vez de abraçá-la.

— Obrigada!

Almoçamos juntas e conversamos um pouco, depois Leij saiu para cuidar da documentação do apartamento que havia alugado.

Eu deveria ter arrumado a casa, já que o inútil do meu ex-marido fazia questão de bagunçar tudo e deixar claro que a casa também era dele, mas estava tão cansada e sonolenta, que achei melhor

dormir um pouco, antes de Nina voltar do colégio.

Coloquei o relógio para despertar, com tempo de buscá-la, e deitei no sofá. Não demorou nem um segundo para que adormecesse.

O primeiro barulho pegou-me ainda no mundo dos sonhos.

— Essa merda de casa bagunçada! — o grito terminou de me acordar, seguido por mais um barulho de louça quebrando. — Você podia, pelo menos, ser uma puta limpinha!

Abri os olhos com o coração na boca. Ainda tentava entender o que estava acontecendo, quando o vi. Estava transtornado. Provavelmente bêbado ou coisa pior.

Levantei-me rápido, tentando me manter longe.

Paco era bem mais alto que eu e tinha bastante força. A última coisa de que eu precisava era medir forças.

Engoli em seco o ódio por vê-lo destruir minha cozinha, peça a peça.

— Eu devia ter escutado o que todos diziam... Dolores, a vagabundinha que pensa que é melhor do que os outros... Não é isso, Lolita? — gritou.

Não respondi. Permaneci onde estava, sem saber como agir.

— Paco, você deveria se sentar um pouco... Eu vou preparar um café bem forte... — ofereci. Queria que ele parasse com o show. — Eu arrumo isso! — Indiquei a bagunça.

— Arruma? E por que não arrumou antes? Acha que sou algum tipo de porco? Que quero viver nessa imundice aqui? — Passou o braço pelo balcão, derrubando tudo, inclusive a cafeteira que a Sra. Herta havia me emprestado.

Abaixei no chão para recolher, torcendo para que não estivesse quebrada, quando ele me pegou

pelo braço e me levantou.

— Para, Paco! — pedi, seus dedos apertados em volta de mim.

— Por quê? Hum? E se eu não parar? O que você vai fazer, Lolita? Vai chamar aquele holandês de merda? Ou aquele seu amigo médico que não sabe nem foder uma mulher? — Empurrou-me contra a parede, encostando-se em mim. — Hã? O que vai fazer, Lolita?

Tentei controlar a respiração. Não queria parecer desesperada, embora estivesse. Precisava pensar com clareza no que fazer.

— Paco, eu só estava cansada. Dormi um pouco, mas já estou acordada. Vá tomar um banho, eu arrumo tudo aqui.

O aperto em meu braço diminuiu e eu comecei a pensar que talvez estivesse a salvo, mas estava enganada.

Paco soltou meu braço, mas manteve o corpo colado ao meu, o joelho entre minhas pernas, esfregando-se em mim de um jeito invasivo e desconfortável. Sua boca buscando a minha, tentando me beijar, enquanto eu travava os lábios e não permitia.

— Não faça isso... — pedi. — Não precisa ser assim, Paco. Nós temos uma filha linda, podemos seguir em frente. Eu sei de tanta gente que consegue...

— Consegue o quê, Lola? Uma vida de merda naquele buraco em que nascemos? Enquanto você fica aqui na Europa, montada no dinheiro daquele riquinho de merda? É isso? Acha que vou, simplesmente, deixar você, hum? Eu já disse, *mi amor*, a gente pode ser uma grande família, feliz e satisfeita! Eu só quero um pouco de conforto e o direito de usar minha mulherzinha querida de vez em quando...

Começou a beijar meu pescoço e a desabotoar minha blusa, enquanto eu tentava, em vão, me safar, até que estiquei o braço e peguei minha maleta, que estava sobre a mesa. Bati com ela em Paco, tão forte quanto consegui, livrando-me e correndo para a porta, mas não fui rápida o suficiente.

Ele me puxou pelo braço e jogou no chão, batendo minha cabeça contra o piso.

— Quer lutar? Eu gosto de uma boa luta, Lola... Acho até muito excitante, *mi amor*. Olha... — Levou minha mão até o meio das suas pernas. — Meu pau ainda não te esqueceu e você sabe, pedido de pau é ordem! — Ria alto, mantendo-me presa com seu corpo.

— Ficou maluco, Paco? Vai me estuprar? — gritei também.

— Estupro? Não, *mi amor*, eu sou seu marido!

Tenho meus direitos! Além disso, Lolita, você vai acabar gostando!

Eu batia os pés e sacudia o corpo, mas não conseguia me livrar. Gritava e chorava, desesperada. Já havia perdido o controle muito tempo antes, até que a campainha tocou.

— Lola? — a voz da Sra. Herta ecoou. — Tudo bem, querida? Precisa de ajuda?

— Velha dos infernos! — Paco praguejou, levantando-se. — Eu vou sair, Lolita, mas nossa conversa não terminou!

Passou pela porta, empurrando minha vizinha, como se isso não fosse nada de mais.

— Oh, meu Deus, querida! Era isso que eu temia — ela disse dando-me a mão para que eu levantasse.

Sentei-me no chão. Minha cabeça doía como o inferno. Passei a mão e senti o inchaço instantâneo

no local do trauma.

— Venha, vamos lavar seu rosto. — Segurou-me pelos ombros, levando-me até o banheiro.

Quando olhei no espelho foi que vi o tamanho do estrago. Havia um corte em meu lábio, sangue espalhado perto do queixo; estava descabelada e com os olhos vermelhos de tanto chorar.

Respirei fundo.

— Ah, querida, não se preocupe, tudo bem... — A Sra. Herta molhou a ponta da toalha e começou a limpar meu rosto. — Homens assim não valem nada, Lola. Isso não é culpa sua.

Abracei-a. O que ainda havia de choro em mim ganhando mais e mais força.

— Vai ficar tudo bem, Lola... Você vai ver... — Acariciava minhas costas, gentilmente. — Eu não vou deixá-la sozinha nem um minuto mais.

— Obrigada! — eu disse assim que me

acalmei. — Nem sei o que dizer, mas quero que saiba que agradeço muito. Não sei o que teria acontecido se...

— Shhhhhh... Não aconteceu! E é isso que importa. — Alisou meu cabelo com os dedos. — Agora troque essas roupas que eu vou lhe preparar um chá.

Fiquei sentada na cama por alguns minutos, processando tudo que havia acontecido, de novo.

Troquei a roupa e penteei os cabelos. As marcas arroxeadas em meu pescoço, agora, tinham companhia.

Assim que cheguei à cozinha, encarei a cena e quis chorar novamente. Tudo estava destruído. Pratos e copos quebrados, terra do vaso espalhada pelo chão, a plantinha caída. Meu escorredor de louças, a cafeteira, o espremedor de laranjas, tudo quebrado e espalhado pelo chão. Parecia uma cena

de guerra.

A Sra. Herta tentava, em vão, recolher tudo. Abaixei-me e comecei a ajudá-la.

— Lola, você não pode ficar aqui. O que vai acontecer se esse maluco a pegar sozinha de novo? Você precisa ficar em outro lugar! Pode ficar em minha casa se quiser, mas ele vai acabar encontrando você...

Aquiesci.

— Procure um hotel, por uns dias, para você e Nina. E você precisa ir à polícia! Veja o que ele fez com você, Lola!

Respirei fundo, enchendo os pulmões de coragem. Sabia que ela tinha razão, mas era doloroso pensar que o homem em que eu havia confiado por tanto tempo havia se transformado em meu algoz.

— Tome, querida, beba um pouco do chá. Vai

ajudá-la a se acalmar, aí pensamos no que fazer.

Encarei o relógio. Faltava pouco mais de uma hora para Nina sair, então eu tinha tempo.

Peguei minha bolsa e, assim que cheguei à calçada, liguei para Collin.

— Você já está de volta a Zandvoort? — perguntei.

— Estou entrando na principal. Aconteceu algo?

— Acha que pode me encontrar perto da escola da Nina? — pedi.

Não expliquei nada, mas certamente o tom de minha voz foi suficiente para que ele entendesse a gravidade da situação.

— Claro. Chego em um minuto.

Assim que virei a esquina da escola, vi o 4x4 estacionado. Meu coração apertou. Teria que contar a ele tudo que havia acontecido, por mais triste que

fosse.

Abri a porta e entrei.

— O que houve? — perguntou enquanto eu me sentava.

Os olhos foram direto para minha boca, e ele tocou o machucado com a ponta do dedo. As marcas roxas em meu pescoço e no braço também estavam visíveis, eu tinha deixado a jaqueta na bolsa para que ele pudesse mesmo ver.

Tocou cada um dos machucados, suavemente, os olhos acompanhando os dedos, até que golpeou com força o volante, fazendo-me dar um pulo no banco.

— Desgraçado! Eu vou acabar com ele, Lola! — as palavras eram baixas, mas deixavam clara a ameaça.

Puxou-me para seus braços, forte, apertado, seu corpo grande envolvendo o meu.

— Desculpe não ter podido protegê-la, baby! Imagino como foi horrível! — Beijou o topo da minha cabeça várias vezes.

— Tudo bem, já acabou. Eu só preciso de ajuda para resolver isso... — Suspirei. — Você falou com seu tio?

— Falei, mas a agressão muda tudo, Lola. Vamos pegar Nina e ir direto para Roterdã. Vamos falar com o Tio Alex pessoalmente e podemos dormir na casa dos meus pais. Não vou deixar você voltar para casa. Não sozinha.

Aquiesci.

— Collin, por favor... Não quero que Nina saiba do que houve... Prefiro...

— É claro, não se preocupe — acalmou-me e eu sorri.

— Vou buscá-la e diremos que é um passeio...

— É o melhor! Vou pedir a Aurora que cuide

de Black Bart. Amanhã pensaremos no que fazer a longo prazo.

Entrei na escola e avisei à diretora que precisava viajar, que Nina talvez perdesse alguns dias de aula.

Para minha sorte, ela concordou em mandar os deveres por e-mail, para que não houvesse mais perdas.

Segurei na mãozinha da minha filha e caminhei para fora, mas no meio do caminho ela parou.

— Mamãe... Você se machucou? — perguntou encarando o corte em minha boca.

Respirei fundo. Precisava pensar bem no que diria. Nina era pequena demais para compreender tudo que havia acontecido.

Abaixei até sua altura.

— Querida, seu pai e eu brigamos e ele acabou machucando a mamãe, mas tudo ficará bem, ok?

— Foi sem querer? — insistiu. — Como quando você puxa os meus cabelos com a escova de pentear?

Sorri sentindo meu coração doer.

— Às vezes algumas coisas saem do controle, querida. Seu pai não é uma pessoa ruim, mas ele precisa de um tempo sozinho... Para pensar no que anda fazendo...

— Como quando eu faço malcriações e você me manda pensar, e depois tudo fica bem novamente?

É mais esperta do que eu imaginava!

— As coisas irão se resolver, Marina, mas ainda não sei se tudo ficará bem novamente, ok? Por enquanto, nós vamos a Roterdã, à casa dos pais do Collin... Vamos dormir lá essa noite... O que acha?

Implorei para que concordasse.

— Papai pode ir?

Soltei uma lufada de ar.

— Papai está ocupado, meu amor... Mas você poderá vê-lo logo!

— Tudo bem, então! — Sorriu, cantarolando tranquila, enquanto seguíamos até o carro.

— Olá, bonequinha! — Collin cumprimentou. — Teve um bom dia de aula?

— Sim! — Abraçou-o pelo espaço entre os bancos. — Collin, você sabia que, se misturarmos azul com amarelo, vira verde?

— Não! É sério? — brincou. — Eu não acredito, senhorita! Você vai ter que fazer essa experiência na minha frente!

— Ah, eu vou fazer! Você vai ver, é quase como uma mágica!

Collin sorriu e eu sorri também.

— Preciso passar em casa, para pegar roupas e

alguns objetos pessoais... — expliquei.

— O que acha de esperar comigo no carro, Nina? Podemos comprar um sorvete ali na esquina. Veja... — Indicou o ambulante com o dedo.

— Oba! Eu espero, sim! — concordou.

— Qualquer coisa, você me liga, Lola... Estarei aqui esperando.

Desci do carro com o coração acelerado. Tinha medo de encontrar Paco assim que subisse, mas, para minha sorte, a casa estava vazia.

Peguei uma mochila e coloquei duas trocas de roupa para cada uma de nós. Os documentos e alguns brinquedos de Nina, além dos livros de colorir. Separei os itens de uso pessoal em um nécessaire e peguei minha maleta de médica. Estava quase na porta, quando Leij entrou.

— Meu Deus, você quase me matou de susto! — Cobri o coração com a mão.

— O que houve? — perguntou, os olhos correndo por toda a bagunça, que ainda estava pelo chão.

— Paco me bateu de novo, Leij. Estou indo ver um advogado e não vou voltar para casa.

— E Nina?

— Vai comigo, é claro!

— É claro! — concordou. — Amiga, nem sei o que dizer! Estou em estado de choque!

— Imagine eu! — Livrei o braço marcado da blusa, para que ela pudesse ver o estado.

— Imbecil! Um imbecil covarde e sem-vergonha! O que ele pensa que é para machucar você assim?

— É por isso que estou indo! Se ficar, as coisas só irão piorar.

— Tem razão! você está certa... — Pensou por um instante, mas, quando ia abrir a boca, eu a

interrompi.

— Fique o tempo que precisar, Leij, mas tome cuidado com Paco. Ele está fora de si. Não se preocupe com as coisas, eu vou pensar em um jeito de pegar tudo.

— Mantenha contato! — pediu. — Vou ficar preocupada até saber que você está mesmo bem.

— Pode deixar!

Abracei-a e desci o mais rápido que pude. Não queria ter outro encontro com aquele filho da puta.



Capítulo 22

Collin

Enquanto seguíamos rumo a Roterdã, tudo que eu conseguia pensar era no quanto queria protegê-las e que não havia nada no mundo que eu não fosse capaz de fazer por elas.

Tinha aproveitado a distração de Nina com o sorvete para ligar para Roterdã e acertar tudo com Tio Alex.

Se aquele covarde desgraçado tocasse em um fio de cabelo da minha garota novamente, iria aprender uma pequena lição sobre bater no mais fraco. Eu podia ser um cara culto, de boa educação e traquejo social, mas era muito bom em dar porradas em vagabundos também.

Estacionei no jardim da casa, pouco antes do entardecer.

Assim que descemos, mamãe apareceu na entrada.

— Que surpresa boa, querido! — Sorriu, embora demonstrasse, no olhar, todo o entendimento que tinha da situação.

Abraçou-me e beijou meu rosto.

— Tenha calma, ok? Vamos ajudar Lola — sussurrou em meu ouvido.

Eu estava nervoso, ansioso, sentia meu corpo tremer de ódio, mas tentava parecer o mais tranquilo que podia.

Mamãe correu os olhos por Lola, provavelmente observando o machucado em sua boca, mas não perguntou nada. Apenas a abraçou.

— Mãe, o que acha de mostrar os patos no lago para Nina, enquanto Lola e eu damos um pulo na casa do Tio Alex? — havia um pedido silencioso por ajuda em minhas palavras.

— É claro! Eu adoraria! — Estendeu a mão para Nina. — Vamos, querida? Depois eu a levo até

a cozinha. Temos uma deliciosa torta de framboesa prontinha!

— Oba! — Os olhinhos da menina se acenderam. — Posso ir, mamãe? — pediu.

— Pode, sim, filha. E obedeça à Laura!

Nina aquiesceu animada, saltitando de mãos dadas com minha mãe, a caminho do jardim dos fundos.

— Venha, meu tio mora aqui ao lado.

Seguimos pelos dormentes, ao lado do canteiro de tulipas, que dava acesso à casa vizinha. O carro de Tio Alex era o único na garagem, já que Tia Lis tinha plantão no hospital infantil até mais tarde.

Passei pela porta de entrada e chamei seu nome.

— Estou no escritório, Collin, venha até aqui.

Segurei firme a mão de Lola, queria que ela tivesse certeza de que nunca mais estaria sozinha,

enquanto eu vivesse.

Tio Alex abriu os braços para mim, como sempre fazia quando nos víamos, e logo depois estendeu a mão para Lola.

— E você deve ser Lola, a linda pediatra que arrebatou o coração deste aqui! — Sorriu. — Entendo bem, doutora, sou completamente apaixonado por uma também. Minha esposa é médica.

Lola sorriu.

— Puxa, que coincidência.

— Pois é! — Levou a mão de Lola à boca e beijou suavemente. — E eu sou Alexander Persen, advogado e tio deste garoto aqui! — Bateu em minhas costas. — Collin me disse que você está com problemas em relação à guarda de sua filha, mas vejo que este não é seu único problema.

Lola suspirou. Sentia-se visivelmente

envergonhada e seu desconforto fazia meus sentimentos fervilharem. Cerrei as mãos em punho, mais por instinto do que por realmente desejar.

— Sente-se aqui, Lola. — Puxou a cadeira, cavalheiro como sempre foi. — Sentou-se ao lado dela e estendeu as mãos, para segurar as de Lola.

Eu me sentei na poltrona. Queria dar um espaço para que ela confiasse em Tio Alex como eu confiava. Sabia que ele cuidaria dela, assim como havia cuidado de tudo no tempo em que estivera longe de nós.

— Vamos resolver isso! — sua voz segura e gentil era o único som no cômodo. — Imagino que esteja insegura, já que não é cidadã holandesa, mas sou especialista em Direito Internacional. Não há com que se preocupar, acredite, mas precisaremos ir à polícia.

Os olhos dela procuraram pelos meus.

— Sei o quanto é intimidador e invasivo, um exame de corpo delito... Se houvesse outra forma... — Respirou fundo. — Mas é com ele que conseguiremos manter esse homem longe de você e de sua filha. Tudo bem? Se me aceitar, irei acompanhá-la, como seu advogado, de agora em diante e, preciso dizer, doutora, sou o melhor no que faço. Nunca perdi um caso, nesses muitos anos de Direito. — Um riso de lado, orgulhoso e levemente presunçoso, ocupou seu rosto, levando Lola a sorrir também.

No tempo que restou, Lola explicou tudo que havia acontecido, desde o acidente e o abandono de Paco, até a agressão que havia sofrido naquela mesma manhã. Ouvi-la descrever deixava-me ainda mais ansioso pelo momento em que aquele maldito canalha e eu acertaríamos nossas contas.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Tio Alex interveio.

— E você, Collin, precisa prometer que não irá se meter com Paco! Não coloque tudo a perder!

Bufei sem querer.

— O maior castigo dele será perder a guarda, Collin...

— Não é suficiente, mas não se preocupe, tio, não vou fazer nenhuma besteira.

— Ótimo! Agora precisamos ir. Vamos à delegacia central, eu conheço os peritos e sei que tratarão Lola com o respeito que ela merece.

— E Nina? — Lola perguntou preocupada.

— Tenho certeza de que minha mãe ficará feliz em cuidar dela, não se preocupe.

Caminhamos os três, de volta, até a casa dos meus pais. Logo que passamos pelo caminho de flores, Hanna estacionou ao lado do meu carro.

Desceu e abriu a porta traseira, liberando suas duas feras.

— Eu soube que alguém aqui precisava de serviço de babá com urgência! — Sorriu indicando o próprio corpo com as mãos. — Aqui estou!

Puxei-a para um abraço e beijei o topo de sua cabeça.

— Obrigado, irmãzinha.

Cumprimentou-me e seguiu para abraçar Lola. Não pude ouvir o que disse em seu ouvido, mas Lola sorriu. Hanna era muito boa em confortar as pessoas. Por mais que eu brincasse, ela tinha mesmo herdado a capacidade de Vó Margarida, de sempre saber o que dizer.

— Pode ir tranquila, Lola, e não se preocupe com Nina. Mamãe e eu iremos cuidar dela com todo o amor.

— Obrigada! — Abraçou minha irmã mais uma vez. Uma pequena lágrima brilhando em sua pálpebra. — Eu nem sei o que faria sem o apoio de

vocês.

— Não pense mais nisso! Se você é importante para um Galagher, é importante para todos!

Sorri porque era mesmo verdade. Tínhamos aprendido a cuidar uns dos outros com o mesmo amor que recebíamos, e essa era nossa verdadeira fortuna.

Lola

Entramos no carro de Collin. Ele ao volante, o tio ao seu lado, e eu no banco de trás. Preferi assim. Queria ficar quieta com meus próprios pensamentos.

"Você é uma princesa, Lolita! Voará tão alto como um condor; nunca aceite menos do que as nuvens, pequena!" — a voz do meu pai ecoava em minhas lembranças.

Ele era um sonhador, mas sempre cuidou de nós com o melhor que podia, até que não pôde mais. Meu pai não conheceu Paco, mas tenho certeza de que, se conhecesse, jamais aprovaria.

Depois que papai nos deixou, vi minha mãe se acabar de tanto trabalho, para garantir que nada me faltasse e, ainda assim, quase joguei minha vida fora, ao lado de um homem que nunca me amou, sequer respeitou.

Por mais que estivesse com medo, eu devia isso a eles. Devia ao meu pai e a minha mãe o mesmo amor por mim mesma que havia recebido deles. Eu precisava lutar por Nina, como mamãe havia lutado por mim.

Paramos em frente à delegacia.

Collin desceu e abriu a porta para mim.

Comecei a andar buscando o máximo de confiança que existia em mim, e foi então que senti seu braço em volta dos meus ombros, puxando-me para perto, amparando no silêncio confortável que sempre existia entre nós.

Nós nos sentamos em uma fileira de bancos, enquanto o tio de Collin entrava. Ficamos lá por um tempo. Mãos dadas, sem dizer uma palavra sequer.

— Venha, Lola, o delegado irá nos receber — Dr. Persen disse, logo depois de falar com a

atendente.

Sentei-me em frente ao delegado, mas a maior parte do caso foi contada pelo meu advogado. Desenvolto e seguro, direto, objetivo. Não era difícil entender o porquê de ele nunca ter perdido um caso.

Depois de confirmar tudo e responder a algumas perguntas, assinei os documentos que me foram dados e segui para o exame, dessa vez, sozinha.

Entrei em um consultório e esperei. Não demorou muito, até que uma médica entrou na sala e fechou a porta.

— Dolores Calderón... — leu no alto da ficha. — Vamos começar o exame, mas não precisa ficar nervosa, ok? Seguiremos como for confortável para você.

Aquiesci, tirando a jaqueta e a blusa, ficando

apenas de sutiã.

— Preciso que tire toda a roupa, Dolores — pediu e eu aquiesci.

A médica se aproximou e examinou cuidadosamente cada uma das marcas que Paco havia feito em mim. Braços, pescoço, boca. Em seguida, examinou minhas mãos e unhas, já que havíamos brigado.

Assim que terminamos, entregou-me as roupas e eu as vesti, voltando para a sala que ocupávamos, com a jaqueta pendurada no braço.

— Leve Lola para tomar um pouco de ar, Collin. Vou finalizar alguns detalhes por aqui e encontro vocês do lado de fora.

— Venha, baby. — Passou o braço por meus ombros e seguimos para fora.

A noite começava a cair e a brisa fria holandesa me pegou em cheio, fazendo com que minha pele

se arrepiasse.

Vesti a jaqueta e Collin me abraçou apertado.

— Isso tudo ficará no passado, doutora, prometo.

Acariciei seu rosto, sorrindo.

— Quando você passou por mim, naquela tarde em que salvou Nina do atropelamento, fiquei o olhando ir embora... — confessei. — Sua sombra na calçada parecia a forma de um anjo. Brinquei que você era meu anjo de uma asa só.

Ele sorriu também. Aqueles olhos profundos e tão expressivos encarando-me de um jeito que me fazia sentir a mulher mais especial do mundo.

— Hoje tive certeza de que você é mesmo meu anjo...

Puxou minha cabeça para seu peito, aconchegando perto de seu coração. Ficamos assim, até que o Dr. Persen voltou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pronto, Lola! Agora, se aquele covarde ousar chegar perto de você ou da menina, será preso.

Soltei o ar todo de uma vez.

— Então vou poder voltar para minha casa? — questionei preocupada.

— Se quiser, sim. Ele será notificado da medida protetiva e terá que manter distância de vocês duas, mas meu conselho é que procure um lugar novo. Collin me disse que você aluga o apartamento... — Concordei. — Alugue outro, em um endereço diferente. Assim ficarão mais seguras.

Enquanto Collin dirigia pelas ruas de Roterdã, meu pensamento voava. *Por que eu tenho que deixar minha casa?*

Era tão injusto que ele tivesse voltado apenas para bagunçar o que eu tinha demorado tanto tempo para organizar!

PERIGOSAS ACHERON

Como farei com Nina? Quem cuidará dela se me mudar de endereço? Mas, se ficasse, jamais trabalharia tranquila novamente!

Estacionamos no jardim da mansão com a noite caindo.

Assim que desci do carro, o Dr. Persen se aproximou.

— Se precisar de qualquer coisa, ou tiver alguma dúvida, este é o meu telefone pessoal. Não hesite em ligar a qualquer hora.

— Obrigada. — Baixei os olhos para o chão. Sentia-me mal e culpada, afinal, tinham sido minhas escolhas.

— Lola, eu posso ser seu advogado, mas sou mais que isso... Vi Collin crescer... Embalei seu sono tantas vezes que nem posso contar. Eu o amo como amo meus filhos e você acaba de ser incluída neste círculo aqui. Saiba que tem em mim muito

mais que um representante legal. Sei que está sozinha na Holanda, então... — Sorriu. — Ao menos me veja como um tio legal, ok?

Sorri de leve, encarando o homem à minha frente.

Alexander Persen tinha o sorriso mais genuíno e caloroso do mundo. Era impossível não confiar nele.

— Queria ter uma fórmula mágica, capaz de apagar tudo que sei que ficará aqui! — Tocou minha cabeça com carinho. — Mas saiba que está cercada de amigos, Lola. Não precisa enfrentar nada sozinha.

Acariciou a lateral do meu rosto e beijou minha testa.

— Bem, se me dão licença, agora vou cuidar das minhas garotas! — Piscou. — Venha tomar um café conosco, qualquer hora, Lola. Será um prazer

recebê-la em uma situação mais agradável. Lis também ficará feliz em conhecê-la.

— Irei, com certeza. Obrigada pelo convite.

Collin estendeu a mão para mim.

— Venha, vamos pelos fundos. As crianças provavelmente estão por lá.

Conforme caminhávamos, o som de risos e gritos infantis confirmavam nossas suspeitas.

Nina corria pelo jardim, junto com os filhos de Hanna e uma garota morena, um pouco mais velha. Atrás deles, um rapaz jovem carregava uma mangueira ligada.

— Corram ou eu vou aniquilar todos vocês! — gritava fazendo voz de monstro.

— Pelo que vejo, o caçulinha voltou bem-humorado! — Collin falou alto, o suficiente para que o rapaz escutasse.

No mesmo instante, desligou a mangueira e

correu até nós.

— Você sabe que eu sou o retrato do bom humor, mano! — Sorriu sarcástico, puxando Collin para um abraço de garotos.

— E da modéstia, sem dúvida!

Os dois riram.

— Quando você chegou?

— Pela manhã. Estava descansando um pouco. — Voltou os olhos para mim. — Vejo que meu irmão, finalmente, fez uma excelente escolha. — Sorriu. — É um prazer, sou Lucian.

Segurei sua mão cordialmente, e ele a levou à boca, com gentileza.

— É um prazer, Lucian, sou Lola.

— Seja bem-vinda, Lola. Sua filha é encantadora, e agora sei por quê.

Afastou-se novamente, acabando com os protestos infantis e voltando para a brincadeira.

— Esse garoto está mais folgado a cada dia! — Collin repreendeu sorrindo. — Metido a galanteador, agora!

Acabei rindo.

— Seus irmãos são todos maravilhosos.

— Você ainda não conheceu todos, falta o primogênito! — Piscou. — Mas ouso dizer que ele irá reforçar sua opinião. Aquela morena bonita ali... — Indicou a menina mais velha, agora com a mangueira na mão. — É Barbara, a caçula dele.

Seguimos para dentro da casa, onde Laura terminava de organizar os guardanapos sobre os pratos, para o jantar.

— Querida, sei que teve um dia difícil... Se quiser subir para o quarto e descansar um pouco, vamos compreender.

Concordei. Sentia ainda muita dor na cabeça e mal havia dormido durante o dia. Precisava mesmo

de um descanso.

— Venha, vou acomodá-la.

Collin levou-me até seu quarto. Havia um cobertor, um roupão felpudo sobre os pés da cama e água fresca em uma jarra.

— Parece que a Sra. Galagher se adiantou! — Deu de ombros, beijando minha testa. — Tome uma ducha e descanse um pouco. Cuido de Nina e depois venho acordá-la para o jantar.

Sorri.

— Faz tempo que ninguém cuida tanto de mim!

— Sugiro que se acostume, doutora. — Piscou com aquele sorriso de lado que eu tanto amava.



Capítulo 23

Collin

Deixei-a no quarto e desci as escadas; mamãe esperava por mim na cozinha.

— Como foi, filho?

— Lola é dura na queda, mamãe, mas não é algo fácil de se fazer...

— Pobrezinha! Sozinha em um país diferente, tendo que enfrentar esse monte de problemas... Sei bem o quanto é difícil!

Puxei-a para meus braços, beijando o topo de sua cabeça.

— Sabe de uma coisa, Dona Laura... Acho que é por isso que estou perdidamente apaixonado por aquela colombiana! — Sorri. — Ela me lembra muito você!

— Oh, meu amor! Meu menininho crescido! Ainda não acredito que está mesmo apaixonado! — Encarou-me com aquele olhar carinhoso que só ela

tinha.

— Mamãe, assim me sinto com cinco anos novamente!

Soltou-me e deu um tapa em minha bunda, sorrindo.

— Sempre terá cinco anos para mim, bebê! Agora vá lá e ajude seu irmão com as crianças. Sabe que Hanna não pode se esforçar!

Terminamos a brincadeira ensopados e sujos de grama.

Hanna se incumbiu de cuidar do banho dos meninos, enquanto mamãe cuidava de Bárbara e Nina.

Aproveitei que estava sozinho para ligar no Holandês Voador. Queria saber como estavam as coisas, já que havia avisado Lídia de minha ausência na última hora.

— Sabe que não há com o que se preocupar,

não é? — respondeu depois da terceira vez que perguntei se precisava de algo.

— Sei!

— Mas não seria o Chef Galagher se, simplesmente, aceitasse isso! — brincou.

— Vejo que me conhece bem, Srta. Flores!

— Às vezes, mais do que gostaria, chef! — Riu. — Fique tranquilo, Collin... — respondeu séria. — Você sempre esteve do meu lado, é um prazer poder retribuir. Vou cuidar de tudo por aqui com o maior carinho e cuidado que poderia.

— Obrigado.

— Agora vá lá e cuide da garota!

Desliguei o telefone e segui para o andar de cima. Abri a porta do quarto o mais silencioso possível, já que Lola dormia.

Tirei a roupa suja e coloquei no cesto. Liguei a ducha e entrei debaixo do feixe de água morna. Saí

com a toalha em volta da cintura e abri o armário, procurando por uma roupa.

Lola se mexeu na cama.

— Collin... Que horas são? — perguntou ainda sonolenta.

Aproximei-me dela, deitando-me ao seu lado na cama, beijando seu rosto e ganhando um sorriso lindo em troca.

— Hora do jantar, baby...

Puxou-me para perto, envolvendo meu corpo com os braços e beijando meu peito nu.

— Eu acho... — Encarei seus olhos, segurando seu rosto entre minhas mãos. — Que tudo bem se nos atrasarmos... — Sorri de canto e Lola riu.

— Nada disso, chef! Sua mãe é gentil demais para a deixarmos esperando!

— Tem certeza? — Desci a mão por suas costas, até a parte baixa, aproximando-a mais.

— Tenho! — Riu mais. — Embora a proposta seja tentadora!

— Ok, doutora!

Levantei-me da cama, vesti uma cueca e um short de basquete. Peguei a camiseta preta e joguei sobre os ombros.

— Deus do céu, como você é sexy! — Tapou o rosto com as mãos, as maçãs do rosto assumindo aquele tom avermelhado inconfundível.

Não pude deixar de sorrir.

— E agora, além de sexy, sou todo seu, Lola, Dolores, médica pediatra! — brinquei fazendo-a rir alto.

— Eu sou mesmo uma mulher de sorte, chef!

***

Depois do jantar, Lola e Nina subiram para descansar. Havia sido um dia difícil e nada mais

justo que tivessem um tempo a sós.

Depois de conversar um pouco com mamãe e Hanna, subi para pegar o carregador do meu celular e acabei parado na porta, como um idiota apaixonado.

Elas estavam lá, abraçadas em minha cama, dormindo profundamente. Os cabelos espalhados em meus travesseiros, protegidas e seguras.

Suspirei profundamente. — *Ficarão tranquilas assim para sempre, se depender de mim.*

Quando cheguei ao topo da escada, vi meu pai e Lucian tomando uma taça de vinho.

— Ora, ora, se não é a hora dos rapazes! — Sorri.

— Venha, tome uma taça conosco — meu irmão convidou. — Estávamos discutindo o caso de Lola.

Mamãe voltou da cozinha trazendo duas taças

vazias nas mãos.

— A agressão acabou por ser o que Lola precisava! — concluiu. — Ao menos agora aquele filho da puta não poderá incomodá-la mais!

— Mamãe! — repreendi rindo, já que ela quase nunca se alterava.

— O quê? — questionou nos servindo a bebida. — Não consigo pensar em um jeito gentil de me referir àquele traste!

Papai soltou um riso de canto. Contido, como sempre foi, e a puxou para seus braços.

— Foi por isso que eu a contratei, anos atrás! — Beijou sua boca carinhosamente.

— Não seja mentiroso, meu marido! Você me contratou porque queria dar uma lição em seu pai! — Deu de ombros, fazendo Lucian e eu rirmos.

— Vê? — Papai apontou para mim. — É isso que o aguarda ao casar com uma garota latina!

Era bom estar com eles. Nossas conversas eram sempre animadas, regadas a muito riso e piadas bobas, mas eu estava realmente preocupado com o que Lola teria que enfrentar.

— Acham que existe alguma chance de que ela não ganhe? — perguntei, já que todos ali haviam escolhido o Direito como carreira.

— Ele teria que comprar um bom juiz — papai explicou. — Vendidos existem aos montes, mas não creio que um homem como aquele possa pagar o alto preço da corte holandesa!

— Concordo com papai. Sem dinheiro... nem influência... Mais uma vitória para o extenso currículo do Dr. Persen! — Lucian piscou.

— Eu entendo o desespero de Lola... — Mamãe suspirou. — Sequer consigo pensar em ficar longe de um de vocês! Deus sabe o quanto me custa ter John e esse aí... — apontou para Lucian —

longe de mim! São dois desnaturados!

— Oh, mamãe... — Lucian a puxou para seus braços, aconchegando-lhe o rosto no peito. — Sabe que eu a amo, não sabe? É minha garota preferida! — brincou. — A única que tem meu coração!

— Disso não podemos discordar! — papai brincou.

Era bem tarde, quando finalmente me ajeitei na cama de Aurora. Estava tão acostumado a dormir tarde, que não sentia sono antes da madrugada; mesmo assim, acordei com o barulho das crianças no jardim.

Escovei os dentes e prendi os cabelos em um coque desarrumado. Desci as escadas sentindo cheiro de café.

A cozinha estava vazia, mas, pelo som de vozes no jardim, eu podia jurar que o café estava servido.

Lola ocupava uma das cadeiras perto da entrada

dos fundos, ao lado de Hanna. Cumprimentei-as e me sentei no chão, encostado nas pernas de Lola.

— Faz tempo que acordou? — perguntei.

— Não muito. Dormi tão bem que quase perdi a hora! — brincou.

— Que bom.

— Quer um pouco de café? — ofereceu. — Juro que não fui eu quem fez! — Riu e eu acabei rindo também.

— Por favor, doutora.

Serviu uma xícara e entregou em minhas mãos.

— Tão bom vê-los brincando assim, não é? — Hanna falou, observando a brincadeira das crianças.

— Nem fale... Eu fui filha única, sei bem o quanto é solitário para Nina.

— Por isso Pedro e eu quisemos mais um! — Hanna acariciou a barriga. — Crescemos os dois

cercados de irmãos... Vocês deveriam tentar! — encorajou e eu acabei me afogando com a bebida quente, tossindo café para todo lado.

— Desculpem! Vou trocar de camiseta.

Era minha deixa para fugir. Eu podia estar apaixonado e querer Lola e Nina em minha vida, mas era só. Não estava disposto a passar essa maldita herança genética para mais ninguém.

Quando voltei, o assunto já havia mudado.

— Collin, preciso voltar logo para Zandvoort — Lola avisou. — Preciso ver o que fazer em relação ao apartamento e tenho plantão hoje. Ainda não sei o que fazer com Nina.

— Acho que deveria ficar em minha casa... Podemos pedir a Aurora que fique com Nina...

— Aurie é uma excelente babá! — Hanna concordou. — Ajudou muito, quando Robert veio morar comigo.

— Como solução emergencial, podemos fazer isso, mas preciso pensar em como serão as coisas agora. Quer dizer, Nina ainda não entendeu que terá que ficar longe do pai... — Cobriu a testa com a mão. — Não posso simplesmente ir morar com você, Collin, por mais que eu queira! — Sorriu.

— Não será fácil, Lola... — Hanna acariciou sua mão. — Mas tudo vai se encaixando aos poucos, você verá. Collin conhece muita gente em Zandvoort, sei que encontrarão um bom lugar para morar, até que tudo se acerte e Nina compreenda melhor a situação.

— Tudo bem, baby. — Levantei-me e beijei o topo de sua cabeça. — Vale a pena esperar por você!

Lola

Nas semanas que se seguiram, Paco não apareceu.

Talvez a medida protetiva o tivesse mandado de volta para a Colômbia, mas eu ainda tinha medo.

Depois que mostrei os outros machucados em meu corpo, Nina parou de perguntar pelo pai. Vez ou outra, eu a via parada na janela, como costumava fazer. Talvez esperasse por ele, mas eu não podia correr o risco, por mim e por ela. Paco Ibañes precisava ser uma página virada em nossa vida e eu contava com o melhor advogado para isso.

Conversei com o proprietário e consegui entregar o apartamento sem nenhum custo de quebra de contrato, já que a situação era delicada e urgente.

O apartamento que Leij havia alugado ficou

pronto e acabamos alugando um, ao lado do dela.

A Sra. Herta continuou cuidando de Nina, para que eu não precisasse mudar meus plantões no hospital. Eram pouco mais de três quarteirões entre a casa antiga e a nova; segundo ela, a caminhada fazia bem para a sua saúde.

Pouco a pouco, íamos curando nossas feridas e seguindo em frente.

— O Grande Chef não vem buscá-la? — Hans brincou assim que passei pela porta, a caminho da saída.

Tínhamos sido dispensados duas horas mais cedo, já que o hospital seria dedetizado e funcionaria com metade de sua capacidade.

— A noite de ontem foi movimentada, coitado! Ele precisa descansar um pouco.

— A sempre compreensiva, Dra. Calderón! Aquele maldito pirata tirou a sorte grande!

Estava um passo à frente e me virei rápido, tentando acertar a pasta no ombro de Hans, apenas por brincadeira, mas acabei tendo uma tontura horrível e quase caí.

— Ei, doutora, se queria um abraço, podia ter pedido! — Segurou-me firme pelos ombros. — Venha, sente-se um pouco. Você não anda nada bem, Lola!

— Tantas coisas acontecendo... Tenho esquecido até de comer! — Sorri.

— Está abatida... Precisa cuidar melhor de si. Venha, vamos aproveitar que você não tem companhia e tomar um café juntos.

Aquiesci. Estava mesmo com fome e não tinha conseguido jantar.

Assim que subimos a rampa para o refeitório, lembrei por que não tinha conseguido jantar. O cheiro da cozinha do hospital bateu em meu

estômago como um soco. Tapei a boca e desci correndo, com Hans logo atrás de mim.

— Ou você está grávida, ou esses quase dois meses com o chef a deixaram fresca! — Deu de ombros.

— Não seja bobo! Não é nada disso.

— Não? — insistiu.

— Não, oras! Eu sei me prevenir!

Hans levantou uma sobrancelha inquisidora para mim e eu acabei caindo na risada.

— Para com isso! Nós usamos preservativo.

— Sempre?

— Sempre que é necessário. Agora pare já com isso! — insisti. — Eu devo estar com gastrite ou algo assim. Como disse, não ando cuidando muito da alimentação.

— Venha, Lola, entre no carro, que eu vou levá-la para tomar café em um lugar mais agradável

que a lanchonete do hospital.

Era sábado de manhã e Nina não tinha aula, então achei que tudo bem tomar um café com um amigo, dar a ela e a Sra. Herta a oportunidade de dormir um pouco mais.

Hans e eu nos sentamos em uma cafeteria de frente para a praia e, para a minha sorte, o aroma de torta de maçã quentinha fez minha boca salivar.

— Já disse que amo torta? — Sorri, enfiando uma garfada gigante em minha boca já cheia.

Hans sorriu, olhando-me por um bom tempo.

— Estou feliz, Lola. Você merecia mesmo um cara legal!

Toquei sua mão com a minha.

— Obrigada.

Depois do café, seguimos direto para casa.

— Quer subir um pouco? Nina vai gostar de vê-lo.

Por alguma razão, Marina gostava mais de Hans do que de Leij.

— Subo outra hora, combinei de ajudar Samanta a montar uma tal estante de livros que ela comprou.

— Mande um beijo para ela, por mim! — pedi. — E obrigada pelo café e pela companhia.

— Sempre um prazer estar com minha amiga preferida!

Subi pelas escadas, já que tínhamos apenas três andares e não era necessário um elevador.

Achei estranho encontrar a porta aberta tão cedo, mas, como Leij sempre entrava e saía, achei que não fosse nada de mais.

A sala estava vazia, mas ouvi barulhos vindos do quarto de Nina.

— Nina? — chamei sem resposta. — Sra. Herta?

Ia caminhando pelo corredor, e meu coração, a cada passo, acelerando. Assim que abri a porta, entendi a razão.

Paco estava lá, revirando os armários, colocando roupas e coisas de Nina em uma mala grande.

— Não seja idiota, Lola! — advertiu. — Você sabe muito bem que eu vou levar Marina quer você deixe, quer não! Não me importo com suas ameaças.

Parei no chão como se meus pés fossem de concreto. Nina estava no canto do quarto, olhinhos assustados para mim, enquanto a Sra. Herta tentava confortá-la.

— Não quero ir, mamãe! — choramingou.

— Shhhh! — Paco fez sinal para que se calasse. — Você é minha filha, Nina! Vai comigo para onde eu for!

— Paco, não seja bobo... — falei o mais calma que pude, procurando pelo celular dentro da bolsa. — Você pode só ir embora, eu não vou ligar para a polícia. Sequer vou dizer que nos vimos — menti.

— É claro! — Riu debochado. — O problema, *mi amor*, é que sua palavra não vale mais de nada. Onde já se viu denunciar o marido por abuso? Ficou maluca, Lola! — Bateu com a mão em minha cabeça, forte, sem nenhum cuidado.

Empurrei seu braço, abrindo espaço para passar. Queria chegar até Nina.

— Estou avisando, Lola... Fique fora disso! Você já tem aquele riquinho de merda beijando seus pés mesmo, arrume outro filho!

— Paco, por favor...Vá embora... — pedi ainda mantendo a calma.

— Mamãe! Mamãe! — Nina começou a chorar.

— Cala a boca, Marina! Que saco! Sua mãe

não te ensinou a respeitar os mais velhos, eu vou ensinar!

Tirou o cinto da calça e o dobrou. Virou-se para minha filha e então eu perdi todo o bom senso que tinha. Voei para cima dele, empurrando com força e pegando Nina no colo. A Sra. Herta passou pela porta também.

— Não ouse tocar nela, está ouvindo? Não ouse! Você deixou de ter direito sobre nós quando nos abandonou naquele maldito hospital, por causa de uma besteira que você mesmo fez!

Eu nunca o tinha culpado pelo acidente, mas, naquele momento, precisava. Não era justo carregar sozinha o peso de algo que eu não tinha feito.

— Muito bem, Lolita! — Batia palmas, sorrindo. — Essa, sim, é a verdadeira Lola... A vagabunda que esperava só uma oportunidade para jogar toda a merda para fora, não é?

Estreitei os olhos por um segundo, dando passos atrás para me manter longe dele, no momento em que a porta se abriu.

— Anda logo, Paco! Já disse que... — Arregalou os olhos assim que me viu, e Nina enterrou o rosto em meu pescoço.

Demorei alguns segundos para entender o que estava acontecendo.

— Como você sabia que ele estava aqui? — questionei.

Paco riu mais alto.

— Você se acha a dona da verdade... A Sra. Sabichona... E não percebeu o óbvio! Quer saber como eu cheguei até aqui? Pergunte para sua amiga!

— Lola, não é nada disso! Esse homem é maluco!

Eu piscava e piscava, e não conseguia

assimilar.

— Desde quando? — foi tudo que consegui pensar.

— Ahhhh, *mi amor*, você sabe bem como é difícil resistir ou Paquito aqui, não sabe?

— Você é um desgraçado, Paco! Vocês dois são! Como eu pude ser tão cega, meu Deus! Como foi, Leij? Como aconteceu? — insisti.

Ela parecia pregada ao chão, sem conseguir abrir a boca.

— Ele... Ele... — gaguejava.

— Era com ela que você estava? — gritei mais alto. O ódio fervia em minhas veias.

No hospital, depois do acidente, a enfermeira havia me entregado uma sacola com as roupas de Paco e Nina. Dentro dela, havia uma pulseira que eu não conhecia. Sempre suspeitei que Paco estivesse com alguém no carro, fazendo algum tipo

de bobagem, já que quase não havia trânsito em Zandvoort, mas nunca pude comprovar.

— A pulseira, Paco! Aquela que você jurou que tinha vindo na sacola por engano... Era dessa aí, não era? Você estava levando minha filha no carro, enquanto se esfregava com outra mulher?

Coloquei Nina no sofá e me sentei. Estava zonza, sem ar. Todo o sofrimento do acidente voltando de uma vez.

— Por isso você estava tão estranho. Distante. Grosseiro. Você estava com outra! Não uma qualquer, Paco, minha amiga! Minha melhor amiga!

— Lola... — Leij se aproximou.

— Fique longe de mim! Ouviu? Longe! Eu não quero você aqui! Vá embora! Você já era médica e mesmo assim deixou minha filha quase morta, na beira da estrada, esperando por socorro! Eu vou

denunciar você, Leij! Vou caçar seu registro, eu vou acabar com você!

Minha vontade era partir para cima dela com toda a raiva que sentia correr em minhas veias, mas o som dos aparelhos de Nina caindo no chão me fizeram parar. Ela tapava os ouvidos, olhos fechados, como se tentasse sumir. Imaginei que se lembrava do acidente também. De tudo que havia visto e sofrido. Era por isso que nunca tinha gostado de Leij.

— Vão embora, os dois! Nenhum dos dois tem o direito de estar aqui. Anda! — gritei mais forte. — Para fora!

Abri a porta e fiquei parada junto ao batente.

— Para fora, os dois!

Leij passou por mim tão rápido quanto tinha entrado e desceu as escadas sem olhar para trás. Paco, obviamente, não sairia tão fácil da minha

vida.

— Está aí, toda mandona e cheia de si, porque acha que aquele advogadozinho de merda vai livrá-la de mim, não é? Acha que vai se livrar de mim assim, fácil?

Segurava meu braço forte, chacoalhando, esperando que eu entrasse em seu jogo. Já estávamos no meio do corredor.

— Eu vou ficar por aqui, Lolita. Agora você já sabe disso também! Logo serei um cidadão holandês, *mi amor*...

O prédio em que morávamos era um antigo casarão reformado. Apenas dois apartamentos por andar e a escada ficava bem em frente à minha porta. Uma escada íngreme e irregular, como era a maioria das escadas daquela idade.

Quando Paco me soltou, eu me desequilibrei, meu corpo projetando-se para a frente sem que eu

pudesse evitar. Meus pés buscaram contato com o degrau, em vão, e tudo ficou escuro.



Capítulo 24

Collin

Acordei sonolento, com o som insistente do telefone celular. Era o número de Lola.

— Ei, baby! — Sorri. — Espero que esteja ligando tão cedo porque está com saudades! — brinquei.

— Collin... É a Sra. Herta... Lola sofreu um acidente.

Senti meu corpo todo arrepiar. O coração acelerado, a boca seca. Nem sei como vesti a calça e segui até o carro.

— Collin, o que houve? — Aurora chamava atrás de mim. — Collin! Collin, espere! Eu vou com você!

Não respondi. Não conseguia pensar em nada além de Lola. Abri a porta do carro e, enquanto virava a chave, Aurora acomodou-se ao meu lado.

— O que houve? — insistiu nervosa.

— Não sei, Aurie. Lola sofreu um acidente, é tudo que sei.

Nunca dirigi tão rápido na vida, agradecendo a Deus as ruas desertas da pequena cidade em que morávamos.

Paramos em frente ao prédio, junto com a ambulância de socorro.

Aurora desceu antes de mim e correu para dentro. Eu fui logo em seguida.

Assim que vi a cena, meu coração se apertou ainda mais. Lola estava lá, caída na base da escada. Olhos fechados, imóvel, enquanto minha irmã ajudava o socorrista a vestir o apoio de cervical e colocá-la na maca.

Levantou-se e veio até mim.

— Está viva, Collin. Tudo ficará bem. — Segurou minha mão apertado. — Eu vou com ela na ambulância. Conheço melhor o hospital, vou

cuidar de tudo. Fique com Nina.

Aurora ia falando e falando, mas sua voz parecia longe, como se tudo aquilo fosse um pesadelo difícil de entender. No meio do caos, meus olhos encontraram os dela, Nina, a garotinha dos cabelos compridos que eu havia salvado uma vez.

Encarou-me com um pedido silencioso de socorro. Mais uma vez, precisava que eu a salvasse.

Abaixei e abri os braços; ela correu até mim.

Assim que a abracei, vi que estava sem os arcos.

"Tudo ficará bem, bonequinha. Aurora vai ajudar a cuidar da mamãe, ok?", expliquei. *"Podemos ir para lá também. Você quer?"*

Aquiesceu e eu lhe dei um abraço apertado. Um sentimento estranho tomando conta de mim. Percebi que ela chorava baixinho, cabeça afundada

em meu pescoço, como se quisesse se esconder.

“Ei, pequena... O que houve?”

“Papai disse que vai me levar embora.” Fungou. *“Não quero ir com ele, nunca mais.”*

Respirei fundo, limpando seu rostinho com as costas das mãos.

“Não tenha medo... Ninguém irá machucá-la, enquanto eu estiver aqui. Prometo!”

Apertou-se contra mim mais uma vez, e foi então que entendi o tipo de amor que papai e mamãe sempre tiveram por mim. Não é uma questão de sangue, é muito mais do que isso. Amor é descobrimento, encontro, não importa de quem seja o material biológico; filho é alguém que a gente deseja proteger, mais do que a própria vida, como se nossa felicidade fosse atrelada à deles de maneira irrevogável.

Entrei no carro com Nina e a Sra. Herta;

seguimos direto para o hospital. No caminho, liguei para Tio Alex e avisei sobre o que havia acontecido. Certamente havia uma maneira de pegar aquele covarde desgraçado.

Desci do carro e fui direto à recepção.

— Bom dia, busco notícias a respeito de uma jovem que deu entrada agora há pouco, de ambulância.

— A Dra. Calderón?

— Exato.

— Está em atendimento, senhor.

— Posso vê-la? — questionei nervoso.

— Infelizmente, não, mas vou avisar que o senhor está aqui.

— Obrigado.

Dei meia-volta e continuei andando para lá e para cá, como se precisasse chegar a algum lugar.

Respirava de modo ofegante, entrecortado. O ar

parecia não chegar aos meus pulmões. Um milhão de pensamentos ganhando vida em minha cabeça.

Meu pai tinha razão. Todos tinham razão...

Passei a vida com medo de ter pouco tempo e, no fim das contas, não era eu quem estava por um fio. Tinha me preparado para morrer, mas não para perder alguém.

No meio da minha angústia, pequenas mãos me pararam. Um leve puxão, na barra da camiseta, guiou meu olhar para baixo. A menina estava lá, encarando meu rosto. Olhinhos escuros mirando os meus.

Abaixei até ficar de sua altura, e ela se aconchegou entre minhas pernas.

"Mamãe vai ficar bem..." Sorriu de leve. Um riso de quem quer confortar o outro, mesmo sem a certeza da vitória.

Sorri também. Minha tempestade começava a

se acalmar.

“Vai, sim! Ela sabe que nós dois precisamos muito dela, não é?”

Nina aquiesceu e eu a abracei, pegando-a nos braços e me levantando. Caminhei até o banco e a coloquei ao meu lado, cabecinha descansando em meu peito, enquanto eu acariciava seus cabelos.

Ficamos assim por um longo tempo, até que ela adormeceu.

— Está cansada — a vizinha de Lola se pronunciou pela primeira vez. Não tínhamos trocado mais do que uma ou duas palavras, desde que a conheci. — Aquele monstro apareceu lá no meio da madrugada... Eu tentei evitar, mas ele tinha a chave... Por sorte Lola chegou a tempo. — Balançava a cabeça de um lado para o outro. — Pobrezinha...

— Lola vai sair dessa! — Sorri.

— Vai, sim! Ela tem o direito de ser feliz. — Sorriu de volta.

Pouco menos de uma hora depois, Tio Alex e meu pai passaram a passos largos pelas portas do hospital.

— Como ela está? — Tio Alex perguntou.

— Ainda não sei. Aurie entrou com ela, mas não responde nenhuma mensagem ou ligação.

— Ela deve estar em atendimento, Collin — tranquilizou-me.

— É tudo que sei até agora.

Papai sentou-se ao meu lado, encarando a menina, que agora dormia deitada no banco, com a cabeça em minha coxa.

— Como ela está? — perguntou.

— Ainda não sei ao certo — confessei. — Ela parece bem, mas viu tudo acontecer, pai. Toda a discussão e o acidente da mãe.

— Pobre criança. — Acariciou seu rostinho. — Vamos cuidar para que todas essas coisas terríveis fiquem no passado.

Sorri.

— Obrigado, pai.

Meu pai meneou cabeça em silêncio.

De repente, a porta se abriu e Aurora passou por ela. Enquanto caminhava para nós, tentei decifrar o que via em seus olhos, mas não pude concluir coisa alguma.

— Como ela está? — perguntei assim que chegou perto o suficiente.

— Vai se recuperar. — Sorriu. — Teve uma concussão leve, logo estará em casa. Demorei porque estava aguardando o médico voltar com os resultados dos exames de sangue, mas, como ela adormeceu, achei melhor vir logo buscá-lo. Você pode vê-la, se quiser.

Soltei o ar que nem tinha percebido que segurava.

— Anda, vá ver sua colombiana!

Levantei-me com cuidado, apoiando a menina no banco, e segui, o mais rápido que pude, para dentro.

Abri a porta do quarto devagar e então a vi. Estava se mexendo bastante.

— Não... Não... Você não pode levá-la... Não pode... — balbuciava baixo, no meio do sono.

Aproximei-me e segurei sua mão.

— Shhhhhhh... — sussurrei baixinho. — Ela está segura. Você também está, baby. Ninguém irá machucá-la, prometo.

Apertou minha mão instintivamente. As pálpebras movendo-se mais lentamente a cada respiração.

Abriu os olhos depois de alguns minutos.

— Collin... — Piscava com cara de dor. — Ai...

— Estou aqui. — Segurei sua mão.

— Onde está Nina? — Tentou se levantar e eu toquei seu ombro devagar.

— Ela está bem, não se preocupe. Deixei-a na recepção, dormindo. A Sra. Herta está com ela. Meu pai, Tio Alex e Aurora, também.

Soltou um suspiro de alívio.

— Ele nunca mais chegará perto de nenhuma de vocês, Lola. Eu prometo!

Tentou se sentar, mas, no meio do movimento, desistiu, segurando a cabeça com as mãos.

— Maldita concussão! Mal consigo pensar! — Sorriu de lado. Queria parecer animada.

Fechei os olhos por um instante. Havia tantas coisas a dizer, mas o silêncio parecia a melhor escolha.

Lola acariciou minha mão com a sua. Também

não disse nada com palavras, mas nossos olhos conversaram por um longo tempo, até que seu amigo médico entrou. Eu já não conseguia sentir raiva dele.

— Vejo que nossa garota acordou! — Sorriu. — É bom ver que está de volta, Lola.

— Obrigada, Hans. — Estendeu a mão e cumprimentou o médico.

— Bem, preciso dizer que você teve muita sorte, doutora, e, como não há sangramento, creio que esteja tudo em ordem com o bebê.

— Oi? — Lola perguntou assustada.

— A gestação, quero dizer... Oh... — Arregalou os olhos e tapou a boca. — Desculpe, achei que você já soubesse, já que...

Minha visão ficou turva. Pequenos pontos de luz brilhando no meio da escuridão, enquanto eu tentava em vão piscar e piscar. Sentia como se o

trauma fosse em meu cérebro.

O bebê... Gestação... Grávida! Lola está grávida! Como pode estar grávida?

Mirei seus olhos, que me encaravam com igual espanto, buscava o apoio que eu não podia dar.

Grávida... — a palavra não parecia caber em minha vida.

Tapei o rosto com a mão, esfregando e esfregando. Queria acordar, mas não podia, então virei as costas e saí.

Segui o mais rápido que pude para fora do hospital. Sentia-me sufocar, como se o ar que respirava não fosse suficiente.

Grávida...

Ela não podia estar grávida. Eu sempre me preveni. Sempre tomei os cuidados necessários.

Grávida... Lola está grávida...

Parei em frente à praia, sentado no degrau que

dava acesso à areia, encarando o mar mais uma vez. O ir e vir contínuo da vida.

Eu não posso ter um filho. Não posso.

Lola

Fiquei parada ali, olhando o corredor vazio que ele havia deixado.

Grávida? Como eu posso estar grávida?

— Desculpe, Lola, acho que falei demais! — Hans puxou a cadeira e se sentou ao meu lado. — Pela contagem de hormônio, você deve estar perto de dez semanas, por isso imaginei que já soubesse e não quisesse contar.

— Hans não é possível! Eu disse, nós nos prevenimos direitinho!

— Sabe que não existe método contraceptivo com eficácia absoluta, não sabe?

— Mas eu menstruei! — justifiquei como se pudesse mudar alguma coisa.

Meu amigo deu de ombros levemente. Sabia, assim como eu, que contra fatos não havia argumentos.

— Vou pedir que faça uma ultrassonografia. Quero ter certeza de que está tudo bem e então você pode decidir o que fazer. — Segurou minha mão. — Recupere-se primeiro e tenha uma boa conversa com seu namorado depois. Ele é um cara legal e vocês estão apaixonados...

— Collin não quer filhos, Hans...

— Talvez ele mude de ideia.

— Ele tem neurofibromatose — deixei sair porque estava me sufocando.

Meu amigo ficou em silêncio por um tempo, depois acariciou minha mão com carinho.

— Vocês podem fazer um exame e, se o bebê tiver a doença... — deixou a frase morrer.

Respirei fundo, sentindo meu corpo todo arrepiar. Não conseguia pensar no que Hans havia deixado subentendido.

A Holanda era um país liberal, mas, por mais

que estivesse lá havia algum tempo, eu ainda era a mesma Lola de sempre. A garota que enfrentou todas as barreiras da vida com um bebê no colo.

Toquei a barriga por instinto. O peso das palavras ainda doía em minha alma. Não tinha desistido de Nina, não podia desistir desse bebê também.

— Ei, garota, não pense nisso agora! — Hans beijou minha testa, conhecia-me bem o suficiente para saber o que se passava em minha cabeça. — Vamos fazer o ultrassom primeiro. Exames também erram! — Sorriu.

Não era verdade, mas era sua maneira de me dizer que tudo ficaria bem.

Ajeitei-me na cama.

— Posso ver minha filha? — pedi. — Ela viu o acidente, Hans... Nem imagino como está sua cabecinha.

— Pode, sim! Vou pedir a Aurora que a traga, mas evite emoções fortes, Lola. Você pode estar bem, mas precisa descansar.

— Cinco minutos, prometo. Depois peço a Sra. Herta que a leve para casa.

Aquiesceu e deixou o quarto.

Pelas frestas da persiana, encarei o céu azul de Zandvoort. Um bebê... O que eu ia fazer da vida com mais um bebê para cuidar?

Fique calma, Lola. Você já passou por isso uma vez e tinha muito menos maturidade do que hoje. Você vai conseguir.

Eu entendia os medos dele. As dúvidas, o desespero. Não era fácil viver com um diagnóstico como aquele, mas, ainda assim, eu não podia abrir mão daquele pedacinho dele que crescia dentro de mim.

Amor instantâneo...

Tinha sido assim com Nina e, mais uma vez, era como eu me sentia. Toquei a barriga mais uma vez, sorrindo como se ele pudesse me ver.

Tudo vai ficar bem, pequeno!

Ainda sorria, quando a porta se abriu e um pequeno furacão debruçou-se na beirada da cama, tentando subir.

Sentou-se ao meu lado, com a ajuda de Aurora.

Pendurou-se em meu pescoço, apertado, aconchegada em meu colo.

"Eu estou bem, querida. Logo vamos para casa", expliquei assim que me deu seu olhar.

Afundou o rostinho em meus cabelos e ficou, então aproveitei para encarar Aurora, que estava parada em frente à cama.

— Você sabe? — perguntei e ela aquiesceu. — Aurora... — tentei começar, mas as palavras embargaram em minha garganta.

Minha nova amiga se aproximou e beijou o topo da minha cabeça, um sorriso gentil em seu rosto.

— Lola, eu posso ser irmã dele, mas essa é uma decisão só sua. Seja como for, terá o meu apoio. Agora vou deixá-la com Nina. Sei que querem um tempinho a sós.

Assim que a porta se fechou, segurei o rostinho da minha filha entre as mãos. Um filme passava em minha cabeça, tudo que já havíamos vivido juntas e tudo que deixamos de viver porque eu precisava lutar por nós duas.

"Amo você." Sorri e ela sorriu também.

"E eu amo você do tamanho do mar!" Alargou o sorriso.

"E eu amo você do tamanho do céu estrelado." Beijei a ponta do seu nariz.

Não seria fácil ter outro bebê, principalmente se

tivesse que fazer isso sozinha, mas eu daria um jeito. Por mim e por eles.



Capítulo 25

Collin

Meus olhos estavam fechados, a cabeça enterrada nos joelhos, mãos cruzadas na nuca.

Queria sumir, fugir, desaparecer; mas ao mesmo tempo queria voltar. Os sentimentos nunca haviam sido tão ambíguos dentro de mim.

Como se adivinhasse do que eu precisava, o perfume dele se fez presente ao meu lado. Em silêncio. Apenas deixando claro que estava ali.

Papai não disse nada por um longo tempo. Eu também não, mas, pouco a pouco, fui encontrando a calmaria em meio ao furacão.

— Ela está grávida, pai — foi tudo que consegui dizer.

— Aurora me disse...

Levantei os olhos para encontrar os dele. Meu pai, o homem que havia segurado minha mão todas as vezes que a vida me dera uma rasteira.

— O que eu vou fazer? — perguntei.

— Você não quer o bebê?

— Eu não posso! Não posso ter um filho e condená-lo à essa maldita doença!

— Collin, você quer o bebê? — insistiu.

— Não sei explicar, pai! — Cobri o rosto com as mãos.

— Entendo, filho... Você está com medo... Na verdade, está apavorado... É a primeira vez que as coisas fogem do seu controle. — Sorriu.

Não era mentira. Passei boa parte da vida medindo cada passo. Controlando cada novo acontecimento. Não queria deixar nada por fazer. Era como um jogo de xadrez, cada passo medido, esperando pelo próximo, até que a vida me deu um xeque-mate.

Você quer o bebê? — as palavras ainda ecoavam no vazio.

Eu não sabia nem se queria peixe ou massa para o jantar, como podia decidir assim se queria ter um filho? Como podia decidir agora, que ele já estava lá?

— Quando sua mãe me contou que esperava John, eu quase enlouqueci. — Seus olhos miravam o ir e vir contínuo das águas do mar. — Eu a chamei de golpista, acusei de ter planejado tudo e fui embora. Nada daquilo era verdade e eu sabia bem, mas jogar a culpa nos ombros dela deixava os meus mais leves. Eu não queria ter um filho! Não estava preparado para nada daquilo. Tinha acabado de sair de casa, trilhava meu próprio caminho pela primeira vez.

Respirou fundo, ajeitando os cabelos para trás, como sempre fazia quando precisava de um pouco mais de coragem.

— Dirigi até a antiga casa em que cresci.

Sentei-me no degrau da entrada, deste mesmo jeito, como estamos aqui. De repente, um filme foi passando em minha cabeça. Tantas lembranças daquele lugar. Minha mãe chamando na porta. Pedindo que Lucian e eu entrássemos para o jantar. Só mais uma volta, mamãe, ele dizia, enquanto eu o empurrava em seu carro azul de pedais.

Mais uma pausa. Era sempre difícil, para ele, falar do irmão. Tio Lucian havia morrido bem cedo, ainda criança, em um acidente de barco. Meu pai nunca se perdoou, porque estava com ele e não pôde salvá-lo.

— Foi quando tive certeza de que a vida tem seu próprio rumo, Collin. Há beleza nisso... Em não ter o controle de tudo... Em deixar o destino seguir livre... Hoje, não vejo minha vida sem John... Sem vocês... Talvez um dia você pense como eu...

— E se eu não for um bom pai? — questionei

sem encará-lo.

Pai...

A palavra voava solta por meus pensamentos. Sem encontrar um lugar em que se encaixasse de verdade.

Papai segurou meu rosto, fazendo-me encará-lo.

— Então você vai tentar de novo... E de novo... E de novo... Vai acertar algumas vezes e vai errar outras tantas... Não existe um manual, filho, mas, acredite, é o trabalho mais gratificante do mundo.

Seus olhos esverdeados estavam marejados, os meus provavelmente estavam do mesmo jeito.

— Promete uma coisa, pai? — pedi. — Se eu morrer..., você cuida do meu filho?

Meu filho...

As lágrimas desceram devagar, intensificando o tom de verde em sua íris.

— Com o maior prazer do mundo...

Abraçou-me apertado, como se quisesse permanecer comigo para sempre. Depois de um longo tempo, encarou meus olhos.

— Agora é um bom momento para providenciar aquelas flores que eu lhe sugeri comprar... — Sorriu de lado com seu melhor sorriso de Leão.

— Acho que preciso de mais do que flores, pai...

— Imaginei que precisasse, mas não queria influenciá-lo!

Acabei rindo, enquanto o puxava para mais um abraço. Meu pai estava certo, talvez não fosse necessário ter todas as respostas do mundo. Afinal, eu também não tinha todas as perguntas.

Deixei-o no hospital e peguei o carro. Havia uma coisa que eu precisava fazer antes de ver Lola.

— Eu preciso de um anel de noivado — disse assim que a atendente me cumprimentou.

A moça sorriu. Certamente não era comum uma urgência daquelas para um pedido tão importante.

— É claro, senhor! Imagino que queira levá-lo hoje...

— Exato! Preciso levá-lo agora mesmo.

— Ótimo! Vou ver o que consigo.

Trouxe uma bandeja cheia de anéis e colocou em minha frente.

Eu nunca havia comprado um anel na vida. Tinha comprado muitos brincos e pulseiras, gostava de presentear com joias, mas anel nunca. Sequer havia pensado na possibilidade de fazer aquilo, mas naquele momento soube que era o certo a fazer.

— Quero este! — Segurei a peça entre o polegar e o indicador.

Era feito de platina, com dois aros cobertos de

pequenos diamantes e uma grande gota brilhante em cima. Traduzia tudo que eu queria oferecer à Lola com meu pedido. Um pedaço do mar. Uma gota do infinito, ir e vir da vida, minha vida, que seria dela pelo tempo que tivéssemos.

— Só precisa me dizer em que tamanho deseja...

Pensei por um segundo, não fazia ideia de que precisaria de um tamanho. A garota sorriu.

— Vamos fazer o seguinte, vou lhe dar o tamanho que mais vendemos e, se não servir, o senhor poderá trazê-la aqui e trocamos.

Sorri agradecido.

Se ela me aceitasse, então eu viveria cada dia como se fosse o último, esperando nunca ter razão.

A jovem colocou o anel dentro da caixa azul e a cobriu com o laço de fita branco. Entregou-me dentro de uma sacola.

— Parabéns, Sr. Galagher! — Sorriu. — Desejo boa sorte com o pedido.

Dirigi até o hospital, a caixinha pesando em meu bolso, cheia de todos os sentimentos que eu tinha dentro de mim.

Passei pela recepção sem falar com ninguém. Ou ia de uma vez, ou acabaria não indo.

Bati à porta do quarto e entrei.

Minha garota estava lá, deitada na cama, barriga exposta, enquanto uma médica que eu não conhecia deslizava o aparelho em sua pele, buscando algo no monitor.

Assim que passei pela porta, os olhos de Lola voltaram-se para mim. Parecia nervosa, assustada.

— Collin, eu...

— Shhhh... — interrompi. — Vamos ver o nosso bebê! — Sorri de canto e estendi a mão para que ela segurasse.

No mesmo instante, o sorriso brotou em seu rosto, levando um pouco das nuvens consigo.

— Achei! — A médica ligou a tela que ficava na parede. — Vejam só... Temos um pequeno atleta aqui!

Tudo que eu conseguia ver era um borrão pulsando de um lado para o outro, mas era o borrão mais incrível do mundo.

O som foi ligado e as batidas rápidas, ritmadas ecoaram em nosso silêncio. Lola não deixava de sorrir, apertando minha mão, enquanto pequenas lágrimas desciam dos seus olhos.

— Fique tranquila, Lola, o bebê está ótimo e bem protegido. Você está com nove semanas e dois dias, aproximadamente...

Ia falando e falando, mas eu havia parado de escutar no momento em que ela disse que o bebê estava ótimo.

Meu bebê... estava ótimo.

Nada mais no mundo era importante, a certeza de que ele estava bem tornava tudo secundário.

Lola

Eu mal podia conter a felicidade que havia me invadido. Estava ansiosa e completamente perdida, mas tê-lo ali fazia-me crer que realmente tudo se encaixaria.

— Espero por você no consultório, Lola — Heidi disse enquanto desligava o aparelho. — Ficarei muito feliz em acompanhá-la. Tenham um bom dia!

Deixou o quarto, então Collin e eu ficamos sozinhos.

Eu queria dizer várias coisas, mas não conseguia formular uma frase coerente sequer.

— Collin, eu não podia imaginar... Eu... Eu...

— Foi pega de surpresa... — interrompeu. — Está assustada... Um pouco amedrontada... E não faz ideia do que fazer daqui em diante... — Sorriu e eu acabei rindo junto. — Sinto-me exatamente

assim...

Segurei sua mão entre as minhas. Queria dizer a ele que o amava e que já amava nosso bebê também, mas tive medo. Então deixei que meu olhar dissesse o que minha voz se acovardou em falar.

— Um cara muito sábio me disse que a beleza da vida está nas coisas que não conseguimos controlar... — Sorria como se lembrasse de algo bom, depois soltou o ar de uma vez, deixando o sorriso morrer devagar.

Seus olhos estavam nos meus. Suas mãos acariciavam as minhas, nervosamente, como nunca o tinha visto.

— Lola... — falou de repente, como se as palavras precisassem sair de uma vez. — Eu não sei quanto tempo tenho, nem o que irá acontecer amanhã... — Acariciei seu rosto. Queria que

soubesse que eu não me importava com isso. — Não posso lhe prometer uma vida longa e feliz ao meu lado, mas posso prometer que farei cada dia valer a pena. Que transformaremos o tempo que tivermos na eternidade que merecemos...

Comecei a chorar. Lágrimas descendo e descendo, tão rápidas que começaram a turvar minha visão.

— Um dia, na praia, encontrei uma garotinha perdida... — Sorriu. — Para ser sincero, acho que foi ela quem me encontrou, porque o perdido era eu... Você e Nina me deram esperança... Um futuro... E a vontade de vivê-lo intensamente... Então... — Tirou uma caixinha azul de dentro do bolso da calça. — Quero que me dê a honra de chamá-la de minha esposa.

Abriu a caixa e mostrou o conteúdo.

O anel tinha um diamante em formato de gota,

bem no centro, rodeado por pequenos brilhantes menores. Era absolutamente lindo.

Tapei a boca com a mão. Não conseguia parar de chorar, nem mesmo para responder, então balancei a cabeça como uma boba, afirmativamente.

Collin me envolveu em um abraço apertado, acariciando meus cabelos, aconchegando-me em seu peito, como sempre fazia.

— Eu amo você, Lola, Dolores, médica pediatra — sussurrou junto ao meu ouvido.

— Achei que nunca ouviria isso de você, Grande Chef Premiado!

— Digamos que eu não sou tão bom assim em admitir sentimentos! — aquele sorriso lindo brilhando nos lábios. — Mas estou me esforçando.

— Você tem feito um ótimo trabalho, meu amor... — Beijei sua boca carinhosamente, várias

vezes.

— Meu amor soa melhor que Chef Premiado! — Piscou. — Gostei!

Segurou minha mão e deslizou o anel em meu dedo, beijando logo depois.

Respirei fundo e encarei minha mão.

— O mar sempre foi importante para mim... — explicou. — Quando voltei a ouvir, pedia para ir à praia todos os fins de semana e ficava sentado na areia, sentindo o som do mar ecoar dentro de mim. Era como um respirar constante e eterno... E foi por isso que escolhi este anel. — Segurou minha mão, vendo-o brilhar em meu dedo. — Eu lhe dou a eternidade dos dias que me forem permitidos... E, sempre que olhar o mar, vai saber que eu respiro por você.

— Ah, Collin... — Puxei-o para mim.

Nunca tinha sonhado em ouvir algo tão bonito

na vida. Sequer pensava que um dia como aquele aconteceria de verdade comigo, e lá estava eu, recebendo um pedido de casamento cheio de amor, do homem que eu amava e com o qual iria formar uma família de verdade.

— Amo você, Collin... Amo muito! — Sorri.

Depois de ficar um pouco comigo, Collin se foi. Tinha que ir para o restaurante, afinal sábado era o dia de maior movimento. Eu aproveitei para descansar um pouco, já que Nina estaria bem-cuidada pela Sra. Herta, e eu ainda sentia muita dor no quadril. Queria garantir que tudo ficasse bem com o bebê.

Acabei cochilando um pouco e acordei com o telefone tocando. Era o número da minha mãe.

— Lola, graças a Deus! Estava tão preocupada com você... Não sei explicar, querida, um aperto no coração... Como você está? E Nina?

Minha mãe tinha um sexto sentido incrível. Sempre sabia quando algo de ruim acontecia, ou estava para acontecer.

— Agora estamos bem, mãe, mas Paco... — interrompi a frase no meio.

— Eu sempre soube, Dolores, aquele safado ainda seria uma pedra no seu caminho. O que ele fez dessa vez? Não me diga que aquele atraso de vida voltou?

Soltei uma lufada de ar.

Não iria usar o pouco tempo que tínhamos para conversar fazendo-a sofrer por tudo que eu já havia mesmo passado. Resolvi me concentrar no que era bom.

— Paco é uma página virada, mãe. Era isso que eu ia dizer...

— Sinto muito, querida... Queria estar aí com você e nossa menina... É difícil ficar longe, Lola...

Mas estou guardando dinheiro! Vou ver vocês duas em breve!

Sorri encarando o anel em meu dedo, mesmo que ela não pudesse me ver.

— Não vejo a hora, mamãe! Teremos muito o que conversar... Eu... Eu consegui o emprego, mãe. Agora faço realmente parte do corpo clínico do hospital.

— Oh, querida! Seu pai ficaria tão orgulhoso...

Respirei fundo, contendo as lágrimas.

— Mãe... Tem mais uma coisa... — Meu coração batia forte, com medo da reprovação. — Conheci alguém...

A linha ficou muda por um instante, deixando-me ainda mais nervosa.

— Espero que esse alguém a ame como você merece, filha.

— Ah, mamãe, era tudo que eu precisava ouvir

de você! — Senti a primeira lágrima correr.

— Sempre estarei aqui para apoiá-la, Lola... Não importa o caminho que decida seguir, filha, confio na mulher corajosa que criei.

— Obrigada, mamãe. Eu te amo muito.

— Também te amo, querida! E quero saber de tudo! Mas agora preciso ir... Sua Tia Violeta torceu o pé e, se a deixo sozinha, você sabe, ela vai querer se levantar e ainda acabará caindo! Dê um beijo em Nina por mim.

— Tudo bem, mãe! Mande um beijo para Tia Violeta também! — Sorri.

Desliguei o telefone sentindo o coração cheio e em paz. Estava feliz em saber que Collin e eu teríamos a benção de Dona Rosário.

Ajeitei-me na cama e liguei a TV. Nos últimos anos tinha passado tão pouco tempo ociosa, que começava a me sentir estranha.

Não demorou muito para que Hans abrisse a porta.

— Vim ver como minha paciente mais especial está... — Sorriu enquanto entrava.

— Muito bem, doutor... Um pouco enjoada, mas agora já sabemos por quê! — Dei de ombros.

Assim que minha mão direita ficou visível, Hans começou a rir alto.

— Ora, ora... — brincou sentando-se na beirada da cama. — Então quer dizer que, ao invés de atrapalhar, eu ajudei!

Abracei-o carinhosamente.

— Hans você é o melhor amigo que uma garota poderia ter!

— Não vou discordar, Dra. Calderón! Conheço meus dotes! — Riu. — Estou feliz por você, Lola. É bom ver o mundo ser justo de vez em quando!

Aquiesci sorrindo.

— Agora, bem que você podia aproveitar esse clima todo de romance e me apresentar sua cunhada residente! — Levou a mão ao peito. — Meu coração quase para quando ela passa.

Foi minha vez de soltar uma gargalhada.

— Aurora? É sério?

— O quê? Eu sou um cara legal... Estou solteiro... Hum? O que me diz?

— Digo que Aurora tem muita sorte por despertar sentimentos em um cara como você! — Bati meu ombro no dele. — Vou pensar em algo, prometo!

— Ótimo! E, como você é uma boa menina, vou liberá-la para casa, se prometer que irá se cuidar!

— Juro por todos os santos! — Beijei os dedos em cruz.

— Então ligue para o seu cabeludo! — brincou.

Foi o tempo de tomar um banho, vestir um uniforme emprestado do hospital, e a porta se abriu, liberando espaço para uma Nina saltitante entrar.

— Mamãe! — gritou assim que conseguiu subir na cama, jogando-se em meus braços.

Beijei seu cabelinho e acariciei seu rostinho. Vê-la feliz e animada, apesar de tudo que havíamos passado, enchia meu coração de alegria.

— Está pronta, doutora? — Collin perguntou.

— Mais do que pronta! — Sorri.

Ajudou-me a descer da cama e apoiou meus passos até a cadeira de rodas.

— O que acha de uma carona, senhorita? — brincou colocando Nina em meu colo. — Não é sempre que a gente pode dar uma volta dessas por aí!

Seguimos para fora do hospital, direto para o carro.

— Não quero que fique sozinha com Nina, Lola...

Havia preocupação em sua voz e eu compreendia bem. Estava preocupada também.

— Além disso, as escadas... Você ficaria presa em casa por um bom tempo, já que tive ordens expressas de mantê-la em repouso! — Ergueu uma sobrancelha encarando-me, enquanto eu tentava, em vão, encontrar uma alternativa.

Virou-se para trás, baixando um pouco os óculos escuros.

— Nina, o que você acha de passar alguns dias na minha casa? Hum? Poderíamos pegar conchinhas na praia e passear com Black Bart todos os dias!

O rosto da minha filha se acendeu.

— Podemos, mamãe?

Corri os olhos dela para Collin, que ria

vitorioso.

— Isso, sim, é suborno, e dos grandes!

Segurou minha mão, encarando o anel em meu dedo.

— Para onde mais eu as levaria, baby? — Sorriu de canto, fazendo-me derreter um pouco mais.



Capítulo 26

Collin

Acomodei Lola e Nina em meu quarto.

O que são alguns dias no sofá, diante da felicidade de ter minhas meninas comigo?

Deixei Aurora em casa e fui para o restaurante. Não pretendia ficar a noite toda, mas também não podia abandonar meu negócio por tanto tempo.

— Como elas estão, chef? — Lídia perguntou, enquanto preparava o acompanhamento do robalo.

— Ficarão bem, tenho certeza.

— Diga que mandei um beijo.

Aquiesci. Era bom saber que eu tinha uma boa equipe e que, mais do que funcionários, eles eram meus amigos.

Pouco depois das onze da noite, o movimento no restaurante havia reduzido o suficiente para que minha inquietação se tornasse impossível de ignorar.

— Vá para casa, chef! Nós cuidamos de tudo por aqui. — Lídia tocou meu ombro.

Soltei uma lufada de ar.

— Fume um cigarro, pelo menos... — Ergueu uma sobrancelha para mim. — Um pouco de ar fresco lhe fará bem.

Não havia maneira de me concentrar no trabalho. A cena de Lola caída no chão, desacordada, o desespero de Nina...

Como aquele desgraçado, filho da puta, teve coragem?

Eu mal conseguia processar o que poderia ter acontecido caso o socorro não tivesse chegado a tempo.

Nunca fui de desejar o mal das pessoas, mas, se tivesse a sorte de cruzar com aquele maldito covarde, ia ensinar a ele uma pequena lição sobre honra.

Abri a porta dos fundos e tirei um cigarro do bolso. Acendi e dei o primeiro trago, soltando a fumaça devagar.

A parte traseira do restaurante ficava de frente para o muro da central telefônica. O terreno estava abandonado havia algum tempo, não era comum ver pessoas por ali, por isso a movimentação nas árvores, um pouco à frente, chamou minha atenção.

Não tínhamos muitos assaltos em Zandvoort, mas, em época de férias, o turismo também elevava as taxas de arruaceiros e viciados, e isso era péssimo para o meu negócio.

— Ei! — chamei sem me aproximar.

Queria apenas assustar o desavisado e fazê-lo sair de perto do meu restaurante, mas, quando o homem se virou de frente, senti o corpo se retesar.

O filho da puta riu.

— Qual é, companheiro, eu só estava

apreciando o movimento... Ainda não é proibido, certo? — provocou.

Dei um passo à frente e ele fez o mesmo.

— Soube que teve seu dia de herói... — Fungou. — Parece que Lolita tirou mesmo a sorte grande! — Seus olhos miravam o restaurante. — Quem diria...

Fechei a mão em punho, passos lentos até onde ele estava. Já fazia algum tempo que não brigava na rua, mas Paco, certamente, eu iria derrubar.

— Ei, companheiro... — Abriu os braços, rindo. — Estou na paz. Não quero briga, não.

— Não quer briga comigo, mas gosta de bater em mulher, não é?

— Eu? Jamais! Lola é abusada, você sabe, mas eu não pretendia machucá-la, foi um acidente...

Levou a mão ao meu ombro, mas, antes que me tocasse, eu o soquei pelo lado contrário,

desequilibrando-o e fazendo-o ir para trás, quase cair.

— Nunca mais a procure... — Segurei-o pela gola da camiseta e acertei outro soco. — Não fale com ela... — Empurrei-o com o pé em seu abdômen, fazendo-o se chocar com o muro. — Sequer pense nela... Ou se aproxime de qualquer um de nós! Está ouvindo?

O homem limpava o sangue da boca, esforçando-se para parar sobre os próprios pés.

— Agora vá embora... Não é dia de lixo.

Ia lhe dando as costas, não queria me exceder na raiva, apenas dar meu recado, mas o maldito covarde parecia querer me tirar do sério.

— Ei, companheiro, não se esqueça de que ainda posso levar minha filha embora... Você deveria ser mais gentil...

Segurei-o pela gola novamente, empurrando-o

contra o tronco da árvore.

— Faça isso e eu mesmo acabo com você, seu monte de merda, e, acredite, se eu fizer isso nem seu corpo para um enterro decente vão encontrar... Se você ainda não sabe quem sou e quem está comigo, sugiro que descubra...

Soltei-o com força e ele caiu de joelhos. Dei-lhe as costas sem olhar para trás. Não queria continuar lá, ou realmente perderia o controle.

Entrei no restaurante ainda ofegante. Mãos doendo pelos golpes, mas estava de alma lavada. Ao menos o desgraçado havia tido o que merecia.

— Meu Deus, chef, o que houve? — Lídia correu até mim.

Encarei os nós dos dedos machucados e os respingos de sangue em minha camisa.

— Acertei umas contas antigas... — Dei de ombros e peguei a jaqueta. — Você tem razão,

Lídia, é melhor eu ir para casa.

Rodei um pouco pelas ruas, mas não o encontrei mais, então segui direto para casa.

Assim que abri a porta, Aurora acordou. Esperava por mim, como em todas as noites, desde que decidimos morar juntos.

— Ei, você chegou cedo hoje! — Sorriu.

— Estava preocupado com vocês três aqui, sozinhas...

— Ele não é idiota, Collin, sabe que, se vier até aqui, sairá algemado.

— Espero que tenha razão, Aurie...

Tentei passar por ela rápido, mas minha irmã me conhecia bem demais.

— O que houve?

Escondi as mãos instintivamente, e então ela as pegou.

— Por Deus, Collin, o que houve? Você bateu em alguém? — Pensou por um segundo e então arregalou os olhos. — Ele esteve no restaurante?

— Nos fundos, vigiando, como o rato que é.

Conduziu-me até o sofá.

— Você está bem? Aquele homem é mais perigoso do que eu pensava! Você deveria contratar um segurança.

— Não se preocupe, é só um covarde, Aurie. Ele provavelmente queria dinheiro.

— Conte isso ao Tio Alex! Ele vai saber o que fazer.

— Farei isso amanhã, não se preocupe.

— Vou fazer um curativo.

Segurei suas mãos junto das minhas.

— Não precisa, mesmo. Estou bem, só um pouco dolorido. Fazia tempo que não socava ninguém! — Dei de ombros e Aurora riu.

— Parece que não perdeu a forma!

— É como andar de bicicleta!

— Collin! — Bateu em minhas costas.

— Estão dormindo? — perguntei quando paramos de rir.

— Na última vez que passei pelo corredor, sim.

— Ótimo! Lola precisa descansar.

— Vai contar a ela sobre o que houve, não é?

Cocei a barba porque não queria discordar dela. Sabia que tinha razão.

— Precisa! Ela vai querer saber.

— Conto amanhã, quando estivermos sozinhos.

Aurora acariciou meu rosto com carinho, ajeitando uma mecha solta de cabelo atrás da orelha.

— Estou tão feliz por você... Você nem imagina...

Puxei-a para os meus braços. Por mais que

crescesse, seria sempre minha bonequinha.

— Arrumei um colchão para você no quarto... Sei que o sofá não é confortável para alguém do seu tamanho.

Apertei-a mais forte, beijando seu cabelo e segurando perto de mim.

Acordei com barulhos na cozinha. Olhei Aurora ainda adormecida e tive certeza de que Lola, Dolores, médica pediatra, daria bastante trabalho para manter seu repouso.

Levantei-me da cama e escovei os dentes. Minhas mãos estavam bem melhores, somente os nós dos dedos, um pouco inchados. Prendi os cabelos em um elástico e segui para a cozinha. Era domingo, mas achei melhor não ir a Roterdã. Um pouco de tranquilidade faria bem à adaptação de Nina e certamente Lola descansaria melhor.

— Fiz café! — Sorriu assim que me viu. —

Aliás, tenho que dizer, amei sua cafeteira! Meu Deus, quero uma dessas!

Ia brigar com ela por estar de pé, mas acabei sorrindo.

— Minha cafeteira é sua cafeteira, baby...

Lola sorriu sem graça, o mesmo rubor em suas bochechas que eu tanto gostava de ver.

Caminhei até ela e beijei o topo de sua cabeça.

— Bom dia! — sussurrei.

— Preparei omelete. Ia preparar arepas, mas, ao que parece, um chef renomado não tem farinha de milho em sua cozinha!

Ri mais alto.

— Vou anotar na lista de compras.

Serviu metade da omelete em cada um dos pratos de sobremesa, enquanto eu a encarava.

— O quê? — Ajeitou o cabelo nervosa. — Você faz isso de propósito, não é? Sabe que eu fico

sem jeito!

— Estou apenas aproveitando a visão que tenho de uma garota linda, enquanto cozinha para mim! — Dei um passo à frente, diminuindo o espaço entre nós. — Ser cozinheiro, às vezes, é uma maldição, sabia? — Sorri maliciosamente para ela.

— É mesmo, Grande Chef Premiado? — Encarou a brincadeira, aproximando-se um pouco mais de mim.

— É triste...

Deu mais um passo e eu a puxei para mim, segurando-a pela cintura.

— Nossa, colombiana, como eu quero te beijar agora! — confessei.

— Sugiro que aproveite, já que minha pequena guardiã ainda dorme — provocou e eu não resisti mais.

Abri espaço entre seus lábios e toquei sua

língua com a minha, acariciando devagar, mordiscando, sugando. Beijar Lola era como provar o melhor prato, do melhor restaurante do mundo. Ao mesmo tempo que eu queria tudo de uma vez, também queria saborear cada segundo completamente.

— Hum... — Eu nunca vou me cansar de te beijar, Collin...

— Conto com isso, doutora! — brinquei, rindo contra seus lábios.

Para nossa sorte, Black Bart correu para o quarto, assim que Nina chamou, dando-nos tempo para nos recompormos.

— Ufa! — Alisou os cabelos para trás. — Precisamos resolver logo isso!

— Resolveremos, baby. Tenho certeza de que Nina vai gostar de saber que terá um irmãozinho.

Poucos segundos depois, uma garotinha

descabelada apareceu na sala.

“Bom dia, pequena!”, eu disse assim que caminhou para perto da cozinha, ainda sem os aparelhos.

“Bom dia”, respondeu sentando-se ao meu lado. “Oba! Mamãe fez omelete.”

Pegou um dos pratos e começou a comer.

Lola empurrou o outro prato para mim.

— Você não vai comer? — questionei.

— Deus sabe o trabalho que deu fazer o café sem vomitar! Aliás, nos últimos dias tem sido assim. Por isso Hans cometeu aquele deslize. Achou que eu já sabia e que estava escondendo do hospital por ter sido contratada há pouco tempo! — Deu de ombros.

— Baby, eu podia ter preparado o café, sem nenhum problema. Não quero que se esforce. Aliás, sente-se aqui. — Levei-a até a poltrona. — Não

quero que se canse.

— Já roubamos seu quarto, o mínimo que posso fazer é retribuir a gentileza.

— Você ainda não entendeu, não é? — Sorri aproveitando que Nina havia se distraído com dois pássaros em minha janela.

Estendi a mão e segurei as de Lola.

— Baby, você será minha esposa, tão logo queira. Esta casa é sua e de Nina também.

Sorriu, baixando um pouco os olhos.

— Ainda não consigo acreditar... Parece um sonho tão perfeito...

— É um sonho perfeito, Lola, Dolores, e é real. — Levei suas mãos à boca e as beijei.

Depois do café, Lola trocou as roupas de Nina e colocou os arcos. Sentamo-nos na mesa do deque, para aproveitar um pouco do sol da manhã. Aurora já havia seguido para Roterdã.

O dia estava morno e agradável, com aquela brisa contínua que tínhamos na Holanda.

— Mamãe, podemos passear na praia? — Nina pediu. — É muito triste ficar olhando o mar aqui de longe! — Deixou os braços cair, desanimada.

Era difícil convencer uma criança a observar o mar tão de perto, sem ao menos sentir a água nos pés.

— Tive uma ótima ideia... O que acha de ir comigo até o mercado de produtores na ponta da praia? — ofereci. — Podemos ir caminhando, enquanto sua mãe descansa um pouco. E faremos peixe com fritas para o almoço, o que acha?

Os grandes olhos escuros de Marina se acenderam.

— E Black Bart pode ir conosco?

— Não seria um passeio completo sem ele!

— Oba!!! — Pulou animada. — Eu posso,

mamãe?

— Se Collin acha que dá conta de você... — Deu de ombros. — Por mim, tudo bem!

Segurei sua mão e seguimos pela areia, com meu cachorro latindo e correndo em volta, como de costume.

Estava com o celular a postos, para o caso de Lola precisar de ajuda, mas Tio Alex havia confirmado por mensagem que a polícia faria rondas perto de casa, para evitar que Paco tentasse se aproximar mais uma vez.

Havíamos nos distanciado um pouco das casas, quando Nina parou de repente.

— Olha, uma estrela do mar! — Abaixou-se encarando o pequeno animal, que havia ficado na areia, com a baixa da maré. — Ela é tão linda...

Black Bart se aproximou, enfiando o focinho no pobre animal.

— Ei, cuidado! Você vai assustá-la! — Nina recriminou.

Abaixei-me perto de sua altura e estendi a mão para salvar a estrela do ataque de curiosidade do cão.

Quando era menino, em nossos passeios à praia, adorava acordar bem cedo e sair com John pela areia, procurando estrelas do mar para salvar.

— Quando eu era pequeno como você... — comecei. — Martina, nossa governanta, contava uma antiga lenda de pescadores, que dizia que as estrelas do mar, na verdade, são sereias e tritões, que ficam perdidos em terra firme, depois que o dia nasce. Ela dizia que, se salvarmos uma estrela, ganhamos um amigo no mar para sempre.

Os olhinhos de Nina brilharam.

— Uma sereia? Mesmo? — questionou desconfiada.

Dei de ombros.

— É uma lenda... Você precisa acreditar, para que se torne realidade...

— Você vai salvar essa? — Apontou para a pequena estrela em minha palma.

— Achei que você poderia salvá-la... O que acha? Eu já tenho uma porção de amigos no mar!

Segurei sua mãozinha aberta e coloquei a estrela, seguindo com ela até onde as ondas se perdiam na areia.

— Pode colocá-la aqui, depois da espuma, e então, quando uma nova onda vier, ela conseguirá voltar para casa.

A menina se abaixou animada, colocou o animal e esperou pela próxima onda. Assim que a água levou a estrela, sorriu, balançando as mãozinhas em cumprimento.

— Tchau, estrelinha! Espero que você consiga

voltar para sua casa!

Nunca havia pensado em ter filhos, até que aquela menina entrou em minha vida.

Marina...

Havia de fato feito jus ao nome e se tornado o lugar perfeito para que meu velho barco, sem rumo, encontrasse paz, e eu não permitiria que ninguém mais a magoasse. Nina fazia parte de mim também.

Pouco antes da feira, demonstrou cansaço.

— O que acha de subir em meus ombros, hum? Posso carregá-la bem alto, assim você enxerga a praia toda!

Aquiesceu e eu a levantei.

A feira de produtores tinha um pouco de tudo. Embutidos, hortaliças, frutos do mar e peixes, algumas aves, grãos, mel, pães e doces. Era um dos meus passeios preferidos, em época de colheita.

Comprei peixe e batatas, além de ingredientes

para salada e um pote novo de mel. Nina se encantou pelos colares e pulseiras enfeitados de conchas.

Eu a desci dos ombros e coloquei em frente à banca, para que pudesse escolher o que mais lhe agradasse.

— O que acha deste? — Mostrou o pulso animada.

— Acho que ficou muito bonito, senhorita! Combina com isto aqui. O que acha?

Coloquei a bolsa à tiracolo em seu braço.

— Assim, se encontrarmos conchas na volta, você poderá levá-las para casa.

Nina sorriu e Black Bart latiu, demonstrando sua concordância.

— Vamos levar a pulseira e a bolsa — expliquei.

— Podemos levar algo para a mamãe?

— É claro! Escolha algo para sua mãe. Ela ficará muito feliz.

Começou a mexer nos colares e brincos, toda feliz e animada.

— E podemos levar este para Aurora?

— Sim! Podemos levar o que você escolher... — Sorri de volta.

Ela separou o que quis e foi entregando para a vendedora fazer os pacotes. Explicando os nomes que iriam por fora, para que não se confundisse com os presentes.

Paguei e estendi a mão para que ela segurasse.

— Você tem um pai muito legal, jovenzinha! — a senhora, dona da barraca, falou. — Espero que continuem unidos assim para sempre!

Nina suspirou e eu agradeci com um menear de cabeça.

Pelo que restou do caminho, ficou em silêncio.

Estávamos quase em casa, quando Nina diminuiu os passos.

— Está cansada, pequena? — Abaixei-me para que pudesse falar com ela.

Negou com a cabeça.

— Algo a chateou? Posso ajudar?

Soltou uma lufada de ar.

— Aquela mulher estava errada... — Baixou os olhos para a areia. — Meu pai não é mais um pai legal...

— Seu pai está passando por um momento complicado, querida... Sei que ele irá pensar nas coisas que fez e se desculpar, na hora certa.

— Queria que aquela mulher tivesse razão...

Demorei um segundo para entender, mas, quando a ficha caiu, eu a puxei para mim, deixando as sacolas caírem e abraçando seu corpinho pequeno contra o meu.

— Vou ficar com você pelo tempo que você quiser, Nina...

Acariciou meu rosto carinhosamente, deslizando pela barba e seguindo até o amplificador do meu aparelho. Depois tocou os próprios arcos, como se quisesse mostrar a conexão entre nós. Éramos mesmo parecidos, ainda que nossas histórias tivessem acabado de se unir.

— Agora venha, eu a levo nos braços até em casa. O caminho ainda é longo.

Lola

Quando o vi caminhar com minha filha pela areia, meu coração se encheu de tanto amor, que parecia querer explodir.

Nunca havia pensado em seguir em frente com outra pessoa, porque meu maior medo era que Marina se sentisse excluída de alguma maneira, até que conheci Collin Van Galagher. Desde o primeiro momento, o que mais havia me encantado naquele homem era o amor que ele tinha por ela.

Saí de casa para esperá-los no deque. Meu quadril ainda não estava bom para descer escadas.

— Mas é muita folga! — repreendi rindo, enquanto Nina se aninhava nos braços de Collin.

Não que eu pudesse culpá-la, já que tudo que eu mais queria era fazer o mesmo.

— Tudo bem, baby, tem espaço para mais uma garota aqui! — Deixou as compras sobre a mesa e

estendeu a mão para mim, puxando-me para si e beijando minha testa. — Nina comprou presentes para todos! — avisou.

— Mamãe você vai amar o que eu escolhi! — contou animada, ostentando uma bolsinha de tecido, toda enfeitada por conchas.

Nina puxou-me pela mão, tão logo foi colocada no chão.

— Vem, mamãe, vem ver!

Collin seguiu direto para a cozinha, enquanto eu me sentava no sofá para ver as novas aquisições de Marina.

— Filha, não acredito que você fez Collin comprar tudo isso! — Indiquei os pacotinhos de presente com a mão. — Você não pode ser mole assim com ela, não! Esta garotinha aqui é uma pequena ditadorazinha, não se engane!

Collin riu e acabamos rindo os três.

O almoço foi servido na mesa do deque, já que o dia seguia agradável e ameno.

Comemos peixe frito com batatas e uma salada de folhas com um delicioso molho de limão siciliano.

Era quase fim de tarde, quando Nina pediu para brincar um pouco na água e Collin me ajudou a descer as escadas.

Nós nos sentamos na areia e ficamos observando-a brincar.

— Preciso contar uma coisa... — disse encarando-me sério. — Paco esteve no restaurante ontem.

Tapei a boca com as mãos.

— Não se preocupe, baby, lidei com ele. Só estou contando porque não quero começar nossa vida com segredos.

— Ele não vai desistir... Collin... Não vai... —

aflição tomando conta de mim.

Segurou minhas mãos e depois me abraçou. Um abraço carinhoso e protetor.

— Não vou permitir que ele se aproxime de você ou de Nina novamente, Lola, nunca mais.

— Sinto muito por tudo isso... — Baixei os olhos para a areia. Estava envergonhada por tudo que havia trazido para sua vida.

— Ei, baby... — Segurou meu rosto entre as mãos, como se lesse meus pensamentos. — Tudo que você e Nina são para mim, vale qualquer coisa... Estou feliz que estejam comigo.

Sorri.

— Vem cá, colombiana, me deixe sentir um pouco do seu perfume, pelo menos... — pediu com aquele sorriso torto que me tirava o ar.

Abriu o braço e eu me aconcheguei em seu peito. Queria que Nina começasse a nos ver juntos,

porque não tínhamos muito tempo para contar a ela. Logo minha barriga iria começar a aparecer.

— Não se preocupe com a escola de Nina amanhã. Eu mesmo posso levá-la e buscá-la, até você decidir se prefere mudá-la para outra escola.

Aquiesci. Não era mais uma distância tão curta, que eu pudesse fazer a pé.

— Você dirige? Podemos comprar outro carro, quando estiver recuperada. Um mais confortável, que comporte cadeirinhas e essas coisas todas de bebês...

Comecei a rir.

— O quê? Estou tentando pensar nas coisas, sei lá! — Riu comigo, esfregando as mãos no rosto. — Nunca pensei que viveria isso, Lola. Estou muito perdido! Muito mesmo!

Segurei sua mão e coloquei sobre minha barriga.

— Você será um ótimo pai, Collin. O melhor... Não tem que se preocupar com nada, porque já tem o essencial... — Beijei seu rosto, sua mão ainda em meu ventre.

— Confia mesmo, tanto assim, em mim?

— Vejo o carinho que você tem com Nina e Aurora, seus sobrinhos... Acho que nunca conheci um homem tão gentil e amoroso como você...

Beijou meu rosto e permaneceu ali, respirando junto à minha pele.

— Obrigado por me dar algo de que nunca pensei ser merecedor, Lola... Achei que este navio nunca teria tripulação e veja como estamos agora...

Abracei-o mais apertado.

— Sinto lhe informar, Sr. Chef Premiado, mas seus dias de solteirice acabaram!

Collin ia me beijar, quando fomos interrompidos por uma criança saltitante e um

cachorro ensopado.

— Ei, garoto, calma aí! — reclamou, já deitado de costas na areia, com Black Bart lambendo seu rosto e mãos.

Nina e eu fomos direto para o banho, enquanto Collin tirava a areia do cachorro com a mangueira do deque.

— Amanhã vou passar em casa, enquanto você estiver na escola, e pegar algumas roupas. O que acha de ficarmos mais alguns dias aqui, querida? — perguntei enquanto secava seu cabelo.

Queria que minha filha estivesse confortável com as mudanças, porque sabia que eram grandes e profundas.

Ainda não tinha conseguido entrar no assunto Paco com ela, desde o hospital.

— Você pode trazer meus lápis e a Pepita? — pediu.

Pepita era uma velha boneca de pano, que mamãe havia feito para mim e que agora pertencia à Nina.

— É claro que sim! Trago também sua tiara de unicórnio e todas as suas pulseiras e maquiagens.

— Oba!!! Aí eu vou poder mostrar tudo para Aurora!

— Eu acho que ela vai gostar muito de ver suas maquiagens... E talvez até tope servir de modelo para você, o que acha?

Seu sorriso a denunciou e meu coração ficou em paz.

Coloquei-a na cama logo depois do jantar, já que ela teria aula na segunda bem cedo. A escola tinha dado mais alguns dias de folga, mas, quanto mais tempo Nina ficasse fora, mais demoraria a se adaptar novamente.

Assim que adormeceu, eu me levantei com

cuidado e segui de volta para a sala.

Collin estava com o notebook ligado, parecia concentrado, então eu não quis interromper. Servi água em um copo e estava pronta para voltar para o quarto, quando ele alisou os cabelos para trás e bufou desanimado.

— Tudo bem? — perguntei preocupada.

— Esse maldito texto que Aurora quer que eu escreva, nunca consigo! — confessou.

— E qual é o tema?

— Surdez! — Deu de ombros. — Não gosto de falar sobre mim.

Cheguei mais perto e ele me puxou para o seu colo, beijando minha boca devagar, como se quisesse ganhar tempo.

— Ela está certa quando diz que eu poderia ajudar as pessoas com meu caso, mas odeio me expor assim!

Acariciei seu rosto com carinho.

— Talvez ainda não seja a hora de você contar essa história, amor...

Sorriu de canto, encarando meus olhos.

— Você faz tudo parecer mais simples... Dá vontade de escrever só para chegar na parte em que fui salvo por uma colombiana falante e meio maluca.

— Meio maluca? — repeti.

— Eu ia dizer completamente maluca, mas achei que você podia se magoar...

— Sei!!!

Suas mãos subiram pelas minhas coxas até o quadril, enquanto beijava meu pescoço, fazendo-me arrepiar com seu toque.

— Quanto tempo mesmo de recuperação, doutora? — questionou.

— Duas semanas... Duas longas e

intermináveis semanas... — Revirei os olhos de decepção e Collin acabou rindo alto.

— Que droga!

— Isso define bem! — concordei.

— Mas é por uma boa causa...

— Concordamos com isso também! — brinquei.

Ainda estávamos nos beijando, quando a porta se abriu e Aurora passou por ela com Trevor.

— Ei, vocês deviam ter colocado o casaco na maçaneta! — brincou fazendo Collin gargalhar.

— Bem que eu gostaria, companheiro, mas Lola está de repouso por causa do... — a frase morreu em sua boca, fazendo-me arregalar os olhos, já que havíamos combinado de manter segredo por um tempo.

— Por causa do quê? — Trevor pegou a notícia no ar.

Collin pigarreou e eu tentei não o encarar, mas a merda toda já havia sido feita.

— Não me diga que... — Chegou mais perto, estendendo a mão para segurar as minhas.

Tentei não sorrir, mas era quase impossível.

— Vocês dois são muito amadores! — Aurora balançava a cabeça negativamente. — Vim de Roterdã até aqui sem abrir a boca, para isso!

Collin começou a rir alto, no momento em que o irmão percebeu o anel em meu dedo.

— É sério? — Trevor insistiu. — Meu Deus, Lola, eu vou mesmo ser tio? — Aquiesci e ele puxou-me para um abraço apertado. — Ei, garota, quando a conheci, tive certeza de que era a mulher certa! Estou muito feliz por vocês.

Beijou o topo da minha cabeça, a mão repousando em minha barriga.

— Meu primeiro sobrinho... Nem consigo

acreditar!

Beijou minha mão e respirou fundo, os olhos azuis marejados, encarando o irmão.

— É, companheiro, parece que esse barco finalmente encontrou seu porto.

Deram um abraço longo e apertado. Collin e Trevor deviam ter a mesma idade e certamente tinham muito em comum.

Eu não tive irmão, mas, vendo aquela cena, tive certeza de que meus filhos teriam a sorte que eu não tive.

— Papai vai enlouquecer quando souber, Collin! Ele tem aquele jeito de durão, mas esse bebezinho vai quebrar aquele velho lobo do mar em dois!

Rimos, os três.

— Eu falo sério! Ele é louco para ter netos!

— Combinamos de manter segredo até que

Nina saiba... — expliquei. — Quero que seja um bom momento para ela.

— Tem toda razão. Não há por que ter pressa, não se preocupem comigo. Juro que sou melhor em guardar segredos do que vocês dois! — brincou. — E o brinde? Porque uma notícia dessas não se dá sem um brinde!

Collin abriu a geladeira e pegou uma garrafa de champanhe, enquanto Aurora separava as taças e enchia uma com suco de laranja para mim.

Trevor segurou a garrafa nas mãos, mirando o bico para o lado de fora da janela.

— Ao primeiro integrante da segunda geração de Harts, que sua vida seja tão perfeita e cheia de saúde quanto o amor que já sentimos por você!

Collin passou o braço pelos meus ombros, puxando meu rosto para si e beijando o topo da minha cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Descobri naquele momento que não havia ponto máximo para a felicidade que sentia em meu peito.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 27

Collin

No dia seguinte, depois de deixar Marina na escola, seguimos para Roterdã. Lola precisava prestar depoimento sobre a tentativa de rapto e, como já havia um processo aberto contra Paco na cidade, Tio Alex conseguiu concentrar tudo.

— Não se preocupe, Lola, são apenas formalidades que engrossarão meu pedido de guarda unilateral — Tio Alex explicou. — Estarei ao seu lado o tempo todo.

Aguardávamos na recepção, quando meu telefone tocou.

— Oi, Jens! — atendi assim que reconheci o número.

— Filho, sei que, provavelmente, está ocupado, mas preciso que passe pela empresa, assim que possível. Vamos negociar um conjunto de ações, aquelas sobre as quais Trevor já conversou com

você e precisamos da sua assinatura.

Encarei Tio Alex por um segundo.

— Um minuto. — Silenciei o telefone. — Tudo bem se eu der uma saída, Lola? Meu pai precisa de uma assinatura e, como não posso mesmo entrar com vocês...

— Claro, não se preocupe.

— Levo Lola até a Hart Holding. Acho que ela ainda não conhece seu outro pai, não é? — Sorriu.

— O que acha, baby? Está preparada?

Lola sorriu, então eu soube que era uma boa ideia.

— O que acha de almoçarmos juntos, Jens? Quero lhe apresentar uma pessoa.

— Espero por você, filho. Será um prazer.

Despedi-me dos dois e entrei no carro, o coração batendo forte.

Era engraçado, porque eu nunca havia pensado

em dar aquele tipo de notícia ao meu pai. Jens era bom em guardar segredos e achei que seria um bom momento para nós.

Parei na frente da empresa e entreguei a chave ao manobrista.

A Hart Holding ocupava um grande prédio de vidro, em um centro comercial perto do Porto de Roterdã.

— Meu pai está na sala dele? — perguntei à recepcionista.

— Sim, Sr. Galagher. Ele espera pelo senhor.

Subi as escadas e encontrei Trevor no meio do corredor.

— Ei, isso, sim, é novidade! Você por aqui tão cedo... — cumprimentou-me com um aperto de mãos, seguido de um abraço.

— Papai me chamou.

— Cara, juro que não disse nada para ele! —

defendeu-se.

— Não, não é nada disso. Disse que precisa de uma assinatura.

— Abra o olho com o Sr. Hart! Ele está desconfiado de algo, porque eu já havia dito a ele que levaria o documento até Zandvoort amanhã.

Rimos, os dois.

— Olhos de águia e o faro de um perdigueiro, você sabe! — Trevor brincou e eu concordei.

— Vou contar a ele... — confessei.

— Ele ficará muito feliz, Collin. Sabe o quanto ele o ama e como gosta quando você dá a ele um desses momentos de pai e filho.

Meneei a cabeça em concordância e segui até a grande sala, no fim do corredor.

— Meu pai...

— Espera por você! — A secretária sorriu.

Abri a porta e o encontrei em sua mesa.

Os olhos, concentrados na tela do computador, voltaram-se para mim, assim que passei pela porta.

— Bom dia! — cumprimentei caminhando até a mesa. — Como está nesta bela manhã de sol, Sr. Hart?

Meu pai se levantou, ajeitando o terno completo, sempre bem-cortado e ajustado. Ainda guardava a mesma postura altiva que tinha quando o conheci.

— Muito bem, obrigado. É um prazer vê-lo por aqui, filho. — Estendeu a mão para cumprimentar e eu o abracei.

— Queria mesmo conversar com você...

— Sente-se. — Indicou a cadeira à sua frente.

— O que acha de darmos uma volta pelo jardim? Está um dia bonito lá fora... — propus e Jens sorriu.

— Uma caminhada seria ótimo.

Descemos pelo elevador privativo, direto no jardim que ficava entre os prédios. Havia um pequeno lago, com peixes coloridos nadando de um lado para outro.

Debrucei-me no guarda-corpo e meu pai se encostou ao meu lado.

Suspirei. Não sabia como entrar no assunto.

— Filho, na verdade eu não precisava, exatamente, que viesse aqui... — confessou.

— Imaginei que não... Mas achei que seria bom conversarmos pessoalmente. — Sorri.

— Sabe que pode contar comigo para o que precisar, não sabe? Alexander é um excelente advogado, mas eu ainda tenho meus contatos. Posso me livrar daquele desgraçado em um estalar de dedos. — Estreitou as sobrancelhas, porque falava sério.

Jens Van Hart sempre conseguia o que queria e

essa era outra coisa que não havia mudado com o tempo.

— Tudo bem, pai. Tio Alex está com tudo sob controle, mas obrigado assim mesmo. É bom saber que posso contar com você.

— Sabe, Collin... — meu pai começou. — Quando voltei de Marselha, disposto a tomar você do seu pai, eu não entendia nada de amor. — Sorriu. — Precisei de um tempo para entender que um sentimento nobre como esse jamais nasceria do egoísmo... Estou muito orgulhoso do homem que ajudei a criar...

— Ah, pai... — Puxei-o para um abraço apertado.

Adrian podia ser meu pai, mas Jens, de um jeito diferente, também era.

Segurou meu rosto entre suas mãos.

— Jamais me arrependi de tê-lo, ainda que a

vida nos tenha afastado por algum tempo.

— Poucos anos, pai! E veja só, estamos aqui, juntos, mesmo depois de tudo.

Jens sorriu de lado.

— Gosto quando me chama de pai...

— Também gosto de chamá-lo assim. Você é muito importante para mim, Sr. Hart! — Sorri. — E digo mais... O senhor precisa cuidar melhor da saúde, ou não conseguirá ensinar seu neto a montar, como fez com seus filhos!

— Não seja bobo, garoto! — repreendeu antes de processar a frase e quando o fez... parou e franziu a testa.

— Espere...

Não consegui conter o sorriso, e meu pai não demorou a sorrir também.

— Collin...

— Eu sei, também demorei a crer!

— Filho... — Puxou-me para seus braços. — Você nem faz ideia de como estou feliz!

— Obrigado, pai.

— Não tenho dúvidas de que você será um excelente pai! — Encarou-me com seus profundos olhos azuis.

— Vou me esforçar todos os dias, para ser tão bom quanto os exemplos que tenho em minha vida.

— E quando vou conhecer Lola? Quero saber quem é a garota de sorte que fisgou o coração do meu filho!

— Daqui a pouco, Sr. Hart! Ela tinha alguns assuntos para resolver com Tio Alex e virá nos encontrar.

— Eu soube do que houve, Collin. Sinto muito. Fico feliz que estejam todos bem. — Os olhos se perderam no mar, ao fundo. — Lembro-me do quanto Joanne demorou a se recuperar daquele

maldito sequestro. Às vezes penso que seu irmão nem se recuperou ainda... Mas vamos nos concentrar em coisas felizes... — Sorriu. — Para quando é o bebê?

— Para a primavera, pai.

— Uma excelente época para recomeços...

Passou o braço em torno dos meus ombros e seguimos lado a lado, até o final da alameda, de onde podíamos ver o porto.

— Quero lhe dar um presente, filho... Tenho pensado nisso, já que seus irmãos preferem a badalação de Roterdã à tranquilidade do mar...

Encarei-o sem entender.

— Pouco antes de falecer, seu avô comprou uma propriedade em Zandvoort. Estive lá poucas vezes, mas guardo boas lembranças. Fui muito feliz nos momentos em que passei lá. É uma bela propriedade.

— Pai, sabe que não tem que se preocupar com nada disso... — Toquei sua mão com a minha.

— Quando você se estabeleceu na cidade, mandei reformar em sigilo. Imaginei que um dia você precisaria de um lugar maior do que o que tem hoje. Quero que aceite, filho. Você me faria muito feliz se a primeira casa de sua nova família fosse dada por mim.

— Ah, pai, é claro que aceito! — Abracei-o carinhosamente.

— Podemos conhecer o lugar, após o almoço. Quero que Lola conheça também. Sabe o que dizem, não é? — Ergueu uma sobrancelha para mim.

— Esposa feliz, vida feliz! — brinquei.

— Exatamente! E por falar em esposa... Pretendem formalizar?

— Eu fiz o pedido... — Sorri.

— Ótimo!

— Estamos esperando o momento certo de contar à Nina, pai. Sabe como essas coisas podem ser complicadas... A menina passou por tanta coisa...

— Vocês saberão o momento certo, acredite.

Meu celular vibrou no bolso.

— Acho que Lola chegou.

— Então vamos conhecer essa garota de sorte.

Lola

Levantei-me da cadeira, na sala do investigador, sentindo-me um pouco mais leve. Por muito tempo, pensei que talvez Paco tivesse razão e eu estivesse mesmo sendo muito dura com ele, afinal de contas ele tinha deixado a Colômbia para se aventurar comigo, atrás do meu sonho.

Deixei de pensar assim quando ele me deixou sozinha, com Nina se recuperando no hospital. Naquele dia, qualquer sentimento que pudesse ter existido entre nós morreu.

— Sr. Persen... — chamei assim que entramos no táxi.

— Alex... Pode me chamar de Alex, Lola. Não há razão para formalidades entre nós.

— Ok, Alex... — Sorri, mas o sorriso morreu rápido. — Eu queria denunciar Leij para o Conselho de Medicina, por ter negligenciado o

primeiro atendimento à Marina. Acha que devo?

Alexander virou-se para mim, os olhos claros mirando os meus. Era o tipo de amigo para quem a gente sempre quer pedir um conselho.

— Você tem todo o direito de fazer isso, e acho até que conseguiríamos a punição máxima, com a cassação do direito do diploma, mas penso que o mais importante agora é Marina e você bem e seguras. Vamos esperar toda a situação da guarda ser finalizada e, se você ainda tiver esse desejo, entraremos com o processo. O que acha?

Baixei os olhos para minhas mãos e ele as segurou.

— Aprendi a duras penas que o mal se pune sozinho, Lola. Acredite, uma consciência pesada é um fardo duro. Nina está bem, recuperou-se e terá uma vida maravilhosa. Se quer mesmo meu conselho, deixe para trás tudo que a fez sofrer e

siga para sua nova vida com os ombros vazios.

Sorriu e eu sorri também.

— Mas estou à disposição, como advogado e como tio, para qualquer decisão que tome.

— Obrigada.

— É um prazer ajudar.

Seguimos até a zona portuária de Roterdã. Eu ainda não conhecia o lugar.

Passamos pela portaria de um condomínio e seguimos até um prédio de vidro, então Alexander se dirigiu à recepção.

— Boa tarde! Procuro pelo Sr. Hart. Sou Alexander Persen.

— Boa tarde, senhor! O Sr. Hart e o filho saíram caminhando pela alameda, Sr. Persen — a recepcionista avisou.

Eu nunca havia entrado em um condomínio empresarial bonito como aquele. Parecia saído de

uma revista.

Caminhei ao lado de Alexander, margeando o jardim, até que avistei Collin ao lado de um homem mais velho, elegante e muito bonito. Alguns traços e trejeitos deixavam claro que havia parentesco entre eles.

— Baby... — Puxou-me para perto. — Este é meu pai, o outro! — brincou. — Jens Van Hart, esta é a Dra. Dolores Calderón, a garota que roubou meu coração.

O homem segurou minha mão e a levou à boca, em um gesto gentil.

— É um prazer, finalmente, conhecê-la, doutora.

— Lola... — pedi.

— Lola... — Sorriu. Tinha os mesmos olhos de Trevor. Aliás, o filho era uma cópia fiel dele. — Vejo por que meu filho se apaixonou tão

perdidamente por você... Tem lindos olhos e um sorriso contagiante.

— Obrigada. — Ajeitei uma mecha de cabelo, um pouco sem jeito.

— Almoça conosco, Persen? — Sr. Hart convidou.

— Agradeço o convite, Hart, mas combinei de almoçar com Lou.

Seguimos no carro de Collin, direto para o Euromast.

— Já conhece o restaurante, Lola? — perguntou do banco da frente, ao lado do filho.

— Ainda não tive oportunidade, mas parece um ótimo lugar.

Collin estacionou e subimos pelo elevador panorâmico. Eu tinha ido até lá apenas uma vez, logo que cheguei à Holanda, mas era mesmo um lugar incrível. A vista da cidade em 180 graus era

de tirar o fôlego.

Ocupamos uma das mesas vazias, indicada pela recepcionista, e Jens abriu o cardápio.

— Se permite, minha nora, gostaria de sugerir um prato.

— Por favor... — respondi animada e envaidecida. Era a primeira vez que alguém se referia a mim daquela maneira.

— Sei que meu filho é o grande chef da família, mas faço questão de conduzir nossa refeição, como um bom anfitrião.

Collin riu, mas não se opôs.

— Você come cordeiro, Lola?

— Sim...

— Então sugiro o carré, com molho de amoras e batatas *gâteau*.

— Parece ótimo.

— Sr. Hart, pode parar de tentar impressionar

minha garota, hum? Seu tempo já se foi! — Collin brincou, fazendo o pai rir.

— É sempre tempo de tratar uma bela mulher como ela deve ser tratada, garoto.

— Não se engane com esses modos de príncipe e esse par de olhos azuis, Lola... O Sr. Hart aqui é conhecido por ter arrebatado uma multidão de donzelas!

— Não tenho dúvidas disso! — Continuei rindo. — O senhor é muito gentil, Sr. Hart. Agora vejo de onde seus filhos herdaram tanta educação.

Meneou a cabeça com um sorriso de lado, que me fazia lembrar Collin quando sorria.

Tínhamos acabado de comer, quando Collin se levantou para cumprimentar o chefe e foi interrompido pela modelo loira que eu havia visto ao seu lado em várias matérias de fofocas.

Levantei-me, ainda ao lado do Sr. Hart.

— Ora, ora... Bem que dizem que quem é vivo sempre aparece! — Pendurou-se em seu pescoço para lhe beijar a bochecha.

O sangue ferveu em minhas veias no mesmo instante, mas tentei me manter o mais impassível que consegui, olhos fixos na mulher.

— Olá, Irina! Como está? — Desvencilhou-se dela com delicadeza.

— Bem! Estou de passagem pela cidade. Pensei em lhe ligar, mas ainda estou ressentida pela última vez!

Revirei os olhos, diante do beicinho que fez.

— Já faz tempo, não é? Vamos deixar o passado como está! — Sorriu de canto, estendendo a mão para mim. — Esta é Lola, minha noiva.

A garota demorou uns bons segundos para absorver a notícia, mas, assim que fez, tentou não parecer afetada.

— Noiva... Puxa! Isso foi rápido! — Sorriu sem jeito.

— Pois é, tivemos que apressar um pouco as coisas, já que nosso bebê chega em alguns meses.

Um sorriso de vitória brilhou em meus lábios sem que eu pudesse evitar.

— Então só posso desejar felicidades...

— Obrigado!

Assim que a garota se foi, o Sr. Hart começou a rir.

— Como pode perceber, minha nora, não fui o único a ter meu quinhão de donzelas! — brincou.

Caminhamos até o carro.

— Lola, meu pai quer nos dar um presente antecipado... — Collin avisou.

— É muito gentil, Sr. Hart, mas não precisa se incomodar.

— Será um prazer fazer parte desta nova etapa

da vida de vocês, Lola. Eu perdi um tempo precioso da vida de Collin, não vou cometer o mesmo erro com meu neto! — Sorriu e eu sorri também. Sabia que Collin acabaria contando ao pai.

Seguimos para Zandvoort, com o Sr. Hart logo à nossa frente. O sedã executivo parou em frente a um portão de ferro fundido pintado de preto. O muro de pedra era baixo, mas havia uma cerca viva de ciprestes, alta e bem-aparada, que escondia a vista do que havia atrás dela.

O portão se abriu e passamos por ele, logo depois do Sr. Hart. Estacionamos junto a um gramado. Havia um deque de pedras e, depois dele, uma casa absolutamente linda e elegante.

A construção tinha o estilo típico dos Países Baixos, com o telhado pontudo e paredes de tijolinhos.

— O que acha do presente, minha nora? — Sr.

Hart perguntou sorrindo.

Levei alguns minutos para conseguir responder e, quando tentei, tudo que consegui foi tapar a boca com as mãos.

— Acho que ela gostou, pai! — Collin debochou.

— Venham, quero que conheçam o interior... Como eu disse a Collin, Lola, contratei uma empresa de arquitetura para reformar o lugar. Está em minha família já há algum tempo. Tudo foi renovado e modernizado, mas fiquem à vontade para mudar o que desejarem. Será um prazer cuidar de uma nova reforma que seja necessária.

— Meu Deus, Sr. Hart, eu nem encontro palavras!

— Jens, Lola, pode me chamar de Jens.

Concordei sorrindo.

A porta de entrada foi aberta, dando acesso à

uma imensa cozinha, integrada às salas de jantar e estar, completamente abertas e envidraçadas. O sol da tarde aquecia todo o espaço interno.

— Cuidei para que a cozinha recebesse atenção especial, filho. Sei o quanto é importante para você!

— Veja, Lola, ganhamos uma cafeteira ainda melhor! — Collin brincou, fazendo-me rir. — Ela tem fetiche por cafeteiras, pai!

— Collin! — reclamei.

— Os quartos ficam no andar de cima. São quatro, bem espaçosos e iluminados. Nos fundos há um pequeno anexo, com quarto e sala, além de uma sauna, piscina aquecida para o inverno. Sei que estão acostumados ao barulho do mar, mas daqui até a praia são menos de dez minutos.

— É perfeita, Jens! — Abracei-o e ele me aconchegou com carinho, beijando minha testa.

— Desejo toda a felicidade do mundo para vocês, Lola. E que este seja o início de uma linda história.

Collin se aproximou e nos abraçou.

— Obrigado, pai. Por estar presente em minha vida, em um momento tão importante e especial.

— Eu sempre estarei, filho. Sempre.



Capítulo 28

Collin

Nos dias que se seguiram, Lola voltou ao trabalho, trocando alguns plantões noturnos para que pudesse descansar melhor, agora que carregava um bebê. Nina e eu começamos a estabelecer nossa rotina de idas e vindas à escola e passeios na praia com Black Bart.

Devagar, as coisas foram se ajeitando.

— Collin... Eu tenho um dever de casa importante... — disse, enquanto eu prendia o cinto de segurança. — Aurora disse que me ajuda. Ela sabe pintar muito bem, sabia?

— Aurie é mesmo muito boa com os lápis de cor, pequena. Sempre gostou de desenhar, como você.

— Ela é minha melhor amiga no mundo todo!

— Sei que ela ficará muito feliz se você lhe contar isso!

Chegamos a nossa casa e Nina caminhou, saltitante, até a porta de entrada.

Lola havia saído para resolver alguns detalhes da especialização na faculdade, então estávamos apenas Aurora, Nina e eu.

Aproveitei que Aurora estava com Nina, para cuidar da papelada dos restaurantes, já que essa era a pior parte de ser o chef. Algum tempo depois, Aurora entrou.

— Acho que você deveria ir lá fora e conversar com Nina...

— Aconteceu alguma coisa?

— Uma parte do dever de casa era desenhar a família.

Soltei uma lufada de ar.

— Você e Lola precisam conversar logo com ela, Collin. É uma situação complicada para uma garotinha.

— Tem razão, Aurie. Vou até lá.

Fechei o notebook e me sentei ao lado dela, no degrau da entrada. Os arcos haviam sido retirados e jogados na areia.

"Eu faço isso às vezes", confessei.

Nina cruzou os braços, não queria encarar meu rosto, então eu não insisti. Fiquei parado ao lado dela, até que finalmente decidiu falar comigo.

"Papai machucou a mamãe." Os olhinhos ainda fugiam dos meus.

"Sabe, Nina, os adultos, às vezes, cometem erros e precisam de um tempo para pensar no que fizeram."

"Como quando mamãe dá bronca em mim e me manda sentar no banquinho do pensamento?"

Meneei a cabeça em concordância.

"O que é isso?" Apontei para uma folha de papel dobrada no canto do degrau. *"Posso ver?"*

Negou.

“É um desenho?”

Aquiesceu.

“Eu gosto muito de ver os seus desenhos, sabia? você desenha muito bem.”

Pegou o papel e segurou apertando-o entre as mãozinhas, como se não quisesse mesmo que eu visse.

“Tudo bem, não vou ver se você não quiser, ok?”

Aquiesceu.

Ficamos em silêncio por mais um tempo.

“Promete que não fica chateado?”, perguntou.

Beijei os dedos em cruz, como Lola fazia com ela, e então recebi o papel em minhas mãos. Desdobrei devagar.

No desenho, estávamos Lola, Nina e eu, na frente de uma casa, com uma grande macieira. O

título dizia: “Minha Família”, mas todo o papel havia sido riscado por grandes círculos escuros, como se ela o quisesse estragar.

“É um desenho muito bonito, pequena; por que você ficou chateada com ele?”, questionei. Queria entender o que se passava e sua cabecinha.

“Você não é o meu pai.” Baixou os olhos para os pezinhos, que se moviam sem parar.

“Não, eu não sou, pequena, mas eu a amo muito!” Segurei seu rostinho, fazendo-a me encarar. *“E adoraria fazer parte da sua família.”*

Encarou-me em silêncio, por alguns segundos, e depois se lançou em meus braços. Apertei-a contra mim, com todo o amor que sentia por ela.

Quando a olhei novamente, tinha os olhos marejados.

“Você me aceita na sua família, Nina?”, perguntei.

Um sorriso tímido começou a nascer em seus lábios, até que ela aquiesceu.

"Acha que sua mãe me aceitaria também?" Estreitei os olhos para ela, que continuou aquiescendo, enquanto ria.

"Já sei, vamos sair e comprar flores. Podemos buscar a mamãe na faculdade, juntos, e então pergunto a ela. Parece uma boa ideia?"

Concordou e eu a levei para o carro.

Parei em frente a uma floricultura e Nina escolheu um buquê de flores do campo coloridas.

Descemos do carro, em frente à faculdade de Medicina, e liguei para Lola.

— Baby, temos uma surpresa para você aqui no estacionamento. Você demora?

— Para ser sincera, estava indo embora mesmo.

Não demorou para que a víssemos passar pelo portão.

— Acha que estou bonito assim, pequena? — perguntei. — Você sabe, sua mãe é uma princesa, merece um cara bonitão!

— Não, Collin, você está errado! Eu sou a princesa! Mamãe é a rainha! E você pode ser o rei do castelo.

— É uma ótima ideia... Uma ótima ideia! Você me ajuda? Porque pode ser que eu acabe ficando nervoso, você sabe, não é sempre que eu sou aceito em uma família tão legal como a sua!

Nina concordou.

Assim que Lola se aproximou de nós, eu me ajoelhei. Buquê de flores em punho e meu melhor sorriso.

— O que é isso? — Lola começou a rir, sem entender o que acontecia.

— Mamãe, você quer ser a rainha do nosso castelo? — perguntou com sua inocência infantil.

— Porque eu quero ser a princesa e o Collin já é o rei. Aurora também pode ser princesa porque ela até tem o nome de uma! E Black Bart...

Ia falando e falando, e Lola me encarando com seus intensos olhos castanhos.

Dei de ombros, não havia como explicar.

Entreguei o buquê e beijei suas mãos, Lola me puxou para cima e abraçou. Nina ficou olhando de longe.

— Venha cá, pequena. — Peguei-a nos braços. — Eu prometo que vou cuidar muito bem de você e da sua mãe, farei tudo que puder para que vocês duas sejam muito felizes.

Lola limpou as lágrimas e Nina sorriu.

— Eu vou poder levar as alianças? Porque minha amiga Lucy levou as alianças da tia dela e disse que foi muito divertido. Ela usou um vestido branco igual ao da noiva e sapatos de fivela!

Acabamos rindo, os dois.

— É claro que você vai levar as alianças, querida! Quem mais faria isso?

Voltei para casa sentindo-me bem mais leve. Era tempo de acabar com os segredos.

Troquei de roupa e segui direto para o restaurante.

Talvez pelo dia que tive, ou porque Aurora tinha razão e eu era péssimo em guardar segredos, mas Lídia e eu passávamos tanto tempo juntos, que eu não aguentava mais ficar calado.

— É melhor que você aprenda a fazer logo este peixe, Srta. Flores... — falei sério, como se realmente fosse uma bronca. — Em alguns meses, terei que me ausentar do restaurante e ficarei fora por um tempo.

— Curso novo? — perguntou preparando mais uma posta de peixe.

— Licença paternidade... — Tirei o robalo, deglaceando a frigideira com um pouco de vinho branco.

Lídia continuou o trabalho até que parou. Mãos sujas de tempero, estacionadas no ar.

— Acho que não entendi direito...

— Eu disse que terei que tirar algumas semanas... — provoquei.

— Essa parte eu ouvi!

— Licença paternidade... Sabe como é... — Sequei as mãos no guardanapo e me virei para bancada de saladas. — Nina ainda é pequena e Lola terá que dar atenção ao bebê...

O sorriso foi ganhando espaço no rosto da minha amiga e logo transformou-se em gargalhada.

— Shhhh... Quer que os clientes ouçam? — repreendi, mas o sorriso já havia me denunciado.

— Collin... — Abriu os braços para mim.

Lídia dificilmente me chamava pelo nome. Tinha se acostumado a me chamar pelo cargo, desde nosso primeiro emprego juntos, mas naquele momento não era o chef que ela queria abraçar.

— Ei, garota, não me faça chorar! Isso seria péssimo para minha reputação.

— Você merece isso, sabia? É um cara tão incrível, sei que será um ótimo pai! E saiba que pode contar comigo sempre! Não importa para que seja, você é meu melhor amigo no mundo todo. O único que sempre me aceitou.

Segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Você sempre mereceu minha amizade, Lídia. Formamos uma boa dupla... É um prazer tê-la em minha cozinha e em minha vida.

— Eu ouvi bem? Alguém disse licença paternidade? — Ravi se aproximou. — Você não está falando sério, chef!

— Estou, companheiro! Daqui a sete meses, teremos mais um integrante na família!

— Parabéns! — Abraçou-me com carinho.

— Ah, chef, será tão bonitinho vê-lo com um bebê nos braços!

— Ok, acabou a pausa, todos ao trabalho! — Bati palmas para manter a ordem, mas, no fim das contas, estava feliz em compartilhar com eles minha felicidade.

Lola

No domingo acordamos com batidas insistentes na porta da frente. Eram Hanna, Rob e Will.

Como Adrian e Laura haviam viajado, não teríamos o almoço de domingo em Roterdã.

— Desculpe vir sem avisar, mas os meninos estavam loucos para brincar com Nina, com as novas pistolas de água — disse assim que entrou.

— Sabe que pode vir quando quiser, irmãzinha! Não se preocupe! — Collin beijou o topo de sua cabeça. — Veja só como sua barriga cresceu! Está linda, Hanna.

— Obrigada! — Sorriu.

Pedro cumprimentou-nos e sentou-se na poltrona, acariciando a cabeça de Black Bart.

— Lola você está tão radiante! — Hanna exclamou. — Sério, seu cabelo sempre foi bonito, mas está brilhante, sedoso... Tem certeza de que

não está grávida?

Engasguei com o copo de água, tossindo e molhando todo o chão. Collin se acabou de rir.

— O quê? É totalmente possível, acredite! Eu engravidei de Will sem esperar! — Hanna comentou sem entender o motivo do riso.

— Hanna, eu já lhe disse, Vó Margarida se foi, deixe-a descansar em paz!

— Ei, eu tenho um dom, sabia?

— Pare com isso, Hanna! — Pedro repreendeu rindo.

Tivemos um belo domingo em família.

Para alguém que foi sempre filha única, como eu, era divertido ver Collin com os irmãos e sobrinhos.

Era quase fim de tarde, quando eles se foram levando Aurora junto, para Roterdã, já que não havia plantão de residência por dois dias.

Peguei na mão de Nina e a levei para o banheiro. Liguei a água da banheira, então comecei a separar o pijama e uma calcinha limpa.

— Mamãe... Amanhã, depois da escola, podemos visitar a Sra. Herta? — pediu.

— É claro, querida! Podemos, sim! Vou ligar para ela e combinar.

Tirei sua roupa e a ajudei a entrar na banheira. Estava ensaboando seus cabelos, quando ela continuou.

"Mamãe... Acha que algum dia eu vou ter um irmãozinho?"

Levei um susto tão grande com a pergunta, que esqueci qual sinal devia fazer em resposta.

"Rob e Will estão empolgados com o bebê. Eles me contaram que vão poder ajudar a dar banho e empurrar o carrinho. Eu sempre quis empurrar um carrinho de verdade."

Ia falando e falando, e eu, dando atenção. Queria saber o final de sua lógica de raciocínio, enquanto me recuperava do susto.

"Rob me disse que eles escreveram uma carta para a cegonha, pedindo um irmão", explicou.

"É mesmo?"

"Sim. E aí a cegonha colocou o bebê na barriga da Tia Hanna."

"Você quer escrever uma carta para a cegonha também?", perguntei animada e Nina aquiesceu. *"Então faremos isso antes do jantar."*

Terminei o banho e a tirei da banheira, enrolando-a na toalha e penteando os cabelos, para colocar os arcos novamente.

— Mamãe, você acha que Collin quer ir para Paris?

Comecei a rir porque já imaginava que vinha coisa pior, depois do questionamento.

— Não sei, querida, mas você pode perguntar a ele qualquer coisa.

— Até se ele quer um bebê? Porque Rob me disse que o pai dele precisou beijar a mãe dele em Paris e que só depois disso a carta da cegonha funcionou.

— Marina, eu acho que não precisamos ir tão longe, filha... — Não conseguia parar de rir.

— Tem certeza?

— Podemos tentar fazer tudo isso aqui de casa mesmo e, se não der certo, tentamos em Paris. O que acha?

— Acho bom — concordou.

Assim que eu a vesti, correu animada pela sala, chamando por Collin. Puxou uma das banquetas e sentou-se, debruçada no balcão, encarando-o.

— O que você acha de beijar a mamãe?

— Oi? — Collin questionou rindo, correndo os

olhos para mim.

Dei de ombros.

— Mamãe disse que não precisa ser em Paris. Que talvez funcione aqui mesmo.

— Nina, eu acho que você comeu algum pedaço dessa história... Eu adoraria beijar a sua mãe, mas ainda não entendi o propósito.

— O bebê... Quer dizer, a cegonha... Rob me disse...

— Ah, é claro! Um pensamento assim só poderia vir daqueles dois pestinhas!

— É sério, Collin! — repreendeu. — Eu quero um bebê também...

— Aaaah, quer?

— Sim! E, para isso, você precisa beijar a mamãe e escrever a carta para a cegonha.

— Oh, é claro, faz todo sentido... Vem cá, baby, vamos resolver esse problema.

Puxou-me para seus braços e me beijou. Um beijinho discreto e fofo, mas era a primeira vez que eu o beijava na frente de Nina, então estava nervosa com a reação que ela teria.

Quando nos separamos, demos de cara com um par de olhos astutos e curiosos.

— Acha que esse beijo foi suficiente, senhorita? Porque queremos um bebê bem bonito, como você!

— Não sei! — Deu de ombros. — Eu não entendo muito de beijos, mas acho que está bom para começar.

— Eu posso caprichar mais, se você achar necessário... — Collin provocou, fazendo-me rir alto.

Nina pensou por alguns segundos.

— Eu acho que tudo bem... Vamos escrever a carta com as canetas de *glitter* que Aurora me deu.

Acho que a cegonha vai gostar.

Sentei-me com Nina à mesa, enquanto Collin terminava o jantar, e fui escrevendo o que ela ditava. Quando terminamos, fechou o envelope e colocou um adesivo de coração.

— Amanhã, quando a levar à escola, deixamos a carta no correio, ok? — Collin avisou.

— Ok!

Nina não demorou a dormir, e nós dois ficamos sozinhos mais uma vez.

— Quem diria que a Sra. Intrometida, no fim das contas, realmente ajudaria! — Collin brincou assim que me sentei ao seu lado no sofá.

— Não fale assim da sua irmã! Hanna é um amor!

— Passe um ano com ela e depois voltamos a conversar!

— Collin! — reclamei rindo.

— É sério! Ela sempre foi assim! Aliás, esse sempre foi o codinome dela. John, O Sarcástico... Hanna, A Intrometida... — ia falando e contando nos dedos. — Aurora, A Gentil, e Lucian, O Folgado...

— E você? “O Sabichão”, por acaso?

— Não! O Bonito, é claro! — Puxou-me para seus braços, beijando-me com vontade. — Acho que podemos caprichar um pouco mais nesse beijo, doutora, pela cegonha...

— A cegonha já fez um bom trabalho por aqui, chef!

— Não custa garantir...

***

Dois dias depois, Nina voltou da escola ansiosa. Queria, a todo custo, saber quando a

resposta da cegonha viria e foi aí que tive uma grande ideia.

— Filha, o que acha de ir comigo até o hospital hoje? Lá temos uma máquina que consegue ver dentro da barriga das pessoas... Podemos ver se o bebê já está lá.

— Jura? — perguntou com os olhinhos arregalados.

— É claro! Se você quiser...

— Eu quero muito!

— Então eu vou falar com a minha amiga, ok? Para saber se ela pode nos emprestar a máquina.

Eu sabia que era plantão de Heidi e que ela toparia encarar nossa história para contar à Nina sobre o bebê, então combinei tudo e contei para Collin.

Chegamos ao hospital com uma garotinha saltitante, que mal parava no lugar, de tanta

ansiedade.

Cumprimentei a recepcionista e seguimos direto para o consultório da ginecologia.

— Então quer dizer que temos uma grande revelação para hoje... — Heidi se abaixou para falar com Nina. — Espero que sua carta tenha sido atendida, Marina.

Deitei-me na cama, abaixei a calça e expus a barriga. Collin pegou Nina no colo, para que ela pudesse ver a tela de LCD mais de perto.

Heidi começou o exame, e logo o bebê apareceu. Já tinha formas humanas mais nítidas, com bracinhos e perninhas movendo-se sem parar.

Minha filha estreitou os olhos para o monitor.

— Está vendo aqui, Marina... — Apontou com o cursor. — Esta é a cabecinha do seu irmão, ou irmã. Ainda não podemos dizer com certeza.

— Cabeça? Onde está a cabeça?

— Aqui, querida, neste grande círculo aqui.

Nina continuou encarando, fazendo-me rir.

— Ele ainda é muito pequeno, querida. Acabou de ser colocado aqui dentro. Precisa de tempo para crescer e ficar mais parecido com os bebês que você conhece. — expliquei. — Lembra-se de quando plantamos aquelas sementinhas de flores que você ganhou? O bebê é como uma sementinha...

Sorriu, pedindo para descer, e se aproximou da minha barriga.

— Tudo bem, bebezinho... Eu vou fazer a mamãe beber bastante água, para você crescer rapidinho, como as minhas flores! — Acariciou com a mãozinha.

As lágrimas vieram rápido, sem que eu quisesse conter. Estava tão feliz que só podia agradecer.

— Bem, Lola, tudo segue perfeito com seu

bebê. Vida normal daqui em diante. — Heidi avisou.

— E por vida normal, doutora, você quer dizer que... — Collin interrompeu, fazendo-nos rir.

— Isso também, Collin... — respondeu, fazendo o rubor ganhar meu rosto de vez.



Capítulo 29

Collin

Na semana seguinte, levamos Nina para conhecer a casa nova.

Não havia razão para que não nos mudássemos logo, já que a casa comportaria bem melhor nossa nova família. Aurora e Black Bart foram conosco.

— Puxa, tem uma piscina! — foi a primeira coisa que disse, assim que desceu do carro. — Mamãe, aqui eu até posso ter um unicórnio! Veja, tem muitos lugares para correr!

— Nina eu acho que Black Bart iria ficar com ciúmes. Ele já é nosso bichinho de estimação! — Dei de ombros.

— É verdade... — concordou depois de pensar por um segundo. — Vem cá garoto, você é um ótimo bichinho de estimação! — Acariciou meu cachorro.

Entramos na casa e Nina correu até a televisão.

— Nossaaaaaaaa! É muito grande, mamãe!

Lola começou a rir.

— Nina, por Deus, não me mate de vergonha!

— Aurie, você virá conosco, não é? — confirmei. — Porque não seria a mesma coisa sem você, irmãzinha!

Baixou os olhos por um segundo.

— Collin, eu estou muito feliz por vocês e você sabe bem o quanto eu amo Nina, mas vocês precisam de um espaço só de vocês, para serem realmente uma família.

— Mas você faz parte da nossa família, Aurora! — Lola insistiu. — E logo teremos o bebê e Nina... Seria muito bom ter outra médica a postos, sabe? Para eu ser só a mãe mesmo...

— Tem um anexo, Aurie. Assim você teria seu espaço e ainda ficaria por perto... Roterdã é muito longe, bonequinha, não quero ficar sem minha

companheira de quarto! — Puxei-a para mim, aconchegando-a em meu peito e beijando o topo da sua cabeça.

— Tem certeza? Quer dizer, vocês dois aí, em lua de mel, e a irmã caçula chata, atrapalhando tudo...

— Aí é que você se engana, Aurora, sua presença é imprescindível para que essa lua de mel aconteça! — Lola riu. — Veja, precisamos de ajuda com esses dois pequenos terroristas!

Apontou para a sala, onde Nina e Black Bart corriam por cima do sofá, espalhando as almofadas.

— Tudo bem, então... Acho que posso ajudar com isso!

***

Na semana seguinte, papai insistiu para que passássemos o fim de semana em Roterdã. Como

Nina estava animada em acampar com as crianças no quintal e eu tinha passado pouco tempo com John, achei que seria um bom passeio e ainda poderíamos dar a notícia.

Arrumamos as malas e seguimos direto para lá, chegamos perto da hora do almoço, já que eu tinha sido dispensado de cozinhar.

O gramado da frente estava vazio. A casa, silenciosa, como se não houvesse ninguém.

— Tem certeza de que era para virmos hoje? — Lola perguntou. — Não ouço uma voz sequer.

— Eles devem estar nos fundos. Hanna ainda não chegou. Não vi o carro dela.

— Será que viemos cedo demais? Não quero atrapalhar...

— Não, não se preocupe... Mamãe com certeza está em casa. Vamos... — incentivei.

Seguimos pela entrada, a sala vazia, a cozinha

também. A porta dos fundos estava fechada.

No momento em que coloquei a mão na maçaneta, ouvi um sussurro, seguido de um pedido de silêncio, e comecei a rir, já imaginando o que havia acontecido.

Abri a porta para encontrar toda a minha família no jardim.

Uma tenda de tecido branco e quase transparente havia sido montada, toda enfeitada com pequenas flores da mesma cor. Uma cegonha inflável havia sido colocada em cima da tenda, ao lado da faixa que dizia: “Seja bem-vindo, bebê!”

Assim que Lola passou pela porta, todos bateram palmas e assoviaram. Rob e Will correram até Nina.

— Viu só? Eu disse que daria certo! — Pulavam e comemoravam juntos.

Caminhei até a tenda de mãos dadas com Lola.

— Pai... — tentei repreendê-lo por não ter mantido a palavra, mas a felicidade era maior que qualquer coisa.

— Você sabe, eu não consigo manter segredos dela... — Abraçou mamãe com carinho.

— Ah, querido, estou tão feliz! Hanna e Lola terão os bebês com um mês de diferença! Imagine só? — Puxou-me para um abraço apertado e repetiu o gesto com Lola.

Um a um, todos foram nos cumprimentando e eu apresentando o que restava da família a minha noiva.

Sentamo-nos para o almoço e papai, como sempre, iniciou o brinde.

— Bem, hoje é um dia muito especial para mim, e sei que é para todos aqui. Somos uma grande família e, a cada membro que ganhamos, nos tornamos ainda mais fortes... Lola, quero que

saiba que já a considero como uma de minhas filhas, e Nina, como uma de minhas netas. Esta casa também é de vocês, assim como meu carinho e admiração.

— Obrigada, Adrian... — Sorriu sem jeito, a felicidade brilhando em seu olhar.

Mamãe se levantou e tomou a palavra.

— Querida, sei que sua mãe não está por perto, mas Joanne e eu ficaríamos muito felizes em ajudar a organizar o casamento. Não é, Jo? Afinal, somos as mães do noivo! — brincou.

— Com o maior prazer do mundo! Collin sabe que eu o amo. Será maravilhoso participar deste momento. — Joanne concordou. — Aliás, Lola, seu sogro está enlouquecido com a chegada desse bebê! Mal consegue parar de falar nisso! — brincou.

Terminamos o almoço com mais pessoas para organizar o casamento do que para convidar para a

festa. Ao menos trabalho Lola e eu não teríamos.

Mamãe levou Lola até o andar de cima, seguida por Hanna, Aurora, Isabele, Helena, Bárbara, Tia Lis, Louise, Lauriel, Joanne e Stella. Queriam discutir os preparativos e ver álbuns antigos. Pedro, Lucas e Lars ficaram encarregados de manter as crianças seguras. E papai, Jens e Tio Alex sentaram-se em seu costumeiro lugar, para discutir o quanto discordavam da vida, mas, ainda assim, não se largavam.

Eu caminhei pelo gramado, até a beira do lago, e me sentei no banco preferido de Vó Margarida, que também era o da minha mãe. Fechei os olhos e sorri, pensando no que elas diriam se ainda estivessem conosco.

Não demorou muito e ouvi passos.

— Vamos lá, Collin, avise para esses dois que o padrinho serei eu! — Trevor sentou-se ao meu

lado, passando o braço pelos meus ombros. — Afinal de contas, crescemos juntos, não é?

— Muito pelo contrário, Hart... — John interrompeu. — Eu limpei a bunda desse cara aí mais vezes do que julgo saudável, tenho o direito de ser o padrinho!

— Mas, se você quiser realmente um padrinho bonitão e cheio de ideias para a despedida de solteiro, sabe que tem que escolher a mim, não é? — Lucian interferiu e eu comecei a rir.

— E por que acham que seria um de vocês? — questionei entrando na brincadeira.

— Oras, porque somos seus irmãos!

— E como eu poderia escolher apenas um?

John sorriu, e então todos entenderam.

— Acho justo! — meu irmão mais velho foi o primeiro a concordar.

— Também acho! — Trevor se uniu a ele.

— É uma decisão política, mas não vejo por que me opor! — Lucian colocou a mão no centro da roda. — Um por todos...

Nossas mãos foram postas, uma sobre a outra.

— E todos por um! — falamos juntos.

— Mas eu sou o D'Artagnan! — Lucian brincou, ganhando uma chuva de tapas.

Lola

O dia terminou, mas a animação seguia com força total.

Os irmãos de Collin haviam montado várias barracas de camping no jardim, em volta de uma fogueira, para que as crianças pudessem acampar. Nina não cabia em si de tanta animação.

Tomou banho, vestiu o pijama e as pantufas novas, que Laura havia comprado para ela, então desceu tão rápido as escadas que fiquei com medo de que tropeçasse.

Tentei acompanhá-la, mas acabei dando de frente com Aurora.

— Não se preocupe, Lola, vim apenas pegar cobertores e já estou voltando lá para baixo. Vou dividir a barraca com Nina. Assim você e Collin podem ter um momento de casal! — Piscou.

— Tem certeza?

— É claro que tenho! Adoro ficar com meus sobrinhos, e Stella, Louise e os meninos vão ficar comigo. Fique tranquila.

Voltei para o quarto. Queria mesmo passar um tempo a sós com meu futuro marido.

Futuro marido...

Pensar no casamento ainda causava aquela sensação estranha no estômago, como se pequenas borboletas voassem lá dentro.

Entrei no quarto e fechei a porta. Collin havia acabado de sair do banho, usando apenas uma cueca boxer branca.

Soltei um suspiro.

— O que foi? — perguntou rindo.

— Juro que tento me acostumar a isso, mas não consigo... Cada vez que o vejo assim, fico de boca aberta.

— Hum... Isso soa como um convite, doutora...

PERIGOSAS NACIONAIS

Um daqueles irrecusáveis.

Foi minha vez de rir.

— Venha cá... — Estendi a mão, puxando-o para a cama.

Collin sentou-se ao meu lado e eu comecei a acariciar seu rosto, descendo a mão em seus cabelos recém-lavados.

— Nunca vou me cansar de agradecer sua presença em minha vida, sabia?

Sorriu de canto, beijando minha mão.

— Você me trouxe de volta, Lola, Dolores, médica pediatra... Fazia muito tempo que eu estava à deriva... Sou eu que tenho que agradecer...

Continuei acariciando seus cabelos, até que toquei o aparelho, mas, dessa vez, Collin não recuou.

— Posso ver como é?

— É claro!

PERIGOSAS ACHERON

Tocou a mão sobre o aparelho e, logo em seguida, tirou-o e entregou em minhas mãos, abrindo espaço entre os fios de cabelos, para que eu pudesse ver a parte que ficava fixa em sua cabeça. Toquei sobre o aparelho, cuidadosamente. Seus olhos encaravam os meus.

Era a primeira vez que ele não ouvia perto de mim.

"Você me disse que também desligava o aparelho quando era criança... Por quê? Achei que sentissem falta de ouvir...", questionei.

"E sentimos... Mas, quando se coloca o aparelho, é um pouco frustrante. Os sons não são exatamente iguais aos que ouvíamos. Tudo parece mecânico demais."

Encarei-o por mais alguns segundos. Gostava de como ele começava a se mostrar para mim, sem nenhuma reserva.

“Às vezes ainda sinto vontade de desligar o aparelho.” Sorriu.

“Mas aí você não vai poder me ouvir...”, provoquei.

“Aí é que você se engana, doutora! Eu a ouço mesmo sem som...”

Espalmou a mão sobre meu coração, firme, bem onde as batidas ficavam mais intensas.

“Eu a ouço aqui.” Virou a palma para que eu pudesse vê-la. *“E a ouço aqui.”* Correu os dedos pelos meus lábios. *“Quando não se ouve por aqui...”* Segurou minha mão e a levou até a orelha. *“Ouvimos por aqui...”* Espalmou minha mão sobre seu coração.

Sorri. Um milhão de sentimentos intensos fervilhando dentro de mim.

“Você já fez amor sem ouvir?”, provoquei, arrancando um sorriso malicioso dele.

“Não, mas estou propenso a tentar agora mesmo...”, devolveu, puxando meu vestido pelas coxas, até que o tirou pelos ombros.

“Você fica mais linda a cada dia, doutora.”

Tocou minha barriga com a mão espalmada, suavemente.

“Nosso bebê já começou a aparecer.”

Cobri sua mão com a minha.

“Amo você, Collin.”

“Também amo você, baby.”

Deitou-me na cama, soltando meu sutiã e tirando minha calcinha, sem deixar de me beijar.

Livrou-se da cueca, encaixando seu corpo sobre o meu.

Havia tanta coisa que eu queria dizer, mas Collin só ouviria meus olhos, então eu os mantive abertos, embora o desejo e o prazer crescente aumentassem minha vontade de fechá-los.

Os gemidos deixavam sua boca e a minha, como se fossem palavras, insistentes e desconexas.

Sua mão tocava meus lábios como se quisesse capturar cada gemido que saía de mim, enquanto a outra apertava-se contra meu quadril, fundindo-se em minha pele, forte.

Seus movimentos ficaram mais fortes, intensos, rápidos, e eu o prendi a mim, minhas pernas em volta da sua cintura, mais perto, mais perto... Queria que fôssemos, de fato, um.

— Ahhhh... — arfei enquanto seu corpo se movia com o meu, em perfeita sincronia.

"Amo você", consegui dizer, antes de finalmente fechar os olhos.

Quando os abri, Collin sorria para mim.

Esticou a mão e colocou o aparelho de volta ao seu lugar, caindo de costas no colchão, ao meu lado.

— Isso foi intenso, doutora... Acho que acabamos de inventar uma nova modalidade... — Alisou os cabelos para trás. — Da próxima vez, vou vendá-la... Seria justo... Um sentido por outro... — Deu de ombros.

— Collin, você não tem jeito! — Sorri.



Capítulo 30

Collin

Peguei Marina na escola, duas horas mais cedo.

Havíamos combinado de almoçar com ela e depois Hanna me ajudaria na prova do vestido, já que Lola estava de plantão.

Achei que seria bom termos um tempo juntos, depois de tantas novidades. Queria que ela entendesse que seríamos sempre os melhores amigos do mundo, como ela mesma costumava dizer.

Joguei a mochila sobre os ombros e caminhei ao seu lado até o carro. Nina fez todo o trajeto em silêncio, o que era alerta de problemas à vista.

— Aconteceu algo na escola, pequena?

Negou sem dizer nada, então eu não insisti. Ela falaria, quando se sentisse à vontade, eu entendia bem de silêncio.

Parei o carro rente ao meio-fio e olhei pelo

retrovisor. Nina estava sem os aparelhos, então me virei para ela, para que pudesse me entender.

"Por mim, tudo bem se quiser ficar sem ouvir... Mas será difícil explicar o que quer comer para Sig." Dei de ombros. *"Ela pode acabar colocando aquele molho verde nas suas batatas."*

Soltou o ar de uma vez, derrotada.

"Estão machucando você?", questionei apontando para os aparelhos largados no banco, mas ela negou. *"Você se chateou com eles por alguma razão?"*

"Só estou cansada deles."

Encarei-a por um segundo. O rostinho infantil mostrava uma expressão que eu conhecia bem. É difícil ser diferente, principalmente quando se tem seis anos e uma porção de mudanças com que lidar.

Abri a porta e desci, sentando-me ao lado dela

no banco traseiro.

"Alguma piada nova? Porque, acredite, eu conheço a maioria delas." Sorri, mas era um sorriso de entendimento e não de felicidade. Aprendi, do pior jeito, o quanto crianças também podem ser cruéis.

Nina baixou os olhos para os pés, mexendo-os como se precisasse ganhar tempo, ou coragem... Ou os dois...

"Não quero mais experimentar o vestido, é só isso!"

Estava nervosa, um pouco irritada e muito brava, mas tentava esconder de mim.

"Por mim tudo bem também." Dei de ombros. *"Você pode ir ao casamento com sua saia de unicórnios e ficará linda de qualquer jeito!"* Segurei sua mão, trazendo-a de frente para mim. *"Só quero que esteja feliz, pequena. Não importa o*

que deseje vestir, mas acho que deveríamos, ao menos, ver o seu vestido novo. Tenho certeza de que você vai gostar, mesmo que decida não o usar."

Levou a mãozinha até a lateral da minha cabeça, onde o implante ficava, e tocou meu cabelo. Um toque que foi direto em minha alma. Eu quase podia sentir sua tristeza.

"É fácil para você... Ninguém vê seu aparelho... Eu já tentei esconder os meus, mas não dá!"

Senti meu coração apertar.

Ainda me lembrava de como fora difícil aceitar o aparelho e, depois, o implante. Quantas vezes encarei meu rosto no espelho, quantas vezes o escondi em toucas e bonés. Como desejei ser como meus irmãos.

Era fácil em casa, entre as pessoas que me

amavam, mas, pouco a pouco, o mundo foi se tornando um lugar maior. A escola, a faculdade, a primeira namorada. A primeira rejeição.

Suspirei, minha mão sobre a dela, onde meu cabelo escondia o pequeno aparelho preto que me permitia ouvir.

Talvez eu ainda não tivesse superado. Talvez precisasse de uma garotinha corajosa para me dar sua mão e mostrar o caminho. Minha Marina...

"Tive uma ideia..." Segurei suas mãos junto às minhas, mais uma vez. *"Acho que estou mesmo precisando de um novo corte de cabelos... O que me diz? Assim as pessoas vão ver que somos parecidos e você não estará mais sozinha."*

Encarou-me por alguns segundos, absorvendo o que eu havia proposto.

"Você até pode escolher como vou ficar!"

"Sério?"

“Sabe que somos amigos e amigos não mentem!” Encarei o relógio em meu pulso. *“Se sairmos agora, podemos pegar um lanche rápido no caminho e ainda chegaremos a tempo para experimentar seu vestido!”*

Nina sorriu e seu sorriso refletiu-se no meu. Não tinha ideia do quanto me fazia bem.

Seguimos de carro até o barbeiro. Desci e a peguei no colo.

— Raymond, precisamos de uma revista de cortes — avisei assim que me sentei na cadeira.

— De cabelo? — questionou sem entender, já que a única coisa que eu fazia lá era a barba e, de vez em quando, tirava as pontas do cabelo.

— Se é o que quer, chef. — respondeu assim que eu aquiesci.

Pegou a revista e entregou em meu colo. Eu a peguei e coloquei sobre o colo de Nina.

— Minha acompanhante aqui é quem vai escolher! — Pisquei e Nina sorriu animada.

Esperei pacientemente que olhasse toda a revista. Queria que ela se sentisse à vontade. Aquela era a última amarra da minha vida antiga e precisava ser cortada.

— Este! — Apontou para um modelo.

Era um corte moderno, laterais bem baixas e franja comprida, penteada para trás. No fim das contas, a garota tinha bom gosto!

— Será esse, Ray! Pode começar quando quiser e, se precisar falar comigo, pode usar minha intérprete! — Pisquei novamente para Nina.

Desliguei e soltei o amplificador, deixando sobre a bancada. O barbeiro prendeu a capa em meu pescoço e começou.

Nunca havia pensado em cortar o cabelo curto. Usava comprido desde que havia deixado a casa do

meu pai e seguira pelo mundo, trilhando meu próprio caminho, mas, a cada mecha que caía no chão, um peso saía dos meus ombros. Era como se, pela primeira vez, conseguisse olhar de frente para o garoto que ainda se escondia debaixo da mesa do jardim.

Nina ficou ao meu lado, encarando tudo com olhinhos curiosos, até que o homem terminou.

Passou um pouco de pomada nas mãos e ajeitou a franja para que ficasse no lugar.

Coloquei o amplificador de volta e liguei. Era engraçado ver o aparelho tão evidente em minha cabeça, mas não era algo que me incomodava. *Não mais...*

— O que acha, pequena, fiquei bonito assim? — Levantei-me da cadeira e me aproximei, abaixando-me para que ela pudesse ver-me de perto.

Levou a mão até a lateral da minha cabeça novamente e depois até a sua orelha. Sorriu. Queria uma conexão. Alguém que mostrasse a ela que não era única.

Puxei-a para os meus braços, apertando seu corpinho contra o meu. O sorriso nasceu sem que eu pudesse evitar, estava feliz com a mudança.

No fim das contas, eu também precisava da mesma conexão.

Nina, minha Marina, havia me ensinado a sorrir e eu aprendi que seu sorriso era o melhor tempero do mundo.

Lola

Assim que o plantão terminou, juntei minhas coisas e saí.

Queria voltar logo para casa, já que no dia seguinte aconteceria a audiência de guarda de Nina e, por mais que Alexander me deixasse tranquila, enquanto as palavras finais não fossem ditas pelo juiz, eu ainda ficaria preocupada.

Passei pelas portas de vidro duplas, no momento em que o 4x4 parou rente ao meio-fio. Collin abriu a porta e desceu, fazendo-me parar instantaneamente. Havia cortado radicalmente o cabelo. O coque tinha dado lugar a laterais raspadas, deixando evidente o aparelho.

Encostou no carro, braços cruzados na frente do corpo, o Clubmaster de sempre cobrindo os olhos. Estava ainda mais bonito do que quando o conheci.

— Oi! — cumprimentei assim que cheguei

perto.

— Como está, doutora? Teve um bom dia?

— Tranquilo... Mas parece que você tem mais novidades do que eu...

— O que acha? — Correu as mãos pelo cabelo. — Parece que nossa garotinha queria um companheiro de surdez! — Sorriu de canto.

Não pude deixar de sorrir como uma boba.

— Collin... Não acredito que você fez isso por ela... — Meu coração batia forte no peito. Nunca pensei que me emocionaria tanto com um simples corte de cabelo.

— Para ser sincero... Acho que eu também precisava de um companheiro de surdez. — Deu de ombros. Um sorriso diferente brilhando no rosto, tímido e meio sem jeito, como se confessasse algo que guardava havia muito tempo.

— Ah, Collin... — Levei os braços até seu

pescoço, queria segurá-lo com força.

Deu-me um abraço apertado, tirando meus pés do chão, enquanto sua boca procurava pela minha.

Fechei os olhos e me entreguei aos seus beijos mais uma vez. Seus lábios moldando-se aos meus, enquanto sua língua encontrava a minha, enviando ondas elétricas pelo meu corpo.

— Você ficou incrível, amor... — Acariciei a nuca raspada, arrepiando sua pele. — E eu estou ainda mais apaixonada por você.

Beijou-me novamente, rindo.

Deixou-me em casa e foi para o restaurante.

— Nina? — chamei quando vi a sala vazia.

— Estou aqui! — gritou do andar de cima.

Deixei a bolsa e a maleta no armário da entrada, então subi as escadas. Minha filha estava na frente do espelho, passando um bastão brilhante nas pálpebras.

— Olha, mamãe... Tia Hanna comprou para mim! — Exibiu a nova maleta de maquiagem infantil. — Não é linda?

— É muito bonita, querida! Puxei um dos banquinhos de madeira e me sentei. — E acho que combina muito bem com seus olhos. Aliás, você sabe que tem olhos lindos, não sabe?

Aquiesceu.

— Collin disse que meus olhos são como os seus. E eu acho os seus muito bonitos.

Sorri.

— Ele me disse que você escolheu o novo corte de cabelos... — entrei no assunto e ela sorriu animada.

— Agora nós ficamos iguais.

— E você gostou disso?

Aquiesceu novamente.

— Mamãe... — Encarou-me, deixando a

maquiagem no chão. — Acha que Collin poderia ser meu pai só por um dia? — Senti meu coração disparar pela segunda vez. — Ele disse que papai ainda não está pronto para se desculpar, mas semana que vem será o dia do piquenique de pais e filhos e não seria legal levar uma mãe...

Sorri.

— Acho que ele ficaria muito feliz, Nina...

Jantamos Aurora, Nina e eu. Depois, colocamos uma comédia boba na televisão e comemos pipocas carameladas até que Nina adormeceu.

— Acho que deveria descansar também... — Tocou meu ombro com gentileza. — Sei que será um dia importante amanhã.

Suspirei meio sem querer.

— Sei que está preocupada, mas, acredite, Tio Alex é muito bom no que faz, Lola, e ele tem amigos muito influentes.

— Rezo para que você esteja certa, Aurora. — Beijei seu rosto e me despedi.

Deveria ter dormido, mas não consegui, então fiquei sentada ao lado da cama de Nina, olhando-a dormir.

Um misto de felicidade e preocupação. Era bom saber que a agonia finalmente chegaria ao fim, mas, ao mesmo tempo, sentia medo. Paco estava desaparecido desde a briga no restaurante, mas eu sabia que poderia aparecer na audiência e não queria vê-lo. Tudo que havia acontecido entre nós ainda machucava. Eram marcas que demorariam a sumir.

Ouvi o barulho da porta e soube que Collin havia chegado, pelo latido baixo de Black Bart. O cão sempre o esperava perto da porta.

— Ei, garotão, também senti saudades! — ouvi quase como um sussurro, enquanto descia as

escadas.

— Veja só, Black Bart, eu corto o cabelo e ela me espera acordada... Se eu soubesse disso, teria cortado antes! — brincou.

— Bobo!

Estendeu a mão e me puxou para os seus braços.

— Alguém já lhe disse que fica linda de camisola, doutora?

Sorri, abraçando-o por baixo da camiseta, minhas mãos acariciando suas costas.

— Estou cheirando a comida, colombiana, mas adoraria tomar um banho com você... O que acha? — sussurrou em meu ouvido.

— Acho uma ótima ideia, chef!

***

Acordei com o despertador tocando. Collin ainda me abraçava por trás, mãos repousando em

minha barriga arredondada.

Respirei fundo e abri os olhos.

— Logo tudo isso ficará no passado, baby. — Beijou meu pescoço carinhosamente. — Agora vamos levantar. Prometo que a deixo usar a cafeteira!

Acabei rindo.

— Só se você preparar tortilhas com ovo mexido para mim... Aliás, para mim, não, para o seu filho! Não sei por que, mas acho que ele gosta de comida latina! — Dei de ombros, fazendo-o rir também.

— Ele é três quartos latino, afinal de contas! — Puxou-me pela mão e me colocou em pé. — Venha, acho que preciso de outro banho e mais um pouco daquela atenção extra de ontem!

Chegamos a Roterdã com meia hora antes do combinado. Alexander já nos esperava ao lado da

sala, onde aconteceria a audiência.

— Bom dia, tio! — Collin cumprimentou com um aperto de mão, seguido de um abraço.

— E você, Lola, como está? — perguntou voltando-se para mim.

— Acho que só vou voltar a respirar depois que sairmos daqui! — confessei.

— Sei que é difícil lhe pedir algo assim, mas confie em mim. Sairemos vitoriosos.

Segurei suas mãos, e ele me abraçou.

— Sei bem o quanto o medo de perder um filho nos assombra, querida, jamais permitiria que você passasse por isso.

— Paco não está aqui...

— Ele provavelmente não virá, Lola. Se for esperto, vai aproveitar que ainda não foi impedido de deixar a Holanda e se mandar.

— Espero que você tenha razão...

— É a melhor opção que ele tem, já que estou certo de que será condenado pelas agressões.

Fomos chamados pouco tempo depois, e Collin ficou esperando por nós do lado de fora.

Entrei na sala, com Alexander logo atrás de mim. Sentamo-nos lado a lado. Na ponta da mesa, o juiz.

— Bem, ao que parece, o Sr. Ibañes não estará presente — concluiu.

De repente, a porta se abriu e um homem que eu ainda não conhecia passou por ela, sozinho. Cumprimentou Alexander e a mim, então se sentou.

— Desculpe o atraso, excelência. Sou Millos Van Der Prat, advogado do Sr. Ibañes. Meu cliente teve um compromisso inadiável e precisou voltar ao seu país de origem.

O juiz aquiesceu e prosseguiu com a leitura dos papéis. Eu fiquei ali, estática, vendo a parte mais

importante da minha vida ser decidida, até que a hora da sentença chegou.

— Fica, portanto, o Sr. Paco Ibañes, condenado a cinco anos de reclusão por agressão e descumprimento de medida protetiva contra a Srta. Dolores Maria Calderón. Sua prisão acontecerá de imediato a seu retorno a este país.

Soltei o ar que nem sabia que segurava e Alexander apertou firme minha mão.

— Sobre a guarda da menor, fica decidido que, Marina Ibañes Calderón ficará sob guarda unilateral da mãe, Dolores Maria Calderón, podendo o pai requerer direito de visitas futuras ao cumprimento da pena.

Senti como se todo o peso do mundo fosse retirado de cima dos meus ombros. Não conseguia, sequer, me levantar.

O advogado cumprimentou Alexander e saiu

apressado, logo depois do juiz.

Alexander abraçou-me com carinho.

— Acabou, Lola, já pode respirar.

Sorri.

— Alex... Posso lhe perguntar uma coisa?

— É claro que sim, se estiver pronta para ouvir uma resposta sincera. Sabe disso, não é?

Aquiesci.

— Você teve algo a ver com a volta de Paco para Bogotá?

Respirou fundo. Um sorriso presunçoso brilhando em seu rosto.

— Digamos que tudo que ele precisava era de uma pequena ajuda para desaparecer; e tudo que nós precisávamos era que ele sumisse. Se for esperto, não voltará à Holanda. As leis aqui são bastante rígidas.

Abracei-o novamente.

— Obrigada.

— Como eu disse, sei o quanto esse medo machuca, passei por isso com a mãe de Louise.

Passamos pela porta e, assim que meus olhos encontraram os de Collin, apertei o passo, lançando-me em seus braços, aliviada.

— Eu disse, baby, Tio Alex é o melhor! — Sorriu para o tio. — Agora finalmente podemos seguir em frente.



Capítulo Final

Collin

Estávamos no início do outono, mas, ainda assim, conseguimos um belo domingo de sol.

Domingo sempre foi o meu dia preferido da semana. Era um dia para dividir com quem se amava, o dia sagrado dos almoços em família, na casa dos Galaghers, e aquele domingo não seria diferente.

Eu estava na antiga casa da praia, quando batidas à porta me fizeram sair do quarto. John estava lá, parado junto à soleira. Senti meu coração dar um tranco.

— Não me diga que veio perguntar se é isso mesmo que eu quero, companheiro, porque, se for isso, chegou um pouco tarde.

— Não... Tenho certeza de que é exatamente isso que você quer. — Abriu os braços no ar. — Eu vim porque queria ter uma conversa com o meu

irmãozinho. Como você sabe, voltaremos para o Brasil na terça, então queria aproveitar que ainda está sozinho aqui.

— Quer uma água? Café? Uísque? — ofereci. Não sabia bem o teor da conversa.

— Um uísque cairia bem.

— Temos um assunto sério, então! — brinquei.

John sentou-se em uma das banquetas e eu fiquei em pé ao seu lado.

— Quando mamãe voltou para casa... — começou, os olhos mirando o horizonte através da janela. — Eu senti muita raiva de você, Collin. Olhava para barriga dela e pensava que, se não fosse você, as coisas ainda seriam como antes e ela não estaria doente...

As lágrimas começaram a descer dos meus olhos e dos dele. Havia tanto sentimento ali, naquela sala, que eu mal conseguia controlar a

emoção.

— Achei que jamais conseguiria amar você, como amava Hanna, e então você nasceu... Eu me lembro de encarar aquele bebê minúsculo e enrugado, dentro do bercinho de vidro, e pensar: "Não é possível que minha mãe esteja morrendo para que essa coisinha feia viva!" — Sorriu e eu acabei sorrindo também.

A mão tocando meu ombro, os olhos amendoados encarando os meus.

— Quando você finalmente chegou a nossa casa, era o bebê mais chorão e irritante do mundo. Eu não fui vê-lo... — confessou. — Aí, um dia, estava passando pelo seu quarto, e você resmungou. Não sei o que me fez entrar naquele quarto, mas, quando cheguei perto, você sorriu, e eu vi que tinha os olhos da mamãe. Não apenas o mesmo tom de verde, mas o olhar dela... E então eu o peguei no

colo e você não chorou mais. Aninhou-se em mim e dormiu.

— John... — Eu já não conseguia mais controlar o choro, nem ele. Puxei-o para um abraço apertado.

— Eu me apaixonei por você, tampinha! E aí, um dia, descobrimos que você era mais parecido com mamãe do que todos nós gostaríamos... — Soltou uma lufada de ar. — Eu rezo todos os dias para que ela o proteja lá de cima e para que você tenha uma vida longa e feliz, Collin... Vim aqui lhe dizer que só entendi realmente o que mamãe fez por você quando Helena nasceu... E você só entenderá quando segurar o seu bebê nos braços... Sei que não se lembra dela e que não guardou nenhuma lembrança do pouco tempo que ainda tiveram juntos, mas quero que saiba que, apesar de tudo, ela o amou tanto, que desistiu de tudo para que você pudesse viver.

John estendeu a mão e segurou a minha, firme.

— Eu vim aqui lhe dizer, tampinha, que espero que você finalmente entenda, que tem o direito de ser feliz. Que esse direito lhe foi dado pela pessoa que mais o amou no mundo. Faça valer a pena, cara, sem medos ou arrependimentos... A vida é uma dádiva, Collin... E eu estou muito feliz em ver esse sorriso bobo aí, enfeitando seu rosto.

Dei em meu irmão um abraço apertado. Sabia o quanto lembrar dela o fazia sofrer. Uma marca que jamais iria desaparecer, com que ele havia aprendido a conviver, guardando o que havia de bom.

Minha mãe praticamente desistira dos tratamentos ao saber que estava grávida. Desistira de lutar contra o tumor para que eu pudesse viver, e essa, certamente, foi a decisão mais difícil que tomara.

Por mais que tenha cometido erros, Patrícia Tavares Galagher havia conseguido um grande feito, tinha deixado a nós um legado de amor.

— Agora vamos, você não vai querer deixar a garota esperando logo hoje! — Sorriu de canto.

Passou o braço pelo meu ombro e seguimos pela praia, até a ponta, meu lugar preferido no mundo todo, que, a partir daquele dia, seria ainda mais especial.

A tarde começava a cair, com o sol brilhando alaranjado por entre as flores brancas, que desciam em cascata pelo pergolado de madeira clara.

Mamãe e Joanne, definitivamente, sabem como organizar um casamento.

Nas cadeiras dispostas em fila, todos que eu amava e que eram realmente importantes para mim. Lídia acenou de seu lugar e eu retribuí sorrindo.

Nina correu até mim. Usava o vestido branco que tanto queria. Na cabeça, uma coroa de flores e pequenas conchinhas adornavam os cabelos. Não tinha mais vergonha de mostrar os aparelhos, essa era uma vitória que havíamos conquistado juntos. A primeira de muitas que ainda iríamos viver, lado a lado.

Abaixei-me e a peguei nos braços.

— Agora, sim, você parece um príncipe de verdade!

— A senhorita também está muito bonita! — Beijei seu rostinho e a coloquei no chão.

Black Bart havia sido lavado e escovado, usava uma elegante gravata- borboleta branca.

— É isso aí, companheiro, parece que nosso barco ganhou alguns tripulantes! — brinquei e ele latiu. — Mas você sempre será meu melhor amigo e confidente! — Cocei sua grande cabeça preta.

Assim que o Mercedes preto parou, meu coração deu um salto. Era hora de me tornar um homem de fato, um homem de família.

Lola

Eu estava sozinha em casa.

Hanna havia levado Nina para se arrumar, e as outras também tinham ido.

Lucian ligara havia pouco, do aeroporto, avisando que o voo em que minha mãe estava se atrasaria, e eu estava preocupada, temendo que ela não conseguisse chegar a tempo.

Mamãe sempre esteve ao meu lado. Mesmo de longe, era um pouco da minha força, e tudo que eu mais queria era poder dividir minha felicidade com ela.

Parei em frente ao grande espelho em meu quarto e encarei a mulher de frente para mim. Parecia tão distante da garota que corria de um lado ao outro, para dar conta de tudo de que precisava, sem nunca conseguir. Tão mais segura e tranquila, feliz e cheia de si.

Eu estava bonita. Do jeito que gostava de ser, apenas a Lola, sem grandes produções ou exageros.

O vestido de renda tinha alças finas e um profundo decote nas costas. Minha barriga de quase quatro meses de gravidez parecia maior e mais redonda, no tecido branco e delicado. A saia abria-se até o chão, um pouco mais comprida na parte de trás, serpenteando enquanto eu andava. Meus cabelos estavam soltos, escovados em ondas, como eu sabia que Collin gostava. Uma coroa de flores brancas esperava para ser colocada, em cima da cama.

“É, garota, acho que você finalmente conseguiu! Encontrou o seu “Felizes para sempre.” — Sorri.

Ainda estava de costas para a porta, quando ela se abriu.

— Lola? — minha sogra chamou. — Trouxe

um presente para você...

Virei-me devagar e quase tive que me apoiar para não cair.

Minha mãe estava lá, ao lado de Lucian, sorrindo para mim.

— Mãe! — Corri até ela. — Não acredito que você está aqui!

Mamãe me envolveu em um abraço apertado, como se não quisesse mais soltar. Depois segurou meu rosto entre as mãos e beijou.

— Você está linda, minha menina... Se parece mesmo com uma princesa...

Não queria chorar, mas não pude conter.

— Bem, Lucian e eu já vamos indo, querida... Sei que você ficará bem acompanhada e logo Adrian virá. Ele faz questão de buscá-la pessoalmente.

Ficamos sozinhas, mamãe e eu.

Ela estendeu as mãos e nós nos sentamos na beirada da cama, uma de frente para a outra.

Mamãe me encarou por um longo tempo, sem dizer nada. De repente, suspirou.

— Queria que seu pai estivesse aqui, Lola. Que pudesse vê-la agora... Ele diria: “Vê, Rosário, eu disse que nossa Lolita nasceu para ser princesa!”, e eu teria que concordar... — Sorriu.

— Ah, mãe... Sinto falta dele também...

— Sabe, querida, eu me casei por amor... Vivi com ele os melhores dias da minha vida. Não foi fácil quando ele partiu, você se lembra, mas tê-la comigo era como ter um pedacinho dele.

Acariciou minha barriga carinhosamente. Era a primeira vez que me via grávida.

— Estou feliz em ver que, finalmente, minha menina será feliz como merece... Eu ainda não conheço seu noivo, mas, a julgar pela família dele,

deve ser um bom rapaz, Lola... A maçã nunca cai longe da árvore!

— Senti tanto a sua falta, mãe... É bom tê-la aqui...

— Isso é ótimo, querida, porque pretendo ver este bebezinho nascer! — Alargou o sorriso, ganhando mais algumas lágrimas minhas. — Agora vamos colocar essa coroa... Toda princesa precisa de uma!

Pegou o adorno de flores e colocou em minha cabeça.

— Linda...

Abracei-a mais uma vez.

— Eu lhe trouxe um presente... Não é nada tão elegante como as coisas que você tem aqui, mas é muito especial para mim. Eu ganhei da minha mãe, no dia do meu casamento.

Abriu a bolsa e tirou um terço de pérolas.

— Quero que leve com você, neste momento especial, para que sua união seja abençoada, feliz e protegida. Use e guarde com você, até que chegue o dia de entregá-lo à Nina.

— Obrigada, mãe, vou guardar com muito carinho. — Segurei firme em sua mão. Queria dizer tantas coisas, mas nada parecia melhor do que sentir o seu toque.

Estávamos descendo as escadas, quando o Sr. Galagher passou pela porta.

— Está linda, Lola... Meu filho é um homem de sorte! — Sorriu estendendo a mão para mim. — Vamos?

Meneei a cabeça em concordância, mal conseguia falar.

Entramos no sedã preto e seguimos até a praia. Era um caminho, mas um milhão de pensamentos passaram por mim, desde o dia em que eu vi meu

anjo de asa quebrada na praia, até o momento em que ele se tornou parte do meu mundo.

O carro parou e o Sr. Galagher desceu. Abriu a porta para mim e estendeu a mão.

— Vamos lá, minha querida, este é o primeiro dia de uma nova vida.

Abracei-o com toda a emoção que eu sentia e ele beijou minha testa.

— Estou muito feliz em recebê-la em minha família, Lola.

Mamãe parou ao meu lado e ajeitou a cauda do vestido.

Caminhamos lado a lado até o corredor coberto de pétalas de flores brancas, meus pés descalços na areia macia.

O Sr. Galagher segurou minha mão e a beijou suavemente.

— Sei que havíamos combinado que eu a

levaria até o altar, Lola, e, acredite, o convite deixou-me honrado e envaidecido, mas creio que a pessoa certa para a conduzir nesta nova jornada está bem aqui.

Deixou seu lugar ao meu lado e minha mãe o ocupou.

Entrelaçamos nossos dedos, um olhar cúmplice passando entre nós, seguimos pela areia. Passo por passo, até o homem que eu havia escolhido para amar e viver comigo a maior aventura das nossas vidas.

No meio do caminho, meus olhos encontraram os dele e não os deixaram mais. O sorriso que eu amava estava ali, em sua boca, deixando-o ainda mais bonito do que em qualquer dia. O terno claro, de linho, e a camisa branca combinavam com sua pele. Sem gravata, pés descalços como os meus. Tudo que se ouvia era o mar e o som dos violinos.

Lembrei do que me disse quando me pediu em casamento no hospital. Sobre a eternidade da vida, nas ondas do mar. Cada onda, uma batida do meu coração, que sempre seria dele.

Quando chegamos perto do altar, Collin veio ao nosso encontro. Cumprimentou mamãe com o olhar e recebeu minha mão, levando-a à boca e beijando delicadamente.

Durante toda a cerimônia, só consegui ver o seu rosto, sorrindo para mim. Amando-me com o olhar mais doce que eu já havia recebido na vida, até que chegou o momento dos votos.

Collin começou.

— Era um dia quente de verão, daqueles bonitos e cheios de turistas, eu particularmente odeio! — enfatizou, fazendo todos rirem. — Bem, naquele dia, eu conheci uma garotinha... — Suspirou. — Foi como se pudesse olhar para o

passado e, por um segundo, pensei em viver uma vida diferente. Nunca pensei que isso aconteceria, senhores, mas aí uma garota meio maluca e falante chegou. Lola, Dolores, a médica pediatra que mal conseguia dizer uma frase completa ganhou meu coração... — Sorria e eu também. — Fiquei pensando como alguém conseguia ser tão linda, mesmo sem fazer questão nenhuma disso. — Correu os dedos pelo meu rosto. — Eu ainda não acredito que você seja real e minha, doutora, nem que eu mereça tanto, mas vou passar a vida agradecendo aquele dia. Você é a luz do sol em meus dias nublados, Dolores... Minha Lola...

Limpei as lágrimas e tentei falar, mas a emoção não deixava. Estava tremendo. Acariciei a barriga e respirei fundo.

— Naquele dia, Sr. Chef Premiado... Eu olhei você indo e pensei que parecia um anjo... Agora tenho certeza... — Sorri. — Amo você, Collin...

Meu Collin...

Marina caminhou até nós, ao lado de Black Bart, carregando uma pequena cesta. Collin se abaixou e a pegou nos braços, deixou a cesta sobre o altar, pegando uma das alianças.

— Quero que você coloque as alianças, Nina... Você nos uniu e é o que nos faz querer ser melhores todos os dias.

O sorriso de profundo entendimento entre eles fazia meu coração se aquecer. Jamais pensei que encontraria um homem tão perfeito para nós, como ele era.

Nina colocou a aliança em meu dedo e depois no dedo de Collin, então nós nos abraçamos, com ela no meio.

Quando seguimos pelo caminho de pétalas, éramos de fato uma família, nós quatro, com um cachorro orgulhoso abanando a cauda na frente,

como se dissesse: “Estão vendo só? Esta é a minha família!”

— Então, doutora, o que me diz... — sussurrou em meu ouvido. — Está preparada? É uma viagem cheia de imprevistos, você sabe... O mar nem sempre vai estar em calmaria...

Levei sua mão até minha boca e a beijei.

— Se você estiver ao meu lado, não haverá tempestade que me assuste.

Puxou-me para si e beijou minha boca com paixão, deitando um pouco meu corpo, como nos beijos dos contos de fadas. Então ganhamos palmas e assovios de todos.

— Amo você, Lola, Dolores, médica pediatra... E minha esposa...



Dois anos depois...

Collin

— Pérola! — Lola gritava da porta da cozinha. — Pérola! — Por Deus, onde essa menina se enfiou! — Nina, você viu a sua irmã?

De onde eu estava, podia ver uma linda garotinha, de cabelos cor de mel e lindos olhos esverdeados, como os meus.

Encarava uma borboleta amarela, que havia pousado no arbusto de hortênsias do jardim, em silêncio absoluto, hipnotizada pelo abrir e fechar de asas.

Aproximei-me devagar e sentei-me no chão, ao seu lado.

— Você sabe que sua mãe não lida muito bem com o silêncio... — Ergui uma sobrancelha para ela. — É melhor você começar a falar logo!

— Pa-pa... — Sorriu erguendo os bracinhos para mim.

Peguei-a no colo, deitado no chão, e a coloquei montada em minha barriga, segurando suas mãos.

— Eu acho que você deveria começar por ma-ma... — Sorri de canto. — Ela passou um aperto para colocá-la no mundo... E ainda reclama disso! — Revirei os olhos. — Se você começar por papai, acho que vamos ter um problema!

Minha garotinha sorriu. Um riso que enchia meu coração e fazia transbordar pelos olhos.

— Pérola... É um belo nome, sabia? Combina com você... Pura e preciosa, como um presente do mar... Minha mais nova bonequinha!

— Ah, achei vocês dois! — Lola se aproximou.

— Collin, eu preciso ir trabalhar... Nina não quer largar aquele cachorro e ir fazer a lição, Pérola derrubou farinha pela cozinha toda, e a cafeteira simplesmente pifou! — Alisava os cabelos irritada,

usando sua camisola branca, ainda mais linda do que nos outros dias.

Levantei-me deixando pérola no chão e a peguei nos braços.

— Amor, você precisa ver essa sua relação complicada com as cafeteiras! É sério, isso não é normal!

— Collin, para! — Tentou se soltar, mas eu a apertei mais, levando minha boca até a sua. Minha língua encontrando espaço em sua resistência, até que se entregou.

— Hum... Amo beijá-la, doutora, cada dia mais...

Bufou soltando-se dos meus braços.

— Você não entende, faz piada de tudo! — Deu-me as costas e seguiu para dentro.

— Ei, baby... — Corri mais rápido, colocando-me em sua frente. — O que houve? Eu cuido das

meninas... Pode ir se arrumar...

A respiração foi ficando mais forte, entrecortada, até que começou a chorar.

— Lola, ei, conte o que houve, amor...

Apertei-a em meus braços, sem entender, até que ela segurou minha mão e me arrastou para dentro.

Subiu as escadas e entrou em nosso quarto, abrindo a porta do banheiro e pegando algo na bancada que eu não consegui ver.

— Isso! Isso aconteceu, Collin! — Entregou-me o objeto e sentou-se na tampa do vaso, alisando os cabelos para trás.

Abri a mão e encarei o bastão. Havia um pequeno quadrado, com uma cruz cor-de-rosa dentro.

Levei um segundo para começar a rir.

— Não ria! — brigou.

— Baby, achei que você estava tomando aquela injeção...

— E eu tomei! Juro que tomei! Mas, ao que parece, Sr. Chef Premiado, sua mira é boa!

Puxei-a para os meus braços. Todo o medo que um dia tive de ter filhos havia desaparecido no momento em que segurei Pérola nos braços. Se dependesse de mim, bateríamos fácil o recorde da família.

— Sabia que havia algo diferente em você, colombiana; você fica ainda mais bonita grávida, sabia?

Batia com o pequeno bastão em mim, mas já não estava brava. O riso, que insistia em ganhar espaço em sua boca, a denunciava.

— Como faremos com três crianças aqui?

— Arrumaremos uma babá. Eu fico em casa o dia todo mesmo, Lola... Você sabe que amo cuidar

das meninas.

— Uma babá? — Ergueu as sobrancelhas para mim. — É claro! E eu vou deixar meu marido sozinho com uma garota o dia todo...

Comecei a rir.

— Amo você, sabia? Amo mais a cada dia...

Puxei-a para um beijo, longo, cheio de desejo. Queria deixar claro o quanto estava feliz em aumentar nossa família.

Tirei a camisola, deixando-a só de calcinha.

— Ei, Sr. Sabichão... E quem vai cuidar das meninas?

— Um minuto.

Ganhei o corredor em alguns passos, de onde podia ver a janela do anexo.

— Aurie! — gritei.

— O quê? — devolveu.

— As meninas estão sozinhas no jardim; Lola e

eu temos um assunto importante...

Não demorou até que aparecesse na janela.

— Assunto importante... Sei!

— Anda, Aurie, faça um favorzinho para o seu irmão preferido!

— Tá! — respondeu rindo.

Voltei para o quarto e encontrei Lola nua.

— Ah, baby, assim você acaba comigo... — Tirei a camiseta pelos ombros e o jeans o mais rápido que consegui.

Puxou-me pela cintura, colando seu corpo ao meu.

— Você fica mais bonito a cada dia, sabia? Deus, como eu sou louca por você!

Livrei-me da cueca e sentei-me na cama, trazendo-a para o meu colo, fazendo-a arfar.

— Ah... Collin... Promete que seremos sempre assim?

— Prometo que seremos melhores a cada dia, baby...

Cravou as unhas em minhas costas, cavalgando com toda a urgência que tinha, enquanto eu a beijava.

— Acho que você vai perder a hora, doutora... — provoquei.

— Vamos pôr a culpa no bebê... — Piscou, sorrindo contra minha boca.

Fim

Ou não...

Eu poderia dizer que este é o último livro, e que Roterdã ficará apenas em minhas melhores lembranças, mas estaria mentindo.

A verdade é que não vou conseguir abandonar os Galaghers, nem os Persens, nem os Harts... Eles

estarão comigo, e com vocês, por mais algum tempo. Aurora e Lucian, como herdeiros do Leão, reivindicaram seu espaço e ganharão suas histórias.

Espero que sigam comigo por mais algumas páginas, porque tenho certeza de que *Os Homens de Roterdã* ainda irão encantá-los.

Agora um presentinho especial para você…

PERIGOSAS NACIONAIS

Com os Cumprimentos do Chef

Márcia Lima

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Márcia Lima

Capa: Márcia Lima
Diagramação Digital: Márcia Lima

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“Ela me ensinou a sorrir, e eu descobri que seu sorriso era o melhor tempero do mundo.”

Agradecimentos

Este livro é um pequeno presente, para todas as pessoas que seguiram comigo pela caminhada dos Homens de Roterdã, até aqui.

Se você está chegando agora, não se acanhe, puxe uma cadeira e leia com calma, talvez você sinta vontade de conhecer melhor os personagens citados aqui, e queira embarcar nesse trem conosco. Seja bem vindo.

As receitas contidas aqui não são de minha autoria, mas foram adaptadas por mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



Pão de Fermentação Natural com Figos Secos

(Collin prepara o pão e divide com Black Bart e Aurora)

Ingredientes

- 650g de farinha de trigo branca
- 250g de farinha de trigo integral
- 100g de farinha de centeio
- 780g de água
- 400g de levain firme
- 27g de sal
- 250g de figo seco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Modo de Preparo

Misture as farinhas com a água e incorpore. Aguarde 20 minutos para o processo de autólise.

Enquanto isso, retire os cabos dos figos e pique grosseiramente. Reserve.

Coloque o sal na massa e bata em máquina de pão, na velocidade 1 (ou sove manualmente) por cinco minutos. Suba para a velocidade 2 e bata por mais 4 minutos (pouco antes do ponto de véu).

Agregue os figos e volte a velocidade 1 por mais 2 minutos, após, deixe fermentar em recipiente untado, por 2 horas.

Faça uma dobra na massa e deixe fermentar por mais 1 hora, após, boleie e deixe descansar por 30 minutos.

Acomode em banneton e deixe fermentar por mais 2 horas.

Assar em forno com vapor por 25 minutos (230 graus), e depois, ventilar por 8 minutos.

**O Levain é um fermento natural que pode ser feito em casa. Existem várias receitas na internet e é bem fácil, porém exige tempo. Você pode trocar o fermento natural por biológico, respeitando a proporção da embalagem.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Macarrão na Manteiga de Sálvia

(Esse prato foi preparado por Collin, para Aurora)

Ingredientes

- 400g de massa de sua preferência
- 2 colheres (sopa) de azeite
- 80g de manteiga
- Alho e cebola bem picados a gosto
- 1 punhado de folhas de sálvia
- Parmesão quanto bastar

Modo de Preparo

Cozinhe o macarrão *al dente*.

Coloque na panela o azeite e frite o alho e a cebola até que estejam quase dourados. Acrescente

a manteiga e a sálvia, e deixe levantar o perfume. O processo é bem rápido, mais que isso, a manteiga queima e amarga.

Misture o macarrão já escorrido, incorpore e sirva com parmesão ralado.



Salada de Radicchio e Queijo Feta

(Ravi prepara no jantar para os funcionários)

Ingredientes

- 2 maços de radicchio bem lavados e bem secos
- 100g de uva verde sem caroço
- 1 pacote de queijo de cabra tipo feta
- Azeite, sal e pimenta do reino ao seu gosto

Modo de Preparo

Corte as uvas pela metade, no sentido do comprimento e reserve.

Corte o queijo feta em fatias de 3mm de espessura.

Em uma frigideira antiaderente, leve ao fogo as fatias de queijo, dourando dos dois lados, levemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Monte a salada com as folhas de radicchio inteira, mantendo a parte côncava para cima, junte as uvas e o queijo, tempere a gosto e sirva ainda morno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Risoto de Peras com Queijo Brie e lascas de Amêndoas

(Parte da refeição que Collin prepara para o príncipe)

Ingredientes

- 1 litro de caldo de legumes
- 2 colheres (sopa) de manteiga
- 540g arroz arbóreo
- 150 ou 200 ml de vinho branco seco
- 140g de queijo brie ralado fino
- 3 pêras
- 100 de amêndoas em lascas, levemente tostadas

PERIGOSAS ACHERON

Modo de Preparo

Mantenha o caldo em fervura.

Em uma panela, colocar a manteiga, em fogo baixo. Adicionar o arroz, fritar cuidadosamente. Adicionar o vinho branco seco e deixar soltar todo o aroma. Quando o vinho secar, começar a adicionar o caldo de legumes. Mexer cuidadosamente e, sempre que for secando, adicionar mais caldo, até o risoto estar quase que completamente macio, com um fundinho ainda crocante. Adicionar o queijo brie e a pêra. Mexer bem.

Por último, salpicar as lascas de amêndoas.

PERIGOSAS NACIONAIS



Costeletas de Cordeiro Assadas

(Parte da refeição que Collin prepara para o príncipe)

Ingredientes

- 8 costeletas de cordeiro
- 4 colheres (sopa) de vinagre
- 5 dentes de alho
- 4 galhos de hortelã
- 2 galhos de salsa
- 5 colheres (sopa) de manteiga
- Sal a gosto

Modo de Preparo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Limpe as costeletas e as separe. Depois, disponha-as em uma vasilha com o alho esmagado, o vinagre, o sal e as ervas. Deixe marinar por 2 horas, aproximadamente.

Separe as costeletas do tempero e disponha em uma assadeira untada, cobrindo as pontas com papel alumínio para não queimar.

Pré aqueça o forno, enquanto unta as costeletas com a manteiga. Asse em forno médio até dourar.

PERIGOSAS ACHERON



Magret de Pato com Molho de Ameixas

(Almoço de domingo na casa dos Galagher)

Ingredientes

- 2 peitos de pato
- Pimenta branca
- Gengibre em pó
- 400g de ameixas vermelhas (maduras, porém firmes)
- Sal a gosto
- 1 colher (sopa) de açúcar
- Sal a gosto
- Água quanto baste

PERIGOSAS NACIONAIS

 1 colher (sobremesa) de vinagre

Modo de Preparo

Faça cortes rasos nos peitos, em diagonal nos dois sentidos, somente até a camada de cordura debaixo da pele. Tempere-os com sal, pimenta moída na hora e uma pitada de gengibre em pó.

Aqueça uma frigideira sobre fogo moderado, coloque os peitos de pato com a pele virada para baixo e cozinhe por cerca de 7 minutos, vire e cozinhe por mais 7 minutos.

Enquanto cozinham, lave e pele as ameixas. Corte-as em gomos, eliminando os caroços.

Retire o pato da frigideira e conserve-os tampados. Doure as ameixas na gordura, polvilhadas com o açúcar. Quando começarem a caramelizar, junte a água e regue com o vinagre.

Sirva o magret cortado em fatias, sobre o molho de ameixas.

PERIGOSAS ACHERON



Arepas de Queijo

(Comida que Lola prepara para Collin)

Ingredientes

- 1 xícara e farinha de milho para polenta
- 1 xícara de mussarela ralada
- 2 colheres (sopa) de manteiga derretida
- 1 xícara de leite
- 50g de manteiga
- 1 pitada de sal
- 100 de queijo branco curado para rechear

Modo de Preparo

Numa tigela, misture a farinha de milho, o

queijo e o sal.

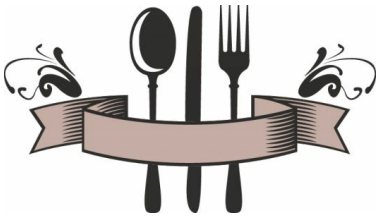
Acrescente o leite e a manteiga derretida, misturando tudo, depois deixe descansar por 5 minutos.

Molde a massa como se fosse fazer panquecas um pouco mais grossas.

Unte uma frigideira antiaderente com manteiga e deixe em fogo médio.

Doure cada lado das arepas por 5 minutos.

Corte horizontalmente e recheie com queijo (ou qualquer outro sabor que desejar.) Coloque na frigideira novamente, tampada, para derreter o recheio. Sirva em seguida.



Salada de Radicchio e Salmão Defumado

(Comida preferida do Collin no restaurante do Euromast)

Ingredientes

- Folhas verdes de qualquer tipo
- Folhas de radicchio
- Tomatinhos cereja cortados ao meio
- 1 colher de sopa de alcaparras
- 150g de carpaccio de salmão defumado
- Torradinhas
- Sal e pimenta do reino a gosto

PERIGOSAS NACIONAIS

Para o molho:

- 1 colher (sopa) de shoyu
- 1 colher (sopa) azeite
- 2 colheres (sopa) de limão espremido
- 1 pitada de ervas desidratadas

Modo de Preparo

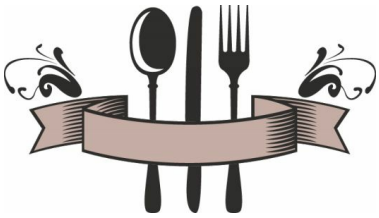
Misture bem os ingredientes do molho e leve à geladeira por pelo menos uns 10 minutos.

Em um prato, arrume uma base com as folhas, para que fiquem misturadas. Por cima, distribua os tomatinhos, as alcaparras e, por último, as fatias de salmão rasgadas.

Regue a salada com o molho e acerte o sal e a pimenta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Pão de Trigo Sarraceno

(Pão servido no café da manhã entre Collin, Trevor e Aurora)

Ingredientes

- 180g de farinha de arroz
- 60g amido de milho
- 40g de polvilho azedo
- 30g de farinha de trigo sarraceno
- 20g de painço
- 60g de goma xantana
- 30g de açúcar demerara
- 120g de ovos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- 65g de azeite
- 250g de água
- 8g de sal marinho
- 12g de fermento biológico

Modo de Preparo

Prepare a mistura de farinhas com a goma xantana, açúcar, sal e fermento. Em seguida, separe os ovos, azeite e adicione a mistura de pós.

Já adicionando água aos poucos, enquanto sova. Sove bem, por cerca de 5 minutos e depois, coloque a massa na forma apropriada para pão de forma, acerte a superfície da massa e espere que atinja o volume bem próximo do topo da forma

Pré aqueça seu forno em 180C.

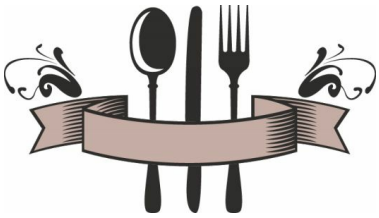
Asse por 20 minutos e depois abaixe a temperatura para 160C, deixe por mais 10 minutos.

Retire e deixe esfriar em grade, antes de fatiar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Peixe Assado com Molho de Limão Siciliano

(Collin prepara para jantar com Aurora)

Ingredientes do Molho

- 500ml de creme de leite fresco
- Casca de 1/2 limão siciliano
- 1/2 pimenta dedo-de-moça picada com semente
- 2 1/2 colheres (sopa) de suco de limão siciliano
- sal a gosto

Modo de Preparo

Asse um peixe de bom tamanho, de preferência em Grelha de churrasqueira.

Para o molho:

PERIGOSAS NACIONAIS

Na panela ainda fria, coloque 500 ml de creme de leite fresco, casca de 1/2 limão siciliano, 1/2 pimenta dedo-de-moça picada, 2 1/2 colheres (sopa) de suco de limão siciliano.

Mantenha em fogo bem baixo e mexa até engrossar levemente.Tempere com sal a gosto, apague o fogo, passe o molho por uma peneira e reserve.

Observação: Não aquecer novamente o molho para evitar que talhe.o molho não pode ser esquentado novamente, senão ele vai talhar.

Sirva pedaços do peixe com o molho, para temperar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Geléia Caseira de Damasco

(Collin serviu para Lola e Nina, no primeiro café em sua casa)

Ingredientes do Molho

- 1 xícara (chá) de Damasco Seco (picado)
- 2 colheres (sopa) de Mel
- 1 xícara (chá) de Suco de Laranja (natural)
- 1/2 xícara (chá) de Água
- 1 pau de Canela

Modo de Preparo

Misture todos os ingredientes na panela e mantenha semi-tampada. Cozinhe por 30 minutos em fogo médio misturando de tempos em tempos para evitar que pegue no fundo.

PERIGOSAS ACHERON

Caso deseje uma geléia de textura mais uniforme, esta é a hora de bater, usando um mixer. Ajuda a ficar mais cremosa e fácil de espalhar.

Volte para a panela e cozinhe em fogo baixo por mais 3 minutos. Coloque em potes de vidro bem tampados e guarde na geladeira.



Tortilhas de Ovos Mexidos com Avocado

(Collin levou para Lola no hospital)

PERIGOSAS NACIONAIS

 Tortilhas prontas

 2 ovos

 1 avocado

 1/2 tomate picadinho

 Molho de pimenta

 Sour Cream

 Sal

 Pimenta preta moída na hora

Modo de Preparo

Aqueça as tortinhas, conforme embalagem e reserva.

Prepare os ovos mexidos, como de costume, temperando com sal e pimenta.

Corte os evocados em fatias e os tomates em pedaços pequenos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Monte uma porção de ovo mexido, algumas fatias de avocado e tomates, acerte o sal e finalize com um pouco de molho de pimenta e uma colherada de sour cream.

enrole e prenda com papel laminado.

PERIGOSAS ACHERON